



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Comunicação Social

Thiago Mendes de Oliveira

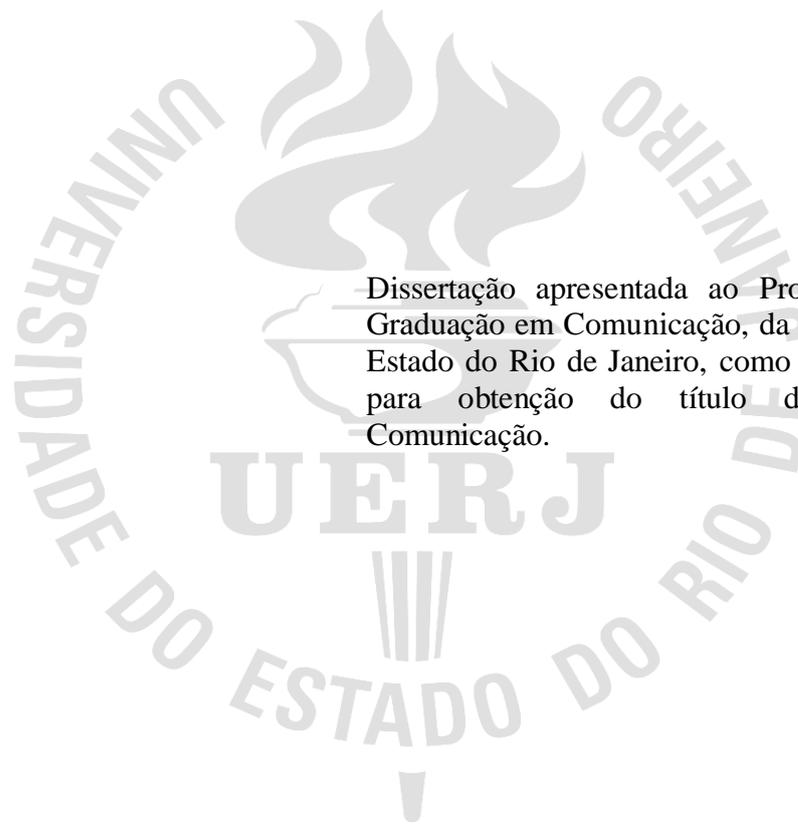
**Memória e *cidade sensível*: Fortaleza e Rio em comentários no Facebook**

Rio de Janeiro

2015

Thiago Mendes de Oliveira

**Memória e *cidade sensível*: Fortaleza e Rio em comentários no Facebook**



Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. José Cardoso Ferrão Neto

Rio de Janeiro

2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

O48 Oliveira, Thiago Mendes de.  
Memória e cidade sensível: Fortaleza e Rio em comentários no Facebook /  
Thiago Mendes de Oliveira. – 2015.  
173 f.

Orientadora: José Cardoso Ferrão Neto.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Faculdade de Comunicação Social.

1. Memória – Teses. 2. Cidades – Teses. 3. Redes Sociais On-Line – Teses.  
I. Ferrão Neto, José Cardoso. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Faculdade de Comunicação Social. III. Título.

es CDU 004(815.3)+(813.1)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

---

Assinatura

---

Data

Thiago Mendes de Oliveira

**Memória e *cidade sensível*: Fortaleza e Rio em comentários no Facebook**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Comunicação.

Aprovada em 18 de março de 2015.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. José Cardoso Ferrão Neto (Orientador)  
Faculdade de Comunicação Social/UERJ  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

---

Prof. Dr. João Luis de Araújo Maia  
Faculdade de Comunicação Social/UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marialva Carlos Barbosa  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Rio de Janeiro  
2015

## DEDICATÓRIA

Este texto vai para todos os amantes das ruas (do passado), mas sobretudo para os amantes das ruas do presente, em especial os que deambulam e fazem versos de madrugada ali pelas bandas da praça do Ferreira, da praia de Iracema, da Lapa e da praça da Cruz Vermelha.

## AGRADECIMENTOS

Não se atravessa um rio ou se toma uma fortaleza sem amparos. Gostaria assim de dirigir minha gratidão a quem direta ou indiretamente contribuiu para esta travessia entre duas cidades. Os meus sinceros agradecimentos...

Ao Deus vivo entre nós, pela proteção.

Às agências de fomento CAPES (primeiro ano) e FAPERJ (segundo ano) pelo financiamento da pesquisa apresentada.

À minha mãe, Marlene, à minha avó, Audilia, e a minhas tias e primos, pela minha formação, pelo amor e pela saudade. Especial agradecimento à tia Marluce, minha “mãe” nesta cidade. Sem a ajuda dela, nada disso seria possível. Ao José Ferrão, por ter me mostrado nortes, por todos os momentos partilhados e por confiar em mim.

Aos professores João Maia e Marialva Barbosa, pelas afetuosas contribuições desde a banca de qualificação. Aos professores do PPGCOM da UERJ, especialmente Leticia Matheus e Cintia SanMartin pelo carinho e pelas contribuições na pesquisa. Aos professores da UFC Ronaldo Salgado e Gilmar de Carvalho pelo encorajamento à pesquisa acadêmica.

Aos alunos do PPGCOM, pelas trocas em sala de aula e Facebook. Um abraço para Zil Ribas, companheira de angústias, risadas e cafés no Cobal, e para Rosane Feijão, pelo auxílio no francês. Um agradecimento também aos funcionários do PPGCOM, especialmente o Celestino e a Eliana, dois incansáveis solícitos.

À Karol Assunção, por ter acreditado na história de que ia ser ótimo cair no mundo e fazer mestrado no Rio de Janeiro, como de fato foi! Ao Heron Rafael e ao Diego Silveira, pela amizade, pela confiança e pela ajuda logística! A todos os moradores e os visitantes (não foram poucos!) do apartamento na Riachuelo, primordialmente Larissa Riberti, Mônica Mourão e Tiago Fontoura, por terem me mostrado a cidade e pelos dias e noites divididos. Um abraço afetuosos também para Camila Torres e Iara Moura – companheiras de choros, risadas e músicas no começo de tudo, lá em Botafogo. Ao Daniel Fonsêca, pelo cuidado e atenção em tudo. Aos demais amigos de Fortaleza, pelos abraços em cada volta.

Por fim, às funcionárias e aos funcionários da Biblioteca Pública Municipal Dolor Barreira, pela atenção, e da Biblioteca Estadual Parque, onde me refugiei nos dias quentes de janeiro e fevereiro de 2015. Aos desenvolvedores do BrOffice e do LibreOffice, software livre por meio do qual escrevi esse texto.

“Se procurar bem, você acaba encontrando  
não a explicação (duvidosa) da vida,  
mas a poesia (inexplicável) da vida”  
(*Lembrete*, Carlos Drummond de Andrade)

“Martim se embala docemente; e como a  
alva rede que vai e vem, sua vontade oscila  
de um a outro pensamento. Lá o espera a  
virgem loura dos castos afetos; aqui lhe  
sorri a virgem morena dos ardentes amores”  
(*Iracema*, José de Alencar)

## RESUMO

OLIVEIRA, T. M. de. **Memória e cidade sensível**: Fortaleza e Rio em comentários no Facebook. 2015. 173 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015.

Esta dissertação busca investigar imaginários sobre memória social nas redes sociais *on-line*. Para tanto, analisam-se comentários deixados nas *fan pages* (páginas de fãs) “Fortaleza Nobre”, de Fortaleza, e “O Rio de Janeiro Que Não vivi”, do Rio de Janeiro, no site de rede social Facebook. O trabalho parte da hipótese de que os comentadores experimentam uma experiência com a *cidade sensível* ao “curtir”, comentar e compartilhar imagens antigas na sociabilidade, entendida como expressão comunicativa, observada nas duas comunidades virtuais. O principal objetivo da pesquisa é descobrir o que dão a ler os textos deixados em postagens públicas, no que diz respeito a espacialidades, temporalidades e sensorialidades evocadas pela cidade habitada e pela cidade perpassada pelo imaginário. Para tal abordagem, utiliza-se como metodologia de pesquisa a etnografia em meios digitais aliada às contribuições teóricas da hermenêutica, a partir da abordagem ricoeuriana de “texto”. Tendo em vista o caráter histórico – e transdisciplinar – do objeto, verdadeiros rastros escritos, a pesquisa tem como referenciais teóricos textos da Escola de Toronto, da História Cultural, da Geografia Cultural e da antropologia. Também serão caras à análise contribuições da sociologia do imaginário, dos estudos em memória social e a perspectiva de pesquisadores brasileiros que problematizam as relações entre comunicação e o sensível. A pesquisa aponta para a ocorrência do “devaneio” na *web* como expressão desse contato com a *cidade sensível*. Os comentários falam de uma valorização da experiência “vívida” e de construções arquetípicas sobre o espaço e o tempo condutoras de relações sacralizadas e monumentais com a memória e com as fotografias.

Palavras-chave: Memória. Cidade. Imaginários. Redes Sociais *On-Line*.

## ABSTRACT

OLIVEIRA, T. M.de. **Memory and sensitive city**: Fortaleza and Rio in commentaries on Facebook, 2015. 173 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015.

This dissertation investigates imaginary about social memory in online social networks. Therefore, it analyzes comments left in fan pages “Fortaleza Nobre”, from Fortaleza, and “O Rio de Janeiro Que Não Vivi”, from Rio de Janeiro, based on networking site Facebook. The paper takes as assumption that the commenters experience an experience with the “sensitive city” by “to like”, commenting and sharing old pictures by sociability, understood as communicative expression, observed in both virtual communities. The main objective of the research is to find out the meanings of the texts left in public posts, with regard to spatiality, temporality and sensorialities evoked by the inhabited city and the city permeated by the imaginary. For this approach, the research methodology is based on ethnography in digital media combined with the theoretical contributions of hermeneutics, mainly from the Ricoeurian approach of “text”. Given the historical character – and transdisciplinary – of the object, seen as “written tracks”, the research dialogues with theoretical texts of the Toronto School of Communication, Cultural History, Cultural Geography and anthropology. Also will be costly to the analysis contributions from sociology of imaginary and social memory studies, besides the prospect of Brazilian researchers that discuss about the relationship between communication and the “sensitive”. The research points to the occurrence of “daydream” on the web as an expression of this contact with the “sensitive city”. The comments tell us about a recovery of “lived” experience and archetypal texts about time and space. They conduce to sacralized and monumental relationship with memory and photographs.

Key-words: Memory. City. Imaginaries. On-Line Social Networks.

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	9
1	<b>ESPAÇO E MEMÓRIA NA CIDADE AFETIVA.....</b>	23
1.1	<b>A memória embalada na rede dos afetos.....</b>	23
1.2	<b>Os lugares do amor às cidades.....</b>	28
1.3	<b>Territórios, lugares e rugosidades na pele dos sujeitos do “devaneio”....</b>	39
2	<b>AS PAISAGENS E OS LUGARES NA ESCRITA SOBRE FORTALEZA E RIO.....</b>	47
2.1	<b>Memória e apagamento nos lugares de origem da urbe.....</b>	47
2.2	<b>A experiência sensível na reconstrução das paisagens.....</b>	58
2.3	<b>O testemunho: memória e esquecimento na escrita sobre os lugares.....</b>	67
3	<b>TEMPO E MEMÓRIA NA CIDADE NOSTÁLGICA.....</b>	77
3.1	<b>Meios de Comunicação e Temporalidades.....</b>	77
3.2	<b>O tempo nas cidades.....</b>	81
3.3	<b><i>Comentários a respeito do tempo na cidade moderna.....</i></b>	91
3.4	<b>A nostalgia na cidade contemporânea.....</b>	99
4	<b>A CIDADE SENSÍVEL EM IMAGINÁRIOS SOBRE MEMÓRIA.....</b>	109
4.1	<b>As imagens e o sensível.....</b>	109
4.2	<b>As imagens e as redes.....</b>	112
4.3	<b>A cidade encena.....</b>	114
4.4	<b>A cidade se toca.....</b>	119
4.5	<b>A cidade tem cheiros e gostos.....</b>	124
4.6	<b>A cidade assobia velhas cantigas.....</b>	130
4.7	<b>A cidade devaneia.....</b>	137
4.8	<b><i>Cidades sensíveis e a sacralização da memória.....</i></b>	145
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	150
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	155

## INTRODUÇÃO

Eis aqui um coração dividido entre duas cidades. Uma das bandas bate por um amor antigo e maternal, assentado em afetos infantis. A outra, de sentimentos recentes, viça por um namoro novo, jovem e carnal. A primeira amante vejo como Paula Ney: “a loura desposada/ Do sol, dormita ao longo dos palmares”. A segunda, vivi como Mário de Andrade: “A Guanabara te entregas/ Sem Deus, sem teorias poéticas”. A primeira já foi pequena, foi “Vila do Forte”, desprotegida por quatro canhões, um deles voltado para o seu povo<sup>1</sup>. Quis D. Pedro I chamá-la de “Cidade da Fortaleza de Nova Bragança”, pelo decreto de 1823 que a elevou à categoria de cidade. Preferiu sua gente adotá-la como “Fortaleza da Assunção” e depois simplesmente Fortaleza. É a cidade do Pajeú, o riacho de curas. A segunda é mais experiente, comemora 450 anos em 2015 e já nasce cidade, com toda pompa, também sob o epíteto cunhado pelo primeiro imperador: “Muito Leal e Heroica Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro”.

Venho pois “das dunas brancas/Onde eu queria ficar”, como cantou Ednardo em *Terral*, com “a mão que aperreia”, com “o sol e areia”, para falar das saudades de lá e das descobertas daqui. Toda migração é um desejo do novo e um bem querer agigantado quando se pensa em tudo que ficou. E se escrevo nesta nova morada, o Rio de Janeiro, é para provar verdadeira a sina de partida de todo cearense, tal qual é universal a promessa migrante da volta. Em *Galileia*, romance de Ronaldo Correia de Brito, lê-se que o cearense é um povo inacabado, em permanente mobilidade. “A errância e nomadismo, o gosto pelo comércio e as viagens alimentam o nosso imaginário, o sentimento de que pertencemos a todos os recantos e a nenhum” (DE BRITO, 2008, p.23).

Das matas do Ipu, passando pela Lagoa da “Porangaba” e da “Mecejana”, a índia Iracema, mito fundador do Ceará, chora a partida de Martim Soares Moreno. A dor solitária, expressa no arco prestes a quebrar na estátua de Zenon Barreto, é muito mais que souvenir turístico de Fortaleza. Talhada em preta madeira, levada como lembrança pelos visitantes, a estátua é talvez o símbolo maior de um sentimento local: a saudade. “À Terra Natal/Um Filho Ausente”, escreve José de Alencar na abertura de *Iracema*.

Falo desse amor antigo e sereno “batendo na porta/ pra lhe aperrear”, para dizer do orgulho “do luxo da aldeia”. Há quem prove que o Cine Odeon é mais bonito que o nosso São

---

<sup>1</sup> “A fortaleza [...] contém quatro peças de canhão, de vários calibres, apontadas para muitas direções. Notei que a peça de maior força estava voltada para a Vila” (KOSTER, 1942, p.165).

Luiz, que Ipanema é mais bonita que Iracema? O orgulho e a defesa dos valores locais, aliás, permeiam o pensamento de toda uma geração de jovens, que agora revaloriza a cultura cearense na folia dos blocos de pré-Carnaval, no cinema e na internet<sup>2</sup>. Esse novo bairrismo vem se sobrepor a um sentimento de “baixa autoestima” alencarina, talvez em razão da falta de capilaridade das políticas identitárias de cultura ou porque ainda tateamos em busca de marcos estritamente locais – até 1799 o território do *Siará Grande* pertenceu à capitania de Pernambuco – o que resulta em um tímido contraponto diante de efervescências culturais tão intensas e próximas, como a pernambucana e a baiana. Assim, de princípio vão as escusas se as notas históricas sobre a cidade daqui forem menos precisas e detalhadas do que as notas sobre a cidade-forte.

Falo desse amor novo e louco sempre com o julgamento de um forasteiro; outro ponto de observação não é possível. A dissertação sobre memória social no Facebook encoberta a descoberta pessoal do novo, da maravilha do espanto com a velocidade dos fluxos e do ritmo das pessoas<sup>3</sup>, de um novo modo de habitar, divertir-se e socializar com os “malucos” dos supermercados populares experimentado em terras cariocas. Nesse sentido, segundo Silva (2010, p.90), a pesquisa científica é um modo de desvendamento, desvelamento, descobrimento e des(en)cobrimento. Certamente tais processos não se dirigem apenas ao objeto, mas essencialmente se voltam para o pesquisador.

Escreve-se aqui sob o incômodo do calor – “Veloso, o sol não é tão bonito”, para chamar Belchior à conversa –, caminha-se com “meu corpo, minha embalagem, tudo gasto” em cada viagem de regresso ao Ceará e em cada visita à tia na Taquara, zona oeste do Rio. Em cada passeio de trem, ônibus, BRT, barca e bicicleta ficaram marcados o encantamento com a grandeza da metrópole (“Pela morena eu passo o ano/ Olhando o Rio”, como cantaram *Os Novos Baianos*), com a Cidade Olímpica das obras que cortaram ruas, desalojaram famílias e tiraram a paciência de nós, moradores, no período da pesquisa. Aos olhos do imigrante-escriva, a cidade apresentou paisagens imensas (“No Corcovado, quem abre os braços sou eu”) e contrastantes (as naturais, das fotos dos amigos cearenses que passaram em

---

<sup>2</sup> Falamos aqui de “sintomas” desse renascimento de um orgulho identitário local, tais como o bloco Luxo da Aldeia, o filme “Cine Holliúdy” e a *fan page* “Suricate Seboso”. Formado em 2007, o Luxo é um bloco de pré-Carnaval que toca apenas músicas de compositores cearenses. É um dos movimentos mais importantes para o “retorno” do Carnaval de rua fortalezense nos últimos anos. Filmado em Pacatuba e com baixo orçamento, “Cine Holliúdy” alcançou sucesso de público nacional em 2013 com legendas em “cearês” ou “cearensês”. A *fan page* “Suricate Seboso”, seguida por mais de 1,4 milhão de perfis, registra aspectos dos modos de vida locais por meio do humor e da caricatura.

<sup>3</sup> Ao atravessar pela primeira vez a faixa de pedestre da avenida Rio Branco, foi impossível não lembrar Ednardo, em *Aguagrande*, escrevendo sobre São Paulo: “Enquanto apreciava a pressa da cidade/ A praia de Iracema/ Veio toda em minha mente/ Me banhando da saudade/ Me afogando na multidão”.

visita, e as construídas, como a população de rua excluída). O Rio não conhece ninharias. Vive-se nas hipérboles de calor, chuva, trovões, palavrões, comida, cheiro de gás e esgoto, Carnaval, voo de helicópteros, sirenes de ambulâncias, reclamações e conversas cotidianamente berradas. E para coroar a antítese, um sereno “fica com Deus” de recomendação ao fim da conversa por celular.

Se as razões afetivas expostas não bastam para justificar o estudo de imaginários de memória sobre as duas cidades, segue-se a argumentação. A escolha se justifica por serem duas das maiores metrópoles brasileiras em população – uma no Nordeste, outra no Sudeste do País – com configurações memorialísticas distintas, embora com semelhantes narrativas de apagamentos memoriais. O Rio tornou-se a capital da colônia em 1763. Em 1808, virou sede da corte, com a vinda da família real portuguesa, responsável por inaugurar uma nova “civildade” em terras tupiniquins. Foi ainda capital durante todo o Império e sede da República até a inauguração de Brasília, em 1960. Possui expressiva carga simbólica para a população brasileira e para o registro da memória das classes dominantes e subalternas, inscrita em monumentos, personagens e efemérides históricas formadoras do que poderíamos chamar, em análise ligeira, de um imaginário nacional de brasilidade. “O fato era este: ninguém chegava a nome nacional, em qualquer terreno, sem se consagrar no Rio. Até conspiração só valia quando tramada no Rio”, relembra Rachel de Queiroz na crônica *Cidade do Rio* (GULLAR et al., 2013). Assim a “Velha Cap” aprendeu a sentir saudade dos tempos de Corte. “Quero um bate-papo na esquina/ Eu quero o Rio antigo/ Com crianças na calçada/ Brincando sem perigo/ Sem metrô e sem frescão”, canta Alcione em *Rio Antigo (Como nos velhos tempos)*. E nos quadros dos bares da Lapa, na decoração da “Estudantina Musical”, na Praça Tiradentes, e até na fachada do cinema pornô Íris, no Centro, as fachadas são vestígios expostos da derrocada de tradições.

Já Fortaleza, capital do Estado do Ceará é uma cidade de história recente, sob o ponto de vista da colonização: a povoação formada ao redor do Forte de Nossa Senhora de Assunção foi fundada em 1726, como vila, somando estimadas 200 almas. Possui pequeno e mal conservado parque histórico-arquitetônico, em comparação com cidades como São Luís, Salvador e Recife, citando-se apenas outras capitais nordestinas, centros econômicos mais importantes no Brasil-Colônia. Destino turístico nacional e internacional em ascensão desde meados dos anos 1990, a cidade vive desde então violento processo de verticalização, configurando uma “fetichização” do novo em vários aspectos da arquitetura urbana. Muito antes desse processo, Ednardo, em 1976, lamentava-se na música *Longarinas*: “A noiva do sol com mais/ Um supermercado/ Era uma vez meu castelo/ Entre mangueiras/ E jasmins

florados”. Dessa forma, o sentimento local, expresso em ambientes mais intelectualizados, como a imprensa, é de que Fortaleza é uma cidade “sem memória”, que “rebola no mato”<sup>4</sup> seu patrimônio histórico. O espírito moleque do cearense<sup>5</sup> ri do antigo, aos gritos de “é o novo!” em resposta a tudo que soa antiquado ou ultrapassado. Enquanto esse texto era escrito, o prefeito de Fortaleza, Roberto Cláudio, anunciou a proposta de destruir a rotatória onde fica a Praça Portugal para a formação de um cruzamento entre duas grandes avenidas da cidade.

Vê-se, portanto, como as comparações entre as duas cidades foram logo de início inevitáveis, principalmente no que diz respeito à memória coletiva<sup>6</sup>, tema da pesquisa. Fortaleza e Rio de Janeiro são cidades com configurações contrastantes nesse quesito. Se é bem verdade que em terra de Estácio de Sá pouco sobrou da arquitetura colonial, algumas significativas construções do começo do século XX resistiram, dotando a cidade de índices fixos memoriais, mesmo onde o patrimônio histórico-arquitetônico segue descuidado. Em bairros da zona norte do Rio, por exemplo, a Prefeitura promete o restauro de quatro cinemas: o Cine Madureira, o Cine Olaria, o Guaraci, em Rocha Miranda, e o Cine Vaz Lobo<sup>7</sup>. Em Fortaleza, a pedra teimosa de um Teatro São José espera há décadas por restauro. Mas há também notícias boas pelas bandas de lá: há pelo menos cinco anos a população voltou a frequentar o Passeio Público, praça do século XIX, e o Mercado da Aerolândia, há várias décadas abandonado, está sendo restaurado.

Embora não seja objetivo do trabalho tecer um panorama geral das políticas públicas de preservação nas duas cidades em estudo, fica claro o cuidado maior dado a esta questão do que se observa em Fortaleza, o que não significa ausências de contradições nas duas cidades. O olhar do turista ou do recém-chegado pode conduzir a uma leitura simplificada sobre a memória social nas duas cidades, pois parte da perspectiva de um olhar ligeiro, estrangeiro e fincado apenas no presente. Rio, coração afetivo do País, teria o *status* de cidade memoriosa. Fortaleza, terra de retirantes, de recém-chegados, onde todo o antigo se bota abaixo, seria lugar sem memória. Tudo muito mais complexo do que se mostra à primeira vista. Até porque

---

<sup>4</sup> “Rebolar no mato”, no modo de falar cearense, significa “jogar no lixo”.

<sup>5</sup> No começo do século XX os memorialistas de Fortaleza cunharam o epíteto “Ceará Moleque” para designar um traço de uma identidade local. Esse “espírito de humor” está presente em movimentos como a “Padaria Espiritual”, no fim do século XIX, e em episódios como a adoção do bode Ioiô como símbolo afetivo de Fortaleza, no começo do século XX, e na vaia que a população da Capital cearense deu ao sol em 1942.

<sup>6</sup> Partimos nesse trabalho da definição de Halbwachs (2006, p.99), para quem a memória coletiva é aquela que se lembra em grupo. Ela se opõe à chamada “memória histórica”: “a sequência de eventos cuja lembrança a história conserva”

<sup>7</sup> PREFEITURA vai revitalizar cinemas da Zona Norte. **O Globo Online**. Rio de Janeiro, 14, jun. 2012.

a memória não se ergue e se enterra só em pedra e cal. No Rio, talvez o exemplo mais gritante de embates memoriais seja a transformação da antiga sede do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), na Rua da Relação, local de tortura e perseguição política da ditadura militar, em museu da polícia civil e não lugar de memória das vítimas da truculência.

Em outro sentido, as transformações do espaço também se reconfiguram em “fetiche” na cidade-cenário de Manoel Carlos. Batiza-se de “Novo Rio” a Rodoviária, fala-se em regiões como Novo Leblon, Nova Lapa e até um “Novo Rio Antigo”, na Rua do Lavradio. O prédio da Prefeitura fica na velha “Cidade Nova”. Na área de expansão urbana da Barra da Tijuca, os condomínios vendem suas unidades às custas do *glamour* do pedaço de chão “onde todo carioca gostaria de viver”, como arremata uma peça publicitária.

No Rio, as obras se espalham em intervenções para a Copa do Mundo e as Olimpíadas e em projetos como o Porto Maravilha, a revolver pedras antigas na zona portuária da cidade. No Maracanã, preservou-se a fachada original do estádio, mas o Governo do Estado incluiu nas obras a derrubada do antigo Museu do Índio, datado de 1862, para atender a exigências da Federação Internacional de Futebol (Fifa) sobre quantidade de estacionamentos nos estádios. Depois da mobilização popular, o governo voltou atrás, e a promessa é de restauro do prédio<sup>8</sup>. Processo semelhante ocorreu em Fortaleza, onde o Governo Estadual projetou a linha sul do metrô passando por cima de uma estação de trem da década de 1940, no antigo bairro da Parangaba. Após mobilização popular, o prédio foi preservado e suas instalações, recuperadas.

Se o leitor ou a leitora alcançou tal ponto desse enfadonho preâmbulo, há de perdoar a demora em apresentar o objeto empírico e os objetivos da pesquisa. Talvez a aparente falta de objetividade se justifique por serem as implicações afetivas da pesquisa tão importantes quanto ela própria. O trabalho busca investigar a experiência de sujeitos com a *cidade sensível* expressa em comentários sobre memória nas *fan pages* (páginas de fãs) “Fortaleza Nobre” e “O Rio de Janeiro Que Não vivi”, no site de rede social<sup>9</sup> Facebook. Embora dotadas de características próprias, as páginas sobre memória de cidades engendram interações basicamente da mesma forma. Imagens antigas de lugares, pessoas e do cotidiano de tempos passados são compartilhadas pelos editores das páginas, que geralmente escrevem um

---

<sup>8</sup> As informações podem ser conferidas em: ANTIGO Museu do índio será reformado por concessionário do complexo do Maracanã. **O Globo Online**. Rio de Janeiro, 28 jan. 2013.

<sup>9</sup> Neste trabalho, usamos a expressão “rede social” sempre acompanhada de um qualitativo por concordar com Recuero (2012, p.20): Orkut e Facebook em si não se constituem redes sociais, “mas, sim, o espaço técnico que proporciona a emergência dessas redes”. Desse modo, elas não são “pré-construídas pelas ferramentas, e, sim, apropriadas pelos atores sociais que lhe conferem sentido e que as adaptam para suas práticas sociais”.

pequeno texto referenciando espaço-temporalmente a fotografia<sup>10</sup>.

A *fan page* de Fortaleza está no Facebook desde outubro de 2011 e é administrada pela técnica em contabilidade Leila Nobre. É seguida por mais de 42.398 perfis. Possui 127 avaliações (ferramenta opcional nas *fan pages* do Facebook), das quais 113 são de cinco estrelas. A página do Rio de Janeiro é editada por Bruno Chaves Macedo, formado em Jornalismo, e foi criada em 26 de outubro de 2012. Conta com 60.356 seguidores<sup>11</sup>. Por vezes, a página carioca será identificada neste trabalho pela sigla ORJQNV, usada também pelo editor da página. Embora em cada uma das cidades exista mais de uma página no Facebook sobre temas de história e memória, a escolha por tais *fan pages* se justifica por termos identificado nelas maior interação entre seus seguidores. Tal critério é basilar, tendo em vista a pergunta maior norteadora do trabalho: o que dá a ler a sociabilidade *on-line*, entendida como forma de comunicação, ensejada pelas narrativas sobre o passado no ciberespaço.

O interesse maior da pesquisa habita, portanto, nos comentários deixados pelos seguidores “fãs” nas fotografias antigas divulgadas pelas páginas. Ancorados em suporte efêmero, o site de rede social, e materializados em uma prática de consumo fugidia, os comentários se configuram como fragmentos de escrita comparáveis àqueles encontrados nos corpos da população francesa não letrada do século XVIII estudados por Farge (2003, p.89, tradução livre): “A letra é memória, ato de solenização de um instante presente que em breve será passado, tão logo seja lido pelo seu destinatário”. A partir da análise sobretudo desses comentários, a dissertação segue o rastro dos significados dessas narrativas, pontos de partida para o atravessamento de imaginários sobre memória coletiva, preservação do patrimônio arquitetônico-cultural, temporalidades e espacialidades da cidade do passado, da contemporaneidade e do futuro. Não se trata de um estudo historiográfico preocupado em distinguir o grau de veracidade/autenticidade dos comentários em relação às imagens das páginas. Interessa, antes disso, enveredar pelos significados da memória construída em grupo. Nesse sentido, Halbwachs (2006, p.85), ao abordar a temática da memória a partir de “quadros coletivos”, ressalta: “Não são apenas os fatos, mas os modos de ser e de pensar de outrora que se fixam assim na memória”.

Memória em suas relações com o imaginário, portanto. Por estarmos diante de um

<sup>10</sup> Ressalte-se que não está entre os objetivos deste trabalho o esquadramento das ferramentas em si do Facebook, contabilizar ou comparar *likes* das imagens, etc. O interesse maior reside, seguindo Duarte (2010, p.94), na experiência dos grupos “com o que é vivido fenomenologicamente, com o meio que experimenta” e não exatamente na relação entre os grupos com a ferramenta.

<sup>11</sup> Os dados são de 28 de fevereiro de 2015 e estão disponíveis no Facebook. Não é preciso estar “logado” para ver imagens e comentários, mas é preciso ter conta no site para comentar. As páginas podem ser acessadas em [www.facebook.com/Fortalezanobreoficial](http://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial) e <https://www.facebook.com/ORioDeJaneiroQueNaoVivi>.

objeto essencialmente em diálogo com a história, abordamos a noção do imaginário principalmente a partir da obra do historiador húngaro Lucian Boia. Segundo ele, trata-se de uma estrutura não fixa e durável que transcende a cultura, o tempo e a história. É ao mesmo tempo genericamente insistente e mutável, pois se adapta a um determinado ambiente.

O imaginário se mistura à realidade exterior e se confronta com ela; ele encontra aí pontos de apoio ou, pelo contrário, um ambiente hostil; ele pode ser confirmado ou repudiado. Age sobre o mundo e o mundo age sobre ele. Mas, na sua essência, ele constitui uma realidade independente, disposta de suas próprias estruturas e de sua própria dinâmica (BOIA, 1998, p.16, tradução livre).

O imaginário é, portanto, muito mais que um “conjunto de imagens”. Trata-se, segundo Silva (2010, p.67), de “uma máquina que 'turbina' o real tornando-o fantástico e mais desejável ou temível”, é, seguindo a metáfora, “um reservatório afetivo de imagens, de onde cada um retira o combustível para as suas motivações, e um motor”. Nesse sentido, o trabalho segue o percurso dessas “máquinas afetivas” presentes nas comunidades sobre memória de cidades, levando-se em conta uma negociação em que os sujeitos disseminam seus imaginários no contato com a audiência grupal.

O arquétipo da morte, representado pelo fim da experiência urbana, é um exemplo do que falamos. Os arquétipos são entendidos como elementos constitutivos do imaginário, mas como estruturas abertas, que evoluem, se misturam e “cujo conteúdo está em constante adaptação ao ambiente social em mutação” (BOIA, 1998, p.18). Essa estrutura dialética, retroalimentada pelo mundo material da antítese, permite compreender melhor realidades distintas como Fortaleza e Rio de Janeiro, em suas confluências e diferenças, mas não necessariamente em uma perspectiva comparativa. O imaginário também ajudará a entender a verificada sacralização da memória nos dois grupos. O questionamento é sobre usos e sentidos produzidos pelos sujeitos. O tema memória – aqui abordado como agenciador de sociabilidade, mas também como técnica de escrituração, tecnologia de ordenamento da experiência – deve perpassar todos os capítulos do texto. A noção de imaginário é outro tema transversal, presente de modo mais claro principalmente a partir do segundo capítulo.

Para tal abordagem, propõe-se como metodologia de pesquisa a etnografia em meios digitais. Tendo em vista a postura interpretativa da etnografia, aqui empreendida a partir dos comentários, a abordagem aliará tal metodologia às contribuições de Paul Ricoeur sobre a hermenêutica, a partir da noção do autor do “que é um texto”. O trabalho hermenêutico aqui empreendido buscou interpretar esses rastros que fazem sentido e criam significados nos sujeitos contemporâneos conectados às páginas. Indo além da exegese, ou seja, da

interpretação restrita à superfície do texto, a análise põe em confronto os comentários no ciberespaço com discursos outros, presentes em demais ambientes de rede social digital, na cidade concreta e na cidade da literatura, especialmente aquela descrita pelos cronistas.

Também serão caras à análise a perspectiva da Escola de Toronto e da história cultural para a compreensão dos meios de comunicação em suas materialidades e em uma perspectiva de média e longa durações. Em razão da natureza transdisciplinar da pesquisa, o referencial teórico conta ainda com contribuições da sociologia do imaginário e dos estudos em memória social. Para tratar das noções de território, lugar, paisagem e cidade será fundamental o diálogo com a geografia e com a antropologia.

Sobre as abordagens etnográficas em meios digitais, a principal fonte são as contribuições de Amaral, Fragoso e Recuero (2012)<sup>12</sup>. De acordo com as autoras, o estabelecimento da internet como campo de pesquisa criou a discussão sobre o uso da pesquisa etnográfica para o estudo das culturas e das comunidades agregadas no ambiente *online*. Tendo em vista as peculiaridades dos *media*, a etnografia nas mídias<sup>13</sup> representa uma adaptação do método etnográfico, desenvolvido na antropologia. Geertz (1989) traça um percurso metodológico para o trabalho do etnógrafo a partir de um conceito essencialmente simbólico da cultura, a partir do qual nos apoiamos para a compreensão da sociabilidade em comunidades virtuais. Segundo ele, a descrição etnográfica é “interpretativa” e “microscópica”. “A análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjeturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjeturas e não a descoberta do Continente dos Significados e o mapeamento da sua paisagem incorpórea” (p.30-31). Daí a razão, portanto, de aliarmos o método etnográfico a uma abordagem hermenêutica do discurso, pois, como ensina Ricoeur (1976, p.88): “Construir o sentido como o sentido verbal do texto é fazer uma conjectura”. Trata-se assim da busca por delinear caminhos possíveis de compreensão da trama dos diálogos sobre memória coletiva das cidades na internet. Não se trata, por conseguinte, de apontar a única interpretação possível. “Mostrar que uma interpretação é mais provável à luz do que sabemos

<sup>12</sup> Conforme as autoras, há variedade terminológica para caracterizar a etnografia nos meios digitais. Fala-se em netnografia, etnografia digital, webnografia e até ciberantropologia. O termo netnografia tem ganhado adesão na bibliografia brasileira, mas aqui concordamos com a crítica de Campanella (2010), segundo quem o termo descaracteriza a ideia por trás do conceito que o originou. “[...] sua versão atualizada para as novas mídias privilegia o meio, e não os atores que realizam as interações. Implicitamente, a internet passa a ser vista como uma cultura independente do ser humano que a criou, e que nela atua” (Campanella, 2010, p.21).

<sup>13</sup> Apesar da crítica exposta ao termo “netnografia”, seguimos o percurso proposto por Kozinets (2007). Segundo ele, o trabalho de “netnografia” pode ser sistematizado basicamente em quatro etapas: 1) “entrée” cultural; 2) coleta e análise de dados; 3) ética de pesquisa e 4) *feedback* e checagem de informações (AMARAL; FRAGOSO; RECUERO, 2012, p.175).

é algo de diferente de mostrar que uma conclusão é verdadeira” (RICOEUR, 1976, p.90).

Pela natureza da pesquisa de mestrado, a análise se centrará nos comentários dos seguidores da página, e não no esquadramento das informações biográficas de cada sujeito comentador. Como alerta Campanella (2010, p.50): “Diferentemente de etnografias tradicionais, que acontecem dentro da experiência física do campo, as virtuais são mediadas por tecnologias de comunicação e informação (TCI) que não contemplam o contato pessoal, o que problematiza questões ligadas à identidade”. A tarefa de acompanhar as postagens praticamente todos os dias pelo Facebook durante mais de dois anos foi essencial para delimitarmos um *corpus* mais representativo das duas comunidades. No entanto, a minha inserção nas duas páginas foi mínima, resumida a alguns *likes*, compartilhamentos e raros comentários. Os seguidores foram informados de que os comentários eram alvo de pesquisa científica no dia em que postei na minha página do Facebook foto da capa do texto da qualificação de mestrado. Os administradores das duas *fan pages* me solicitaram a divulgação da imagem nas páginas. Ao que se seguiram algumas congratulações e pedidos de consulta do texto final. Não é possível dizer, porém, que todos os seguidores viram tal postagem.

Dessa forma, seguindo procedimento de pesquisas em cibercultura no Brasil, os nomes dos sujeitos são resguardados, e eles são identificados apenas por números<sup>14</sup>. Optamos por assim proceder pela natureza da escrita *on-line*, feita por meio de perfis que não necessariamente correspondem a um só sujeito. Assim como alguém pode comentar por meio de mais de um perfil<sup>15</sup>. Além disso, concordamos com Velho (2013, p.34), para quem “a resolução de partir do discurso dos indivíduos implica 'aceitar' a sua experiência existencial expressa em suas próprias palavras”. No mesmo sentido, Ricoeur (1976, p.109), na busca por separar da hermenêutica um caráter “psicologizante”, vai sustentar que a intenção do autor perdeu-se como evento psíquico. “Daí que toda a informação acerca da biografia e da psicologia do autor constitua apenas uma parte da informação total, que a lógica da validação tem de tomar em conta. Tal informação, enquanto distinta da interpretação textual, de nenhum modo é normativa quanto à tarefa da interpretação”.

---

<sup>14</sup> A cada grupo de comentários postos em destaque, iniciamos uma nova numeração. Há assim, diversos *interagente 1, interagente 2, interagente 3...* no texto, o que não significa dizer que se trata do mesmo sujeito. Quando, porém, o seguidor comenta mais de uma vez na mesma postagem, a numeração é repetida. Intervenções, indicando breves notas explicativas, acréscimos ou supressões de letras ou palavras são indicados por colchetes [ ]. Procurou-se seguir o mais fielmente possível o registro encontrado no Facebook, motivo pelo qual há diversos desvios da norma padrão nos comentários reproduzidos. Tais deslizos raramente serão indicados pelo chato “sic”.

<sup>15</sup> Sobre o tema, ver, por exemplo Lemos (2002, p.187): “As diversas comunidades virtuais emergentes do ciberespaço proporcionam emoções coletivas, identificadoras, não com o indivíduo preso a uma identidade fechada, mas com *personas* de diversas máscaras”.

Como expusemos, os comentários no Facebook são textos escritos que tomam forma de discurso, “discurso sob a forma de inscrição” (RICOEUR, 1976, p.34). A busca do trabalho hermenêutico é, portanto, seguir as pistas deixadas por esses rastros, “testemunhos humanos conservados pela escritura” (DILTHEY, 1900 apud RICOEUR, 2001, p.132). Pois como define Ricouer, é a interpretação “a arte de compreender aplicada a tais manifestações, a tais testemunhos, a tais monumentos, cujo caráter distintivo é a escritura” (RICOEUR, 2001, p.132- 133, tradução livre). A palavra “rastro” neste trabalho segue a proposta polissêmica atribuída ao termo por Ricouer (2007, p.32-34): ora como escrito num suporte material; ora como “impressão-afecção 'na alma', resultante do choque de um acontecimento, que podemos qualificar como notável, marcante”. As obras de Ricouer, além da inspiração teórica para a abordagem metodológica, embora não apontem para uma metodologia de pesquisa institucionalizada, serão essenciais para a compreensão de noções como memória e testemunho, que vão perpassar o trabalho.

A dissertação apresentada se vincula à proposta da linha “Cultura de Massa, Cidade e Representação Social” do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação Social da UERJ. A linha se propõe a estudar “as representações sociais contemporâneas em sua interface com a comunicação, os estudos sobre cidade e a cultura de massa”, conforme exposto na apresentação do Programa<sup>16</sup>. Nossa atenção se volta para tais representações no que diz respeito à memória coletiva das cidades no ciberespaço.

Não apenas os comentários, mas também as práticas de sociabilidade atizam reações mais diversas nos conectados, propiciando diversidade de objetos de estudo para as ciências sociais, e em especial para a comunicação. Muitos de nossos encontros, compartilhamentos e debates são hoje mediados pela interface digital. Os afetos de nossa atenção são aqueles sobre a memória das cidades, primordialmente os diálogos compartilhados em “tribos” de apaixonados por temporalidades e espacialidades outras. Mesmo reunidos pela mediação da tela, é sobre a materialidade da pedra de que falam esses sujeitos e em contato com ela que escrevem. “Dado que a cidade é o *locus* por excelência da circulação dessas representações sociais, busca-se pensar os modos como tais fenômenos delimitam o espaço imaginário e condicionam a geração de sentidos nos ambientes urbanos”, continua a apresentação do PPGCom da Uerj. A produção de sentidos é aqui também problema fundamental da pesquisa, uma vez que nos interessa principalmente *sobre o que* os sujeitos conversam, o que dá a ler essa espécie de burburinho digital das conversas sobre memória. “As representações da

---

<sup>16</sup> A apresentação do PPGCom da Uerj pode ser consultada no site [www.ppgcom.uerj.br/area\\_concentracao.php](http://www.ppgcom.uerj.br/area_concentracao.php)

cidade, e mais especificamente as que são mediadas pela tecnologia, têm rapidamente se convertido no fulcro da vida urbana” (PRYSTHON; CUNHA, 2008, p.13).

Expostas assim as bases teórico-metodológicas, seguimos com a divisão esquemática prevista para os capítulos da dissertação. Em primeiro lugar, ressalte-se a opção de se trabalhar com a temática da memória de modo esparso ao longo dos capítulos. Além de evitar um tom enfadonho ao texto, a decisão busca uma abordagem em que a memória – como técnica e como tema – é vista sempre em relação aos demais “temas-chave” dos capítulos, quais sejam, o espaço, o tempo e o sensível. A escolha por tratar de tempo e espaço em capítulos distintos de modo algum significa que tais variáveis possam ser abordadas de modo estanque e avulso. “Datação e localização constituem, sob esse aspecto, fenômenos solidários que comprovam o elo inseparável entre a problemática do tempo e a do espaço” (RICOEUR, 2007, p.58). A divisão trata, antes, da melhor forma encontrada para abordar os temas a partir das contribuições teóricas que privilegiam ora uma das variáveis, ora outra.

Dessa forma, o primeiro capítulo tem como tema central as concretudes e as virtualidades do espaço urbano nas narrativas sobre as duas cidades em estudo. A busca é por problematizar a questão dos afetos ensejados pela memória em suas relações espaciais. O debate versa também sobre as dinâmicas de territorialização em ambientes digitais e o papel das “rugosidades” na criação das narrativas sobre o passado nas comunidades em estudo. O diálogo entre comunicação e geografia é assim essencial nessa seção.

O segundo capítulo dá prosseguimento à discussão da parte inicial pondo em destaque os embates entre memória e apagamento nos lugares de origem de Fortaleza e Rio de Janeiro. Discute ainda a experiência sensível dos sujeitos comentadores com as “paisagens naturais” das duas cidades, “os cartões-postais”. Por fim, debate-se as relações da escrita e dos testemunhos sobre os lugares, a partir da memória de dois bairros, um fortalezense e outro carioca. Levando em conta uma perspectiva de longa duração<sup>17</sup>, busca-se relacionar a escrita em plataformas digitais com antigas formas de inscrições sem papel nem tinta.

O terceiro capítulo trata das relações entre memória e tempo a partir da ascensão da cidade moderna. Busca-se relacionar temporalidades e meios de comunicação a fim de compreender os significados dos discursos nostálgicos dos sujeitos comentadores contemporâneos. A intenção é discutir os sentidos produzidos a partir das temporalidades evocadas pelos comentários e a ambiência de “ode” ao passado nas *fan pages*. As imbricações entre comunicação e história serão basilares nesse capítulo.

---

<sup>17</sup> A noção da “longa duração” foi cunhada pelo historiador Fernand Braudel em sua tese de doutorado *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*, de 1949.

O capítulo derradeiro tem como foco os imaginários sobre memória evocados por meio do contato com a *cidade sensível*. A cidade compreendida, portanto, como lugar de encontros de sensibilidades, cujas estratégias “permeiam as formas emergentes de socialidade na era da mídia” (SODRÉ, 2006, p.16). Seguindo uma proposta arquetípica do imaginário, analisam-se os comentários a partir do sensorio humano (visão, audição, tato, olfato e paladar) e acrescenta-se um outro “sentido”, o da imaginação. A observação busca, assim, caminhar do sensorio ao sensível para compreensão do compartilhamento de experiências sobre a cidade. Debate-se também o papel das imagens nas redes virtuais como elementos condutores a uma experiência sagrada com a memória das cidades.

A escolha do foco da análise final não resolve, entretanto, o problema da composição do *corpus* empírico da pesquisa. Os comentários foram garimpados entre centenas de postagens nas duas páginas no período compreendido entre o primeiro *post* na respectiva página e a última postagem, cuja observação decidiu-se delimitar em dezembro de 2014. A ideia original de se trabalhar com os *posts* mais comentados se mostrou inviável diante da impossibilidade técnica de construir esse *ranking* e pelo risco dessa possível listagem não evidenciar os aspectos mais instigadores a serem esmiuçados nas páginas. Dois exemplos. Há uma dispersão de comentários em mais de uma postagem sobre um mesmo tema. Além disso, um mesmo lugar é focado em mais de uma fotografia, não raramente postadas seguidamente, o que excluiria comentários relevantes se levássemos em conta apenas uma das imagens sobre determinado lugar. Os comentários levados em conta na pesquisa são aqueles postados diretamente na página, demonstrando um interesse de tornar público tais discursos. Pela dimensão e proposta da pesquisa excluem-se assim os comentários gerados a partir dos compartilhamentos pessoais das imagens. A ferramenta de “compartilhar” *posts* no Facebook amplifica o alcance das postagens, mas tornaria a busca pelo *corpus* uma escala inatingível.

Nesse sentido, a observação etnográfica ao longo de mais de dois anos permitiu-nos inferir os temas (assuntos e referentes fotografados) mais recorrentes e comentados nas duas páginas, possibilitando o aprimoramento da seleção das postagens para a pesquisa. Os bondes, por exemplo, são “campeões de audiência” nas duas *fan pages*. Fotografias sobre o morro do Castelo e sobre a região portuária geram amplos debates na página do Rio, por motivos a serem expostos ao longo dos capítulos. Os arquivos pessoais são o diferencial da página fortalezense. Não à toa, a administradora da página criou a iniciativa “Baú de Memórias” para instigar os participantes a enviar fotos de seus álbuns pessoais.

Dessa forma, unindo a observação etnográfica à proposta teórica, chegou-se à

definição de três grandes temáticas sobre o urbano – pessoas, lugares e momentos<sup>18</sup> – a partir das quais foi possível delimitar sub-temas para a seleção dos *posts*. A partir dessa definição, foram selecionadas as fotografias mais comentadas (pelo menos uma para cada sub-tema) para estudo mais aproximado. A seleção não utiliza um critério cronológico *a priori*. Seria mais fácil, por exemplo, escolher uma fotografia publicada a cada mês de pesquisa. Todavia, o *corpus* aqui estudado certamente dá conta melhor de uma diversidade temporal dos *posts* divididos ao longo de mais de dois anos de postagens arquivadas no Facebook. Ressalte-se por fim que os temas são válidos para as ambas as cidades, embora, como já exposto, não foi objetivo produzir uma análise comparativa entre Fortaleza e Rio.

De modo sucinto, o *corpus* foi selecionado a partir do seguinte esquema:

Pessoas	Modos de se vestir, a elegância
	Modos de se relacionar com o outro; os pobres e os ricos
	Os arquivos pessoais
Lugares ( <i>Fixos simbólicos</i> )	As praças, os monumentos
	Os lugares de origem da cidade
	As ruínas: os lugares de disputa da memória
	As casas e as ruas do Centro, dos bairros “nobres” e dos “subúrbios”
	O lazer e o consumo coletivos: a praia, os parques, os restaurantes, os bares, o comércio, os cinemas e o rádio
	Os locais de observação da cidade e as visões aéreas
	Os “cartões-postais”
Momentos ( <i>Fluxos simbólicos</i> )	O cotidiano do movimento nas ruas (os bondes, os trens, os ônibus, o ir e vir de pessoas e veículos)
	Os carnavais, os bailes, as festas

Tabela 1: Esquema de temas escolhidos para análise na dissertação

Dessa forma, o trabalho vai na direção das trilhas indicadas pelos afetos presentes em imaginários sobre memória a que se remetem os comentários nas comunidades virtuais. Busca-se entender a sociabilidade *on-line* ensejada a partir das narrativas sobre cidades para compreensão de um contexto maior de um certo interesse em torno do antigo na *web*. Na tessitura das trajetórias dos sujeitos comentadores, as amadas Fortaleza e Rio de Janeiro se encontram, a despeito dos 2.190 km que as separam. Sentadas lado a lado em um sofá de visitas, mostram uma a outra seus álbuns de recordações, tal conversa de comadres saudosas.

<sup>18</sup> A dicotomia “lugares” x “momentos” é tributária da proposta teórica de Milton Santos e Roberto Lobato Corrêa sobre a divisão entre fixos e fluxos simbólicos, conforme será exposto no capítulo 1.

“Chorando e cantando” em maracatu, forró e samba, falam de um passado registrado em preto branco, ao mesmo tempo em que acalentam suas utopias de transformações das formas de habitar.

# 1 ESPAÇO E MEMÓRIA NA CIDADE AFETIVA

## 1.1 A memória embalada na rede dos afetos

O sentimento que liga os sujeitos aos lugares tem potência para gerar afetos das mais antagônicas naturezas: da revolta que descamba na depredação ao pertencimento que resulta no cuidado, na preservação. Terreno dos conflitos e dos embates, as cidades são depositárias dessas emoções várias. Seus fluxos, acionantes de multissensorialidades, e seus rastros, gatilhos de narrativas, agenciam sensações de desenraizamento e de pertencimento. Nessa teia, a memória – em sua dinâmica de esquecimentos e lembranças – desempenha papel central. Diz o historiador Jacques Le Goff (1990, p.476) ser ela “um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”. No mesmo sentido, atesta Huyssen (2005, p.22) ter a memória papel “crucial para a coesão social e cultural de uma sociedade”.

A rede de sensações confeccionada pelo tecido das recordações nos permite compreender o termo “afeto” em semântica ampliada e situar o debate em uma seara mais próxima ao campo dos imaginários. Dessa forma, a aposta de abordagem é muito mais, nos termos de Gondar (2005, p.24-25), em “um outro campo de possíveis”, uma vez que, segundo ela, a memória é muito mais do que um conjunto de representações. Ela se expressa em “modos de sentir, modos de querer, pequenos gestos, práticas de si, ações políticas inovadoras”<sup>19</sup>.

E se nos primeiros agrupamentos humanos esses afetos estão ancoradas nos próprios indivíduos, nas sociedades do predomínio da escrita como tecnologia de ordenamento da experiência a memória se desloca para textos, documentos e monumentos (LÉVY, 1993, p.75-99). As dialéticas de esquecimentos e lembranças se dão a ler em códigos, atas, leis, prédios, praças, bulevares, vias abertas e desfeitas, estátuas etc., numa intrínseca relação entre escrita, memória e poder. Inscrita assim no espaço e no tempo, a memória coletiva das cidades ajuda também a criar territórios de afetividade. Nossas biografias, construídas a partir do local de nascimento, expandem-se em planos que abarcam as ruas mais próximas, a praça

---

<sup>19</sup> “E se tivéssemos que, em uma palavra, resumir o que na memória não se reduz à representação, diríamos: afeto, ou melhor, forças que nos afetam, e também forças pelas quais afetamos” (GONDAR, 2005, p. 25).

frequentada na infância, o bairro e finalmente a cidade. “Se a casa do sonhador está situada na cidade, não é raro que o sonho seja de dominar, pela profundidade, os porões da vizinhança” (BACHELARD, 1974, p.368). Em sua fenomenologia poética do sentido do lar para o sujeito do “devaneio”, Bachelard (1974, p.358) defende que “todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa”. Por ser nosso mundo, nosso primeiro universo, ela se torna, segundo ele, um verdadeiro cosmos. Os lugares onde habitam nossos afetos carregam, conseqüentemente, o signo desse aconchego. “O verdadeiro bem-estar tem um passado. Todo um passado vem viver, pelo sonho, numa casa nova” (BACHELARD, 1974, p.358).

Na contemporaneidade, em tempos de conexões por meio de redes telemáticas e modelos rizomáticos de comunicação, os sujeitos do “devaneio”, no sentido de Bachelard, encontram no campo dos comentários das telas digitais da *web* espaço de expressão de experiências estéticas com a memória. Quem se recorda com nostalgia de tempos outros não precisa necessariamente colocar sua cadeira na calçada, como ainda se faz no sertão e nos bairros das cidades onde a violência não tangeu o balançar da conversa noturna. A sociabilidade criada sobre o lamento de como “hoje está tudo tão diferente” tem agora nas comunidades virtuais um importante ponto de encontro. Muito antes do surgimento delas, todavia, as emergentes “espacialidades imateriais e informativas (publicidade, imagens, luzes, paisagens sonoras)” vêm concorrendo com praças, ruas e avenidas como lugares únicos da experiência social, modificando “os processos de construção de espaços simbólicos” (DI FELICE, 2009, p.153-162). Mediados por computadores e dispositivos móveis, essa gente se encontra para relatar “viagens no tempo”, falando de inquietações com um novo que “sempre vem”, como diz uma canção de Belchior. Contrariando o sumido poeta de bigode, para essas pessoas o passado é uma roupa que ainda serve.

No Facebook, ferramenta de rede social *on-line*, esses sujeitos recebem a denominação de “fãs” ou “seguidores” de páginas denominadas *fan pages*<sup>20</sup>. Não à toa o Facebook foi o terreno escolhido para essa etnografia. Esse “livro de rosto”, conforme remete sua tradução

---

<sup>20</sup> No Facebook, pudemos identificar *fan pages* (páginas de fãs) e grupos sobre os temas de memória social das seguintes cidades: Fortaleza, Rio de Janeiro, João Pessoa, São Luís, Maceió, Aracaju, Recife, Salvador, Porto Alegre, Curitiba, Florianópolis, Manaus, Belém, São Paulo, Campina Grande (PB), Juiz de Fora (MG), Vitória da Conquista (BA), entre outras. Sobre o Rio de Janeiro, encontramos a maior quantidade de páginas. Além de uma página dedicada exclusivamente às fotografias de Augusto Malta, há também: “Conversas Cariocas”, “Copacabana Demolida”, “GuarAntiga”, “Jornais Antigos do Rio de Janeiro”, “Memórias Cariocas”, “Memórias do Subúrbio Carioca”, “O Rio de Janeiro Que Não Vivi”, “Rio Antigo”, “Rio de Histórias”, “Rio de Janeiro Memória&Fotos”, “Rio Que Eu Amo”, “Zona Sul Memórias” e “Um Coração Suburbano”. Há também um “grupo” denominado “Rio Antigo”, com 2.072 membros (Acesso em fevereiro de 2015) em que os participantes trocam imagens antigas. Não se trata de um fenômeno restrito às cidades brasileiras, já que encontramos páginas da mesma natureza sobre Nova Iorque (EUA), Buenos Aires (ARG) e Valência (ESP).

literal, é a materialidade onde “cada um apresenta, de algum modo, sua face e onde todos podem ser apreciados em suas características singulares” (SANTOS; CYPRIANO, 2014, p.68). Essa característica da exposição faz do site, poderíamos dizer, um ajuntamento de “livros de rostos *abertos*”, em maior ou menor grau, a depender do perfil: um livro de registros, um diário, em cujas “folhas” se escrevem e inscrevem lembranças, afetos e demais visões de mundo. O site criado em 2004 nos Estados Unidos dominou 67,96% da audiência no Brasil entre as redes sociais em dezembro de 2013, segundo dados da empresa Hitwise<sup>21</sup>. Estima-se que um terço da população brasileira tenha conta no site – o País somou 64,8 milhões perfis em 2012, o que nos coloca como vice-líderes mundiais em usuários, atrás apenas dos estadunidenses. Avalia-se ainda que o Facebook atinja 82,32% dos conectados à internet no Brasil<sup>22</sup>. Embora os números não sejam de todo exatos, não é preciso muito esforço para reconhecer em tais redes sociais *loci* privilegiados de observação das representações sociais, imaginários contemporâneos e de investigação das sociabilidades nos dias correntes. As repercussões políticas desse *boom* de acesso são comentadas por Marcos Nobre, professor de filosofia da Unicamp:

Tornada acessível a milhões de pessoas em um intervalo de tempo bastante curto, a internet, em suas redes, blogs, chats e janelas de comentários, representou a primeira oportunidade de expressão instantânea de massa. A brutalidade e crueza dos comentários e posts chocaram quem estava acostumado aos filtros da grande mídia tradicional. (NOBRE, 2013, p.28)

Especificamente sobre as comunidades em estudo<sup>23</sup>, as narrativas de saudade na *web* permitem em princípio entrever lógicas contraditórias, pois são descritas por sujeitos que se submetem ao fragmento das *timelines* (linhas do tempo) incessantes e inebriantes de tais redes. Textos, imagens, vídeos e demais conteúdos se sucedem em um sem-fim de atualizações – e as fotografias em preto e branco das cidades contrastam em meio ao novo e à

---

<sup>21</sup> Fonte: FACEBOOK fecha 2013 com 67,96% da audiência no Brasil em redes sociais. **Portal G1**. Rio de Janeiro, 20 jan. de 2014.

<sup>22</sup> Os dados são da Socialbakers, empresa de estatísticas sobre mídias sociais. Ressalve-se que os números não são precisos, pois, conforme expusemos, um perfil no Facebook não corresponde necessariamente a uma pessoa. Mais detalhes em: CONGO, Marina. Um TERÇO dos brasileiros tem Facebook: País se torna o 2º em número de usuários. **Blog Radar Tecnológico**, 23 jan. de 2013.

<sup>23</sup> Em fevereiro de 2015 foi defendida a dissertação de mestrado “A Juiz de Fora que habita na memória: uma cartografia sentimental da cidade”, de Rafaella Prata Rabello, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. O trabalho analisou *posts* da *fan page* “Maria do Resguardo”, referente à memória da cidade mineira. “Fortaleza Nobre” já foi objeto de estudo de uma monografia de conclusão de curso em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará (Uece). Ver BARROS (2012).

novidade. As imagens do passado se apresentam assim em um ambiente de oscilação contínua entre “nostalgia e consumo bulímico da realidade” (AUGÉ, 2010, p.8). Nas telas digitais, o comportamento é em essência o do *coleccionador às avessas* (SARLO, 2012, p.39), o sujeito que consome muito mais atos de compra e venda do que propriamente produtos, pois “sabe que os objetos que adquire desvalorizam-se assim que ele os agarra”.

Sarlo descreve um mundo no qual o mercado ocupou o vazio deixado pelas identidades quebradas. O tom pessimista da “quebra” ou “morte” de diversas formas de experiência não encontra exclusividade no texto da pesquisadora argentina. À derrocada do Estado-Nação, do trabalho, das classes sociais e até da história como dinâmica social cumulativa de progresso e revolução seguiu-se o chamado “fim dos territórios”, proposto por Bertrand Badie (1995 apud HAESBAERT, 2009, p.19-33). Na visão desses críticos, os processos de globalização nos estariam expondo a um contexto *destemporalizado* e *desterritorializado* da realidade, desencadeando mudanças nas relações sociais. Tal concepção “apocalíptica” é resumida por Sevcenko (2001, p.20-21). “O surto vertiginoso das transformações tecnológicas não apenas abole a percepção do tempo: ele também obscurece as referências do espaço. Foi esse o efeito que levou os técnicos a formular o conceito de globalização”.

Para autores como Castells (1999), a emergência de uma “sociedade em rede” está substituindo uma antiga sociedade “territorial”. Tratando especificamente sobre as comunidades virtuais, Lemos e Lévy (2010, p.105, grifo dos autores) argumentam: “*sobre o novo território virtual, as proximidades são semânticas* e não mais necessariamente e unicamente geográficas ou institucionais”. Nicholas Negroponte previa no começo da década de 1990 que a sociabilidade no futuro se daria em “bairros digitais”, “nos quais o espaço físico será irrelevante e o tempo desempenhará um papel diferente” (NEGROPONTE, 1995, p.12). Mesmo autores críticos a esse discurso de “fim dos territórios”, como o geógrafo brasileiro Rogério Haesbaert (2009, p.205), reconhecem “o papel crescente das tecnologias informacionais nos processos de des-territorialização”<sup>24</sup>.

A partir desse amplo debate, interessa-nos discutir tais questões no que diz respeito às comunidades virtuais onde os territórios são constantemente evocados, como ocorre nas páginas “Fortaleza Nobre” e “O Rio de Janeiro Que Não Vivi”, para as quais voltamos nosso

---

<sup>24</sup> A discussão é longa, e não está entre os objetivos deste trabalho definir um ponto de consenso. Sobre a ideia de destemporalização, por exemplo, Felinto (2011, p.1) sustenta que as narrativas contemporâneas nas novas plataformas propõem uma ruptura radical com o passado. Le Goff (1990, p. 173) ajuda a ampliar essa discussão, pois, para o autor, muito mais do que uma ruptura com o passado, o “novo [...] significa um esquecimento, uma ausência de passado”.

estudo. A busca é por compreender as dinâmicas de criação, desaparecimento, vinculação e negação dos territórios das cidades a partir dos relatos dos sujeitos nas *fan pages*. A análise tem como pressuposto a relação indissociável entre espaço e memória e questiona – a partir das comunidades observadas – a ideia de que a sociabilidade *on-line* exporia os sujeitos a um contexto *destemporalizado* e *desterritorializado*. O caminho a ser enveredado é o de “uma geografia das formas simbólicas” costurada por “mapas de significados” Corrêa (2012, p.137) criados pelos comentários dos interagentes. Na esteira do pensamento de Velho (2013, p.116), a observação das comunidades virtuais parte do entendimento destas como um *campo de possibilidades*, tal qual a sociedade brasileira analisada pelo antropólogo, no qual se cruzam “várias trajetórias e trilhas sociológicas e culturais”. Nessa perspectiva, voltando a Corrêa, as *fan pages* constituiriam *loci* de expressão do “espaço vivido”, “base sobre a qual se estabelecem 'mapas de significados', uma expressão que denota a diferenciação simbólica do espaço” (CORRÊA, 2012, p.137).

Entretanto, nem só do “simbólico” as noções de “espaço” e “território” se constituem. Rogério Haesbaert, por exemplo, aborda a questão do território a partir de suas relações com o conceito de rede, negando as assertivas que os dissociam. Haesbaert (2009) incorpora a noção do simbólico sobre o espaço, mas vai além: rejeita a concepção mais tradicional de território que o filia a um espaço localizado, delimitado, “enraizado”, quase sem movimento. “Assim, *territorializar-se significa também, hoje, construir e/ou controlar fluxos/redes e criar referenciais simbólicos num espaço em movimento, no e pelo movimento*” (HAESBAERT, 2009, p.280, grifo do autor).

Partindo de uma concepção durkheimiana de espaço como fato social, Santos (2008, p.161) critica a interpretação geográfica do espaço a partir de “sensações” e “percepção”, apontando que somente “através de sua própria produção é que o conhecimento do espaço é atingido”. Tal perspectiva teórica não o impede de reconhecer, em outra obra: “o espaço, pelas suas formas geográficas materiais, é a expressão mais acabada do prático-inerte” (SANTOS, 2012, p.317). O termo *prática-inerte* foi cunhado por Sartre e designa, segundo Santos, “as cristalizações da experiência passada, do indivíduo e da sociedade, corporificadas em formas sociais e, também, em configurações espaciais e paisagens”.

Logo, as narrativas nas comunidades virtuais em estudo podem ser lidas como cristalizações dessa experiência que brota do cotidiano, expressas por meio da escrita. Aceitando assim as considerações de Santos, mas sem apreendê-las de todo, procuramos entender a produção de sentidos sobre memória a partir do espaço levando em conta também as questões da técnica e do acúmulo de tempos (SANTOS, 2008, 2012). Tais tópicos serão

constantemente retomados, mas antes torna-se necessária uma exposição sobre as categorias de cidade, memória, espaço e território, em seus entrecruzamentos, para uma melhor compreensão da relação entre essas categorias nos comentários das postagens das *fan pages*.

## 1.2 Os lugares do amor às cidades

Embora dotadas de características próprias, as *fan pages* (páginas de fãs) sobre memória coletiva de cidades no Facebook engendram interações basicamente da mesma forma. Imagens antigas mostrando lugares, pessoas e o cotidiano de tempos passados são compartilhadas pelos editores das páginas. Os administradores não são necessariamente historiadores, pois como anota Chartier (2010, p.12), nos dias de hoje estes “não têm o monopólio das representações do passado”. Assim, o arquivamento passa também a ser acessível a um número maior de sujeitos e grupos. “Podemos pensar que essa vontade geral de registro e arquivamento reflete também o processo de democratização e descentralização da memória, ocorrido na modernidade e radicalizado na contemporaneidade” (BARBOSA, 2007, p.42). Essa ânsia de visualizar e guardar fotografias se expandiu, assim, para os fóruns da *web* e dos sites de redes sociais. No Facebook, quem segue a *fan page* por meio da ferramenta “curtir” visualiza em sua *timeline* as atualizações da página e tem a opção de curtir, publicar um comentário e compartilhar para seus amigos a imagem. Os interagentes<sup>25</sup> também podem sugerir postagens e chegam a enviar fotografias de seus arquivos pessoais. Também são recorrentes acréscimos, correções e dúvidas sobre aspectos históricos das imagens e locais divulgados.

Tanto editores quanto seguidores costumam se declarar “amantes” da memória das cidades. “Amo Fortaleza Nobre! [cita a página] Melhor cidade de se viver!”, comenta um seguidor da página do Ceará. “Somos uma legião de apaixonados por esta cidade, é bacana trocar estas informações com vocês”, escreve um seguidor da página carioca. Na literatura, o amor às urbes se faz presente especialmente a partir do fim do século XIX (Rama, 1985) e se torna vertente tão arraigada nas obras dos escritores a tal ponto que às vezes é difícil dissociar um do outro. É comum referir-nos por exemplo à Paris de Baudelaire, à Nova Iorque de

<sup>25</sup> Primo (2005, p.2) adota o termo, em uma tradução livre do inglês *interactant*. Designa os participantes da interação mediada por computador. O autor abandona o termo “usuário”, por este deixar subentendido “que tal figura está à mercê de alguém hierarquicamente superior, que coloca um pacote a sua disposição para uso (segundo as regras que determina)”.

Henry James ou à Londres de Charles Dickens. De modo análogo, e agora no campo do gênero brasileiro crônica, não se pode dissociar Rio de Janeiro de Machado de Assis, Olavo Bilac, Marques Rabelo e Rubem Braga; São Paulo de Lourenço Diaféria ou Fortaleza de Milton Dias e Ciro Colares. Essa ligação, permeada do sentido de *eros*, não se observa apenas entre literatos e comentadores nostálgicos, e tem na longa duração exemplos clássicos. O historiador Tucídides anota que Péricles, líder da Guerra do Peloponeso, conclamou os cidadãos de Atenas a “enamorar-se” da cidade, utilizando o termo erótico designativo de “amantes”: *esrastai*. A palavra era empregada nas peças de Aristófanes e era de uso corrente entre os atenienses (Sennet, 2008, p.49). No mesmo sentido, o escritor paulista Mário de Andrade, em carta a Manuel Bandeira, descreve o sentimento que a capital do Pará despertou nele. “Belém eu desejo com dor, desejo como se deseja sexualmente, palavra. (...) Quero Belém como se quer um amor. É inconcebível o amor que Belém despertou em mim...”<sup>26</sup>. Ciro Colares, por sua vez, puxa uma cadeira, entra na conversa, a versar na crônica *Amar uma cidade* que a urbe...

[...] não tem sexo  
para despertar pensamentos eróticos,  
mas às vezes se ama até mesmo um beco,  
o que parece uma bobagem,  
e o que é o amor senão uma bobagem,  
uma ingenuidade ocasional,  
um desvio ou descarrilhamento da razão?

Não se ama com a cabeça,  
ama-se sem saber porque,  
ama-se quase acidentalmente.

As cidades não são apenas os  
problemas do mostruário,  
o ônibus cheio, a criança sem pão,  
o desastre inevitável,  
uma cidade pode ser também aquela moça  
que está nua no supermercado,  
a gente se aproxima e a ilusão se dissipa  
dentro de nossas lentes de grau,  
uma cidade pode ser esse momento de miopia.  
(COLARES, 1985, p12-14)

Na contemporaneidade, esse “amor pela pedra” encontra guarida nas *timelines*, onde pululam imagens em preto e branco de praças, bulevares, palácios, sobrados, igrejas, parques, ruas do Centro, enfim, toda sorte de “lugares de memória” (Nora, 1993) ou, de maneira mais

<sup>26</sup> Encontramos a citação na página Belém Antiga, no Facebook. Disponível em <http://migre.me/mNQAt>. Acesso em novembro de 2014.

ampla, “fixos simbólicos”<sup>27</sup>, ou seja, localizações “que são os atributos primários da espacialidade” (Corrêa, 2012). Tanto os fixos quanto os fluxos acionam, dessa forma, reminiscências pessoais e coletivas que deságuam em narrativas do cotidiano de outras épocas da cidade, conforme se constata em alguns comentários encontrados dispersos na *fan page* “Fortaleza Nobre”, aqui reunidos.

*Interagente 1.* SAUDADES!!! MUITOS ANOS VIVI NAS IMEDIAÇÕES DO GRUPO ESCOLAR. MOREI MUITO TEMPO NESSE BAIRRO. MINHA INFÂNCIA, ADOLESCÊNCIA E JÁ ENTRANDO NA IDADE ADULTA. VELHOS TEMPOS QUE NÃO VOLTAM NUNCA MAIS. [...]

*Interagente 2.* Recordo-me muito bem de dois fatos. 1 - quando meu pai me trouxe de Juazeiro [*do Norte, cidade localizada no Cariri, no sul do Ceará*] para subir na escada rolante da Loja 4 e 400; 2 - assistir a um filme no S.Luiz usando palitô (emprestado).

*Interagente 3.* Novenas, quermesses, leilões, primeiras sextas-feiras, festivais na Cidade da Criança. Roberto Carlos em início de Carreira. Em torno dessa Igreja estão as melhores lembranças de minha infância e adolescência. [...]

*Interagente 4.* Onde fiz minha inocente “Primeira Comunhão”.

*Interagente 5.* Fiz muita foto 3 x 4 aí nesse foto... no tempo em que Fortaleza era o lugar melhor do mundo!!!

(Comentários de interagentes da *fan page* “Fortaleza Nobre”. Acesso em julho de 2013)

Os comentários eivados de saudades falam de temporalidades e espacialidades outras, quando a vida parecia mais ordenada e tranquila. Para os sujeitos, trata-se de um contraste hiperbólico com a vivência do presente: a urbe de agora é o lugar da pressa, de laços comunitários mais frouxos, da indistinção em meio aos fluxos.

O homem é uma criatura que procede a diferenciações. Sua mente é estimulada pela diferença entre a impressão de um dado momento e a que a procedeu. Impressões duradouras, impressões que diferem apenas ligeiramente uma da outra, impressões que assumem um curso regular e habitual e exibem contrastes regulares e habituais – todas essas formas de impressão gastam, por assim dizer, menos consciência do que a rápida convergência de imagens em mudança, a descontinuidade aguda contida na apreensão com uma única vista de olhos e o inesperado de impressões súbitas. Tais são as condições psicológicas que a metrópole cria (SIMMEL, 1973, p.12).

Como bem nota Velho (2013), as considerações de George Simmel sobre a cidade levam em conta uma oposição entre os modos de vida urbano e rural. Escrevendo na primeira década do século XX, período auge da modernidade nas cidades europeias e da explosão dos centros urbanos, o sociólogo alemão vai postular que a atitude *blasé* é um fenômeno psíquico

<sup>27</sup> Roberto Lobato Corrêa (2012, p.137) fala de “fixos simbólicos” em oposição a “fluxos simbólicos”, itinerários de significados simbólicos, como procissões, paradas, desfiles e marchas. A ideia de que a geografia pode ser construída a partir da consideração do espaço como um conjunto de fixos e fluxos está em Santos (1978) [2008].

incondicionalmente reservado à metrópole. Segundo o autor, o morador da metrópole, em “perseguição desregrada ao prazer” assume essa atitude “porque agita os nervos até seu ponto de mais forte reatividade por um tempo tão longo que eles finalmente cessam completamente de reagir” (SIMMEL, 1973, p. 16). Aliada à origem fisiológica da atitude *blasé* está, segundo ele, a fonte que flui da economia do dinheiro. Simmel descreve a atitude *blasé* como a “incapacidade de reagir a novas sensações com a energia apropriada”, o “embotamento do poder de discriminar” (SIMMEL, 1973, p. 16). A pessoa *blasé* assumiria então uma atitude de reserva para com os outros moradores da metrópole, sentimento que pode redundar em aversão, estranheza e repulsão mútuas em momentos de contato mais próximo (SIMMEL, 1973, p. 16).

Sob o ponto de vista das *fan pages*, o *blasé* seria aquele sujeito que ri do antiquado, que anseia a novidade. Daí porque os interagentes das páginas sobre memória de cidade assumem a atitude “anti-*blasé*” sempre que são confrontados com o imaginário do novo. Um *post* de 24/02/2012 mostrando a bilheteria do Cine Diogo, em 1950, gera o seguinte debate em “Fortaleza Nobre”.

*Interagente 1* Ainda bem q eu sou da epoca do via sul [*shopping de Fortaleza inaugurado em 2008*].... 3d kkkkkkkkkkk

*Interagente 2* ainda bem q sou da epoca do Diogo...conheci...

*Interagente 3* Muito infeliz no seu comentário [*cita 1*] uma pena pensar assim!!!

(Comentários de interagentes da *fan page* “Fortaleza Nobre”. Acesso em janeiro de 2015).

A cidade afeta os rememoradores, a memória – e seus riscos de apagamento – aciona contrariedades e tentativas de congregação, de mover abaixo-assinados contra o descuido com patrimônio construído. Há de se ressaltar, porém, que as *fan pages* sobre um tema tão específico como memória funcionam como uma espécie de “comunidade coesa”, como a aldeia inglesa estudada por Elias (2000, p.127). Por ser mais unida, apresenta mais interesses comuns entre seus membros e está mais fechada “a argumentos que revelem sua falsidade”. Nesse sentido, são raros os comentários como o da *interagente 1*, citado acima. Os *blasés* não encontram espaço nessas congregações e são de pronto rechaçados.

Sobressai-se, de modo oposto, esse sentimento de “derrota”, cuja recorrência à palavra “perda”, nos comentários da comunidade carioca, é um indício forte. O vocábulo foi mencionado 32 vezes em comentários de seguidores durante postagens de dezembro de 2013 e janeiro de 2014<sup>28</sup>, formando registros como: “achei uma pena ter sido derrubado”; “dá uma

<sup>28</sup> Os dados foram obtidos com o auxílio do aplicativo Netvizz, desenvolvido pelo Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic) do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Espírito

pena” e “pena o estado que está agora”.

<b>Termo</b>	<b>Ocorrência</b>
era	96
rio	96
muito	81
feliz	53
lindo	52
fotos/ cidade/hoje	50 [cada]
anos	47
foto	44
prédio	35
olha/onde	34 [cada]
bem/mesmo	33 [cada]
ser/ter/ pena	32 [cada]
sempre	30

*Tabela 2: Palavras mais mencionadas em comentários na fan page ORJQNV (Período: dezembro de 2013 a janeiro de 2014)*

Ressalve-se que o lamento memorial não é exatamente um sentimento próprio da contemporaneidade, pois na sociedade europeia, do Renascimento até o final do século XVIII, os tempos das origens e dos ancestrais também eram a época da inocência e da felicidade. “Imaginaram-se eras míticas: idades-do-ouro, o paraíso terrestre... a história do mundo e da humanidade aparecia como uma longa decadência. Esta ideia de decadência foi retomada para exprimir a fase final da história das sociedades e das civilizações” (Le Goff, 1990, p.14). Não há dúvidas, porém, de que na contemporaneidade se está diante de um fenômeno com outras nuances, em que essa “saudade” parece atingir, progressivamente mais, também os jovens, que dirigem esse sentimento a temporalidades cada vez mais próximas<sup>29</sup>.

Os interagentes das *fan pages* se filiam a uma “cidade lembrança” (Augé, 2012), pois estranham a “cidade mundo”, a dos fluxos informacionais e globalizantes, como se ela se desmanchasse no ar. “[...] nós temos o sentimento de ter perdido a cidade, mesmo que aí não exista nada mais senão ela” (AUGÉ, 2012, p.92). Ou como anota, em outros termos, Halbwachs (2006, p.160): “o grupo urbano não tem a impressão de mudar enquanto a aparência das ruas e das construções permanece idêntica”.

---

Santo.

<sup>29</sup> A questão do tempo e da nostalgia em suas relações com a memória será melhor abordada no terceiro capítulo.

Nas rodas de samba cariocas frequentadas durante a pesquisa, imaginários da derrocada memorial ligados à tradição de lugares da cidade se fazem notar em muitas das letras. Na famosa “Pedra do Sal”, na região portuária, uma das canções-síntese desse sentimento, ouvida por um cearense pasmado diante de um coro exímio conhecedor dos versos, foi o samba “Nomes de Favela”, de Paulo César Pinheiro<sup>30</sup>.

O galo já não canta mais no Cantagalo  
A água já não corre mais na Cachoeirinha  
Menino não pega mais manga na Mangueira  
E agora que cidade grande é a Rocinha!

Ninguém faz mais jura de amor no Juramento  
Ninguém vai-se embora do Morro do Adeus  
Prazer se acabou lá no Morro dos Prazeres  
E a vida é um inferno na Cidade de Deus  
(LAMENTO DO SAMBA. CD de Paulo César Pinheiro. Rio de Janeiro, Quelé, 2003)

Mas nem só de samba nutrem-se as saudades musicais em terras de Estácio de Sá. Nos caraoquês Carmen Miranda, na Praça XV, e na Feira de São Cristóvão, jovens cantam de madrugada com certa nostalgia o debulhar de lugares listados por um “Buchecha apaixonado”. No funk *Nosso Sonho*, ele marca um encontro com a “gatinha” no fim do baile. E continua a música mais ou menos assim: “Vamos nos encontrar logo mais/ Na Praça da Play-Boy ou em Niterói,/ Na fazenda Chumbada ou no Coez./ Quitungo, Guaporé, nos locais do Jacaré,/ Taquara, Furna e Faz-quem-quer./ Barata, Cidade de Deus, Borel e a Gambá” (CLAUDINHO & BUCHECHA. CD de dupla homônima. Rio de Janeiro, Universal, 1996).

A cidade concreta mostra, portanto, como expressa imaginários também presentes na virtualidade da cidade das *fan pages*, e vice-versa, como se percebe no seguinte exemplo na página carioca: “Meu caminho todos os dias, reconheci até o prédio onde trabalho!! Muito legal...”. A filiação à urbe antiga, seja na *web*, seja na sociabilidade criada pela música, se expressa como contraponto às práticas experimentadas na cidade da *modernidade sobremoderna*. No dizer de Augé (2012, p.15), ela se exprime pela mobilidade das populações (migrações, turismo, mobilidade profissional) e da comunicação geral instantânea, com a circulação dos produtos, das imagens e das informações. Santos (2004, p.328-329) também relaciona a mobilidade ao fenômeno da migração de pessoas, mercadorias e ideias e aponta vir daí a noção de desterritorialização. A mobilidade é uma ideia-chave para a compreensão de cidade nos dois autores.

<sup>30</sup> Naquele momento, mal podia crer que também se pode fazer pesquisa de campo quando menos se espera, na embriaguez de uma roda de samba em uma noite de feriado.

A cidade é o local onde há mais mobilidade e mais encontros. A anarquia atual da cidade grande lhe assegura um maior número de deslocamentos, enquanto a geração de relações interpessoais é ainda mais intensa (SANTOS, 2004, p.319).

[...] o espaço urbano é hoje um espaço complexo, emaranhado, um conjunto de rupturas num fundo de continuidade, um espaço de extensão de fronteiras móveis. Como imaginar a cidade sem ter que imaginar o mundo? (AUGÉ, 2012, p.87).

Mais do que mera expressão desse modelo de mobilidade, os elementos *mediático-eletrônicos* vão compor o centro da abordagem sobre as cidades contemporâneas proposta por Di Felice (2009). Para ele, o crescimento das megalópoles transforma os espaços metropolitanos em circuitos informativos, mudando assim “a relação entre sujeito e território”. Augé descreve o surgimento do “mundo-cidade”, ou seja, da urbanização como característica essencial da globalização. Mas esse fenômeno é acompanhado, segundo o antropólogo francês, da ascensão da “cidade-mundo”, as megalópoles, marcada pelo enclausuramento dos bairros ricos, superprotegidos, e dos bairros pobres, que escapam ao controle da polícia.

Assim, poderíamos opor a imagem da cidade mundo, esta “metacidade virtual”, segundo a expressão de Paul Virilio, constituída pelas vias de circulação e pelos meios de comunicação que encerram o planeta em suas redes e difundem a imagem de um mundo cada vez mais homogêneo, às duras realidades da cidade mundo onde se reencontram e, eventualmente, afrontam-se as diferenças e as desigualdades (AUGÉ, 2012, p. 22-23).

No choque da “cidade móvel”, “cidade *mediático-eletrônica*” da contemporaneidade, com a cidade “estável” do passado se sedimenta o discurso nostálgico dos interagentes. Congelado em cenas em preto e branco, o cotidiano do passado parece ser menos perturbador, mais apreensível e organizável sensorialmente, portanto. Os comentários das *fan pages*, citados acima, direcionam afetos para essa cidade, ou antes revelam incômodo com a percepção de uma realidade atual mais volátil, desagregadora.

Enquanto dentro dos museus e centros culturais se cultua um passado sacralizado ou um presente embalado no cristal líquido da novidade, ao redor os serviços públicos fenecem, as possibilidades de promoção social se apagam, o espaço urbano se degrada, os empregos evaporam e as comunidades se dilaceram, flageladas pelo desemprego, pelas drogas e pela criminalidade (SEVCENKO, 2001, p.128).

O lugar de “culto” a esse passado desloca-se, ou, antes disso, amplia-se para o espaço da *web*. E a cantilena de reclamações sobre a cidade que descuida da memória se torna, então, um ato essencialmente político, uma vez que a reclamação do descuido expressa também um desejo de mudança da realidade. “Mas a cidade lembrança também é histórica e política.

Centros históricos, monumentos, de um lado; itinerários da memória individual e *flânerie*, de outro: esse misto faz da cidade um arquétipo do lugar onde se misturam referências coletivas e inscrições individuais, história e memória” (AUGÉ, 2012, p.88-89).

A relação entre memória individual e coletiva está no cerne das considerações que tece o sociólogo francês Maurice Halbwachs (1877-1945), primeiro grande teórico da memória social. O autor expõe as relações entre a memória individual e a memória coletiva e argumenta que a segunda existe sempre a partir da primeira, pois

[...] os fatos e ideias que mais facilmente recordamos são do terreno comum, pelo menos para um ou alguns ambientes. Essas lembranças existem para ‘todo o mundo’ nesta medida e é porque podemos nos apoiar na memória dos outros que somos capazes de recordá-las a qualquer momento e quando o desejamos (HALBWACHS, 2006, p. 66-67).

Na definição do autor, pode-se falar, portanto, de memória coletiva “quando evocamos um fato que ocupava um lugar na vida de nosso grupo e que víamos, que vemos ainda agora no momento em que o recordamos, do ponto de vista desse grupo” (HALBWACHS, 2006, p.41). Trata-se de assertiva importante para compreendermos a disseminação dos imaginários sobre memória de cidades em comunidades virtuais, em que os sentidos são negociados sempre *em relação* aos imaginários rememorados – e expressos nos comentários – pelos demais seguidores formadores da audiência da página. No mesmo sentido, o ato de recordação em comunidades virtuais remete ao modo mnemônico expresso na palavra inglesa *reminiscing*<sup>31</sup>, cuja tradução possível é “o ato de lembrar velhas histórias”. “Consiste em fazer reviver o passado evocando-o entre várias pessoas, uma ajudando a outra a rememorar acontecimentos ou saberes compartilhados, a lembrança de uma servindo de *reminder* para as lembranças da outra” (RICOEUR, 2007, p.55). Ou como melhor alerta Bachelard (1974, p.366), ao comentar sobre o poder das lembranças: “Não esqueçamos que são esses valores que se comunicam poeticamente de alma em alma”. “Evocação”, na definição de Ricoeur (2007, p.45), é o “aparecimento atual de uma lembrança”. O termo remete ao sentido aristotélico de *mneme*, uma simples lembrança que sobrevém à maneira de uma afecção. Distingue-se assim da *anamnesis*, um esforço de recordação, feito a partir de uma busca ativa.

Nos comentários, essa gana por lembrar se cruza nas trajetórias de vidas, reinventadas na ação da escrita posta em comunhão. Tal prática de sociabilidade aproxima-se, assim, do

---

<sup>31</sup> O termo está em Ricoeur (2007), que segue a classificação proposta por Edward S. Casey em *Remembering. A Phenomenological Study*. Casey distingue três modos mnemônicos: *reminding*, *reminiscing*, *recognizing*.

sentido etimológico do termo comunicação: “ação de tornar comum”<sup>32</sup>. A interface de cada *post* pode ser vista como uma paisagem formada por trilhas de experiências que se entrecruzam no encontro de quadros de espacialidades e temporalidades comuns. Isso não significa ausência de divergências na sociabilidade. São distintos os modos de ler a cidade pois cada vivência é singular. Em uma abordagem existencial, a experiência comunicativa pode ser vista como um enigma ou mesmo um milagre, como ensina Paul Ricoeur.

Porque o estar junto, enquanto condição existencial da possibilidade de qualquer estrutura dialógica do discurso, surge como um modo de ultrapassar ou de superar a solidão fundamental de cada ser humano. Por solidão não quero indicar o facto de, muitas vezes, nos sentirmos isolados como numa multidão, ou de vivermos e morreremos sós, mas num sentido mais radical, de que *o que é experienciado por uma pessoa não se pode transferir totalmente como tal e tal experiência para mais ninguém*. [...] E, no entanto, se algo passa de mim para vocês, algo se transfere de uma esfera de vida para outra. Este algo não é a experiência enquanto experienciada, mas a sua significação. Eis o milagre. A experiência experienciada, como vivida, permanece privada, mas o seu sentido, a sua significação torna-se pública. A comunicação é deste modo, a superação da radical não comunicabilidade da experiência vivida enquanto vivida (RICOEUR, 1976, p. 27-28, grifos nossos).

Esse sentido da experiência como única e intransferível é retomada por alguns dos comentadores. Porém, nem sempre eles estão afeitos ao sentido do “milagre” proporcionado pela significação. “Você não viveu os anos 70 e 80 para saber como funcionava na pele a sociedade. Não tinha internet”, rebate um deles em um controverso debate sobre a construção de um shopping em área próxima ao Parque do Cocó, em Fortaleza. A dimensão do “eu vi, eu senti” remonta às origens da história, que nasce como um relato de quem pode contar (LE GOFF, 1990, p.9). Ou, de forma mais lírica, como o andarilho de *Rio Antigo (Como nos velhos tempos)* encerra a canção: “O Rio aceso em lampiões/ E violões que quem não viu/ Não pode entender/ O que é paz e amor”.

Tendo em vista o modelo de comunicação rizomática do ciberespaço, muito mais do que produtores de memórias, os interagentes passam a ser disseminadores de imaginários para uma plateia em potencial. No estudo de tais comunidades, a interpretação da produção dos sentidos é mais útil quando parte do grupo e não de histórias de vida específicas, por exemplo. “Uma ou muitas pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas” (HALBWACHS, 2006, p.31).

Halbwachs apresenta uma perspectiva conciliadora e agregadora da memória dos grupos humanos. Embora em determinado momento de *A Memória Coletiva* fale de

<sup>32</sup> Para mais detalhes da etimologia da palavra *comunicação*, ver Duarte (2003, p.42-43).

resistências<sup>33</sup>, seu texto trata pouco dos embates e contradições memoriais. Autores como Pierre Nora (1993), por sua vez, apresentam uma visão mais questionadora sobre o tema, a partir da problematização do que ele denomina “lugares de memória”. O historiador francês defende que se fala tanto de memória “porque ela não existe mais” (NORA, 1993, p.7). Segundo ele, a necessidade de manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres e produzir atas evidencia como essas operações não são naturais.

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema da sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória (NORA, 1993, p.7).

Nora (1993, p.8) sustenta que consagramos lugares à memória justamente porque não a habitamos mais. Processo diferente, segundo ele, do que era vivido pelas sociedades “primitivas ou arcaicas”: “[...] uma memória integrada, ditatorial e inconsciente de si mesma, organizadora e todo-poderosa, espontaneamente atualizadora, uma memória sem passado que reconduz eternamente a herança, conduzindo o antigamente dos ancestrais ao tempo indiferenciado dos heróis, das origens e do mito”. Nossa sociedade, segundo ele, é só “história, vestígio e trilha”.

Gondar (2005) situa Nora e Halbwachs como autores que privilegiam a dimensão processual da construção da memória social<sup>34</sup> e critica o primeiro. “O discurso de Nora é um discurso de perda; há nele uma dificuldade de positivar as mudanças do tempo, mudanças nos modos de sentir, perceber e lembrar que caracterizam as sociedades contemporâneas, como se nos restasse apenas a compensação nostálgica de uma situação originária” (GONDAR, 2005, p.21). Embora seja pertinente a crítica da autora, há que se levar em conta a oposição entre história e memória defendida por Pierre Nora para melhor compreensão desse tom “pessimista”. Define o autor: “A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do

<sup>33</sup> Como por exemplo, no seguinte trecho: “Elimine, agora, elimine parcialmente ou modifique em sua direção, sua orientação, sua forma, sua aparência, essas casas, essas ruas, esses becos – ou mude apenas o lugar que eles ocupam em relação ao outro. As pedras e os materiais não oferecerão resistência. Os grupos resistirão e, neles, você irá deparar com a resistência, se não das pedras, pelo menos de seus arranjos antigos” (HALBWACHS, 2006, p. 163).

<sup>34</sup> Em uma outra vertente, segundo Gondar (2005), estão os pensadores que problematizam o que a construção da memória foi capaz de realizar. Pensadores como Nietzsche, Bergson e Freud concedem ênfase ao *durante* (grifo da autora), à criação, lutas e conquistas da memória. Para os objetivos propostos para este capítulo, optamos por dar destaque ao pensamento dos autores da primeira vertente.

esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações” (NORA, 1993, p.9). Cabe à história, por sua vez, como representação do passado que demanda “análise e discurso crítico”, libertar a memória de sua sacralização e torná-la prosaica. “A memória é sempre suspeita para a história”, arremata Nora. Entrevê-se, portanto, que a crítica aos lugares da memória em Nora está relacionada a uma certa “artificialização” destes como índices remissivos a narrativas que não pertencem mais à vivência atual do nosso grupo, uma vez que, em maior ou menor medida, não nos fazem mais sentido e, por consequência, não aciona afetos positivos. Basta pensar, por exemplo, na falta de prioridade dada à preservação do patrimônio histórico-arquitetônico em cidades como Fortaleza.

Para Halbwachs (2006, p. 170), a questão dos lugares, longe de ser um problema, é fundamental para a conceituação que o autor faz de memória coletiva. Para ele, não seria possível retomar o passado “se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda”. Não há, pois, de acordo com o autor, “memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial” (p. 170). Indo além dos escritos de Bergson, Bachelard (1974, p.361) defende que a memória não registra a duração concreta. “É pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de uma duração concretizados em longos estágios. O inconsciente estagia. As lembranças são imóveis e tanto mais sólidas quanto mais bem espacializadas”.

Expondo exemplos como o direito à propriedade, a “memória econômica” e a memória religiosa, Halbwachs (2006, p. 188) conclui que cada sociedade “recorta o espaço à sua maneira”. O autor propõe o exercício de tentarmos imaginar o tempo mais longínquo que nossa memória consegue alcançar; as cenas e pessoas mais antigas das quais nos lembramos, para então concluir:

Jamais saímos do espaço. Além disso, não voltamos a nos encontrar num espaço indeterminado, mas em regiões que conhecemos ou que sabemos muito bem que poderíamos localizar, pois sempre fizeram parte do ambiente natural em que hoje estamos. Não adianta me esforçar para apagar este círculo do meio local, para me ater às sensações que tive ou às reflexões que outrora fiz. Sensações, reflexões e quaisquer fatos, devem ser postos num local onde já residi ou pelo qual passei nesse momento e continua existindo (HALBWACHS, 2006, p.188)

*Jamais saímos do espaço*, escreve Halbwachs. E como não pensar sobre a cibercultura, sobre os sujeitos que compartilham os afetos e as resistências das cidades em ambiente *on-line*. Obviamente não tinha em vista o autor a ascensão de uma comunicação em ambiente virtual quando escreveu tal assertiva. Entretanto, coube a outros autores, mais de

meia década depois, questionar se na contemporaneidade a sociabilidade humana persiste assentada em uma permanência espacial, se esta desaparece ou se reconfigura com os usos dos meios de comunicação, especialmente com a ascensão das redes telemáticas. Começaria assim o debate em torno da *desterritorialização*.

### 1.3 Territórios, lugares e *rugosidades* na pele dos sujeitos do “devaneio”

É maciça a presença dos conectados à internet nas redes sociais. No Brasil, pesquisa de julho de 2013 apontou que 78% dos usuários, de todas as idades, acessaram alguma ferramenta de rede social virtual<sup>35</sup>. Quando se leva em conta apenas os jovens, esse percentual sobe para 92%. Ao formarmos círculos de relações as mais diversas nas redes sociais *on-line*, estamos gerando e disseminando afetos e imaginários, integrando, em alguma medida, sociabilidades com esses grupos. Ao efetuarmos *log in* em sites como Twitter, Facebook e Youtube sairíamos de um território definido – casa, trabalho, bairro, cidade – para entrarmos em um ambiente destituído de territorialidade? O ciberespaço, então, nos *desterritorializa*? Percorrendo o caminho teórico proposto por Haesbaert (2009), antes de entender o que seria a *desterritorialização* e se, de fato, verifica-se tal processo na sociabilidade digital, é necessário compreender o que se entende por território. Seguimos a trilha apontada pelo próprio autor e por contribuições do também geógrafo brasileiro Milton Santos – além do comentário que Haesbaert faz da obra dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari.

A geografia abordou a questão do território a partir de duas principais vertentes interpretativas clássicas: concepção “naturalista” e concepção etnocêntrica (HAESBAERT 2002b). A primeira delas foi propagada por Friedrich Ratzel, cujo conceito de “espaço vital” está relacionado à expansão territorial das potências europeias. Essa vertente identificava um sentido físico e material ao território, “quase como se ele fosse uma continuidade de seu ser, como se o homem tivesse uma raiz na terra – o que seria justificado, sobretudo, pela necessidade do território, de seus recursos, para a sua sobrevivência biológica” (HAESBAERT, 2002b, p.118). A segunda concepção ignora, segundo o autor, toda relação sociedade-natureza, como se o território pudesse prescindir de toda “base natural” e fosse uma construção puramente humana, social. Na primeira e na segunda vertentes, o território era

<sup>35</sup> Os dados são de pesquisa realizada em julho de 2013 pelo Ibope/YouPix. Mais detalhes, ver: ROCHA, Camilo. Brasil vira ‘potência’ das redes sociais em 2013. **Link. Estadão**. São Paulo. 24 dez. 2013.

visto muito mais dentro das dimensões política e cultural do espaço do que em sua dimensão econômica. Atualmente, no entanto, os estudos sobre o território se voltam para a dimensão simbólica do espaço. Tal concepção está presente, por exemplo, na obra de Lefebvre (1986), que distingue “apropriação” de “domínio”. Simplificadamente pode-se dizer que, a partir da obra deste autor, enquanto a dominação do espaço por um grupo ou classe traz como consequência um fortalecimento das desigualdades sociais, a apropriação e construção de identidades territoriais resulta num fortalecimento das diferenças entre os grupos, o que, por sua vez, pode desencadear tanto uma segregação maior quanto um diálogo mais fecundo e enriquecedor (HAESBAERT 2002B, p. 121).

Assim Haesbaert chega ao conceito de território como o “produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio ou controle político-econômico do espaço e sua apropriação simbólica, ora conjugados e mutuamente reforçados, ora desconectados e contraditoriamente articulados” (HAESBAERT, 2002b, p.121). Dessa forma, portanto, a noção de território para o autor envolve ao mesmo tempo uma “relação espacial concreta das relações sociais e o conjunto das representações sobre o espaço ou o ‘imaginário geográfico’ que também move essas relações” (HAESBAERT, 2002a, p.46).

Dessa forma, outra importante contribuição é a obra de Milton Santos (2008; 2012). Embora recorra mais ao conceito de espaço geográfico do que ao termo “território”, Santos relaciona a questão do espaço às ideias do tempo e da técnica, essenciais para entender a sociabilidade aqui em análise. “As técnicas participam na produção da percepção do espaço e do tempo, tanto por sua existência física, que marca as sensações diante da velocidade, como seu imaginário” (SANTOS, 2012, p.55). Levando em conta as *fan pages*, poderíamos estender a assertiva de Santos para pensarmos como não só as técnicas, mas também as *tecnologias* entram em jogo na forma como esses imaginários sobre memória das cidades são negociados nas agregações na *web*. Isso é constatável no contraste com a efemeridade das *timelines*, na concisão dos comentários e na coação por um pensamento coerente com o pensamento do grupo, por exemplo.

Já expusemos a crítica de Haesbaert à noção de território como algo estável, um espaço delimitado e sem movimento. Nesse sentido, o geógrafo também discorda da atribuição de equivalência entre virtualização e desterritorialização, dada por autores como Pierre Lévy.

A virtualização, portanto, não é simplesmente desterritorializadora porque ela pode estar (ou sempre está) impregnada de processos concomitantes de reterritorialização. Assim como não há uma fronteira passível de ser delimitada entre o atual e o virtual,

um sendo redefinido na relação com o outro, não há fronteira clara entre territorialização e desterritorialização, um processo sendo trabalhado pelo outro. Virtualização deve ser vista muito mais como uma dinâmica atuante na reterritorialização, isto é, na construção de novos territórios, tenham eles uma maior carga funcional ou simbólica, sejam eles mais estáveis ou em constante movimento (HAESBAERT, 2009, p.274).

Os debates em torno da *desterritorialização* têm nos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari dois importantes expoentes. Uma leitura errada da obra dos autores, porém, pode conduzir a uma simplificação sobre o tema, ou seja, a crença de que o mundo está, definitivamente, “desterritorializando-se” (Haesbaert, 2009). A questão parece não ser exatamente essa. É o que expomos a seguir a partir das proposições de Haesbaert sobre a obra dos dois filósofos. No livro *Micropolítica: cartografias do desejo*, Guattari expõe como a noção de território deve ser entendida em sentido mais amplo do que aquele dado pela etologia e pela etnologia, ou seja, território é muito mais do que uma necessidade natural criada pelos animais.

O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p.323 apud BRUCE; HAESBAERT, 2002, s/p).

Em outra obra, Deleuze e Guattari (1997, p.120, apud HAESBAERT, 2009, p.281) falam de um território como “ato”: “o território é de fato um ato que afeta os meios [*milieus*] e os ritmos, que os 'territorializa'. O território é o produto da territorialização dos meios e dos ritmos”. Para Haesbaert (2009, p.281), o território é “sobretudo, ação, ritmo, movimento que se repete”. Retomando a definição de Guattari, Haesbaert explica que o território é um agenciamento<sup>36</sup>. Assim, podemos nos territorializar em variadas coisas.

O território pode ser construído em um livro a partir do agenciamento maquínico das técnicas, dos corpos da natureza (as árvores), do corpo do autor e das multiplicidades que o atravessam; e do agenciamento coletivo de enunciação, nesse caso, um sistema sintático e semântico, por exemplo (BRUCE; HAESBAERT, 2002, s/p).

Também partindo de uma interpretação filosófica, Sodré (2014) define território como

<sup>36</sup> “Todo agenciamento  , em primeiro lugar, territorial. A primeira regra concreta dos agenciamentos   descobrir a territorialidade que envolvem, pois sempre há alguma: dentro de sua lata de lixo ou sobre o banco, os personagens de Beckett criam para si um território. [...] O território cria o agenciamento. O território excede ao mesmo tempo o organismo e o meio, e a rela o entre ambos; por isso, o agenciamento ultrapassa também o simples ‘comportamento’ [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.218 apud HAESBAERT, 2009, p.122)

o “espaço afetado pela presença humana, portanto, um lugar da ação humana”. Daí por que a relação entre sujeitos e território deixa de ser topográfica e se torna topológica: “a lógica das articulações do lugar, portanto, a teoria das forças, das linhas de tensão e atração, presentes no laço invisível que desenha a cidade como um lugar comum (*koiné*) ou comunidade (*communitas*)”.

Nas *fan pages*, esses agenciamentos territoriais conectores da experiência comum da cidade têm as mais variadas expressões: das lembranças dos momentos vividos nos lugares, conforme mostrado, às (vontades de) “viagens espaço-temporais” sugestionadas pelas imagens compartilhadas. “Eu só queria ter um desejo, de poder voltar no tempo e ver meus avós passeando nessa Fortaleza Antiga! :(”, confessa uma inconformada seguidora. “Uau, alguém tem uma maquina do tempo ai???”, pede um seguidor diante de imagem do coqueiral da Praia do Pirambu, em Fortaleza, na década de 1970. “Eu me transporto nessas fotos!”, registra uma seguidora da página do Rio (*ver imagem 13, no capítulo 4*)

Os editores das duas páginas são conhecedores desses efeitos de “devaneio” proporcionados pelas páginas, senão vejamos. A descrição da *fan page* do Rio, visualizada na página inicial, é categórica nesse sentido: “A página é uma máquina do tempo que me faz voltar ao Rio de Janeiro que eu não vivi. É o passado mais presente do que nunca!”. A editora da página de Fortaleza também faz convites a passeios espaço-temporais, apostando em uma estratégia de presentificação do passado e criação de imagens. Uma foto postada no dia 14/04/13 é acompanhada do seguinte texto: “Estamos na rua Major Facundo, esquina da Guilherme Rocha. Década de 40”. Nesse sentido, portanto, as distâncias deixam de ser obstáculos para a evocação memorial. “[...] o ser humano tem a capacidade de transitar em lapsos de segundo e de viver simultaneamente em vários mundos/lugares” (MELLO, 2012, p.58).

Parece-nos clara a existência do processo de *desterritorialização*, ou seja, de abandono do território, no ato de ingressar na sociabilidade *on-line* e navegar por entre registros digitais. O convite para consumir as imagens das *fan pages*, porém, conduz a um novo processo, semelhante ao primeiro, uma vez que as fotografias remetem os sujeitos a outras temporalidades e espacialidades. Mas é inegável que exista, também, novos processos de *reterritorialização*, ou seja, de construção de novos territórios a partir do contato com as imagens. “No momento em que eu me territorializo pelo retorno ao lugar, eu me desterritorializo pelo jogo imanente das imagens mentais” (MONS, 2013, p.206). A interação entre os sujeitos e os imaginários disseminados pelos comentários também se dá na remissão à cidade concreta do cotidiano, na interseção entre o material e o simbólico. O deslocamento é

feito na direção da cidade do passado, das lembranças da infância, dos relatos de família, das lições de história aprendidas na escola. E a partir disso são construídas novas relações de afeto, de pertencimento e de desenraizamento. Conforme lembram Deleuze e Guattari, *desterritorialização e reterritorialização* são processos indissociáveis.

[...] Não se deve confundir a reterritorialização com o retorno a uma territorialidade primitiva ou mais antiga: ela implica necessariamente um conjunto de artifícios pelos quais um elemento, ele mesmo desterritorializado, serve de territorialidade (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 41 apud BRUCE; HAESBAERT, 2002, s/p).

Lemos e Lévy (2010, p.105) vão sustentar que grande parte das comunidades virtuais são, por natureza, *desterritorializadas*. À luz das comunidades virtuais aqui estudadas, mas também pensando em tantas outras que tratam do amor aos lugares, a generalidade de tal assertiva é questionável. O ciberespaço – e as comunidades virtuais em estudo, por excelência – ao mesmo tempo em que agencia processos de *desterritorialização* é também indutor de novas territorialidades. Elas têm como foco um lugar delimitado: a *sua* cidade dos afetos. Esse lugar cria, portanto, territórios ao mesmo tempo reais e simbólicos, sem exclusão da dimensão dos “gostos, das paixões e das diversas emoções” (MAFFESOLI, 2002, p.16).

Em uma foto da Praia do Flamengo em 1958, um dos seguidores da página carioca escreve: “Estou ai em algum lugar, morava na Rua Paissandu. Viva o Rio que eu vivi!”. No mesmo sentido, uma “fã” devaneia diante de uma foto da avenida Rodrigues Alves do começo do século XX: “Eu estava dentro desse bondinho”. (*ver imagem 20, no capítulo 4*) Na *fan page* fortalezense, uma foto da Praia do Mucuripe na década de 1970 gera o seguinte comentário: “estou me vendo ali... esse era um dos meus point, o outro era enfrente ao Anísio. Tempo bom...”. Há um processo claro e ampliado de territorialização nos três comentários. As imagens não só remetem à experiência vivida nos respectivos locais como também esgarçam as formas de presença. O acionamento das lembranças faz crer que o registro fotográfico captou os sujeitos no momento em que lá estavam. E se de fato viveram aquela experiência narrada nos comentários ou se delas guardam lembranças, em alguma medida também estavam *lá*, na foto, pois o registro conduz não só à materialidade do espaço, mas também às construções imagéticas, como as narrativas vividas *no* ou sonhadas *a partir do* lugar.

Lembro-me de ter gozado e sofrido em minha carne, neste ou naquele período de minha vida passada; lembro-me de ter, por muito tempo, morado naquela casa daquela cidade, de ter viajado para aquela parte do mundo, e é daqui que eu evoco todos esses lás onde eu estava. [...] Como a testemunha numa investigação policial, posso dizer sobre tais lugares que 'eu estava lá' (RICOEUR, 2007, p.57).

Parece-nos, portanto, que as ferramentas de sociabilidade digital imprimem nesses territórios distinções que os tornam mais híbridos, vergados ora em direção à pedra, ora em direção aos *bits*, ao sabor do vento das memórias. As dimensões naturalista, a da materialidade do construído, e a etnocêntrica, da experiência do vivido e narrada, são assim evocadas em conjunto, em angustiadas tentativas de apropriação de paisagens ao mesmo tempo aproximadas e tornadas intangíveis pelo digital<sup>37</sup>. Certamente não foi a *web* a primeira a dotá-los de virtualidade – o fenômeno é inerente ao surgimento das tecnologias da comunicação em si –, mas o ambiente das comunidades virtuais agrega novas características ao fenômeno. Por meio delas, os territórios são mais facilmente “manipuláveis”, tanto no que diz respeito à expressão dos imaginários sobre eles quanto à sua materialidade. As fotografias podem ser salvas no computador com ampla facilidade; a “navegação” entre os arquivos é personalizada ao gosto do “fã”; as imagens podem ser apropriadas como foto do perfil ou de capa. Toda sorte de usos possibilitados pela interface está à mão. Além disso, a comunicação rizomática amplia o espectro de alcance dos compartilhamentos dos imaginários sobre esses territórios. As lembranças, reclamações e questionamentos sobre os lugares, antes restritos às conversas de um círculo mais próximo de convivência, agora são públicos, podem ser escritos e lidos por uma audiência indefinida, que formula seus enunciados no contato com o que foi dito pelos demais participantes do diálogo. Há portanto processos encadeados de territorialização e desterritorialização, no sentido que dá ao termo autores como Haesbaert.

[...] Pensar a desterritorialização como um movimento que, longe de estar fazendo desaparecer os territórios, ou mesmo de correr “paralelo” a um movimento territorializador, geralmente mais tradicional, deve ser interpretado como um processo relacional, des-reterritorializador, onde o próprio território se torna mais complexo, por um lado mais híbrido e flexível, mergulhado que está nos sistemas em rede, multiescalares, das novas tecnologias da informação e, por outro, menos flexível, marcados pelos tantos muros que separem “incluídos” e “excluídos”, etnia “x” e etnia “y”, grupos “mais” e “menos” seguros (e/ou violentos) (HAESBAERT, 2009, p.275)

Os processos territoriais expostos aqui e nos demais capítulos mostram como não se pode tratar do tema excluindo a dimensão temporal. Santos (2008, p. 249-260) defende a valorização de tal noção nos estudos geográficos. Para ele, cada lugar possui o seu *tempo espacial* próprio, uma vez que o espaço se apresenta como uma “acumulação desigual de

<sup>37</sup> A ideia da cidade amada, mas impossível de ser tocada, em sua parcialidade ou totalidade, é anterior ao surgimento da cultura digital. Na crônica “Tentativa de louvação”, novamente em versos, Ciro Colares escreve: “Se os meus braços fossem longos/ Do tamanho da cidade/ Para abraçá-la sozinho/ Com muito amor e egoísmo/ Ah! que pai’dégua seria!/ Mas os amantes são muitos/ A cortejá-la cantando-a” (Colares, 1985, p. 50-52). “Pai d’égua”, no modo cearense de falar, significa algo ou alguém muito bom. Aqui expressa grande contentamento.

tempos” (SANTOS, 2008, p.256-257). Para o geógrafo brasileiro, o espaço é, portanto, testemunha de “um momento de um modo de produção pela memória do espaço construído, das coisas fixadas na paisagem criada” (SANTOS, 2008, p. 173). Daí a importância do conceito de *rugosidade* para a compreensão das imagens partilhadas em comunidades sobre memória.

As rugosidades são o espaço construído, o tempo histórico que se transformou em paisagem, incorporando ao espaço. As rugosidades nos oferecem, mesmo sem tradução imediata, restos de uma divisão de trabalho internacional, manifestada localmente por combinações particulares do capital, das técnicas e do trabalho utilizados (SANTOS, 2008, p. 173, grifo nosso).

Fachadas, igrejas, praças e ruelas antigas, a avenida Rio Branco e os Arcos da Lapa, no Rio, os bulevares do Centro, em Fortaleza, compartilham uma mesma característica: são todos testemunhos de um outro tipo de produção do espaço, são vestígios da inauguração de épocas passadas. A despeito da aceleração impressa por novos modelos econômicos, como o capitalismo globalizado, a pedra resiste, transforma-se em paisagem e suscita narrativas, testemunhos. Vestígios de experiências de vida nesses lugares são agora expostos em fragmentos nas *timelines* públicas que são, elas próprias, acúmulos desiguais de tempos, pois abrigam narrativas sobre o velho e o novo. Nesse sentido, pode-se questionar se os comentários das *fan pages* fincados em outras temporalidades configurar-se-iam eles também em *rugosidades*. Que características da paisagem geográfica, em suas relações com o imaginário, evocam as fotografias e os comentários?

Os comentários aqui selecionados mostram como as imagens das *fan pages* “Fortaleza Nobre” e “O Rio de Janeiro Que Não Vivi” agenciam processos de *des-reterritorialização* nos sujeitos rememoradores. Tais territórios são constituídos na dinâmica entre o material e o simbólico. Em processo de retroalimentação – sendo forma e tornando-se forma –, os imaginários sobre a cidade do presente, do passado e do futuro contribuem para um distanciamento da noção estanque geralmente atribuída ao conceito de “território”.

Na ambiência do movimento e do fragmento, as paisagens subjetivas expressas em texto ajudam a compor paisagens coletivas que revolvem a pedra soterrada e resistente na alma vívida das duas cidades. Para uma seguidora de “Fortaleza Nobre”, talvez mais afeita ao linguajar acadêmico, o descuido com a memória da cidade exprime uma desterritorialização de seu povo: “A memória da cidade é importantíssima, poucos dão valor [a] isso, parecem desterritorializados”. “Este era meu território e minha praia”, escreve outro interagente sobre a imagem de um cartão-postal da estátua de Iracema, na Volta da Jurema, em Fortaleza,

remetendo a um território ao mesmo tempo “perdido” e “retomado” pela fotografia.

Nesse sentido, Ricoeur (2007, p.56) aproxima o fenômeno da recordação individual ao do reconhecimento (*recognizing*), momento em que “somos remetidos ao enigma da lembrança enquanto presença do ausente anteriormente encontrado”.

Mas o pequeno milagre do reconhecimento é de envolver em presença a alteridade do decorrido. É nisso que a lembrança é re-(a)apresentação, no duplo sentido do re-: para trás e de novo. Esse pequeno milagre é, ao mesmo tempo, uma grande cilada para a análise fenomenológica, na medida em que essa re-(a)apresentação corre o risco de se encerrar de novo a reflexão na muralha invisível da representação, supostamente encerrada em nossa cabeça, “*in the 'Mind'*” (RICOEUR, 2007, p.56)

A fotografia leva a experiência ao passado, ao mesmo tempo em que a traz de volta ao presente, em forma de reconhecimento, “reapresentação”. A praia de que fala o sujeito rememorador foi dele e *volta a ser dele* no ato de lembrar, experiência feita em comunhão, pois como ele mesmo completa, validando um grande clichê: “Recordar é viver”.

## 2 AS PAISAGENS E OS LUGARES NA ESCRITA SOBRE FORTALEZA E RIO

### 2.1 Memória e apagamento nos lugares de origem da urbe

A cidade é o campo de transformação do ambiente natural em ambiente artificial, modificado, construído. A presença do homem, desde a *cidade política* nascida na *pólis* grega até a *cidade-mundo* da contemporaneidade, implicou o trabalho de revolver terrenos, fincar marcos de poder, ocultar vestígios do passado. Tais movimentos marcaram a história de Fortaleza, do Rio de Janeiro e de tantos outros centros emergentes da “sociedade urbana”, essa invenção do século XX, resultado da “urbanização completa”. “O *tecido urbano* prolifera, estende-se, corrói os resíduos de vida agrária” (LEFEBVRE, 1999, p.15). Pode-se dizer, portanto, a partir da noção de *rugosidades* de Milton Santos, que a cidade resulta dessa sobreposição de camadas espaço-temporais em que o apagamento é uma de suas principais forças motrizes. Nesse sentido, memória e poder se encontram e se confrontam nas cidades desde suas primeiras formações. Na Roma de Adriano, por volta do ano 118, a força do império se mostrava pujante principalmente pela ordem visual. “O imperador precisava que seu poder fosse *evidenciado* em monumentos e obras públicas. O governo não existia sem a pedra” (SENNET, 2008, p.94, grifo do autor).

Os comentadores das páginas “Fortaleza Nobre” e “O Rio de Janeiro Que Não Vivi” se ressentem desse movimento das pedras e muitos de seus discursos se voltam para a restituição das origens, pois as cidades demandam de seus habitantes a construção de um *ethos* (PESAVENTO, 2007), de posicionamentos muitas vezes dicotômicos. Neste capítulo, nosso percurso continua na busca de compreensão dessas “sociabilidades grupais”, dessa vez em torno de locais de fundação e bairros emergentes das “tribos” contemporâneas, propondo-nos a discutir as categorias de lugar e paisagem à luz das comunidades em estudo. “Existe um imaginário da cidade, um imaginário do espaço que suscita imaginários tribais, em que a fantasia, o desejo, a nostalgia, a utopia, têm a sua quota-parte, que está longe de ser negligenciável” (MAFFESOLI, 2002, p.232).

Nas duas cidades, identificamos no tecido urbano diversos lugares de apagamentos memoriais. Nem mesmo os locais consagrados como aqueles de “origem”, “fundação”, passaram incólumes às modificações. O Morro do Castelo foi demolido. O riacho Pajeú, praticamente todo aterrado e canalizado.

Na *fan page* carioca, a demolição do Morro do Castelo, iniciada às pressas sob o argumento de que era preciso preparar a capital do país para a Exposição Universal de 1922, volta constantemente à baila nas publicações que registraram o cotidiano do Morro nos anos que antecederam o desmonte, iniciado entre 1920/1921. As fotografias, em sua maioria de autoria do alagoano Augusto Malta (1864-1957), fazem lembrar as lendas de tesouros que teriam sido escondidos pelos jesuítas no local. Em uma foto de Malta, publicada em 15/01/2013, focalizando ao longe a Igreja de São Sebastião, o editor escreve: “Hoje eu me pergunto: será que valeu a pena mesmo o arrasamento do morro e junto ter desaparecido o 'berço' da nossa cidade? Ou era necessária a demolição em prol da modernização do Rio, abrindo passagem para novos 'ventos', digamos assim?”. O que se segue é um longo debate entre os participantes da página<sup>38</sup>, da ordem do futuro do pretérito: e se o Morro não tivesse sido arrasado?



Imagem 1: Igreja de São Sebastião, no alto do antigo Morro do Castelo  
 Autoria: Augusto Malta  
 Reprodução de “O Rio de Janeiro Que Não Vivi” (15/01/2013)

*Interagente 1* Pelo lado romântico da história, foi uma pena, pois um marco da nossa história se foi. Mas pro outro lado, imagina hj em dia esse morro cheio de barracos traficantes, palas perdidas cruzando o Centro e uma UPP instalada lá?

*Interagente 2* Não consigo entender, o progresso sempre vem seguido de uma destruição. aff Isso realmente é PROGRESSO???

*Interagente 3* Um dos maiores equívocos de nossa modernidade burra.

*Interagente 4* um marco mesmo, de uma das "fundações" do rio de janeiro

*Interagente 5* INFELIZMENTE NO BRASIL, O QUE É ANTIGO/VELHO É DEMOLIDO, NÃO SABEM PRESERVAR NOSSO PASSADO.

*Interagente 6* Foi-se junto o Colégio dos Jesuítas. A primeira escola do Brasil. Uma

<sup>38</sup> Alguns participantes comentam mais de uma vez na mesma postagem, como pode ser acompanhado pela numeração.

pena.

*Interagente 7* E FOI O DO CASTELO E OUTROS MAIS.....UMA PENA QUE ISTO ACONTECEU...MAS AINDA ACONTECE... TEM GENTE QUE PENSA QUE ANTIGO É VELHO E ESTRAGADO, QUE PODE JOGAR FORA OU PÔR ABAIXO!!!!

*Interagente 8* A demolição foi útil para o aterramento do centro da cidade, creio eu.

*Interagente 9* Se não estou errada, a ladeira à esquerda é a Ladeira da Misericórdia. Ela ainda existe, ao lado da Igreja de Nossa Senhora do Bonsucesso.

*Interagente 3* Demoliram o Morro com a justificativa de que com isso o ar circularia melhor no centro da cidade. Mas no lugar construíram um monte de prédios muito altos jogando por terra o argumento. Um crime contra a cidade.

*Interagente 10* Iria ser uma favela bem grande no meio do Centro da Cidade.

Não podemos ser radicais e achar que nada deva ser demolido ou retirado.

*Interagente 11* Pela degradação absurda que todo o entorno da região portuária até a praça XV ficou em décadas seguidas, valeu a pena sim. Senão hoje em dia muito provavelmente teríamos a mesma região degradada com mais uma favela perigosa para a cidade, infelizmente isso se tornou uma tendência em todos os morros que permaneceram na cidade. O que precisa ser criticado foi a forma ignorante desse "progresso", duvido que nos tempos atuais existe ar mais "puro" do que naquela época. Fizeram uma selva de pedra com mais poluição tanto atmosférica quanto sonora e visual.

*Interagente 12* Está próximo o dia de S Sebastião e é triste ver essa primeira catedral ter sido destruída para o "chamado" desenvolvimento urbano.

*Interagente 13* Imaginar que o morro do Castelo seria hoje um morro de traficantes bem no centro do Rio é viajar um pouco na imaginação. Devido a sua importância histórica deveria estar de pé até hoje, um museu vivo e a céu aberto. Lá ficavam além do marco de fundação, o primeiro colégio, a primeira igreja, o primeiro forte e os primeiros sobrados... do Brasil!!! E não só do Rio de Janeiro. Ele morreu na aventura do nosso descobrimento e se foi no desvairio dos políticos.

*Interagente 14* Boa pergunta. Mas insisto no pensamento que o brasileiro não tem identidade, no início do século XX queria ser Paris, em menos de 30 anos foi arrasando com tudo para ser EUA, hj a história [e]rstá nas fotos em excelentes blogs como seu, e na memória dos que ainda vivem.

*Interagente 11* Gostaria de acreditar na mesma opinião do [cita 13], mas se fosse assim, a Providência e outros morros perto do Centro do Rio seriam uma referência em cultura há décadas, motivado pelo poder público. No entanto, o que ocorre é extremamente ao contrário.

*Interagente 15* Difícil achar que o morro não estaria favelizado. As lavadeiras já mostravam a tendência de moradia dos mais pobres no local. Portanto a manutenção desta memória histórica da cidade também seria muito improvável. Nosso problema em relação ao tema é cultural como bem define o [cita 14] acima. Seria impossível ter uma mentalidade de preservação cultural de pequena parte da população do século 21 no ambiente do início do século 20!! Infelizmente!!!!

*Interagente 16* é crime? ñ sei.. é desolador? ñ sei.. é futuro? ñ sei.. é duvida cruel? ñ sei.. é ignorancia? ñsei... só sei se realmente o morro existisse, ia ser uma M.. bm grande, imagina 40° e vc tendo q andar pa contornar o morro? é sabido q a favelização seria eminente, mas cansaria d andar, imagina? kkkk

*Interagente 17* Se ainda existisse, o Morro do Castelo seria um dos lugares mais chiques do Rio de Janeiro.

*Interagente 18* ESTA É UMA PRÁTICA CONSTANTES DOS PREFEITOS BRASILEIROS ESTA DÉCADA EM QUESTÃO, É A ERA DO PREFEITO AGACHE... AGORA QUEM DEMOLIU O LOCAL DE MORADIA DOS RICAÇOS DO ALTO DA BOA VISTA? DA GAVEA? , DO ITANHAGÁ? POR EXEMPLO ?

*Interagente 19* O quê???

*Interagente 20* Pelo que sei o Morro do Castelo foi retirado pelo Prefeito Pereira Passos porque estava ocorrendo uma favelização do mesmo. Pena que esse prefeito morreu...

*Interagente 21* Se nao tivesse sido retirado, talvez hj fosse mais uma favela...

*Interagente 22* Poderia até ser que hoje em dia teria virado mais uma favela do jeito

como vemos hoje, mas também poderia ser tombado e teríamos parte do início da nossa cidade. Praticamente, onde o Rio começou. Pelo menos a igreja e a escola poderia ter sido poupada.

*Interagente 22* o Rio é muito rico em sua história e suas lendas... com o morro, foi-se junto a lenda do tesouro dos Jesuítas.

(Comentários de interagentes da *fan page* “O Rio de Janeiro Que Não Vivi”. Acesso em janeiro de 2015.)

Reproduzimos o páreo de opiniões quase na íntegra por ser o desmonte do Morro episódio emblemático na história dos apagamentos impressos no tecido urbano do Rio de Janeiro. Depois dele, seguiriam-se tantos outros, como a demolição do Teatro Phênix, do Palácio Monroe e do Mercado Municipal; a retirada dos moradores do morro do Pasmado; a construção da avenida Presidente Vargas, todos episódios lembrados em outros *posts* da *fan page*. Isso sem contar o “misterioso” incêndio na favela da Praia do Pinto, no Leblon, na década de 1970<sup>39</sup>. Embora tenha ruído com os escombros, o “Castelo”, hoje um terreno plano, uma esplanada, não ficou soterrado em um passado esquecido. Ele continua na boca do povo como ponto de referência geográfica<sup>40</sup> e “imaginário” para quem vai todos os dias a uma área específica do Centro, ou da “cidade”, como muitos cariocas ainda preferem dizer.

A discussão é dividida claramente em dois grupos, seguindo a dicotomia da pergunta proposta: os partidários da preservação do lugar de “origem” da cidade *versus* os defensores do arrasamento do Morro em razão de sua “favelização”, exposta em outros *posts* sobre o Castelo. Até o suposto indeciso, [*interagente 16*], aponta uma opinião clara, de ordem prática: imagina ter de contornar o Morro, no Centro, em pleno verão carioca?

O fim do lugar significa, para os “conservacionistas”, por conseguinte, a metonímia maior do ocaso memorial carioca e um ato de violência histórica contra a cidade. Era “um museu vivo e a céu aberto” que “deveria estar de pé até hoje”, pois lá estavam “além do marco de fundação, o primeiro colégio, a primeira igreja, o primeiro forte e os primeiros sobrados... do Brasil”, argumenta um deles. Distingue-se nos textos, assim, a hierofania, ou seja “a manifestação do sagrado materializada em imagens, pedras, árvores ou em um centro pleno de devoção e espiritualidade” (Mello, 2012, p.42). Segundo o autor, lugares sagrados ou cerimoniais podem surgir nos mais diversos ambientes, como Unidades de Tratamento Intensivo (UTI) ou em um palco de teatro, por exemplo.

Além disso, emergem do debate os arquétipos da morte e o da atualização das origens,

<sup>39</sup> Sobre a remoção de moradores de favelas cariocas na Zona Sul nas décadas de 1960 e 1970, ver o documentário “Remoção” (BRASIL, 2013, 1h25min), de Anderson Quack e Luiz Antonio Pilar.

<sup>40</sup> A colina derrubada tinha de 63 metros de altura e ocupava uma área de 184.800 metros quadrados, estendendo-se sobre o terreno hoje delimitado pela avenida Ro Branco e pelas ruas Santa Luzia, D. Manuel e São José (KESSEL, 2008, p.15).

fortemente valorizadas em todas as comunidades, defende Boia (1998, p.34, tradução livre). “É o papel dos *mitos fundadores* (ou, sobre um plano mais geral, os *mitos de origem*) lançar uma ponte entre o passado e o presente, evocando e atualizando constantemente os fatos decisivos que deram origem às realidades atuais”. E não à toa, o fim do Morro do Castelo é considerado agressão tão grave à cidade. “Rj sem seu marco 0!!!”, lamenta uma seguidora. Ali residia, portanto, o “coração” da urbe<sup>41</sup>. Os registros de tais sujeitos dialogam com os escritos de escritores como Marques Rebelo, que questiona a naturalização do processo de demolição no Rio de Janeiro. “O cronista resiste à destruição da aura da cidade porque quer o encontro com ela em cada uma de suas parcelas: cada uma é única em sua identidade” (GOMES, 2008, p.108-109).

O argumento em favor da derrubada, todavia, trata de uma projeção do que seria o Morro hoje em dia: um território favelizado, ocupado por traficantes ou quem sabe por uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) em pleno Centro da cidade. Um pouco demais para esses sujeitos do “asfalto” ressentidos com a cidade do “morro”, divisão recorrente na fala cotidiana carioca. “Não podemos ser radicais e achar que nada deva ser demolido ou retirado”, é um argumento de um deles. Uma interagente alude a Pereira Passos, o prefeito do “Bota-abaixo” da avenida Central<sup>42</sup>, embora o prefeito do período do arrasamento total fosse Carlos Sampaio. “Pena que esse prefeito morreu...”, lamenta ela, em alusão a Passos. O comentário evidencia como tal administração perdura no imaginário da cidade, a ponto de a derrubada total do Castelo ser atribuída a ele. A ideia arquetípica da terra arrasada, campo de promessas de renovação, alcança a atualidade e encontra ecos na administração de Eduardo Paes (PMDB), que volta a “readequar” a região do porto, botando abaixo signos de outros tempos – *vide* elevado da Perimetral –, estilizando o asfalto da avenida Rio Branco para instalação do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) e prometendo “abrir a paisagem” da Baía de

<sup>41</sup> Sodré (2014, p.49-50) mostra como a metáfora do “coração” foi usada por Parmênides como uma analogia ontológica entre o ser/pensamento e a *polis* (simbolizada pelo coração destemido do guerreiro). Ainda segundo o autor, a metáfora do coração desloca-se para a designação do centro urbano na Idade Média. O Rio de Janeiro foi, na verdade, fundado por Estácio de Sá em uma “faixa de terra compreendida entre o morro Cara de Cão e o Pão de Açúcar, no local hoje ocupado pela Fortaleza de São João, em 1 de março de 1565”. (Coracy, 1964, in Andrade&Bandeira, 1965, p.6). Dois anos depois, porém, Mem de Sá mudou a cidade “para posição mais estratégica, num morro chamado do Descanso, que fortificou com duas fortalezas, São Sebastião e São Januário, cercado-o de muralhas. Passou por essa razão a ser conhecido como ‘do Castelo’” (CORACY, 1964, In ANDRADE; BANDEIRA, 1965, p.14)

<sup>42</sup> Devem-se a administração de Pereira Passos a modernização do porto, a derrubada dos cortiços do Centro, o alargamento de ruas, a abertura de diversas avenidas e a construção do Teatro Municipal e da Escola de Belas-Artes. Durante a construção da avenida Rio Branco [avenida Central], parte do Morro do Castelo também foi arrasada. “O contraste manifesto entre o Castelo e a avenida Rio Branco, que simbolizava a convivência espacial de duas realidades urbanas contraditórias – o Rio europeu e elitizado e a urbe colonial e popular –, tornou-se um dos argumentos mais repetidos por aqueles que insistiam no arrasamento da colina” (KESSEL, 2008, p.62, 75-76).

Guanabara na área em frente à Igreja da Candelária.

Em outra postagem, de 1920, cuja legenda é “a vida como era no Morro do Castelo”, a ‘favelização’ do local é aludida novamente. “Como já é possível ver através da foto, já estava em processo de decadência e com isso a favelização”, observa uma seguidora. Ao que é questionada por outro comentador: “A solução então é desmanchar todos os morros que têm favela?” No entanto, a memória vive também de crer em futuros alternativos, e uma seguidora confronta o argumento dos futurólogos: “[...] mas também poderia ser tombado e teríamos parte do início da nossa cidade”. Uma terceira chama atenção para o fato de que a fala dos defensores da derrubada encerra, na verdade, a vontade de tanger os pobres para bem longe das áreas em processo de “civilização”. Ela pergunta se alguém cogitou exterminar os locais de moradia dos ricos que vivem nas alturas. Ao que outra seguidora responde aparentemente assustada só com a mera conjectura da derrubada: “O quê???”.

Os comentários sobre a favelização no Castelo constroem pontes entre as cidades do passado e do presente, entre a cidade cujo projeto civilizatório extirpou do Centro, em um só golpe, as marcas do atraso colonial e os pobres, e a cidade atual “decadente”, que não conseguiu se livrar “deles”, a despeito de tanto tempo. Para os comentadores do “asfalto”, o Morro do Castelo é o símbolo do Rio que *poderia ter dado certo*: uma cidade que decepa os morros favelizados. A pergunta sobre o desmanche de todos os morros com favela como solução para os problemas da cidade é a exposição crua do cerne desse pensamento distanciador, presente na constituição dos grupos humanos e em tantos outros *posts* da *fan page*, conforme veremos. Na Veneza renascentista, conta Richard Sennet, os judeus viviam em guetos, na fronteira da cidade, e só tinham permissão para circular de dia. Ao cair do sol, os portões eram trancados e os arredores vigiados.

Ao acuirem os judeus no gueto, os venezianos acreditavam estar isolando o mal que infectara a comunidade cristã. Eles sentiam medo de tocar os corpos impuros que identificavam com vícios corruptores – doenças venéreas – e julgavam capazes de contaminá-los por vias misteriosas. Um simples detalhe no ritual dos negócios escancara esse medo do contato; enquanto os cristãos selavam seus contratos com um beijo ou um aperto de mãos, qualquer acordo que envolvesse um judeu concluía-se com uma curvatura – as partes não se tocavam (SENNET, 2008, p.222).

À margem do embate entre “conservacionistas” e “integrados”, distingue-se a narrativa mítica da presença de ouro e de outras riquezas supostamente deixadas pelos jesuítas em sua saída apressada ao serem expulsos do Brasil pelo Marquês de Pombal. “O Rio é muito rico em sua história e suas lendas [...] com o morro, foi-se junto a lenda do tesouro dos Jesuítas”, cita uma seguidora no fim do debate. O mito é melhor detalhado nos comentários da

publicação do dia 26/11/2014 em que aparece uma imagem de um caixa d'água que teria rolado do alto do morro.

*Interagente 1* Dizem tb, [cita uma seguidora] (ouvi a seguinte história. Não sei até que ponto procede) que havia o seguinte interesse. A sede dos jesuítas era no alto do morro. Muito ricos os jesuítas costumavam construir subterrâneos escondidos e camuflados sob suas igrejas para esconder seus tesouros até que surgiu a ideia que estaria em algum subterrâneo construído sob a Igreja, no alto do morro do Castelo. O que fazer? Colocar o morro abaixo para encontra o tal tesouro.

*Interagente 2* acredito nesse argumento... já th lido (não lembro onde)... que o desmonte era monitorado diretamente pelo prefeito... para que se encontrasse tal tesouro...

*Interagente 3* Apenas lendas

(Comentários de interagentes da *fan page* “O Rio de Janeiro Que Não Vivi”. Acesso em janeiro de 2015.)

Se a existência do ouro passou à história da cidade apenas como lenda de um tesouro nunca encontrado, acalentando sonhos de achados até os dias atuais, as galerias subterrâneas dos jesuítas foram de fato descobertas em abril de 1905, quando da derruba de parte do morro. O episódio teve ampla cobertura da imprensa da época. Registra o *Correio da Manhã* no dia 5 de maio daquele ano: “[...] e tal é a celeuma levantada em torno da questão, e o murmúrio de que as autoridades estariam escondendo já arcas de joias e moedas, que o túnel é aberto à visitação pública, recebendo em poucos dias milhares de visitantes” (KESSEL, 2008, p.64). Os principais cronistas da vida carioca se ocuparam de escrever sobre o Morro do Castelo, geralmente aludindo ao mito do tesouro e das galerias. Joaquim Manuel de Macedo, em *Passeio pela cidade do Rio de Janeiro*, desdenha da lenda: “Dizem que foram ingleses os que primeiro, e ainda no tempo do rei, conceberam tal ideia, e o povo rude, a gente menos sensata, pensava então que os espertalhões ingleses queriam demolir o morro para enriquecer-se com os tesouros deixados pelos jesuítas em vastos e profundos subterrâneos” (ALMEIDA, 2005 [1862-1863], p.94). Machado de Assis, como bom carioca, revela ter sonhado com o mistério das riquezas.

Perdi saúde, ilusões, amigos e até dinheiro; mas a crença nos tesouros do Castelo não a perdi. Imaginei a chegada da ordem que expulsava os jesuítas. Os padres do colégio não tinham tempo nem meios de levar as riquezas consigo; depressa, ao subterrâneo, venham os ricos cálices de prata, os cofres de brilhantes, safiras, corais, as dobras e os dobrões, os vastos sacos cheios de moeda, cem, duzentos, quinhentos sacos. Puxa, puxa este santo Inácio de ouro maciço, com olhos de brilhantes, dentes de pérolas; toca a esconder, a guardar, a fechar... (ASSIS, 2012 [1893], p.21-22)

Olavo Bilac, em crônica de 1905 em que comemora a notícia da ordem para o

arrasamento do Morro, brinca com a lenda do tesouro<sup>43</sup>.

Desde que me entendo, ouço dizer que no seio desse morro enterraram os jesuítas os seus tesouros fabulosos. Três quartos da população, pelo menos, acreditam na existência desses tesouros... Se eles existem, vão ser agora encontrados, – e o Brasil vai nadar em ouro!

Mas... deixemo-nos de sonhos pueris! [...]  
(BILAC, 2011, p.337)

A crença na ocultação dos tesouros do Castelo remete à imagem arquetípica da caverna, que perdura ao longo da história. No mesmo sentido, lugares como a “ilha”, “o seio maternal” e “a árvore” também são “matrizes universais” do imaginário humano, conforme lista Boia (1998, p.30). O mesmo sentido da “caverna” evocado pelo Castelo ouve-se no sertão nordestino, em causos sobre velhos parentes que teriam deixado enterradas valiosas moedas, escondidas em “botijas”. Nessas narrativas, geralmente o morto volta em sonho para dizer a localização exata do tesouro. Os mitos da origem, do “oculto” e até mesmo a ideia “eugenista” da “limpeza” se juntam no simbólico acionado pela lembrança do Castelo, fazendo reviver sonhos de retornos e de riquezas ainda a serem encontradas.

Toda essa complexidade arquetípica, aliada ao *status* de centralidade do Morro, torna o Castelo um lugar de importante significado memorial para o Rio de Janeiro. De acordo com Mello (2008, p.40), os lugares da experiência humana podem ser transitórios e/ou eternos. Segundo ele, todavia, os lugares outrora tidos como sólidos não podem ser enquadrados entre os lugares transitórios, “na medida em que a cristalização de suas fisionomias, durante um certo período do tempo, confere às paisagens pretéritas ou hodiernas um grau de permanência na alma deste ou daquele grupo social”. Nesse sentido, portanto, o “marco zero” da cidade oscila de um “lugar transitório”, ou melhor, apagado, para um “lugar permanente”, uma vez que deixou rastros no imaginário carioca. O Castelo está lá, em alguma coordenada que escapa à visão, mas constantemente refeita em mapas mentais onde se desenha o mistério de moedas e barras douradas.

Em Fortaleza, o local de origem da cidade se divide entre dois pontos distintos, consequência das disputas da ocupação no século XVII entre holandeses e portugueses. Embora os batavos tenham sido expulsos pelos lusitanos, o território cearense despertou pouco interesse político-econômico no início da colonização. Retrato desse abandono é o trecho de um documento de 1645 citado por Thomaz Pompeu Sobrinho no prefácio de A

<sup>43</sup> Para uma maior diversidade de referências jornalísticas, literárias e fotográficas sobre o Morro do Castelo, ver a publicação Nonato&Santos (2000). A indicação do livro encontramos em um dos *posts* da *fan page* carioca.

*cidade do pajeú*, de Raimundo Girão. “[...] o Ceará (barra do Ceará) é 'hua Praça dezerta abbitada ssó de gentios'. No ano seguinte, o Capitão-mor para ela nomeado em vez de ir tomar posse do seu cargo 'embarcou-se para o Rio de Janeiro” (GIRÃO, 1991, p.18). Linhares (1992, p.131) resume o aspecto de Fortaleza nos dois primeiros séculos como “uma espécie de cidade fantasma, cidade 'sem eira nem beira”

A primeira expedição exploratória do território cearense parte da Paraíba em 1603, chefiada por Pero Coelho, e é logo tangida pela seca de 1605-1606. Outras expedições se seguem até que em janeiro de 1612 Martim Soares Moreno funda o Forte de São Sebastião no encontro do rio Ceará com o mar, em uma região hoje periférica chamada Barra do Ceará. No entanto, o conquistador português, imortalizado no romance *Iracema*, de José de Alencar, tem um rival. Uma corrente historiográfica<sup>44</sup> reivindica o título de fundador da cidade para o holandês Matias Beck, que em 1649 desembarcou no Ceará em busca de minas de prata e em abril daquele ano ergueu o Forte Schoonenborch no monte Marajatiba, à margem esquerda do riacho Pajeú. A fortificação foi posteriormente denominada Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, quando da retomada portuguesa da cidade em 1654. Fato é que foi em torno da Fortaleza de N. Senhora de Assunção que a cidade se formou, ficando a região da antiga fortificação da Barra do Ceará, destruída pelos índios, conhecida como “aldeia velha” ou “vila velha”. O mais pitoresco de toda a história é que nenhuma das datas das fundações dos fortes marcam o aniversário da cidade, que é comemorado, na verdade, em 13 de abril, em referência à data do decreto que elevou o povoado à condição de vila, em 1726.

Em uma postagem de 25/07/2013, “Fortaleza Nobre” faz referência à Barra do Ceará como “berço de Fortaleza”, “pois sobre este terreno foi erguida a primeira edificação da cidade: o Forte de Santiago” [construído por Pero Coelho, na primeira tentativa, frustrada, de colonização, em 1603]. Emenda ainda a legenda: “É o bairro mais antigo da capital”. Abaixo reproduzimos alguns comentários sobre o *post*.

*Interagente 1* Eita! Foi aqui que cheguei com meus pais ainda um garoto, em 1979!!! Saudades dos bons e velhos tempos da Barra do Ceará! Onde eu encontrei o grande amor da minha vida, minha linda esposa!!!

*Fortaleza Nobre* Que lindo, [cita 1]!

*Interagente 2* Melhor bairro de Fortaleza, perdão

*Interagente 3* E o vixe tem qtos anos [cita seguidora da página]?

*Interagente 4* a nossa barra do ceará

*Interagente 5* A Barra do Ceará é um dos lugares mais lindos de Fortaleza. Eu andei muito de canoa de uma lado para o outro, até a praia.. Tempinho bom.

*Interagente 6* Ja fui muito nessa praia muito bom. E agora la ta muito bonito lindo

<sup>44</sup> O mais ardente defensor de Matias Beck como verdadeiro fundador de Fortaleza foi o historiador e ex-prefeito Raimundo Girão.

mesmo.

*Interagente 7* andei muito nas tuas dunas...praia das goiabeiras...

*Interagente 8* A minha Barra do Ceará!!

(Comentários de interagentes da *fan page* “Fortaleza Nobre”. Acesso em janeiro de 2015).

Fica patente como as divergências historiográficas quanto ao “marco zero” da cidade passam ao largo da discussão do *post*. Em lugar delas, delineiam-se memórias individuais vividas no bairro, em passeios bucólicos de canoa ou em caminhadas nas dunas formadas no encontro do rio com o mar. Como vimos nos exemplos listados desde o primeiro capítulo, os sujeitos invariavelmente se referem às suas próprias experiências ao evocarem as lembranças da cidade. Em princípio, tal excessiva carga íntima<sup>45</sup> poria em xeque a abordagem da memória coletiva a partir do pensamento de Halbwachs, para quem nossas principais lembranças são feitas em grupo. No entanto, Ricoeur (2007, p.133-134), revisando a obra do autor de *A memória coletiva*, lembra que é no ato pessoal da recordação onde reside a marca do social. “Lembrar-se, dissemos, é fazer algo: é declarar que se viu, fez, adquiriu isso ou aquilo. E esse fazer memória inscreve-se numa rede de exploração prática do mundo, de iniciativa corporal e mental que faz de nós sujeitos atuantes”. Se, a partir de uma memória experimentada, a Barra é o “melhor bairro” para muitos, um seguidor cita a insegurança local. “Vixe”, interjeição que pode expressar os mais variados sentimentos, é a forma como alguns fortalezenses se referem a regiões periféricas da cidade associadas à violência urbana<sup>46</sup>.

O riacho Pajeú, considerado o segundo “lugar de fundação” da cidade, é pouco lembrado na *fan page*, embora no *blog* “Fortaleza Nobre” tenha sido publicado um texto consistente sobre sua história. “O rio Pajeú é um fio líquido lavando a face da cidade adulta,/ esguio e frágil, lírico e minúsculo,/ que até parece um riacho de lapinha”, assim descreveu Ciro Colares (1985, p.17), fazendo crônica em versos. Foi às margens desse magro curso d'água de seus 5 km, hoje praticamente todo canalizado, onde a povoação da cidade cresceu, em redor do forte. A urbe ingrata engoliu<sup>47</sup> o rio cujas águas deram de beber aos primeiros

<sup>45</sup> A ênfase da memória como fenômeno individual está nos estudos filosóficos e psicológicos do começo do século XX. O nome mais lembrado dessa corrente é o filósofo Henri Bergson. Em razão de nosso estudo se voltar para a sociabilidade *on-line*, a corrente preferencial deste trabalho é a abordagem da memória como fenômeno coletivo.

<sup>46</sup> A Barra do Ceará é o segundo bairro mais populoso de Fortaleza, com 72.423 habitantes, segundo o Censo 2010 do IBGE. Em 2012, foi o bairro com o maior número de homicídios da Capital: 70, dos 1.625 registrados em Fortaleza naquele ano. Fonte: 20 BAIRROS de Fortaleza concentraram 48,25% dos homicídios, em 2012. **G1 CE**. Fortaleza. 11 nov. 2013.

<sup>47</sup> O rio corre em área de forte adensamento populacional, entre a Aldeota e o Centro. As águas tiveram de ceder espaço a carros e prédios. Quando chove, porém, elas reivindicam seu espaço e toda a avenida Heráclito Graça fica alagada.

habitantes. O Pajéu, chamado rio de cura pelos indígenas e rio das palmeiras (Marajaik) pelos holandeses, é lembrado em *posts* esparsos. Em duas postagens, ele vem à memória em imagens aéreas.

*Interagente 1* E nosso riacho pajeu, que tem sua nascente perto do ginasio paulo sarasate<sup>48</sup> e sua foz proximo mercado central, esgoto a ceu aberto.

*Interagente 2* Ao fundo da para vê o riacho Pajeú tocando a praia.

*Interagente 3* Mais que isso, era uma área onde nasceu a cidade e onde desaguava o riacho Pajeú. Uma colônia de pescadores foi removida dali, onde se denominava Poço da Draga.

(Comentários de interagentes da *fan page* “Fortaleza Nobre”. Acesso em janeiro de 2015)

A decadência do “nosso” riacho, como lembra o primeiro seguidor em uma breve indicação de pertencimento, faz-se ver pela comparação a um “esgoto a céu aberto”. O segundo distingue em uma foto do começo do século XX, em vez de edificações, o rio “tocando o mar”, em seu deságue no oceano. Finalmente, o terceiro comentador relaciona o curso d'água à “área onde nasceu a cidade”. A recorrência ao testemunho no caso da Barra do Ceará, em vez dos detalhes historiográficos, por exemplo, expõe como nas comunidades em estudo triunfa a memória sobre a história. Além disso, as poucas referências aos locais de origem entre os comentários, seja a Barra, seja o Pajeú, indicam certamente um vazio memorial, soterrado pelo riacho que a cidade decidiu esconder. Mesmo se levamos em conta que o prédio da antiga Fortaleza, reformado no século XIX e hoje abrigo da 10ª Região Militar, continua lá, o esquecimento permanece. O prédio é um espaço de pouca referência no cotidiano das pessoas, símbolo do poder instituído e possível de ser visitado somente em visitas guiadas. Geralmente apenas excursões escolares ou alguns turistas desavisados se dispõem ao passeio. Em 2014, no lugar do “marco zero” da Barra foi erguido um monumento em alusão aos 400 anos de construção do forte de Santiago, em 1604. No Facebook, há uma *fan page* chamada “Marco Zero de Fortaleza”, reunindo 269 seguidores, que reivindica para a Barra o local de fundação de Fortaleza. Sem desmerecer o movimento, trata-se de algo de pequeno impacto<sup>49</sup>, observe-se, para grande parte da população, que dificilmente se arrisca em cruzar a cidade para conhecer o belo encontro do rio com o mar na Barra. Para grande maioria

<sup>48</sup> Na verdade, o riacho tem sua nascente localizada nas imediações das ruas Silva Paulet, José Vilar e Bárbara de Alencar, no bairro Aldeota. De lá, segue canalizado cortando a avenida Heráclito Graça. Ele corre a céu aberto em pequenos trechos como o Parque Pajeú, próximo à Câmara dos Dirigentes Lojistas, o Palácio do Bispo, sede da Prefeitura, e atrás do Mercado Central. A partir daí, some novamente debaixo da terra até o mar. Para mais detalhes, ver: MENDES, Thiago & LIMAVERDE, Lucíola. Águas de cura de um riacho secreto. **O Estado**. Fortaleza, 27 abr. 2009.

<sup>49</sup> No Recife, a título de comparação, o “marco zero” é ponto de referência para os turistas, pois lá se realiza os principais shows do carnaval da cidade.

da população fortalezense, os lugares de fundação da cidade, embora materializados no riacho aterrado e no monumento em alusão ao primeiro forte, vacilam de “lugares eternos” a “lugares transitórios”, carentes que são de “reminiscências marcantes ou mesmo distante do ambiente participativo das plateias” (MELLO, 2012, p.48).

Fortaleza e Rio se encontram assim nesses ocultamentos dos lugares de suas origens, em uma violência memorial que afeta os interagentes das duas páginas, em maior ou menor grau. Se tal qual os romanos esses sujeitos rememoradores gostam de olhar para imagens que enfatizem “a continuidade da cidade, a durabilidade e a imutabilidade de sua essência” (SENNET, 2008, p.96), eles têm muito do que reclamar, pois o tecido urbano das duas capitais tratou de varrer para debaixo da terra o berço de seu nascimento, cujas recordações embalam sonhos de retornos.

## 2.2 A experiência sensível na reconstrução das paisagens

Nem só de prédios e ruas antigas vivem as postagens das *fan pages*. Fortaleza e Rio de Janeiro são cidades costeiras, tornando o mar cenário de bucólicas e constantemente fotografadas paisagens. No Rio, o destaque se dá pela proximidade entre montanhas e praias. Em Fortaleza, o encontro das antigas dunas com o mar e as praias repletas de coqueiros compõem as paisagens pretéritas. Tais locais ganham destaque especialmente em fotografias aéreas, cartões postais – ou mesmo nos retratos de arquivos pessoais, enviadas pelos seguidores da página de Fortaleza, em que as pessoas aparecem em momentos de lazer na areia. Esses registros são representações, portanto, de paisagens, na denotação lata, do senso comum, e no sentido dado ao termo pela geografia.

Santos (2012, p.103-110) faz uma distinção entre espaço e paisagem, definindo esta como “a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão”. Enquanto o primeiro é sempre um presente, uma construção horizontal, a segunda é transtemporal, unindo objetos passados e presentes, de modo transversal. A paisagem, segundo o autor, é um “sistema material e, nessa condição, relativamente imutável”. Já o espaço “é um sistema de valores que se transforma permanentemente”. “A paisagem é história congelada, mas participa da história viva” (SANTOS, 2012, p.107). Além das distinções, há semelhanças entre os dois conceitos. Tanto o espaço quanto a paisagem “são sempre um palimpsesto onde, mediante acumulações e substituições, a ação das diferentes gerações se superpõe” (SANTOS, 2012,

p.104). As imagens das *fan pages*, além dessa materialidade de uma história cristalizada aludida por Santos, encerram construções imaginárias sobre a cidade, expressas em forma de escritos expostos e propagados entre os conectados ao Facebook.

Nesse sentido, uma imagem publicada no dia 18/11/2012 em “O Rio de Janeiro Que Não vivi” motiva debates sobre as transformações da paisagem natural. A fotografia mostra a praia de Copacabana<sup>50</sup>, à noite, na segunda ou terceira décadas do século XX. “Belo cartão postal”, completa a legenda. Reunimos abaixo os principais comentários.



Imagem 2: Cartão postal mostra a praia de Copacabana à noite no começo do século XX. Reprodução de “O Rio de Janeiro Que Não Vivi” (18/11/2012)

*Interagente 1* Lindo!!! É um sonho!!

*Interagente 2* Agora e horror!!

*Interagente 3* Que paz!!

*Interagente 4* Um verdadeiro balneário.

*Interagente 5* Eu moro em Copa, quando vi essa foto parecia que eu estava caminhando no calçadão, muito real

*Interagente 6* uaaaauuu.. tem certeza que é copacabana?? nossa, parece uma cidade fora do Brasil, antes era lindo..

*Integrante 7* Wonderful!

*Interagente 8* Tão diferente, mas muito bonita!!!!

*Interagente 9* Que beleza! Dá até pra sentir o cheirinho do mar...

*Interagente 10* Princesinha do mar!!!

*Interagente 10* Só havia mansões nessa época, né!

*Interagente 11* so ã mudou o calçadão .....

*Interagente 12* ê beleza!! tempos bons, era o mais q verdadeiro RJ

*Interagente 13* Que delícia!

*Interagente 14* Reparem que o sentido das ondas do Calçadão é diferente do atual

*Interagente 15* Há se o tempo voltasse !!!! A tranquilidade que é era o rio de janeiro. Mas nao podemos deixar de dizer VIVA O RIO DE JANEIROOOOOO!!!!!!!!!!!! VIVA A CIDADE MARAVILHOSAAAA!!!!

<sup>50</sup> No Facebook, encontramos duas *fan pages* dedicadas exclusivamente ao bairro da Zona Sul. Na “Copacabana Demolida” <https://www.facebook.com/CopacabanaDemolida> (Mais de 5.224 curtidas até janeiro de 2015), são postadas imagens antigas. Na “Copacabana Sentimental” (Mais de 3.597 curtidas até o mesmo período. Disponível em [www.facebook.com/copacabanasantimental](http://www.facebook.com/copacabanasantimental)), são postadas imagens atuais da praia com legenda com uma única palavra, geralmente feminina.

*Interagente 16* "Quem te viu, quem te vê" ....

*Interagente 17* Copacabana, sempre linda e charmosa.

*Interagente 18* 1957 foi o ano que namorei com ela, pela primeira vez. Desde então nunca mais, a perdi de vista. Cidade Maravilhosa!!!!!!

*Interagente 19* Interessante é a ausência de prédios. Muito mais bonito assim.

*Interagente 20* fiquei emocionado, meu irmao que perdi em maio desse ano , era apaixonado, e eu tirei foto como se despedindo com ele desse lugar!lindo

*Interagente 21* riscado original das ondas, mais tarde modificado em relacao as ondas da praia.

(Comentários de interagentes da *fan page* "O Rio de Janeiro Que Não Vivi". Acesso em janeiro de 2015)

A imagem noturna da "Princesinha do Mar" faz acordar sonhos de paz, tranquilidade, de um "verdadeiro balneário" que se perdeu. Esse embate do passado com o presente torna a fisionomia da cidade irreconhecível: "parece uma cidade fora do Brasil"; "era o mais q verdadeiro RJ". Da época em que "só havia mansões", só o calçadão ficou, repara um seguidor. Mas "o sentido das ondas do Calçadão é diferente do atual", distingue outro. Para outros seguidores, a lembrança aciona deslocamentos: "Eu moro em Copa, quando vi essa foto parecia que eu estava caminhando no calçadão, muito real". Esses efeitos de sentido de "transportes" proporcionados pela fotografias, como vimos descrevendo desde o primeiro capítulo, podem ser interpretados sob o prisma da *remediação* (BOLTER; GRUSIN, 2000, p.5-6, tradução livre), ou seja, essa tentativa de ao mesmo tempo multiplicar os *media* e apagar todos os traços de mediação. "Idealmente, quer-se apagar os *media* em cada ato de multiplicá-los". Entra em jogo assim, ainda segundo os autores, a ação do *imediatismo*. "A lógica do imediatismo dita que o meio em si pode desaparecer e deixar-nos na presença da coisa representada". Daí porque encontram-se nas páginas repetidas descrições de passeios e da sensação de *estar no* cenário representado.

Para outros, a paisagem chama o sensório à memória do "cheirinho do mar", conforme discutiremos melhor no capítulo final. Da mesma forma que no *post* da Barra do Ceará, em Fortaleza, a praia também se refaz pela memória individual de um "namoro com a cidade maravilhosa" ou da lembrança do irmão morto recentemente cuja "foto de despedida" foi feita em Copacabana. A dualidade da urbe atual que se harmonizou ou se desentendeu com a natureza também deixa rastros em comentários de campos discursivos opostos, como o seguinte par: "Copacabana, sempre linda e charmosa" *versus* "Interessante é ausência de prédios. Muito mais bonito assim". As construções simbólicas encerradas nos epítetos "Cidade Maravilhosa" e "Princesinha do Mar" também são aludidas, em um sentido quase de complementariedade ou de metonímia. Copacabana encarna o próprio ideal da "cidade

maravilhosa”, termo cunhado pela poetisa francesa Jeanne Catulle Mendès, em 1912<sup>51</sup>.

O emblema de conotações positivas indica beleza paradisíaca e revisita simbolicamente o mito da terra exaltada desde os primeiros textos do século XVI que a ela se referem. Esse epíteto não remete apenas à criação divina da natureza. A mão do homem a completa e a urbaniza (GOMES, 2008, p.112).

Daí por que, enquanto alguns lamentam a paisagem tranquila cedida aos prédios e ao tráfego, outro seguidor também nostálgico ressalta que, nem por isso, devemos deixar de dar vivas ao Rio de Janeiro e à Cidade Maravilhosa! Para ele, portanto, a *aura* dessa cidade idealizada estende seu espectro até o presente, integra o seu cerne de modo atemporal, como no verso de *Aquele Abraço*: “O Rio de Janeiro continua lindo”. A paisagem é, por conseguinte, conforme Sauer (1998, p.23), “uma área composta por uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais”. O geógrafo norte-americano foi o primeiro a propor um conceito para paisagem, em 1925. Ele a classifica entre paisagem natural e cultural, sendo esta sujeita à mudança pelo desenvolvimento da cultura ou pela substituição de culturas (SAUER, 1998, p.57). Movimentos de revisão crítica dentro da geografia vão expandir as concepções de paisagem, dotando-a cada vez mais do aspecto cultural. No contexto da *New Cultural Geography*, a guinada da abordagem pode ser conferida em trabalhos de nomes como o francês Augustin Berque e do britânico Denis Cosgrove. Há uma aproximação desses autores com as proposições de Certeau e Lefebvre, pois “parte-se do princípio que realidade e representação são mundos que se complementam e interagem entre si, sendo que a paisagem os sintetiza: ideologia, representação e cultura assim se fundem e se confundem” (NAME, 2010, p.177). Nesse sentido, à luz das comunidades em estudo, poderíamos aproximar o conceito de paisagem também à noção de imaginários, campo em diálogo com a memória individual e coletiva. As paisagens humanas naturais e edificadas, vividas na experiência da cidade concreta e virtual, suscitam imaginários sobre memória, e as criações discursivas – rastros escritos no Facebook – voltam a adentrar esse campo das imagens.

Em outros termos, Berque (1984, p.86) descreve a paisagem na dialética entre uma *marca*, que exprime uma civilização, e uma *matriz*, “porque participa de sistemas de percepção, de concepção e ação – ou seja, da cultura – que canalizam, em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, a paisagem do seu ecúmeno”. O autor descreve a paisagem como passiva-ativa-potencial, plurimodal, tal qual os

---

<sup>51</sup> Segundo Lessa (2005, p.211), o escritor Coelho Neto reivindicou ter usado o epíteto em 1908.

sujeitos. “A paisagem e o sujeito são co-integrados em um conjunto unitário, que se autoproduz e se auto-reproduz (e portanto, se transforma porque há sempre interferências com o exterior) pelo jogo, jamais de soma zero, desses diversos modos”. Os sujeitos participam desse jogo acionando o imaginário, como vimos mostrando.

Apesar da importância dos escritos de Sauer e Berque, talvez a mais significativa contribuição para o estudo sobre um inventário de imaginários sobre memória coletiva seja a de Cosgrove (1989, p.108). Ele introduz a dimensão simbólica ao estudo das paisagens, quando defende que elas “são o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem”. O autor propõe a divisão em dois tipos: *paisagem dominante*, em que atua um grupo com poder sobre os outros, e *alternativa*. Exemplo do primeiro tipo são os ideais de poder, ordem e igualdade reforçados pela arquitetura de Washington, nos Estados Unidos.

Em Fortaleza, as tentativas de racionalizar o espaço urbano começam em 1818 com Silva Paulet, que desenha o primeiro traçado das ruas em forma de xadrez. Em 1859, tendo Fortaleza já conquistado a hegemonia econômica e política-administrativa da província<sup>52</sup>, o arquiteto pernambucano Adolfo Herbster elabora a 'Planta Exata da Capital do Ceará'. No entanto, somente em 1875, inspirado nas alterações feitas na planta de Paris pelo Barão Haussman, Herbster introduz em Fortaleza uma cinta de avenidas circundando o espaço urbano efetivamente habitado (LINHARES, 1992). São os três bulevares, hoje avenidas, que delimitam a área central de Fortaleza: Imperador, Duque de Caixas e Dom Manuel (então “Boulevard da Consolação”).

Tal modelo não nasceu exatamente na modernidade, pois já na Grécia, Hipodamo desenhou cidades-tabuleiro, e os etruscos usaram o mesmo traçado na Itália continental (SENNET, 2008, p.113). Entretanto, como delinea o próprio Sennet, a questão é, na verdade, como cada cultura utilizou esse ou outro elemento da imagem da arquitetura urbana. Em Roma, por exemplo, a arquitetura fundiu o “anseio de ver e acreditar com a regra de olhar e obedecer” (SENNET, 2008, p.111). O projeto urbanístico de Hausmann influenciou também o Rio de Janeiro de Pereira Passos, cujas reformas vão impor, a partir de uma mentalidade letrada, um novo modo de ordenamento para o fluxo dos sujeitos modernos nos seus deslocamentos.

---

<sup>52</sup> Ao contrário de outras grandes cidades brasileiras como Rio de Janeiro, Recife, Manaus ou Belém, Fortaleza não nasceu como cidade principal da província. O centro hegemônico da então província do Ceará, separada de Pernambuco somente em 1799, foi durante décadas Aracati, cidade portuária. Lemenhe (1991) defende que a hegemonia econômica e política-administrativa de Fortaleza começa em torno dos anos 20 e 30 do século XIX e se completa na segunda metade daquele século.

A tentativa de racionalizar a nova urbe que nascia como a manifestação mais evidente do processo civilizatório idealizado pela elite dirigente letrada, tanto em Paris quanto no Rio de Janeiro, vai conceber o espaço urbano e uma forma arquitetônica que chamam ao redirecionamento do olhar, a partir de um ponto “parado”, o mesmo ponto de vista visual fixo exigido pela abstração da leitura e da decifração dos caracteres escritos ou impressos (FERRÃO NETO, 2010, p.161).

Nesse sentido, Lefebvre (1999, p.22) argumenta que a *planimetria* é a forma de escrita da cidade. Os primeiros planos urbanos, segundo ele, surgem na Europa nos séculos XVI e XVII, combinando visão e concepção, obras de arte e de ciência. “[...] Os planos mostram a cidade a partir do alto e de longe, em perspectiva, ao mesmo tempo pintada, representada, descrita geometricamente. Um olhar, ao mesmo tempo ideal e realista – do pensamento, do poder [...]” Tanto Fortaleza quanto Rio vão se expandir ora negando essa ordem da planimetria, a exemplo dos bairros mais pobres, onde as moradias não obedecem necessariamente a linearidade das vias, ora seguindo tais ideais, como os conjuntos habitacionais projetados e bairros planejados, como Vila Isabel, no Rio. São construídas, assim, outras paisagens dominantes ao longo do tempo. Como pensar, por exemplo, nos morros cariocas senão sob a perspectiva de uma paisagem dominante?

Sob o ponto de vista da especulação imobiliária, as elites passaram a imprimir seus ideais ordenadores no espaço urbano do centro da cidade em direção aos espaços próximos ao mar. A partir de momentos distintos nas duas cidades, de uma época a outra, “quem é rico mora na praia”, como escreveram Fausto Nilo e Dominginhos. É a paisagem dos prédios de Copacabana, ressentida pelo seguidor do Rio de Janeiro, e dos espigões da avenida Beira-Mar, em Fortaleza, urbanizada somente na década de 1960<sup>53</sup>. “No dia que a poesia se arreventa/ É que as pedras vão cantar”.

As pedras cantaram, em movimentos de mudança, mas ficou a poesia das paisagens pretéritas. Em “Fortaleza Nobre”, por exemplo, entre setembro e outubro de 2013 foram publicadas, seguidamente, dezenas de imagens da orla da cidade em diversos períodos, gerando grande volume de comentários. Em uma imagem do fotógrafo Chico Albuquerque retratando a praia do Mucuripe em 1952, a administradora da página lança a pergunta: “Isso era praia ou paraíso?”. Ao que se seguem os seguintes comentários. A publicação na página é de 14/10/2013.

<sup>53</sup> “A cirurgia de Pereira Passos introduziu um novo valor estético, com a redescoberta do mar: a avenida Central, com sua dupla perspectiva sobre a baía (Obelisco e a Praça Mauá) e a avenida Beira-Mar” (Lessa, 2005, p.199). Para uma abordagem sociológica da constituição de Fortaleza como cidade voltada para o mar, por sua vez, ver *Cidade de água e sal* (LINHARES, 1992).



Imagem 3: Cotidiano dos jangadeiros na praia do Mucuripe em 1952  
 Autoria: Chico Albuquerque  
 Reprodução de “Fortaleza Nobre” (14/10/2013)

*Interagente 1* Era um paraíso. Agora é um purgatório.

*Interagente 2* Eu me orgulho de dizer: EU VIVI ESSE PARAISO! localização exata do lugar? Acho que é a Volta da Jurema????

*Interagente 3* exatamente

*Interagente 4* lindo...

*Interagente 5* Paraíso!

*Interagente 6* [comenta com o símbolo de um coração]

*Interagente 7* Apesar de tudo, ainda é o paraíso!

*Interagente 8* Tempo que não volta mais.

*Interagente 9* paraíso dos bons eu sei por que tava lá

*Interagente 10* acho q paraíso, pq hj esta totalmente diferente

(Comentários de interagentes da *fan page* “Fortaleza Nobre”. Acesso em janeiro de 2015)

Dois dos comentários invocam a força do testemunho a partir do qual surge o relato histórico (“eu vivi esse paraíso”; “eu sei por que estava lá”), conforme mostrado também no primeiro capítulo. O intento é sublinhar o caráter de lugar mágico, de paraíso, atribuído à paisagem antiga, instituindo uma separação entre os que viveram e o que os “perderam” tal experiência. Comentários do tipo “Agora é horror” e “Era um paraíso. Agora é um purgatório”, no Rio e em Fortaleza, reproduzem um esquema dicotômico entre o “paraíso” e o “inferno” tão caro ao imaginário, conforme delineia Boia (1998, p.97-111, tradução livre). Tal imagem é observável nas *fan pages* em outros tópicos de debate em que o presente da cidade esfacelada encarna o “inferno” e o passado das paisagens antigas concentra o “paraíso”. “O arquétipo do além tende assim a se alinhar com outro padrão arquetípico que é a exacerbação dos contrários” (BOIA, 1998, p.99). Embora civilizações como a grega e a judia já carregassem o princípio bipolar da espacialidade transcendente, do “além” (*l'au delà*) após a morte, é o cristianismo que vai levar às últimas consequências a separação entre inferno e

paraíso. “A nova religião proclamou o fim dos sofrimentos e a reinstalação da harmonia primordial no lugar do movimento caótico da história” (BOIA, 1998, p.101).

Boia comenta como essa estrutura arquetípica do “além”, ou seja, a intuição de uma outra realidade, da vida depois da morte, etc, apresenta-se de modos cambiantes ao longo da história, sendo modificada, como é característica do imaginário, em diversos contextos. A instituição do Purgatório pela Igreja, no século XVIII, como esse “meio caminho” entre o céu e o inferno é exemplo disso. Outra mudança se instaura no século XX, continua o autor, com o recuo da crença no inferno entre as sociedades europeias, embora as pessoas continuem a acreditar no “além”. “Enfim, as *inovações* resultam de cada contexto histórico e cultural, enriquecem ou purificam o quadro, resultando, sem mexer com o essencial, em deslocamentos de natureza mais ou menos significativa” (BOIA, 1998, p.105, grifo do autor).

Ainda segundo o autor, na contemporaneidade, em que nem todos os sujeitos se dizem crentes nos discursos escatológicos das religiões, essa ideia do “além” se desloca para eventos reais ou ficcionais, de diversas matizes, como a guerra nuclear, os campos de extermínio ou a sociedade de consumo. Nesse sentido, há portanto “dramatização do além e multiplicação das vias de salvação”, ou seja, “o arquétipo conserva sua substância, mas ganha em diversidade” (BOIA, 1998, p.111).

Nas *fan pages*, o Éden se desloca para os cartões-postais da paisagem natural: Pão de Açúcar, Copacabana, Ipanema, Barra do Ceará, Iracema, Meireles. As praias cariocas com menos prédios e menos gente; os coqueirais e as dunas destruídas, as jangadas e os jangadeiros tangidos e a praia despoluída na avenida Beira-Mar, na Fortaleza das décadas de 1970 e 1980, são signos usuais nas fotografias e dão a ler lugares dos quais os “adões” e as “evas” virtuais se sentem expulsos. Eles não encontram nas paisagens de hoje, ao regressarem ali, os elementos com os quais se identificavam antes. Os novos signos materializam a transfiguração do paraíso em inferno: “sem as barracas ridículas e sem a desorganização da feirinha”, compara uma seguidora em uma imagem da Volta da Jurema na década de 1970. Restam, porém, algumas vias de salvação para fugir desse “além” inexoravelmente derrotista. O “calvário” em direção ao “inferno”, o fim dos tempos, é enfrentado a partir do ato hedonista de folhear imagens em preto e branco no Facebook ou na espera de retornos dos bons tempos, conforme detalharemos no próximo capítulo. Para alguns seguidores, porém, a *aura* das paisagens não se perdeu: “Apesar de tudo, ainda é o paraíso!”. “Mas não podemos deixar de dizer VIVA O RIO DE JANEIROOOOOO!!!!!!!!!!!!!!”.

Retomando a divisão proposta por Cosgrove (1989) entre paisagens *dominantes* e *alternativas*, vê-se como as imagens antigas da paisagem natural se constituem

essencialmente como *alternativas*, derrotadas pela hegemonia das paisagens atuais, transformadas e dominantes. As paisagens alternativas se ramificam, por sua vez, em *residuais*, *emergentes* ou *excluídas*, conforme o autor. Interessa-nos aqui a noção de *paisagens alternativas residuais* ou *paisagens relíquias*, ou seja, aquelas cujos elementos pouco têm de seu significado original. O autor cita Stonehenge, na Grã Bretanha, mas pensemos por exemplo no Paço Imperial, no Rio, ou no Museu do Ceará, em Fortaleza, antigas sedes do poder instituído e hoje transformados em “lugares de memória”. Fica claro como a classificação de Cosgrove se aproxima do conceito de *rugosidade*, de Milton Santos.

As *paisagens relíquias* ou as *rugosidades* nas *fan pages* fazem ver as transformações por que o espaço passou, permitindo aos sujeitos tecer leituras sobre o presente e projetar descrenças e utopias sobre o futuro. Entretanto, talvez a perspectiva das *paisagens simbólicas* de Cosgrove ainda incorra na incompletude do que Di Felice (2009, p.157) denomina de visão da cidade e da cultura urbana como “espacialidade passiva e suporte da ação do sujeito nas estruturas arquitetônico-comunicativas da metrópole”. Os comentários nas comunidades em estudo mostram como a paisagem urbana pode ser muito mais do que continente, depósito de nossas construções simbólicas, imaginárias. Rastros de escritas como estes aqui reunidos sobre modos de habitar também compõem as paisagens, modificam e acrescentam-lhes novas camadas de significados.

Vê-se então como as paisagens, em suas materialidades e virtualidades, são perpassadas por imaginários, antropológicos, como descreveu Gilbert Durand, mas também históricos, como desenha Lucian Boia. Vê-se como há muitos caminhos possíveis a se tomar no estudo das paisagens. Elas são carregadas de signos conectores ao sensível. No encontro mediado pela *web*, tais paisagens adquirem, assim, também características comunicacionais<sup>54</sup>. Instaura-se dessa forma uma experiência sensível ou, por que não dizer, estética, entendida como esse “abalo cognitivo sentido pela alteração de percepção” (DUARTE, 2010, p.98).

Há certamente tantas descrições sobre as paisagens quantos são os sujeitos em contato com elas. Mediados pelo site de rede social, todavia, essas experiências sensíveis se dão também e principalmente em *relação aos* sentidos comunicados por outros, ou melhor, em “*relação com*”<sup>55</sup> (DUARTE, 2010, p.94), formando uma paisagem coletiva em cada *post*,

<sup>54</sup> Bianco, Brandão e Ferrão Neto (2014) argumentam como o MetrôRio, entendido como meio de comunicação, se transforma em paisagem comunicacional, permitindo a criação de narrativas sobre o espaço urbano.

<sup>55</sup> Duarte (2010, p. 94-95) descreve a experiência como fenomenológica. “As mídias não medeiam a experiência de um grupo com outro grupo ou um fato. Somos nós e o outro, midiaticizados no fenômeno do encontro, ou nós midiaticizados para o outro no mesmo fenômeno”. O tema da experiência sensível com a

pois a estética é também o “encontro com uma outra referência perceptiva do mundo que nos impacta” (DUARTE, 2010, p.98). Daí também porque ao estudar a sociabilidade nas *fan pages* buscamos os sentidos chamados à conversa pelo imaginário, esse “patrimônio individual ou grupal apropriado à cultura (mas formador dela) por meios diversos e choques perceptivos: situações paroxísticas de gozo ou de trauma, de êxtase ou de perplexidade, que deixam vestígios no DNA imaginal de cada um” (SILVA, 2012, p.57).

### 2.3 O testemunho: memória e esquecimento na escrita sobre os lugares

Se os locais de origem da cidade e as paisagens naturais dos cartões-postais evocam a memória, não poderia ser diferente com os lugares onde se habita. Há relações de afetos com o Centro e as regiões consideradas “nobres”, associados ao lazer, ao passeio, mas a casa e a vizinhança geralmente acionam laços ainda mais fortes, em uma aproximação do que Santos (2012, p.321) chama de “conteúdo geográfico do cotidiano”. Nesse sentido, os bairros “populares”, de grande concentração populacional, também estão representados nas *fan pages*, embora em menos volume<sup>56</sup>, resultando em muitos comentários nos respectivos *posts*.

Embora sejam a mobilidade e a “cidade-mundo” globalizada as imagens que se destacam no modelo urbano atual, a existência humana se dá nos lugares, no “Próximo”, “base da vida em comum” (SANTOS, 2012, p.321-322). A memória se revive, portanto, no cotidiano, e os grupos aludem a ele, porque, conforme Halbwachs (2006, p.165), “é o fato de estarem próximos no espaço que cria entre seus membros as relações”.

---

cidade é discutido com mais detalhes no capítulo derradeiro.

<sup>56</sup> Há um recurso no Facebook de dividir as imagens por “álbuns”. A *fan page* “O Rio de Janeiro Que Não Vivi” classifica algumas das fotografias (não todas) entre Zona Norte, Zona Sul, Zona Oeste e Zona Central. Em quantidade de fotos ganha a região central, seguida das zona Sul, Norte e Oeste. Dessa última há apenas 14 imagens. É lícito supor, a partir disso, que há regiões da cidade mais fotografadas do que outras.



Imagem 4: Jardim do Méier, zona norte do Rio na década de 1920  
 Autoria: Augusto Malta  
 Reprodução de “O Rio de Janeiro Que Não Vivi” (19/01/2013)

*Interagente 1* Amo meu Bairro

*Interagente 2* lindo o entorno do jardim! Como conseguimos estragar tanto a paisagem urbana, não é? Parecia uma pracinha de interior e hj em dia é toda imunda e gradeada!

*Interagente 3* eu morei aproximadamente ate meus 33 anos de vida... gosto muito....

*Interagente 4* Sou Meirense, de nascimento e de coração. Sou bairrista e amo o bairro onde nasci e onde permaneço por 62 anos! Meus bisnetos são a minha 6ª (sexta) geração, na mesma casa e no mesmo bairro Méier. Méier, eu te amooooooooooooooooo.....

*Interagente 5* Morei na rua Castro Alves 162 ou 164 eram duas casas iguais. Estudei no colégio João Ribeiro. O que mais gostava era do teatrinho de marionete no jardim. Bons tempos.....

*Interagente 6* Olha aí [cita alguém], o Méier tem uma história bonita.

*Interagente 7* Era muito lindo. Que praça deliciosa.

*Interagente 8* Como era lindo, frequentei o Méier ate 1973 saíamos de Madureira para ir ao cinema no Méier era muito bom! Se tinha violencia não me lembro. Que saudades daqueles tempos a gente era feliz e não sabia!

*Interagente 9* Muito bom seu post. Nasci na Rua Coração de Maria e guardo boas recordações do bairro. O Jardim do Meier é, até hoje, uma referência para quem passa por ali. Salve!

*Interagente 10* Sou nascida e criada nesse bairro, apesar de não mais residir lá. Tenho boas recordações!!

*Interagente 11* Quem mora no Méier não bobéier, não vaciléier, não pega mocréier e nem gonorréier.

*Interagente 12* é aqui que eu moro... muito boa essa, pra falar a verdade deve ter sido bom naquele tempo, nada de guardas municipais nem trem nem porra nenhuma... nada como uma pequena aulinha de história... [...]

*Interagente 13* Minha avó morava no méier, brincava muito neste jardim. Era tranquilo e adorava passear por ali.

*Interagente 14* O coreto existe até hoje.

*Interagente 15* Grande Meier!

(Comentários de interagentes da *fan page* “O Rio de Janeiro Que Não Vivi”. Acesso em janeiro de 2015)

Os escritos dos interagentes 1, 4, 10, 11, 12 e 15 remetem, em modos diversos e particulares, à dimensão do pertencimento vinculada ao bairro de nascimento, criação,

“coração”, moradia de várias gerações familiares. O sentimento de pertença se esgarça quando se evoca uma característica própria do meierense – o gentílico é ele mesmo a representação desse “bairrismo”<sup>57</sup> – como sujeito “safo”, que “não bobéier, vaciléier”<sup>58</sup>, etc. A identidade se constrói também assim, nessa divisão entre nós e os *outros*. O sentimento de pertencimento perdura a despeito dos deslocamentos, naturais na vida em cidade: apesar da mudança de bairro, as boas recordações permanecem. Duradouros são também alguns elementos da paisagem, que ajudam a moldar e “esticar” essa liga entre os sujeitos e os lugares. “O coreto existe até hoje”, assinala uma seguidora. Nesse sentido, Halbwachs (2006, p.160) anota: “O grupo não tem a impressão de mudar enquanto a aparências das ruas e das construções permanece idêntica”. O coreto da praça, fotografado na década de 1920, reforça a noção de identidade, faz voltar, portanto, o lugar de brincadeiras infantis, na casa da avó (ver *interagente 13*). É um signo que remete à vida calma do meio rural e índice de contraste com o bairro de hoje, referência para as localidades em redor: o “Grande Méier”, tornando o comentário polissêmico. Daí porque, conforme Simmel (1973, p.12): “Com cada atravessar de rua, como o ritmo e a multiplicidade da vida econômica, ocupacional e social, a cidade fez um contraste profundo com a vida de cidade pequena e a vida rural no que se refere aos fundamentos sensoriais da vida psíquica”. Um dos principais abalos psíquicos da vida em cidades hoje é a violência. “Se tinha violencia não me lembro”, escreve um seguidor com saudades do tempo dos cinemas no bairro. A vida da urbanidade em nascimento, distante do centro, da “cidade”, nem sempre é reconhecível quando se volta aos mesmos locais tempos depois. “Lindo o entorno do jardim! Como conseguimos estragar tanto a paisagem urbana, não é? Parecia uma pracinha de interior e hj em dia é toda imunda e gradeada!”, compara um seguidor. Para Halbwachs (2006, p.163), os bairros antigos parecem perpetuar o espetáculo da vida de outros tempos. “Em todo caso, é apenas uma imagem de velhice – não se sabe se os antigos moradores os reconheceriam, se voltassem...”.

Além desses comentários, destacamos outros dois, que remetem à noção de testemunho, presente em praticamente todos os *posts* analisados na dissertação. Para os historiadores, a confiabilidade do testemunho é questão crucial (RICOEUR, 2007, p.171). Nas páginas em estudo, porém, tal reflexão é posta em segundo plano pelo grupo, pois a memória se sobrepõe. Os testemunhos trazem elementos detalhados de outras épocas, vão além do que

<sup>57</sup> Há um imaginário em torno do carioca como cidadão bairrista por excelência. Índice extremo e *literal* desse sentimento é a recorrência a gentílicos de bairros (ex.: tijuicano) ou de regiões da cidade (ex.: “sou da Ilha”, “sou suburbano”).

<sup>58</sup> No Facebook, encontramos a *fan page* “Quem é do Méier não Bobéier”, curtida por 1.543 perfis, indício da popularidade da expressão.

a imagem permite ver, acrescentam e corrigem informações, criam sociabilidade. Nesse sentido, um mesmo morador do Méier escreve dois comentários sobre o bairro.

*Interagente 16* Como morador a mais de 70 no Meyer, o correto é com Y, devo acrescentar que esta foto foi batida do telhado do quartel do Corpo de Bombeiros e que o que alavancou o entorno chamado grande Meyer foram os bondes: 76 Engenho de Dentro, 79 Licínio Cardoso, 81 Triagem, 84 José Bonifácio, 85 Cachambí, 86 Pilares e 87 Boca do Mato. A linha 86 originalmente era Meier-Inhaúma, com a eletrificação da linha Auxiliar os bondes ficaram impedidos de cruzar a ferrovia.

*Interagente 16* A continuidade da viagem de Pilares até Inhaúma era feita por outro bonde que ficava do outro lado da rua Alvaro de Miranda e a passagem não era cobrada por isso era chamado de bonde Caridade.  
(Comentários de interagentes da *fan page* “O Rio de Janeiro Que Não Vivi”. Acesso em janeiro de 2015)

A narração do seguidor da página é o registro testemunhal de toda uma época carioca. Lessa (2005, p.204) assinala como em pouco tempo os bondes elétricos se expandiram pela cidade, com a instalação da empresa *Ligth and Power* e a construção da usina de Ribeirão das Lajes, em 1905. Em 1912, informa o autor, já estavam eletrificadas as linhas do Alto da Boa Vista e de Jacarepaguá. “[O bonde] tornou regular, cômoda e higiênica a viagem urbana. Ampliou a sociabilidade dos residentes no Rio e desenvolveu o hábito de circular e conhecer a cidade” (LESSA, 2005, p.204).

A ação de testemunhar, defende Ricoeur (2007, p.172), “revela então a mesma amplitude e o mesmo alcance que a de contar, em virtude do manifesto parentesco entre as duas atividades”. A essa proximidade, Ricoeur acrescenta o “ato de prometer”. Ele lista alguns desdobramentos de tais assertivas. Uma das consequências é a seguinte:

[...] a asserção de realidade é inseparável de seu acoplamento com a autodesignação do sujeito que testemunha. Desse acoplamento procede a fórmula típica do testemunho: eu estava lá [...] Esses tipos de asserções ligam o testemunho pontual a toda a história de uma vida (RICOEUR, 2007, p.172-173)

Manifesta-se assim portanto a autoridade de mais de 70 anos do morador que arremata: escreve-se Meyer, com “y”! É a mesma argumentação do *post* sobre a praia do Meireles: *posso dizer que era um paraíso, porque eu vivi esse paraíso*. Essa imbricação reclamada pelos seguidores entre a experiência e a carne, de um vivido impossível de ser transmitido na totalidade é a mesma dos versos finais da música *Rio Antigo (Como nos velhos tempos)* e no comentário “Você não viveu os anos 70 e 80 para saber como funcionava na pele a sociedade. Não tinha internet”, ambos citados no capítulo 1. Essa questão voltará à baila em tantos outros comentários a serem expostos neste trabalho.

Outro tópico da argumentação de Ricoeur, bastante útil no estudo da sociabilidade em torno dos testemunhos, é a situação dialogal do enunciado testemunhal. “É diante de alguém que a testemunha atesta a realidade. [...] Ela não se limita a dizer: 'Eu estava lá', ela acrescenta: 'Acreditem em mim'” (RICOEUR, 2007, p.173). Se no trabalho historiográfico o testemunho se dá entre alguém que fala e outro que escuta, nas redes sociais *on-line* a audiência se amplifica. A “plateia” das *fan pages* geralmente “aplaude” os testemunhos, com diversos *likes*. No caso da postagem do Méier, o primeiro comentário do morador recebe quatro “curtidas”, um deles do próprio perfil da página ORJQNV. Trata-se de um capital social atribuído ao relato, como a comunicar: “legal compartilhar isso conosco!” ou “acredito em você!”, entre outras possibilidades de leitura.

No sentido construído na *relação com* os sentidos dos outros, enrama-se um jogo de confianças múltiplas, instaura-se um *habitus*, ou como melhor delinea Ricoeur (2007, p.175), usando termos que lhe são mais particulares. “[...] Trata-se de uma competência do homem capaz: o crédito outorgado à palavra de outrem faz do mundo social um mundo intersubjetivamente compartilhado”. Ele lembra que mesmo na confiança, há possibilidade de *dissensus* e *consensus*. Nas *fan pages*, entretanto, dificilmente um testemunho é contestado, a não ser por outro testemunho.

Há outra característica peculiar nesses relatos em comunidades virtuais. Enquanto os testemunhos no trabalho historiográfico são colhidos geralmente a partir de um relato oral, escutados, portanto, no espaço dos comentários ele aparece em forma de escrita, adentrando outra seara, a dos arquivos, que são lidos, consultados. É somente porque os comentários estão lá, de forma pública e sedutoramente “eternas” que este trabalho foi possível. Na verdade, qualquer pessoa pode consultar os testemunhos e os conectados ao Facebook podem comentar em qualquer imagem, mesmo naquelas publicadas nos primeiros momentos da página, embora não seja assim tão fácil navegar em imagens postadas nos primeiros momentos das duas páginas, por exemplo.

No âmbito da pesquisa histórica, o acesso aos registros memoriais evoluíram em diversas escalas. Le Goff (2003) destaca o surgimento das paróquias, com suas anotações de nascimentos, matrimônios e mortes, como a inauguração da “era da documentação de massa”. Outro *boom* memorial vai ser introduzido séculos depois, ainda de acordo com o historiador francês, a partir da revolução tecnológica representada pelo computador. “A memória coletiva valoriza-se, institui-se em patrimônio cultural. O novo documento é armazenado e manejado nos bancos de dados” (LE GOFF, 2003, p.532). As ferramentas de redes sociais vão ampliar esse alcance, pois os testemunhos, digitados de modo espontâneo, rápido, daí porque



medo dele, kkkkkkk

(Comentários de interagentes da *fan page* “Fortaleza Nobre”. Acesso em janeiro de 2015).

A vista aérea é uma perspectiva bastante recorrente nas páginas em estudo e, numa espécie de imitação das três dimensões do mapa, tenta recuperar a “imagem total” da urbe. As cidades foram registradas nos mais diversos suportes midiáticos, e tais representações são parte indissociável de sua materialidade. Pesavento (2007, p.14) vai lembrar que mesmo as “cidades fantasmas”, cuja população retirou-se, “são reconhecíveis para nós como ‘cidades’ porque guardam as marcas, as pegadas, a alma — talvez possamos dizer — daqueles que um dia as habitaram”. O conjunto habitacional, que completa 45 anos em 2015, é moradia de 33.427 fortalezenses, segundo o Censo 2010 do IBGE, e transformou-se em lugar que também deixou marcas em um imaginário mais amplo, o da cidade de Fortaleza, apesar dessa curta duração da história do bairro.

O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vem solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, por meio da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (SANTOS, 2012, p.322)

Ao contrário dos “lugares de memória”, como o marco-zero da cidade, de onde emana o sentido memorável que constitui sua “institucionalização moralizante” (MONS, 2013, p.209-214), os bairros evocam a *memória dos lugares*, para utilizarmos novamente os termos do autor, cuja constituição “parece se elaborar na dispersão, na fragmentação, na explosão de uma institucionalização do real e do tempo”. É esse sentido espontâneo, criativo e disperso, formador do espírito moleque do cearense, que aqui também entra em cena. Atribuiu-se ao bairro a fama de moradia de homens traídos, conforme citado em alguns comentários<sup>60</sup>. Outra marca aludida é a do “corta-bunda”, famoso maníaco sexual que assustou o bairro (“pense num terror...”) – e a cidade – nos anos 1980. A memória do caso do “corta-bunda” já inspirou pelo menos duas publicações, uma delas em formato de história em quadrinhos. Esse sentido de lugar que se forma em grupo alude tanto a materialidades quanto a aspectos culturais, que

<sup>60</sup> Encontramos em um texto de Geimison Maia, publicado no jornal O Povo, algumas hipóteses para tal fama, colhidas a partir de relatos dos moradores: 1) Por ser um conjunto habitacional, no início, as casas eram iguais. E acontecia, uma vez ou outra, de o vizinho entrar no domicílio alheio. 2) O bairro concentrava muitas mulheres bonitas. 3) Como o bairro era distante, havia problemas de transporte. E as pessoas diziam: ‘Isso aqui é lugar pra corno’. Há também uma versão do cantor e compositor Falcão: “O José Walter foi o primeiro conjunto habitacional (de Fortaleza) e ficava no meio do mato. Como era um bairro dormitório, os maridos iam trabalhar e as mulheres ficavam em casa. Daí vem a fama de bairro dos cornos, que é antiga, do final da década de 70. Eu ‘apenasmente’ comento o fato” (MAIA, 2012).

emergem do imaginário. Daí as criações discursivas do Méier como lugar dos “safos” e do “Zé Walter” como o bairro dos “cornos”. Essa última pecha é obviamente rechaçada pelos moradores, mas difundida pelos demais fortalezenses.

Vê-se ainda como os testemunhos se expressam na escrita *on-line* em forma de textos curtos, passageiros: “eu estive aí”, “morei aí neste ano e mudei para praia de Iracema”, etc. Há necessidade de narrativa e escrita porque por ela nos fazemos sujeitos, organizamos o mundo errático dos fluxos e das coisas, do antes, do durante e do depois. Esses testemunhos, baú de contos debulhados pelos velhos à luz da fogueira em tempos primevos, deslocam-se, reconfiguram-se. Apresentam-se hoje também sob a forma dos comentários nas redes sociais *on-line*, depositárias de muitas das narrativas contemporâneas e de esquemas de organização de nossa sociabilidade pelas telas digitais. Há registros testemunhais os mais criativos possíveis, como veremos melhor no capítulo 4, deixados por esse sujeito do “devaneio” do século XXI, conectado a todo o globo<sup>61</sup>. Um devaneio, diferente de um sonho, ensina Bachelard (2009, p.7) não se conta, *escreve-se*. “Para comunicá-lo é preciso *escrevê-lo*, *escrevê-lo* com emoção, com gosto, revivendo-o melhor ao *transcrevê-lo*. Tocamos aqui no domínio do *amor escrito*”. É assim que, seguindo o autor, interessa-nos estudar o “devaneio poético”, forma de escrita deixada pelos sujeitos comentadores, “um devaneio que a poesia coloca na boa inclinação, aquela que uma consciência em crescimento pode seguir. Esse devaneio é um devaneio que se escreve ou que, pelo menos, se promete escrever” (BACHELARD, 2009, p.6).

A historiadora francesa Arlette Farge mostra como as formas de escrita podem ser as mais inventivas possíveis e habitar os menos esperados suportes, a fim de vencer a barreira do tempo limitado da vida humana. Em restos de escrita como pedaços de papel, cartas, “livros de horas” e demais manuscritos encontrados junto a defuntos, ela aponta como a escrita se configura como uma necessidade, um desejo de apropriação da população francesa não letrada do século XVIII. “Esse modo de vida o obriga a ser homem de direito, homem não desocupado, cuja manifestação possível de algumas relações econômicas, religiosas ou afetivas é signo de um capital simbólico para sobreviver e para desejar” (FARGE, 2003, p.55, tradução livre). Nesses desejos de escrita, age assim o devaneio que faz do campo dos comentários o lugar de um diário íntimo, da reatualização de um palimpsesto como suporte em que se escreve, borra-se, edita-se, apaga-se.

Diferentemente de um registro em papel, a escrita proporcionada pelas ferramentas de

---

<sup>61</sup> Na *fan page* “Fortaleza Nobre” encontramos um *post* em polonês sobre as jangadas. Em “ORJQNV” às vezes encontram-se comentários em inglês.

rede social é geralmente rápida e feita sem contato direto com o material que a produz e o suporte que a registra: a tinta e o grafite se reconfiguram em *bits*. Ancorados em uma abordagem de longa duração para pensar os *media* e buscando uma possível genealogia para esse formato de escrita rápida e de apagamento iminente, encontramos os *librillos de memoria* descritos por Chartier (2007, 2010). Baseado no romance *Don Quijote de la Mancha*, de Cervantes, o historiador sustenta a hipótese de que tal *librillo*, que de fato existiu, não era feito de papel comum. Nas “folhas” dessa espécie de caderno de tabuletas era possível escrever sem tinta nem pena, uma vez que suas páginas eram recobertas por um revestimento envernizado que permitia apagar e reescrever. Os *librillos* aparecem na obra de Cervantes e servem de suporte material para os registros que o protagonista confia aos cuidados de Sancho Pança<sup>62</sup>.

[...] Entre a memória sem livro e os livros que são uma memória, o *librillo de memoria* de Cardenio [personagem do romance] é um objeto contraditório, em que, como anuncia a definição do *Dictionnaire de la langue castilhane*, publicado pela Real Academia nos começos do século XVIII, “nota-se tudo que não se quer confiar a fragilidade da memória”, e que, em seguida, é apagado para que as folhas possam servir novamente (CHARTIER, 2010, p.20).

Se o *librillo* era o palimpsesto dos contemporâneos de Cervantes, conforme remete Chartier, séculos depois de Sancho e Quixote esse “caderno de notas” nos leva a pensar a materialidade da escrita em suportes digitais nos nossos tempos. É nas telas de computadores, *smartphones* e *tablets*<sup>63</sup> onde registramos nossas anotações cotidianas, de certa forma repetindo e atualizando o temor de perda memorial de séculos atrás. No Facebook, cada janela que salta da página principal contendo as imagens e os comentários também tem o formato plano de uma tabuleta, que, unidas, também poderiam formar uma espécie de caderneta. O clique do *mouse* e a tela sensível ao toque simulam, inclusive, a passagem das folhas.

Em cada uma dessas “tabuletas digitais” é possível anotar, editar o que foi escrito, arrepender-se e depois apagar o comentário: jogo efêmero de escrita e perigo constante de apagamento. Muito mais que a materialidade, o *librillo* de Cardênio nos ajuda a pensar, portanto, a experiência sensível nas comunidades virtuais sobre memória de cidades. As imagens antigas que se sucedem formam uma espécie de biblioteca ou arquivo não durável (Chartier, 2007, p.71) em que, na desorganização eletrônica do ciberespaço, é difícil recuperar

<sup>62</sup> Segundo Chartier (2007, p.74), também há referências a “carnês”, tabuletas ou *writing tables*, “o qual permite apagar (*to wipe away*) o que foi escrito antes e escrever novamente na mesma página” em *Hamlet*, de William Shakespeare.

<sup>63</sup> Redução da expressão *tablet computer*. Segundo o dicionário Oxford, o nome em inglês tem origem no francês antigo *tablete*, o qual se origina no latim *tabula*.

*posts* de alguns dias ou semanas. Quantas vezes nos pegamos na angústia de buscar uma foto, um *link* ou um *post* de que gostamos sem, contudo, encontrá-lo. A agonia da perda também se dá em razão da interface da *timeline*, em que as informações se avolumam e precisam ser lidas naquele momento, pois do contrário será difícil acessá-las depois. Tudo parece disponível à distância de uma busca<sup>64</sup>, ao mesmo tempo em que tudo é passível de sumiço. Daí o porquê de *backups* sucessivos, de guardar tudo nas “nuvens”. “[...] A informatização global do conhecimento tende a construir um mundo à imagem de um sistema mnemônico completo e absoluto” (COLOMBO, 1991, p.42).

Ilusão completa, como se vê por meio das *fan pages*. Ao mesmo tempo em que representam um *boom* na capacidade de armazenamento, as redes telemáticas imprimem nos sujeitos um temor constante pelo apagamento. É assim, portanto, que esse medo presente no suporte de escrita se mescla ao temor da derrocada memorial. “Essa vou guardar!”, comenta um dos interagentes da “Fortaleza Nobre”, diante de uma das fotos. É como se o ato de salvar o arquivo no computador fosse a extensão da tentativa de preservar o passado do local – ou de guardar o local no passado. Na ORJQNV, uma notícia publicada pelo administrador da página deixou aflitos os seguidores da página. “Gente, uma péssima notícia: perdi todas as minhas fotos do Rio antigo. Inclusive algumas que eu nem postei na ORJQNV. Todo o meu acervo, por enquanto, é essa página. Meu computador deu problema e não deu para salvar o que eu tinha. Tive que formatar... aí já viram, né? Enfim... é vida que segue!” (“O Rio de Janeiro que Não Vivi”. 12/11/2014. Acesso no mesmo dia).

Como detalharemos melhor no próximo capítulo, o medo do apagamento memorial se exacerba com a ascensão da modernidade. Memória e tradição andam de mãos dadas nos sujeitos rememoradores. “Para eles, perder seu lugar no canto de tal rua, à sombra de tal muro ou de tal igreja seria perder o apoio de uma tradição que os protege, sua única razão de ser” (HALBWACHS, 2006, p.165). O efêmero, como as vidas findas e os prédios destruídos, é passível de esquecimento, de apagamento. Daí o temor, pois apagar-se é deixar de ser, é interromper promessas de futuros. Divisa-se, portanto, um medo de esquecimento da memória social e de apagamento da escrita, numa dialética indissociável. “Da mesma maneira que o esquecimento é a condição da memória, o apagamento é a do escrito” (DARNTON, 2010, p.20).

---

<sup>64</sup> O ideal de um “arquivo total”, ou seja, das lembranças guardadas em lugares exatos para buscá-las em momento de necessidade remonta à lenda de Simônides, crônica grega do nascimento da mnemotécnica. Para mais detalhes, ver Colombo (1991, p.30-32).

### 3 TEMPO E MEMÓRIA NA CIDADE NOSTÁLGICA

#### 3.1 Meios de Comunicação e Temporalidades

Organiza-se a desordem da vida e do tempo humano em dias, meses, estações, anos, fases, gerações e ciclos. É na espera do momento exato de plantar, colher, cozinhar, temperar, insistir e desistir que se escrevem dores e delícias íntimas e coletivas, à medida em que arrancamos páginas e sublinhamos datas em calendários mentais e de papel. Nos primeiros agrupamentos humanos, residia exclusivamente na memória dos indivíduos todo o repertório cultural e, portanto narrativo, das comunidades. Ao longo da história, porém, as fontes de registro vêm se expandindo em várias materialidades, permitindo revoluções tecnológicas como a invenção do papel, do tipo móvel e da comunicação em redes telemáticas. A memória vem travando, portanto, sucessivos embates contra a morte, lutas estas que expõem a sanha humana de perpetuar-se também por meio dos registros, a vontade de superar a fatídica origem na “poeira de estrelas” ou no barro mundano.

Nas sociedades de predomínio da escrita, a memória se desloca para a cultura material, como mostramos nos capítulos anteriores. Mudam-se os meios de memória, mas é a mesma natureza histórica que fala ao homem na sede por narrar-se e ouvir-se pela narrativa no sertão de lembranças e veredas de esquecimentos. Nessa relação, os meios de comunicação certamente imprimiram novidades, especialmente na vida em cidades.

Seguindo a trilha teórica proposta por McLuhan (2007), pensemos na introdução da luz elétrica nos centros urbanos, por exemplo. Os passeios noturnos se tornaram mais seguros; a leitura, antes sob o amparo das velas ou da iluminação a gás, mais agradável. E com o passar das décadas, as fachadas das construções se vestiram de lâmpadas incandescentes, neons e de diodo emissor de luz (LED, na sigla em inglês), mudando a forma como enxergamos e vivenciamos a cidade. “Assim, a eletricidade viria a causar a maior das revoluções, ao liquidar a sequência e tornar as coisas simultâneas” (MC LUHAN, 2007, p.26). Em outras palavras, a luz permitiu, portanto, uma certa extensão temporal. Para o teórico, os efeitos no tempo e no espaço das associações humanas também foram introduzidas por tecnologias como o telégrafo, o telefone, o rádio e a televisão.

No mesmo sentido, Barbosa (2007) aponta como a questão temporal envolveria o cerne da construção textual dos meios de comunicação, criadores estes de uma “aceleração do

tempo”. “O tempo midiático é um *continuum* de aceleração e de transformação do futuro no instante” (BARBOSA, 2007, p.82). Marialva compara os efeitos de sentido introduzidos pela transmissão direta dos acontecimentos, por rádio e tevê, à ascensão dos sistemas virtuais, que “embaralham as antigas categorias de ficcional, histórico e jornalístico” (BARBOSA, 2007, p.83). Assim, segundo ela, a narrativa produzida por esses sistemas “é a narrativa histórica do imediato” (BARBOSA, 2007, p.83). Pierre Lévy segue linha argumentativa próxima ao identificar no espírito informático uma “condensação no presente, na operação em andamento”. “Por analogia com o tempo circular da oralidade primária<sup>65</sup> e o tempo linear das sociedades históricas, poderíamos falar de uma espécie de implosão cronológica, de um tempo *pontual* instaurado pelas redes de informática” (LÉVY, 1993, p.115, grifo do autor).

A informática vai imprimir, dessa forma, novas nuances nas mediações entre os sujeitos e o mundo, especialmente no que diz respeito à experiência com o tempo. Ao aspecto da simultaneidade, introduzida por meios pretéritos como o telégrafo, soma-se o modelo de comunicação rizomática, em que é possível às audiências conectadas, em princípio, escrever para um público amplo, favorecendo a formação de grupos em comunidades virtuais. No entanto, muito mais do que mudanças temporais, o próprio imaginário informático contemporâneo está ligado à ideia de tempo cronológico. Eis alguns indícios.

Pensemos no ícone da ampulheta a nos pedir paciência em antigas versões do sistema operacional *Windows*, já hoje verdadeiras “peças de museu”. Mesmo o ícone mais atual usado para simbolizar a espera e a atualização das páginas remete ao tempo do relógio: uma circunferência em que incessantemente gira um fluxo em sentido horário. A ânsia por essa “narrativa do imediato” impôs também novas rotinas às redações jornalísticas, que a partir dos anos 1990, no Brasil, passaram a transpor versões dos textos impressos para a *web*. Era o *boom* de portais como o *Último Segundo*, com notícias atualizadas a todo instante. A meta era publicar alucinadamente antes do concorrente, deixando em segundo plano a forma e o conteúdo. Muita água passou nesse “rio” das práticas jornalísticas *on-line* – e não cabe aqui discutir essa travessia – mas certo é que continuam relevantes marcas temporais como “texto publicado em”, “notícia atualizada em” ou simplesmente o ícone de um relógio ao lado do horário em que a notícia foi publicada. O portal de notícias *Terra* amplifica esse chamamento constante à novidade ao seguir o modelo de alerta das redes sociais *on-line*: “x novas histórias” que você não leu. O efeito de sentido é o mesmo: fisgar a leitura daquele internauta

---

<sup>65</sup> O termo “oralidade primária” Lévy toma de empréstimo de Ong (1998, p.19). Walter Ong diferencia esta, pertencente a uma “cultura totalmente desprovida de qualquer conhecimento da escrita ou da impressão”, da “oralidade secundária”, “na qual uma nova oralidade é alimentada pelo telefone, pelo rádio, pela televisão ou por outros dispositivos eletrônicos”.

ávido por conteúdo novo, o que tem “medo de perder algo”, ou *fear of missing out (Fomo)*, como o fenômeno ficou conhecido em inglês.

Esse modelo temporal linear do jornalismo digital – ou do próprio sistema informático, a bem dizer – vai ser replicado em *blogs* e demais redes sociais *on-line*. Os *blogs* e *fotologs* viriam a constituir verdadeiros diários íntimos em seus usos iniciais, permitindo a consulta desse acervo por dias, meses e anos, à semelhança do mesmo gênero discursivo feito de papel. O Orkut, ferramenta de rede social desativada em setembro de 2014 pelo Google e durante muito tempo a preferida dos brasileiros, destacava ao lado de cada *scrap* data e horário da postagem. Revirando um “arquivo” pessoal<sup>66</sup> é possível saber que “Mel e Girassóis” deixou a seguinte mensagem no dia 15 de maio de 2006 às 20:48: “Migooooooooo saudads...bjuuuuuuuu”. Hoje, a temporalidade do Orkut é necessariamente a do passado nostálgico, já que lá não é mais possível publicar. Para quem se lembrou de baixar fotos e mensagens, resta se contentar com a consulta do arquivo, em leitura *off-line*. A rede social dos *scraps* constitui hoje, portanto, um verdadeiro museu, de consulta privada, de uma história pessoal e coletiva findada, contada em vestígios escritos e fotográficos de trajetórias e sociabilidades passadas, das quais rimos, sentimos saudades, mas sobre as quais não temos mais domínio de escrita, uma vez que lá o tempo descontinuou.

Chegando finalmente ao Facebook, observa-se o esgarçamento desses “chamamentos temporais” regentes da sociabilidade mediada pelas telas de computadores, *tablets* e *smartphones*. Para começar, as atualizações de amigos e *fan pages* seguidas se apresentam em “linhas do tempo” (*timeline*), cuja ordenação se dá dos *posts* mais recentes para os menos recentes. As notificações – avisos de quem nos citou, curtiu, comentou nossas publicações e tudo mais que “pedimos” que o Facebook nos alerte – também nos gritam em vermelho os minutos e as horas que separam aquele momento de visualização das postagens feitas. Para sustentar o argumento, todavia, bastaria citar que qualquer postagem pessoal e comentário no Facebook é acompanhado da data de publicação – às vezes o local também é registrado. São esses os indícios que levam a identificar o tempo como problemática central para discutirmos a sociabilidade em redes sociais *on-line*, principalmente quando o objeto de estudo são comunidades virtuais sobre memória de cidades, espécies de *rugosidades* virtuais ou *acúmulos desiguais de tempos*, conforme mostramos nos dois capítulos precedentes, tomando de empréstimo expressões de Milton Santos.

<sup>66</sup> A partir de setembro de 2014 não é possível mais se cadastrar no Orkut. É permitido aos interagentes apenas salvar todos os arquivos no computador, até 2016, para leitura *off-line*. O Google promete criar um arquivo público com as comunidades da finada rede social (Fonte: ARAUJO, Bruno et al.É o fim do orkut. **Portal G1**, 29. set. De 2014).

Poderíamos falar ainda das ansiedades provocadas por mensagens visualizadas e não respondidas no *chat* do Facebook; da introdução em novembro de 2014 do aviso denunciador de que a mensagem foi “recebida e visualizada” no WhatsApp, ferramenta de troca de mensagens instantâneas via *smartphone*; da busca carente e imediata por *likes* e comentários elogiosos de nossas fotos no Instagram e das tiradas sarcásticas no Facebook. Sem tempo, os computadores param. Com datas erradas, os programas informáticos dão *bugs*. São esses indícios extras de que também na *web*, “João, o tempo andou mexendo com a gente, sim”, como cantou Belchior para John Lennon em 1979<sup>67</sup>.

Mas se o imaginário evocado nas *timelines* é o de um tempo linear, cronológico, moderno, a experiência com os textos em ambiente *on-line* imita nossa leitura do mundo nas cidades: é hipertextual em essência, desobedece a ordem sugerida na *timeline*. Mons (2013, p.18-19, grifo do autor, tradução livre) defende que a cidade pós-moderna é povoada por *imagens-fluxo*, advindas principalmente da imagem publicitária, que se apresentam segundo procedimentos eletrônicos ou são “tomadas” (*prises*) do movimento urbano. “Isso constitui uma verdade constelação de imagens, para retomar uma expressão benjaminiana, que se integra a uma paisagem ao mesmo tempo material e virtual, estabelecida e mutante”.

A sociabilidade nas comunidades virtuais imprime saltos espaço-temporais nessa experiência, experimentada entre cliques que separam uma fotografia do século XIX e outra da década de 1970 ou entre os poucos segundos que isolam a leitura de um comentário de quem viveu o período retratado na cena e de outro que diz ter nascido na época errada. A materialidade do texto cibernético influencia, por conseguinte, sua prática de leitura. Navegar-se no Facebook não como quem degusta *Madame Bovary*, mas como quem é convidado a folhear *Rayuela*, do argentino Julio Cortázar, cuja obra maior pode ser lida por ordenamento aleatório de capítulos. É assim também nas travessias cotidianas nas grandes cidades, onde vivemos um “ritmo descontínuo” (MAFFESOLI, 2002, p.182). Principalmente nos períodos de trânsito, os sujeitos se conectam a dispositivos móveis propulsores de leituras e escritas hipertextuais. A revolução dos transportes e da comunicação de massa deu caráter movente ao contato sensível dos sujeitos com as paisagens, tornando “o deslocamento um elemento de extrema importância para a compreensão dos espaços de convivência em nossa cidade” (MAIA, 2006, p.116).

Ouve-se música no celular enquanto se lê um livro no ônibus. Isso ao mesmo tempo em que uma mensagem SMS ou um bate-papo *on-line* acionam mecanismos de escrita rápida,

---

<sup>67</sup> Os versos de *Comentário a respeito de John* são aqui levemente tomados de empréstimo, como atestado da atemporalidade de Belchior, em cuja obra o tempo é tema recorrente.

na velocidade do atraso e do aviso sonoro de chegada à estação de desembarque ou baldeação do metrô. “Ante o monitor, a leitura é uma leitura descontínua, segmentada, mais ligada ao fragmento do que à totalidade” (CHARTIER, 2010, p.9). Nesse trajeto, a cidade também compõe os textos, seja como cenário, seja como parte da narrativa contada e lida nos percursos. “Estive no centro ontem e passei em frente ao palácio da justiça. Lembrei-me desta página”, escreve um dos seguidores da “Fortaleza Nobre”, em um *post* de abril de 2013, explicitando como a cidade da concretude e das virtualidades das *fan pages* estão em constante diálogo e movimento.

### 3.2 O tempo nas cidades

As imagens divulgadas nas comunidades em estudo mostram as paisagens e o cotidiano de outras épocas. Parte significativa desse acervo evidencia cenas do período da *Belle Époque* de Fortaleza e do Rio de Janeiro. O termo expressa, segundo Ponte (2006, p.69), “a euforia dos setores sociais urbanos com as invenções e descobertas científico-tecnológicas decorrentes da Segunda Revolução Industrial (1850-1870) e demais novidades, modas e produções artístico-culturais ocorridas entre 1880 e 1918, fim da Primeira Guerra Mundial (isso na Europa; no Brasil, tais 'belos tempos' vão até os anos 20)”.

A partir do estudo etnográfico, também pôde-se depreender que muitos dos registros enfocam – e reforçam, por conseguinte – valores introduzidos pela modernidade nas duas cidades. Exemplos disso são os destaques dados ao traçado retilíneo das fachadas e das ruas, ao circular dos bondes, aos “arranha-céus” do começo do século XX e às chaminés das fábricas. Nesse sentido, a *cidade política*, embora composta também de artesanato e trocas, não pode ser concebida sem a escrita. “Ela é inteiramente ordem e ordenação, poder” (LEFEBVRE, 1999, p.13). Exemplo dessa “escrita” arquitetural imposta pela “ordenação” é a fotografia seguinte, publicada em 27/11/2013 em “Fortaleza Nobre”.



Imagem 6: Visão aérea da praça Clóvis Beviláqua, que já foi Praça da Bandeira e Visconde de Pelotas, em 1936.

Autoria não identificada

Reprodução de “Fortaleza Nobre” (27/11/2013)

O encontro dos sujeitos da contemporaneidade com imagens da modernidade nas telas digitais permite ler, por conseguinte, entrecruzamentos temporais da experiência na cidade. Esse contato sensível se dá no contraste entre a cidade atual da mobilidade, onde apenas se divisa desordem e a cidade do passado, cujas aparentes ordem e elegância aparecem congelados nas fotografias. Dessa forma, o percurso teórico entrevisto é pôr em debate as questões da modernidade e da contemporaneidade a partir das duas *fan pages*. O desafio teórico posto é, assim, discutir esses dois períodos, dando destaque para as duas cidades em estudo. “Há uma ordem do tempo que é a das periodizações, que nos permite pensar na existência de gerações urbanas, em cidades que se sucederam ao longo da História, e que foram construídas segundo diferentes maneiras, diferentes materiais e também segundo diferentes ideologias” (SANTOS, 2002, p.21). Soma-se a essa explanação um breve comentário histórico sobre os significados do tempo nas cidades<sup>68</sup>.

Sem o homem não há tempo, escreveu Heidegger (apud SANTOS 2002, p.21), e observar historicamente as relações dos sujeitos com a “quarta dimensão” evidencia aspectos relevantes da cultura dos grupos. Supõe-se que os incas eram exímios observadores de eventos astronômicos, a partir dos quais sabiam os períodos corretos para as plantações nas montanhas. Já os maias, conta-se, tinham uma acurada contagem do tempo, o que resultou em um calendário anual quase exato em comparação ao ano astronômico – o tempo em que a Terra leva para dar uma volta completa em torno do Sol. Ao se chegar cedo pela manhã, nos dias correntes, à cidade mineira Ouro Preto, é possível entender o valor do tempo mediado

<sup>68</sup>

Sobre o assunto, baseamo-nos aqui principalmente em Le Goff (1993) e Colombo (1991)

pela Igreja no período colonial ao ouvirmos o badalar dos sinos<sup>69</sup>. Mesma sensação se observa na rua dos Inválidos, no Centro do Rio de Janeiro, em uma manhã de domingo, nas proximidades da Igreja de Santo Antônio dos Pobres<sup>70</sup>. Na estação Central do Brasil, a temporalidade é a da pressa. No topo do prédio, um relógio nem sempre ajustado é um regulador simbólico do tempo moderno do trabalho e da volta para casa. Atualmente, esse papel é exercido pelos avisos sonoros dando conta insistentemente dos minutos restantes para a partida dos trens para Japeri, Santa Cruz, Belford Roxo.... gatilhos para correria e histeria.

Na página do Rio, uma imagem da Agência Globo de 1963 cria um debate sobre os significados atuais e pretéritos do relógio da Central. A imagem foi usada durante longo período como foto de perfil de “O Rio de Janeiro Que Não Vivi”.



Imagem 7: Prédio da Central do Brasil em 1963.  
 Autoria: Agência O Globo.  
 Reprodução de ORJQNV (10/12/2012)

“Sobre a foto e a maneira como foi tirada, parece que tentam passar a mensagem da pontualidade do nosso 'BigBen' carioca. Era um tempo que a Central do Brasil ainda era uma referencia....”, analisa um dos seguidores. “Hoje o relógio da central esta sempre atrasado ou parado”, emenda outro. O primeiro comentário faz uma leitura do propósito da foto e infere que a Central não é hoje mais uma “referência”, argumento este corroborado pelo comentário

<sup>69</sup> O som dos sinos de nove cidades mineiras foi tombado em 2009 como Patrimônio Imaterial do Brasil. No filme “Trens Estreitamente Vigados”, o diretor tcheco Jiří Menzel mostra um idoso que aparece em cena mais de uma vez apenas para ressaltar como ele acha belo o soar dos sinos de uma igreja.

<sup>70</sup> Essas páginas foram escritas ao som diário dos sinos do Santuário de Nossa Senhora de Fátima, na Rua Riachuelo, que curiosamente passou a acionar o aviso sonoro justamente nesse período.

seguinte sobre o mau funcionamento do relógio. Embora seja questionável a perda do *status* de “referência” do prédio da Central na atualidade – afinal é ali onde muitos se encontram até hoje<sup>71</sup> – fato é que os sujeitos falam sobre diluições de significados de tal fixo simbólico na contemporaneidade. Teria o próprio significado do “tempo moderno” se modificado também? O tempo, antes avisado apenas em mostradores gigantes e em relógios de bolso<sup>72</sup>, que depois migraram para o pulso de alguns mais ricos, hoje pode ser consultado em qualquer equipamento eletrônico ao alcance das mãos, tornando aqueles ponteiros talvez hoje menos olhados. O tempo moderno do relógio da Central pode até ter se tornado *rugosidade*, mas não perde, por isso, sua função de testemunho de temporalidades cruzantes: o trabalhador que não mais acerta seu relógio por ele é o mesmo que dali parte diariamente para sua jornada de trabalho.

Tal como no Rio da contemporaneidade, a precisão dos grandes relógios com sinos do século XIV em Paris já era alvo de desconfiança. “*L'horloge du palais elle vas comme lui plaît*”, brincava o povo parisiense a dizer que o relógio do palácio marcava as horas como bem lhe convinha (CIPOLLA, 1967, p.250 apud COLOMBO, 1991, p.71, tradução livre). Foi justamente na Europa desse período quando se definiram os parâmetros e os mecanismos da forma como lidamos com o tempo no Ocidente até hoje: à difusão de grandes e barulhentos relógios mecânicos, somou-se o calendário reformulado em 1582 pelo papa Gregório XIII<sup>73</sup>.

Segundo Colombo (1991, p.71-72), o aparecimento dos relógios mecânicos coincide com a rápida expansão da civilização urbana europeia. O autor identifica um sentido “amulético e talismânico” para essas “máquinas do tempo”<sup>74</sup>, embora pondere que a magia em torno de tais tecnologias não superava aquela das antigas meridianas, ampulhetas e clepsidras, estas, assim como aquelas, formas de *representar* o tempo universal. No entanto, ele identifica nos relógios um “duplo quadro”, pois além de marcar a transição da contagem do tempo para uma máquina, eles evidenciam “a fratura entre um tempo que tem no universo

<sup>71</sup> Lembremos ainda que o local também adentrou o campo do imaginário brasileiro contemporâneo a partir do filme *Central do Brasil*, de Walter Salles, de 1998.

<sup>72</sup> Simmel (1973, p.12) cita a difusão dos relógios de bolso como marco da “exatidão calculista da vida prática” criada pelo dinheiro.

<sup>73</sup> Cite-se ainda que em 232, o monge Dionísio, o Pequeno, propôs que se iniciasse a contagem dos anos a partir do nascimento de Cristo, que ele situava no ano 753 de Roma (Le Goff, 1993, p.522).

<sup>74</sup> Colombo cita, entre outros exemplos, um relógio construído para a Catedral de Estrasburgo, em 1350, que indicava todos os movimentos dos signos do zodíaco e dos planetas, com as respectivas órbitas e epiciclos. Um belo texto literário sobre esse sentido talismânico dos relógios, e por extensão de todos os objetos portáteis, está em “Preâmbulo às instruções para dar corda no relógio”, do argentino Cortázar. “Quando dão a você de presente um relógio estão dando um pequeno inferno enfeitado, uma corrente de rosas, um calabouço de ar. [...] Não dão um relógio, o presente é você, é a você que oferecem para o aniversário do relógio”.

o seu próprio horizonte de referência e uma temporalidade humana não-sígnica, difratada no seu interior por uma cesura que se desdobra em termos de produtividade material” (COLOMBO, 1991, p.78). Não à toa, o relógio – desde então o mediador das horas de trabalho, pausa e descanso – se torna metáfora da vida social urbana.

Na modernidade, de acordo com Giddens (1991, p.26-27), o relógio vai expressar uma dimensão uniforme de tempo “vazio” quantificado de tal maneira que permita a designação precisa de “zonas” do dia. O dinamismo da modernidade, ainda segundo ele, deriva justamente da *separação do tempo e do espaço* e sua recombinação em outras formas.

Em Fortaleza, o tempo da modernidade chega em forma de monumento a partir de 1933, quando o prefeito Raimundo Girão inaugura a Coluna da Hora no coração afetivo e um dos principais cartões-postais da cidade até hoje: a Praça do Ferreira. O relógio que hoje reina no centro do logradouro e o próprio desenho da praça não são mais os originais há décadas, mas o simbolismo representado pelo objeto original permanece. “Espécie de máquina-monumento, esse grande relógio foi instalado pela prefeitura no mais importante logradouro de Fortaleza e marcava a hora oficial do município” (SILVA FILHO, 2003, p.21). Eis uma postagem de junho de 2013 mostrando a Coluna da Hora na década de 1940.

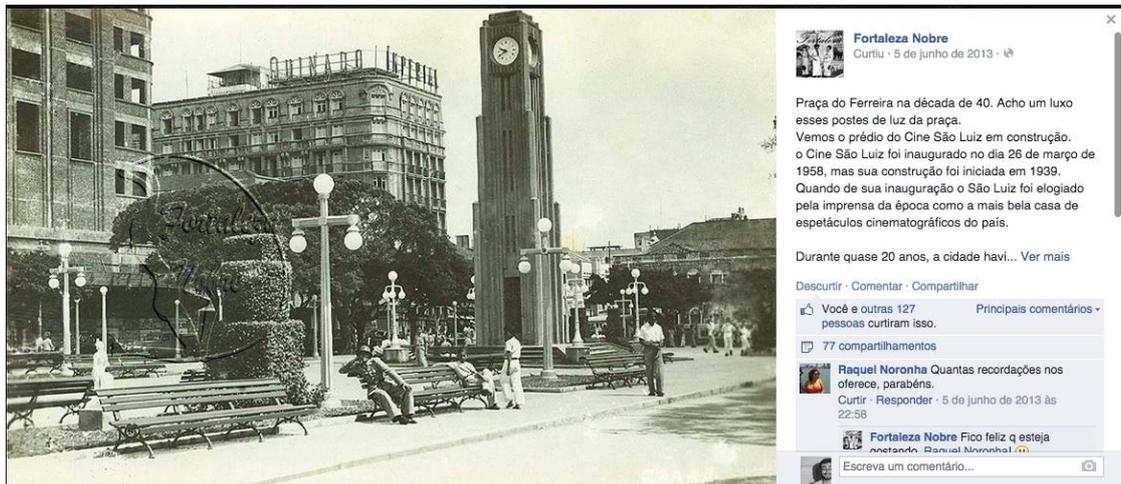


Imagem 8: Praça do Ferreira na década de 1940.  
 Autoria não identificada  
 Reprodução de “Fortaleza Nobre” (05/06/2013)

“Tempos áureos que não voltarão nunca mais.”, arremata uma das seguidoras da página do Ceará, evidenciando como o relógio é uma metonímia irônica para compreensão dos embates da memória na cidade. Na terra onde pouco sobrou do patrimônio histórico-arquitetônico nem mesmo o símbolo máximo do regimento de uma ordem pretérita – a

moderna – poderia sobreviver. É como se Fortaleza, na sanha constante de superação de um período anterior, precisasse pôr abaixo os símbolos dessa era. A cidade parece ter se valido de sucessivos apagamentos de marcas de outros tempos para impor outros, e o relógio da praça não escaparia ileso. O atual monumento, sopros de novos tempos, tenta imitar em *art dèco* os traços *art nouveau* da Coluna original. Nada que agrade aos mais saudosos, sedentos pela *aura* que revestia o antigo relógio.

Os comentários, aqui reunidos a partir de *posts* diversos da imagem da Coluna e da Praça do Ferreira, não escapam do tom recorrente.

*Interagente 1* Permaneceu assim por muitos anos. Agora nao conheco masi [mais] nada por essa [...] pracinha!!”

*Interagente 2* esse tempo sim, era uma cidade linda e historica ,, cd nossas Culturas povo????? acabou mesmo ta td mudado ,,

*Interagente 3* Essa eu nunca tinha visto!

*Interagente 4* E reparem a bela, maravilhosa coluna da hora quem alguém demoliu e colocou em seu lugar um poleiro enferrujado, e lavabo de mendigos.

(Comentários de interagentes da *fan page* “Fortaleza Nobre”. Acesso em outubro de 2014.)

O ressentimento com a destruição do antigo relógio se presentifica nos comentários de quem viveu para contar a existência da construção “original” no centro da praça. No sentido aludido por Halbwachs (2006, p.163), alguns comentários nas duas páginas remetem a essa falta de reconhecimento quando se volta ao local e compara-se com a experiência passada. Os sujeitos se descrevem deslocados, relatam estar diante de algo distinto daquilo que foi vivido. A ausência da referência na praça– somada às sucessivas reformas – cria um quadro de desenraizamento para as testemunhas dessa época. A praça de outrora era familiar; a de hoje, embora mais aberta ao passeio de pedestres, é depreciada como “pracinha”. O relógio da atualidade não passa de “um poleiro enferrujado, e lavabo de mendigos”, pois é arremedo do original. Oh, malditos novos tempos em que tudo mudou: “cadê nossas culturas, povo?”, conclama outro seguidor, mais uma vez em sentido metonímico da derrocada do símbolo da praça como derrota memorial e cultural de toda a cidade. No entanto, talvez eles não lembrem – ou mesmo desconheçam –, mas o local onde repousava o “finado” relógio foi campo de batalha de outras brigas pela memória.

O relógio de 1933 deu lugar a um coreto (*ver imagem abaixo*), construído em 1925 por Godofredo Maciel. O prefeito foi o mesmo que, cinco anos antes, ladrilhou o areial onde ficava a praça e mandou demolir o jardim e os quatro cafés-quiosques localizados nas quatro

pontas do logradouro<sup>75</sup>. Décadas antes, em 1902, o intendente Guilherme Rocha fez um jardim no centro da praça, onde antes havia cacimbas de abastecimento. Em cada canto da praça repousavam frades de pedra de onde pendiam argolas usadas para amarrar animais<sup>76</sup>. O primeiro a modificar a praça foi, na verdade, o seu “fundador”: Antônio Rodrigues Ferreira, em 1843. O boticário Ferreira, nascido em Niterói, chegou a Fortaleza em 1825 e nos arredores da então “feira-nova” ou praça Pedro II estabeleceu sua loja. “Sua botica ficou sendo, desde então, o ponto de reunião obrigatório da cidade. [...] espécie de jornal falado dos acontecimentos notáveis da Fortaleza daqueles tempos” (MENEZES, 2000, p.50). No cargo de presidente da Câmara Municipal, depois de ordenar demolições e alinhamentos, definiu o perímetro do logradouro, em 1843 (LEITÃO, 2002, p.17). Em 1859, após sua morte, a praça recebeu seu nome (MENEZES, 2000, p.50).

Note-se como o coreto ou quaisquer elementos anteriores à Coluna de Girão não são evocados nos comentários. Nas palavras de Bergson (2006, p.175 apud PEREIRA; DA MATA, 2012, p.14) encontra-se uma explicação plausível: “A distinção que fazemos entre o nosso presente e o nosso passado é, portanto, se não arbitrária, pelo menos relativa à extensão do campo que nossa atenção à vida pode abarcar. [...] Numa palavra, nosso presente cai no passado quando deixamos de lhe atribuir um interesse atual”. Em sentido análogo anota Halbwachs (2006, p.105): “Não é absolutamente por má vontade, antipatia, repulsa ou indiferença que ela [a memória de uma sociedade] esquece uma quantidade tão grande de fatos e personalidades antigas, é porque os grupos que guardavam sua lembrança desapareceram”.

---

<sup>75</sup> Ponte (2006, p.78) situa a demolição do coreto e dos quiosques como marcos do declínio da *Belle Époque* local. Tais ícones deram lugar, segundo ele, a “uma nova e racionalizada praça”.

<sup>76</sup> As informações constam no livro clássico *Geografia Estética*, do próprio Raimundo Girão, que também era historiador. Na obra, Girão (1979, p.132) descreve o antigo coreto como “grosso, acaçapado e desgracioso”. A construção do relógio dividiu a imprensa fortalezense da época. O jornal *A Rua* chegou a acusar o prefeito de ter “passadofobia”. Sobre tal celeuma e detalhes dos significados do relógio para a modernidade fortalezense, ver Almeida (2013, p.77-85).

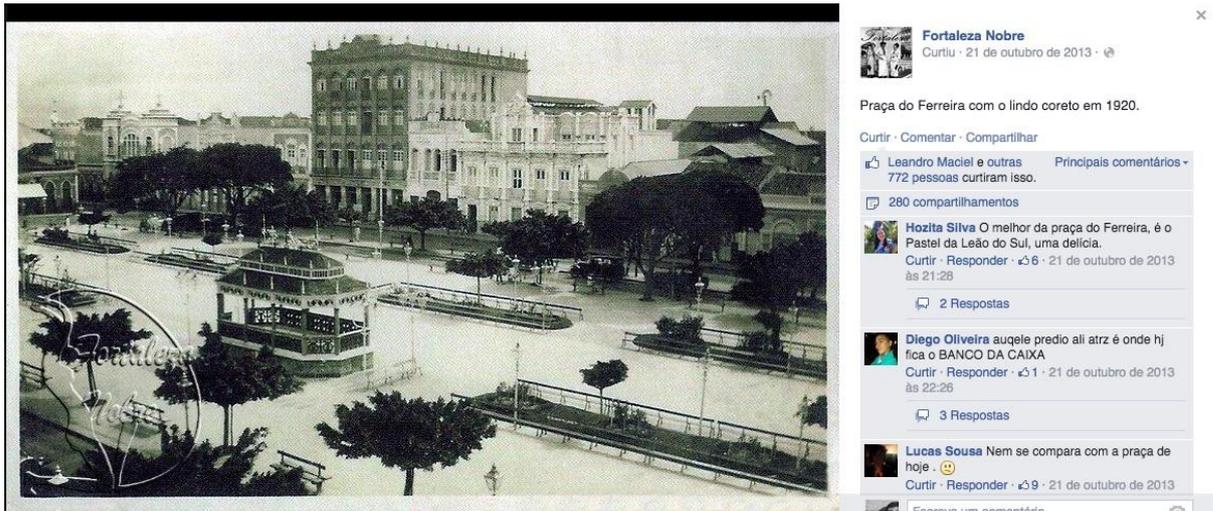


Imagem 9: Praça do Ferreira, em 1920, ainda com o antigo coreto  
 Autoria não identificada  
 Reprodução de “Fortaleza Nobre” (21/10/2013)

Vê-se, portanto, como a praça do Ferreira foi ao longo das administrações municipais do começo do século XX sendo moldada de acordo com os valores modernos do período. Cada prefeito, ao deixar a marca de suas gestões, imprimiu apagamentos da memória recente da cidade. A *urbe* que se embelezava não podia conviver com aqueles signos tão vinculados à tradição, como cacimbas, animas de carga e coreto, local de discursos públicos dos mais variados matizes. O ápice desse processo se deu com a construção da Coluna da Hora, símbolo da ordem temporal e capitalista que aos poucos se instalava ao redor dali<sup>77</sup>.

O relógio é apresentado como o mais moderno possível, não sendo quase necessário trabalho humano para regular, salvo em matéria de limpeza e manutenção, trazendo características que são sinônimos dos discursos da modernização como, “movido à eletricidade”, constituído de “dispositivos automáticos”, sendo ainda todo o material importado dos Estados Unidos (ALMEIDA, 2013, p.91).

Mas nem a obra de Raimundo Girão resistiria ao tempo. Em 1967, o relógio é posto abaixo<sup>78</sup>. Em 1991, a cidade tenta se reconciliar com a memória da praça. Com a reforma da Prefeitura, cujo projeto é dos arquitetos Fausto Nilo e Delberg Ponce de Leon, construiu-se uma réplica do relógio – o mesmo que a seguidora descreve como “poleiro enferrujado” – e a

<sup>77</sup> Desde o fim do século XIX, o logradouro concentrava as principais funções da cidade: dos poderes públicos aos centros de comércio. Segundo Lefebvre (1999, p.21, grifos do autor), somente no século XIV, na Europa Ocidental, a troca comercial torna-se *função* urbana. “[...] Essa função fez surgir uma *forma* (ou formas: arquitetúricas e/ou urbanísticas) e, em decorrência, uma nova *estrutura* do espaço urbano”.

<sup>78</sup> Em 1968, tempos de ditadura militar, o prefeito José Walter mandou demolir a praça, erguendo esquisitos canteiros altos. “[...] quem estivesse de um lado não enxergava o outro lado. [...] O bate-papo vespertino, os bancos-parlamentares e o convívio dos aposentados... tudo isso finou. Os cronistas e historiadores consideram que o Dr. Zé Walter, querendo ou não, decretou a morte da praça” (LEITÃO, 2002, p.21).

cacimba soterrada foi reaberta. No canto da praça há quiosques onde estão instaladas bancas de revistas como a lembrar os cafés-quiosques do século XIX. Até um cajueiro foi plantado em alusão ao Cajueiro da Mentira, também mandado derrubar pelo prefeito Godofredo Maciel, o que já é uma outra história de apagamento memorial e tentativa de controle social das gaiatices de grupos subalternos locais<sup>79</sup>.



Imagem 10: Coluna da Hora atual em um fim de tarde na praça do Ferreira  
Foto de Thiago Mendes  
Dezembro/2014

Um seguidor mais jovem da página, a julgar apenas pela foto do perfil, passa incólume por toda essa mixórdia memorial, ao registrar apenas encanto com a foto do relógio antigo: “Essa eu nunca tinha visto!”, comenta ele. A beleza da imagem do passado se reveste de um sentido mágico em relação ao que os olhos nunca viram e ao espaço e tempo não vividos. Para ele, sujeito ligado à temporalidade mais atual, não há nostalgia. A falta de autenticidade do relógio de hoje não chega a ser um problema. Note-se, por fim, o caráter inventivo que reveste outro comentário também sobre a Praça e o antigo relógio. Onde a maioria só enxergou tristeza, um seguidor reparou um soldado em um momento de lazer [ver primeira foto da Coluna da Hora]: “Esta foto é show, olha esse praça bem a vontade no banco da praça”.

Tendo em vista a centralidade espacial e afetiva assumida pelo antigo relógio em

<sup>79</sup> Em volta do cajueiro, a cada primeiro de abril, realizava-se a escolha do maior mentiroso da cidade, o “potoqueiro”. “Uma urna era posta debaixo do cajueiro ou no Palacete Ceará e durante todo o dia procedia-se a votação em meio a grande algazarra [...] À tardinha, era proclamado o resultado num grande cartaz afixado no tronco da árvore: o Potoqueiro-Mor é o Fulano de Tal! Com retrato e tudo” (LEITÃO, 2002, p.20).

Fortaleza, os comentários da página de Fortaleza nos levam a buscar entender os significados do ressentimento dessa substituição, símbolo de uma ruína memorial da cidade. Huyssen (2014, p.93-113), em ensaio recente, atesta como as noções de “ruínas” e “autenticidade” – esta análoga, segundo ele, à aura benjaminiana – são ideais centrais da própria modernidade e não um recente interesse do fim do século XX. Embora circunscreva suas considerações aos países do Atlântico Norte, Huyssen descreve questões pertinentes à realidade brasileira.

Ora, data de 1922 o início da preocupação governamental com a memória museificada no Brasil, com a inauguração do Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro, pelo presidente Epitácio Pessoa, no âmbito da Exposição Internacional Comemorativa do Centenário da Independência do Brasil. O primeiro órgão federal voltado para a preservação do patrimônio nacional foi a Inspetoria de Monumentos Nacionais, criada em 1934. É de 1937 o decreto-lei que, entre outras medidas, criou o instrumento do tombamento. No ano seguinte, foram tombadas as cidades mineiras de Ouro Preto, Mariana, Diamantina, Serro, Tiradentes e São João del Rei (OLIVEIRA, 2008, p.121)<sup>80</sup>.

Os sujeitos da contemporaneidade, que cresceram sob a égide dos valores modernos, se arvoram contra os efeitos do “progresso” fortalezense, estampados na tela digital que faz ver outros tempos. O autêntico é rememorado, tornando o relógio da cidade concreta mera réplica. “O desejo do aurático e do autêntico sempre refletiu o medo da inautenticidade, a falta de significado existencial e ausência de originalidade individual. Quanto mais aprendemos a compreender todas as imagens, palavras e sons como já sendo sempre mediados, mais parecemos desejar o autêntico e o imediato” (HUYSSSEN, 2014, p.97).

A expressão desse desejo é, ainda segundo o autor, a nostalgia, discurso distinguível em tantos comentários, como vimos mostrando<sup>81</sup>. As relações entre memória e nostalgia na *web* serão abordadas mais à frente. Tratemos antes, porém, das constituições das cidades moderna e contemporânea (ou pós-moderna), com destaque para Fortaleza e Rio de Janeiro.

---

<sup>80</sup> O primeiro museu moderno surgiu em Roma em 318 a.C. Em um pavimento comprido chamado *Maeniana*, os romanos expunham em ordem cronológica os *suvernirs* das conquistas do Império (Sennet, 2008, p.121).

<sup>81</sup> Em sua análise de *posts* na dissertação de mestrado, Rabello (2015, p.113) chega a conclusão parecida. Os comentários “saudosistas” dominam, seguidos daqueles de caráter “informativo” (dados como localização, data, nomes de personagens, etc) e “crítico”, “que revela o desprezo dos membros pela não preservação do patrimônio arquitetônico”

### 3.3 Comentários a respeito do tempo na cidade moderna

Conta o cronista Raimundo Menezes em *Coisas que o vento levou...* que 8 mil fortalezenses pararam para assistir “meio assombrados” à passagem barulhenta do primeiro trem, em 1873, “que andou espantando todo mundo, na via pública, com o seu apitar estridente e esquisito”. “Diante da multidão basbaque, o pequenino trem, com um êxito surpreendente, rodou, cinco vezes, seguidamente, sob os mais entusiásticos aplausos” (MENEZES, 2000, p.56).

A imagem do trem também se faz constante em *A Normalista*, publicado em 1893 e ambientado na Fortaleza do fim do século XIX. Em determinado trecho, a jovem protagonista teme o descarilamento do veículo, onde viajava seu amado. Adolfo Caminha assim descreve a passagem do comboio: “Maria viu passar a enfiada de vagões estralejando sobre os trilhos, e esteve muito tempo em pé ouvindo o silvo longínquo da locomotiva que ia, *como uma coisa doida*, sertão a dentro” (CAMINHA, 1999, p.46). A crônica de Menezes e o romance de Caminha ajudam a tentar imaginar como a população de Fortaleza acompanhou embasbacada as mudanças trazidas pelas revoluções tecnológicas do fim do século XIX. A cidadezinha ganhava ares de capital europeia, com novo traçado de ruas (1875), bondes e Passeio Público<sup>82</sup> (1880), além de quatro elegantes cafés, em estilo *chalet* francês, localizados na Praça do Ferreira. Em 1881, a cidade se vinculava via telégrafo ao Rio de Janeiro.

Em 14 anos, Fortaleza teve sua população quase dobrada. Eram quase 27 mil habitantes em 1887. Em 1900, a população atingiu a marca de 50 mil. Novos serviços urbanos, industrialização, supressão do trabalho escravo já em 1884 e secas periódicas (Ponte, 2010) concorreram para o crescimento. Todo esse processo de modificações levaria outro cronista, João Nogueira, a resumir, em 1938, o espírito de toda a época anterior: “a Fortaleza de 1861, comparada com a de hoje, era, pode dizer-se, um arremedo de cidade” (NOGUEIRA, 1981, p.30).

Toda essa nova ordem urbana introduzida por praças, bulevares e meios de transportes marca a chegada da modernidade à capital alencarina. Os efeitos mais agudos desse processo, somado a uma *europização* da paisagem e dos costumes, vão compor o período da *Belle*

---

<sup>82</sup> Foi o primeiro logradouro “aformoseado” da cidade, possuindo vista privilegiada para o mar. Desde 2007, voltou a ser mais ocupado pela população da cidade, após décadas de descuido. Ainda sobre o Passeio Público do século XIX, assim o descreve um empolgado personagem de *A Normalista*: “[...] é um dos mais belos do Brasil e a cousa mais bem feita que o Ceará possui. Que vista, que magnífico panorama se aprecia da Avenida Caio Prado à tarde! Nem o Passeio Público do Rio de Janeiro!” (CAMINHA, 1999, p.89).

*Époque*<sup>83</sup> fortalezense. As mudanças em Fortaleza, ainda segundo o autor, também viriam acompanhadas de um rígido controle social capitaneado pelas elites locais com apoio da classe médica, especialmente sanitarista, da época. São marcas desse período a instalação do Asilo da Parangaba (1886), para confinar os loucos, e do Asilo da Mendicidade (1887), para enclausurar idosos pobres.

Remodelar cidade e sociedade compreendia introduzir equipamentos e serviços urbanos modernos, introjetar noções de higiene, trabalho, beleza e progresso, eliminar os focos naturais de insalubridade e disciplinar o crescente contingente de miseráveis, “vadios”, prostitutas, loucos – estigmatizados como a horda de “bárbaros” que punham em perigo a constituição de uma nova ordem social modernizante e excludente. A época, portanto, só foi bela para as elites e parcelas das camadas sociais médias; para os pobres ela foi sinônimo de vigilância policial, controle de hábitos e confinamento de corpos (PONTE, 2006, p.69)

O período dos “tempos belos” se insere em uma categoria mais abrangente da história humana conhecida como “modernidade”<sup>84</sup>. Segundo Giddens (1991, p.11), o termo se refere a um “estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”. Le Goff (1993, p.194), por sua vez, aponta que a modernidade definiu-se pelo seu caráter de massa: “é uma cultura da vida cotidiana e uma cultura de massas”. As duas abordagens, a do sociólogo e a do historiador, são úteis para compreender a questão à luz das comunidades estudadas. As fotografias divulgadas mostram como as mudanças da modernidade não são uniformes, antes se fazem sentir em ritmos distintos nas duas cidades. Nesse sentido, Lefebvre (1999, p.13, grifo do autor) vai lembrar que, na história da evolução da cidade, as antigas formas urbanas são “herdadas de transformações *descontínuas*”. As perspectivas fotográficas – trânsito, destaques para o retilíneo das ruas e das fachadas, multidão – permanecem em registros de décadas mais recentes (1970, 1980) e evidenciam como as consequências da modernidade se expressam no dia a dia dos sujeitos que circulam pela cidade até os dias correntes.

<sup>83</sup> O que se convencionou chamar de *Belle Époque* varia de acordo com as condições locais. Svcenko (2003, p. 15) delimita o período em terras brasileiras do início da campanha abolicionista até a década de 1920. Na França, o historiador cultural Jean-Yves Mollier (2008) trabalha com os anos de 1890 a 1914 como fronteiros da época (apud Ferrão Neto, 2010, p.142). No entanto, talvez seja mais apropriado delimitar períodos da *Belle Époque* fortalezense, como procede Sebastião Ponte, ou carioca, uma vez que as mudanças sociais, políticas e econômicas se fazem sentir em momentos e intensidades distintas em cada cidade.

<sup>84</sup> O termo 'modernidade' aparece pela primeira vez no artigo *Le peintre de la vie moderne*, de Charles Baudelaire, publicado em 1863. Ainda segundo o autor, a periodização da história em antiga, medieval e moderna instaura-se no século XVI. Naquele século, porém, “moderno” opõe-se mais a “medieval” do que a “antigo” (LE GOFF, 1993, p.168-188). Maffesoli (2002, p.13) discorda das concepções habituais sobre o início da modernidade. Segundo ele, sua origem se encontra na herança judaico-cristã, com o *universalismo* que a caracteriza.

A cena do primeiro trem em Fortaleza é assim emblemática para caracterizar o início desses “novos tempos”, em que as horas passam a ser mediadas não apenas por signos naturais, mas agora principalmente pela velocidade dos meios de transporte e pelo relógio da praça<sup>85</sup>. Outra manifestação desse processo é a formação de multidões nas cidades, causando reações que vão do *estranhamento* – por parte do sujeito mais ligado aos valores da tradição<sup>86</sup> – até o *entranhamento* entre homem e paisagem, que se pode identificar no trecho seguinte de *A estrela sobe*, ambientado no Rio da década de 1930.

Vai [Leniza] como uma cega por entre a multidão. E é a multidão que a leva, que a arrasta, como uma corrente irresistível, que a deixa sem destino em todas as esquinas. A cidade surge-lhe estranha. Parece que é outra cidade, uma cidade de pesadelo. Os homens não parecem que são homens, os gritos dos jornaleiros, as buzinas dos automóveis, todos os barulhos urbanos perturbam-na como uma música de doidos (REBELO, 2009 [1939], p.154, grifos nossos).

O estranhamento se faz notar pelos enunciados nostálgicos de muitos comentadores, conforme vimos mostrando. Ressalte-se, no entanto, que o aspecto sufocante da multidão no Centro carioca, expresso no romance de Marques Rebelo, raramente é percebido pelos interagentes das *fan pages*, que identificam nas fotos em preto e branco, em geral, um cotidiano ainda idílico. Exemplo disso são os comentários nas fotografias de bondes, cujos *posts* estão entre os mais “curtidos”, compartilhados e comentados nas duas páginas em estudo.

---

<sup>85</sup> Em sentido mais amplo, A. W. Crosby, em *The measure of reality*, identifica no Ocidente uma vocação “pantométrica”, ou seja, uma inclinação histórica para a medição universal das coisas. Entre elas está naturalmente o tempo. (apud Sodré, 2006, p.32).

<sup>86</sup> Tal imaginário persiste na contemporaneidade e pode ser visto, por exemplo, nos versos de dois artistas migrantes nordestinos. Na acelerada *Vou Danado pra Catende*, que expressa uma necessidade de regresso à terra natal, o pernambucano Alceu Valença canta: “Por aqui/ Tudo corre tão depressa/ As motocicletas se movimentando/ Os dedos da moça/ Datilografando/ Numa engrenagem/ De pernas pro ar”. Em *Águagrande*, o cearense Ednardo diz que, na primeira vez em que viu São Paulo... “Fiquei um tempão parado/ Fiquei um tempão parado/ Esperando que o povo parasse/ Esperando que o povo parasse”. Em seguida, surge a imagem da tranquilidade da terra natal: “Enquanto apreciava a pressa da cidade/ A praia de Iracema/ Veio toda em minha mente/ Me banhando da saudade/ Me afogando na multidão”. Valemo-nos aqui de textos de migrantes por serem tais registros “as melhores narrativas de nostalgia – não só porque eles sofrem com ela, mas também porque eles a enfrentam” (BOYM, 2007, p.16, tradução livre).



Imagem 11: Bonde no Largo da Carioca, Centro, década de 1950  
 Autoria: Agência O Globo  
 Reprodução de “O Rio Janeiro Que Não Vivi” (22/06/2014)

A imagem da “Agência O Globo”, publicada na página do Rio em 22/06/14, mostra um bonde no Largo da Carioca, no Centro, na década de 1950. É possível notar a lotação do veículo, a pressa e até o enfado dos passageiros que aparentemente acabavam de desembarcar, efeitos do cotidiano dos meios de transporte públicos introduzidos na cidade pela modernidade. O texto de Marques Rebelo, as canções de Alceu e Ednardo e as imagens das *fan pages* evidenciam, portanto, como a modernidade pode ser abordada sob o ponto de vista de uma concepção neurológica caracterizada por uma “nova intensidade de estimulação sensorial”<sup>87</sup>. “A modernidade implicou um mundo fenomenal – especificamente urbano – que era marcadamente mais rápido, caótico, fragmentado e desorientador do que as fases anteriores da cultura humana” (SINGER, 2001, p.96).

A crônica citada de Raimundo Menezes registra o primeiro descarilamento de trem dois meses depois da viagem inaugural. Após o acidente, segundo ele, a população apelidou os vagões envolvidos de “Misericórdia”. Em uma crônica de 1903, referindo-se às viagens de trem em 1897, Olavo Bilac desenha o seguinte quadro sobre o trem carioca: “Nesse ano, a gente, quando ia a S. Paulo, fazia testamento, despedia-se de todos os parentes e de todos os amigos, confessava-se, ungia-se, e tomava lugar no trem com a absoluta certeza de ir parar, não na capital paulista, mas no outro mundo...” (BILAC, 2011, p.205)

O *bond* também esteve entre os temas de atenção do autor de *Via Láctea*. Em um texto de 1902 da coluna *Registro*, ele descreve o veículo no Rio de Janeiro como “um carro elétrico disforme e feio, arrastando consigo três e quatro carros ainda mais feios, e parando de minuto a minuto, com solavancos horríveis, às guinadas, sobre os trilhos vacilantes (BILAC, 2011, p.141)”. Na crônica *Viagem de Bonde*, de março de 1953, Rachel de Queiroz, moradora do

<sup>87</sup> Singer segue a linha teórica presente em Georg Simmel, Siegfried Kracauer e Walter Benjamin.

Rio, descreve uma cena de aperto e caos causado pelo embarque e desembarque de uma gorda baiana de “saia engomada e mais os balangandãs” e de uma “cunhãzinha esperta que era um saci” em um veículo apinhado. “No reboque, atrás, a confusão parecia maior. Muita gente pendurada entre um carro e outro [...]” (GULLAR et al, 2013, p.63-67). Os comentários, no entanto, seguem em direção contrária ao registros dos cronistas. Além das lembranças pessoais e familiares do passeio nos bondes e dos elogios à “elegância” de rapazes e senhoras de outrora, destacam-se ainda o relato de sentimentos de nostalgia.

*Interagente 1* Lamento não ter vivido essa época.

*Interagente 2* Mto bom ver essa foto, Minha mãe sempre falava nesses bondes. Pena q nasco [nasci?] depois deles terem acabado. [...]

*Interagente 3* Vendo essa foto, me bateu uma lembrança e uma saudade... [...]

*Interagente 4* Nossa, não estou conseguindo visualizar o Largo da Carioca assim!!

*Interagente 5* Bons tempos Saudades. Tinha segurança, não tinha ladrão. Ai, ai! [...]

*Interagente 6* Ah! Cheguei a ver isso quando era criança ... era um Centro mais humano, e gostoso pra se andar; às vezes sonho ainda que estou passeando nesse Largo da Carioca romântico, que existiu até meados dos anos 60 ... [...]

*Interagente 7* saudades de uma época que não vivi!

*Interagente 8* Me lembro como se fosse hoje.

*Interagente 9* Me lembro muito bem, mas bateu uma saudade daquele tempo que eu ia para a escola de bonde

(Comentários de interagentes da *fan page* “O Rio de Janeiro que não vivi”. Acesso em novembro de 2014)

Ao contrário do que a imagem capta, ou seja, a banalidade do cotidiano de um movimentado ponto de parada de bonde da década de 1950, a fotografia dá a ler, 64 anos depois, uma cidade sem ladrões, um Centro mais “humano” e “gostoso de andar”. Como se espera, os sujeitos da contemporaneidade olham para tais imagens com o repertório de seu tempo e não daquele retratado. O deslocamento da interpretação proporcionada pela fotografia é essencialmente temporal, pois o traço inimitável dessa forma de representação é, segundo Barthes (2012, p.71-75), o “*isso-foi*”, ou seja, reportar o real para o passado, sugerindo que “alguém viu o referente (mesmo que se trate de objetos) *em carne e osso*, ou ainda em pessoa”. “Fotos sao tao importantes. ela prende o passado num simples papel e nos tras recordações e sensações magnificas. linda essa foto”, comenta um seguidor de “Fortaleza Nobre” sobre a materialidade dessa forma de representação, em diálogo com Barthes.

Não é exagero dizer que as fotografias antigas ressuscitam defuntos. “Márcio, já parou pra pensar que quase todos da foto devem estar MORTOS”, comenta um fã de “Fortaleza Nobre”, em um *post* de 21/03/12 sobre uma imagem de 1912 mostrando a movimentação de pessoas em torno do Café do Comércio, na praça do Ferreira. Em sentido análogo, questiona-se um seguidor sobre o homem que acerta seu relógio pelos ponteiros da Central (*ver imagem*

7): “Será que esse cara tá vivo ainda? Já deve ser bisavô”. Ao que outro seguidor responde, em tom de brincadeira, fazendo referência a uma canção recente de Roberto: “So falta agora voce receber a mensagem de um senhor de uns 80 anos dizendo: 'Esse cara sou eu'!...”.

Os comentários destacam, assim, a tensão entre fotografia, em sua dimensão “fantasmagórica”, e história. Quem a vê, cem anos depois, sabe que “alguma coisa *se pôs* diante do pequeno orifício e aí permaneceu para sempre” (BARTHES, 2012, p.73). Se o referente posto diante da objetiva ainda não morreu, há uma outra certeza: ele morrerá. É assim, portanto, que “o Tempo é a ênfase dilaceradora do noema (*'isso-foi'*). [...] Que o sujeito já esteja morto ou não, qualquer fotografia é essa catástrofe” (BARTHES, 2012, p.87).

Mais do que embates com a história, todavia, há deslocamentos mais largos, de caráter mais pessoal, nos comentários, com impactos na memória da experiência vivida (“eu ia para a escola de bonde”), na memória de uma experiência sonhada (“Lamento não ter vivido essa época”/ “saudades de uma época que não vivi!”) e na memória relatada (“Minha mãe sempre falava nesses bondes”). O contraste também se dá no que a imagem deixa/não deixa ver, a partir das subjetividades comungadas na materialidade da mesma tela: “Me lembro como se fosse hoje” *versus* “não estou conseguindo visualizar o Largo da Carioca assim!”. A força das imagens antigas e os registros díspares sobre a mesma realidade talvez nos possibilite relativizar Barthes (2012, p.76-77), quando este afirma que a fotografia não rememora o passado. “O efeito que ela produz em mim [é] o de atestar que o que vejo de fato existiu”. A maioria dos comentários nas duas páginas remetem a momentos, se não experimentados pessoalmente (em um sentido próximo ao testemunho), mas pelo menos contados por algum conhecido ou parente, constituindo um *locus* intermediário entre o “vivido” e o “lido” sobre a história da cidade. Referindo-se à memória infantil, arremata Halbwachs (2006, p.90). “É neste passado vivido, bem mais do que no passado apreendido pela história escrita, em que se apoiará mais tarde a sua memória”. A fotografia da cidade traz assim de volta o que foi abolido, daí, inclusive, possibilitar “ler passados” não dados de formas claras, mas também sonhados e reconstituídos de modos distintos.

Os comentários falam, sobretudo, de saudades de um tempo experimentado, contado ou simplesmente sonhado a partir do ato de perambular por entre fotos antigas no ambiente virtual. Quais os significados de tal nostalgia e quais os sentidos evocados por ela são apenas duas perguntas possíveis, cujas respostas não se ambiciona responder totalmente aqui. Deseja-se antes embrenhar-se por tais questionamentos. Seguindo o caminho teórico proposto por Huyssen (2000), busca-se assim entender os significados dessa “musealização do mundo”, da busca por uma “recordação total” na atualidade, em que, segundo ele, há um “impacto

potencial da nova mídia sobre a percepção e a temporalidade” (HUYSSSEN, 2000, p.26). Especialmente com o sucesso das redes sociais *on-line*, as quais podemos compreender como “veículos para todas as formas de memória” (HUYSSSEN, 2000, p.21), é possível a qualquer conectado deixar vestígios memoriais, acerca dos quais é lícito antever um provável esgarçamento futuro da noção de patrimônio. Muitos dos produtos culturais humanos de hoje passam pelos arquivos digitais e talvez no próximo século será mais difícil distinguir os itens dignos do *status* de “interesse histórico”. Estarão nossos *selfies* nos museus do século XXII? Difícil prever, uma vez que a própria noção do que é um museu deve sofrer mutação.

Se a modernidade vai de fato instaurar a separação espaço-temporal, a resistência a tal fenômeno se inicia simultaneamente: “o sentimento do luto (*mourning*) do deslocamento e da irreversibilidade temporal está no cerne da condição moderna” (BOYM, 2007, p.10, tradução livre). Segundo a autora, o passado se torna “herança” justamente em meados do século XIX, com a institucionalização da nostalgia por meio de museus locais e memoriais urbanos. No mesmo sentido, Singer (2001, p.110), no estudo que faz sobre a imprensa ilustrada norte-americana do fim do século XIX, aponta que o retrato da modernidade em tais publicações oscila “entre uma nostalgia antimoderna de uma época mais tranquila, de um lado, e uma fascinação básica pelo horrível, pelo grotesco e pelo extremo, de outro”.

Ainda pensando nos comentários citados, voltemos a Le Goff (1993): a lamúria memorial não é exatamente um sentimento próprio dos nossos dias. Aliás, nasce justamente na modernidade esse olhar idílico voltado a um passado próximo. “Este período, que se diz e quer totalmente novo, deixa-se obcecar pelo passado: memória, história” (LE GOFF, 1993, p.198). O episódio mais célebre e determinante para a oposição persistente entre os temas do velho e do novo é ainda um pouco anterior: a *querelle des anciens et des modernes* (querelas entre antigos e modernos), marco que opôs a Academia de Letras no fim do século XVII entre os defensores da literatura da Antiguidade e os partidários da literatura francesa da época como superior aos clássicos.

Nesse sentido, Huyssen (2014) propõe traçar uma linha no imaginário histórico iniciada por tal episódio, passando pelo romantismo e sua busca das origens nacionais no século XVIII, para entender os significados do atual “turismo das ruínas” nos países do Atlântico Norte. Ampliando a noção de Huyssen, busquemos as particularidades dessa nostalgia na contemporaneidade, especialmente nas redes sociais *on-line*. Assim, as ruínas em ambiente digital podem ser compreendidas como os objetos sagrados escolhidos para o culto nostálgico: imagens das *fan pages*, produtos da indústria cultural, vestuário, práticas etc. do passado. Instaure-se assim uma cultura *retrô* alicerçada no cotidiano e manifestada na

virtualidade das redes na filiação a roupas, carros, quadros, móveis, músicas, filmes pornográficos, coleções de brinquedos... tanto melhores quanto mais antigos. Tal culto nostálgico tem respingos na sociabilidade, fazendo emergir tipos como o jovem de classe média *vintage* ou até mesmo o caricato “homem do predinho antigo”, como proposto no texto divertido, porém não menos perspicaz, de Xico Sá<sup>88</sup>. São sujeitos ligados aos valores da contemporaneidade urbana e de classe média, mas que, ao se apropriar dos valores antigos, dotam os produtos de uma roupagem nova. “O novo é levado a ter uma aparência envelhecida, em vez de se fazer o velho parecer novo” (HUYSSSEN, 2014, p.96).

No Rio, os bares mais sofisticados da Lapa investem nessa *estetização* do velho muito de seu capital social para atrair clientes. Alguns ambientes remetem à tradição do bairro, em texturas e fotografias antigas, na figura do malandro, etc, mas sempre com um toque de “limpeza”, para não desagradar o gosto homogêneo do turista. Na rua do Lavradio, onde turistas enfrentam filas de 40 minutos para ouvir um samba pasteurizado em um “antiquário moderninho”, o quarteirão cultural alcança o paradoxo de ser denominado “Novo Rio Antigo” na cancela que impede a passagem dos carros. Em Fortaleza, no mesmo sentido, o turista desavisado que vai tomar um *chopp* de vinho nos bares do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura pode ter a noção errada de que a cidade cuida bem de seu patrimônio histórico-arquitetônico, a julgar apenas pelos prédios coloridos preservados em redor do local. Nas *fan pages*, as imagens de perfil e de capa quase sempre remetem a uma *estetização* do novo, em fotos trabalhadas. No mesmo sentido, o epíteto “Nobre” e a utilização por longo período de uma foto antiga da administradora como “foto do perfil” da página, reverte a página de Fortaleza de um atmosfera *glamourizada* típicas dos fenômenos que vimos descrevendo. As fontes tipográficas utilizadas na “foto de capa” e a utilização de uma efeito imitador de película cinematográfica, nas primeiras postagens, também remetem a essa *estetização* do antigo, como pode se ver abaixo.

---

<sup>88</sup> O jornalista e escritor assim o definiu em sua coluna no jornal *Folha de S.Paulo*: “O homem de predinho antigo [...] é aquela criatura moderna, que adora um pé-direito alto, um sofá de época e uma luz indireta, cultiva o seu próprio manjeriço para impressionar na hora daquela pasta verde para as moças etc etc. [...] entende de vinho, cheira a rolha, sente o *bouquet*, enfim, um tremendo picareta”. [...] “O que mais dói é quando ele pronuncia, com toda a afetação desse mundo, que mora num 'predinho antigo, charmoso’”. (SÁ, 2011; 2013).



Imagem 12: Aspecto da página principal de “Fortaleza Nobre” remete a uma “estetização do antigo”.

Reprodução de “Fortaleza Nobre” (03/06/2014)

### 3.4 A nostalgia na cidade contemporânea

Huysen (2000, p.14-15) identifica a partir dos anos 1970 o crescimento da “comercialização em massa da nostalgia” cujos resultados se fazem notar, na Europa e nos Estados Unidos, na “restauração historicizante de velhos centros urbanos” e no interesse por canais como *History Channel* e até mesmo na bilheteria do filme *Titanic*. No Brasil, concordamos com Pereira & Da Mata (2012, p.24), segundo quem “é no mínimo inusitado falarmos de excesso de memória”. O contexto de que fala Huysen é de países que ainda tentam se reconciliar com temas como o Holocausto. Por aqui, sem medo de generalizações precipitadas, a atuação da Comissão da Anistia e da Comissão Nacional da Verdade, além da efeméride dos 50 anos do golpe de 1964, passaram ao largo das discussões públicas de impacto no cotidiano da maioria dos brasileiros. Embora tenha partido de grupos elitistas, foram sintomáticas as manifestações no Rio de Janeiro, em setembro de 2013 (mais modesta), e em São Paulo, em outubro de 2014 (com maior repercussão), reunindo defensores de intervenção militar no País.

Nosso tema de interesse, porém, volta-se para um outro tipo de memória: uma discussão sobre a apropriação de temas do passado em certa medida “consensuais”, envolvendo embates menos raivosos que holocaustos e ditaduras. É a memória da experiência midiática ou estética com imagens antigas, situada em um terreno mais amplo de um interesse

mercadológico por temas memoriais e históricos. Nesse sentido, ressalte-se o destaque de vendas de biografias (vide trilogia biográfica de *Getúlio*, de Lira Neto), de livros como *1808, 1822 e 1889*, do jornalista Laurentino Gomes, além do *frisson* causado entre espectadores de canais por assinatura das reprises de telenovelas no canal *Viva*. Sem mencionar o sucesso de audiências de telenovelas “de época” como *Terra Nostra*, de grande sucesso internacional, e mais recentemente *Lado a Lado*, vencedora do Emmy Internacional, em 2013. Talvez seja próprio arrematar, assim, que “o passado atrai mais do que a história” (PEREIRA; DA MATA, 2012, p.23).

Pensando em termos de uma nostalgia mais jovem, principalmente de quem foi criança ou adolescente na década de 1990, são dignas de nota as filas intermináveis para a exposição *Castelo Rá-Tim-Bum*, em São Paulo, que reconstituiu cenários e figurinos do programa televisivo homônimo que foi ao ar na TV Cultura. Quem poderia prever também, com o ocaso da extinta banda de “axé music” *É o tchan*, o boom de popularidade de “Cumpade Washington”, vocalista do grupo, autor de bordões como “ordinária!” e “sabe de nada, inocente!”, multiplicados em *memes* de internet e propagandas? No campo da música, o terreno atual da nostalgia é inesgotável, vide a venda recorde de LPs registrada no Brasil, EUA e Inglaterra. Para ficarmos em apenas um exemplo desse culto jovem à música “antiga”, citemos a coletânea-tributo *Jeito Felindie*, reunindo canções em *indie-rock* dos sucessos da banda de pagode Raça Negra, *hit* dos anos 1990.

Embora aqui seja esquadrihada a experiência dos sujeitos com as narrativas sobre a memória social ligadas a cidades, há que se observar o fenômeno sob uma perspectiva mais ampla<sup>89</sup>: o interesse dos usuários das redes sociais digitais por temas mais amplos do passado, inclusive no que diz respeito a produtos da indústria cultural. Os meios, para McLuhan (2007, p.72), estabelecem relações entre si, interpenetram-se, um encontro denominado por ele como “híbrido”. Foi assim que o rádio alterou as notícias no jornal impresso, e a televisão provocou mudanças na programação radiofônica.

Tal efeito se faz sentir entre os diversos sites de redes sociais, que estabelecem novas formas de compartilhamento, mas geralmente fazendo alusão a um anterior. A rede social Orkut é lembrada por usuários do Twitter (por meio da hashtag #TemposdoOrkut), em *posts* irônicos de frases e práticas da rede social dos *scraps*. No Facebook existe o costume de se mudar a foto do perfil por uma foto do período da infância ou do super-herói favorito em

<sup>89</sup> A tentativa de relacionar a experiência sensível dos sujeitos das *fan pages* com um sentimento maior de nostalgia busca seguir o ensinamento metodológico de Mafessoli (2007, p.216, grifo do autor) sobre a *amplificação*, ou seja, “o estabelecimento de uma consonância com fenômenos culturais, mitos e imaginários os mais múltiplos possíveis”.

datas como o Dia das Crianças<sup>90</sup>. No Instagram, principalmente em seus primeiros usos, difundiu-se a utilização de filtros *retrôs* para as imagens postadas. Também nessa rede social e no Twitter, alguns usuários utilizam a *hashtag* #TBT (Throwback Thursday), algo como “de volta à quinta-feira”, para compartilhar semanalmente, nesse dia, fotos de períodos anteriores da vida, tais como registros no tempo da escola. Na rede social Tumblr, surgiu uma página brasileira chamada “Que Vibe”, que reúne fotos de anotações pessoais curiosas de crianças e adolescentes das décadas de 1980 e 1990 deixadas em cadernos, diários, agendas, entre outros escritos.

Voltando ao Facebook, *memes* como a *fan page* “Gina Indelicada” surgiram a partir da foto de uma moça presente em uma tradicional marca de palitos de dentes. Fazem sucesso páginas como “Conselhos do He-Man”, “Chapolin Sincero” e “Baby o Pegador”, baseadas em personagens televisivos de grande popularidade no Brasil nas décadas de 1980 e 1990. Isso sem contar as centenas de milhares de seguidores de páginas no Facebook como “Coisa Velha” e “Imagens Históricas” e o 1,1 milhão de fãs do “Canal Nostalgia”.

Boym (2007, p.10, tradução livre) sustenta que há uma “epidemia global de nostalgia” em contraponto à “nossa fascinação com o ciberespaço e à aldeia global virtual”. Talvez seja lícito visualizar nos dias correntes a ascensão de uma espécie de “estrutura de sentimento”<sup>91</sup> (WILLIAMS, 1979, p.130-137) nostálgica em relação a um passado cada vez mais próximo. Muito mais do que apontar se há, de fato, tal epidemia e se ela se configura, nas páginas estudadas, em verdadeira ou falsa, “fetichismo” ou simulacro, parece-nos mais importante tentar entender os significados desse interesse contemporâneo pelo antigo, até porque, como alerta Maffesoli (2006, p187, grifo do autor), “o simulacro reinveste a antiga função do totem em torno do qual a comunidade se agrega”. Ou seja, mesmo o abuso das imagens nostálgicas, a despeito de possíveis usos caricatos, é “um testemunho de uma busca da felicidade a partir da *forma*” (MAFFESOLI, 2006, p.187)

Por isso, como alerta Huyssen (2014, p.94), “é difícil discernir entre o lamento sentimental de uma perda e a reivindicação crítica de um passado, com o propósito de construir futuros alternativos”. Sigamos por outro caminho. Os exemplos citados e os comentários das *fan pages* são indícios de como a nostalgia no Facebook se alicerça e retroalimenta o mesmo sentimento expresso no consumo *off-line*, no contraste com a vida

---

<sup>90</sup> Sobre o tema, ver Sá; Polivanov (2013).

<sup>91</sup> Williams (1979, p.136) utiliza-se de uma metáfora química para definir “estrutura de sentimento”. Tratam-se, segundo ele, de “experiências sociais *em solução*, distintas de outras formações semânticas sociais que foram *precipitadas* e existem de forma mais evidente e imediata”

caótica dos centros urbanos. Lançar um olhar na direção das redes, entendidas como *loci* integrantes da nossa experiência cotidiana, é vasculhar assim, entre vestígios explicativos da nostalgia na cidade contemporânea, é identificar um “sintoma da nossa era, uma emoção histórica” (BOYM, 2007, p.8), conforme se pode constatar nos seguintes comentários reunidos a partir de três postagens na página de Fortaleza datadas de abril de 2013<sup>92</sup>.

*Interagente 1* Antigamente... eu adoro o antigamente... Lauro, você teria gostado de ver tamanha beleza e sobriedade. Amo muito o ontem, o hoje precisava ir mais devagar...

*Interagente 2* Gozado!! andávamos sem culpa e sem medo, era bom [d]e mais, hoje já não expira essa paz andar por ai...

*Interagente 3* BONS TEMPOS!! BELOS DIAS!!!

*Interagente 4* Era bem mais bonita assim. Com várias, tinha mais árvores! Era muito bom, tranquilo sem maldade sem violê[n]cia,e de muita paz.

*Interagente 5* Saudade que tenho, vc machuca com essas fotos antigas, só lembranças.

*Interagente 6* Maravilhaaaaaaaaaaaa! Nenhuma topic... Fantástico!! Quero voltar no tempo!

(Comentários de interagentes da *fan page* “Fortaleza Nobre”. Acesso em abril de 2013)

Há nos comentários saudades a pedir freio no ritmo de agora, retorno de uma paz já esquecida, dias mais bonitos e até a lamentar dores magoadas pelas fotos antigas. Daí *nostalgia*: palavra composta pelos termos gregos *nostos* (lar) e *algos* (dor)<sup>93</sup>. A etimologia remete, segundo Huyssen (2014, p.91), à “irreversibilidade do tempo: algo do passado deixou de ser acessível”. No mesmo sentido, Boym (2007, p.7, tradução livre) vai definir o termo como “um desejo (*longing*) por um lar que não mais existe ou nunca existiu”<sup>94</sup>. A *cidade sensível* desperta assim, pelas imagens, sentimentos sonâmbulos a vagar na direção de um sonho possível, de um anteparo “sem maldade”, lugar que nunca existiu. Essa utopia se localiza no “ontem”, no tempo que até pode ser revivido, mas jamais recuperado em sua totalidade, na cidade que Lauro (não se sabe quem é, pois não é marcado no *post*) “teria gostado de ver”. A nostalgia parece anuviar o horizonte projetado na vista desses sujeitos, tornando distinguível apenas o que ficou para trás.

<sup>92</sup> Em abril se comemora o aniversário de Fortaleza, em alusão à data de criação da Vila de Fortaleza de N. Senhora da Assunção, em 13 de abril de 1726. A escolha da data como principal dia histórico da cidade gera divergências na historiografia local. Os comentários aqui reunidos são de duas postagens de cartões-postais da orla de Fortaleza e outra cuja legenda proposta pela editora é: “Estamos na rua Major Facundo, esquina da Guilherme Rocha. Década de 40”. O termo “topic” designa, em Fortaleza, os veículos do tipo “van”.

<sup>93</sup> A etimologia é proposta por Huyssen (2014). Boym (2007) sugere outra, embora próxima: *nostos* (retorno ao lar) e *algia* (anseio, desejo, *longing*). A palavra inglesa *longing* pode ser traduzida, em alguns contextos, como *saudade*.

<sup>94</sup> Svetlana Boym, autora de *The Future of Nostalgia* (2001), aponta que a palavra nostalgia aparece primeiro no campo da medicina, como um tipo de doença, antes de adentrar os terrenos da poesia e da política.

Todavia, muito além do derrotismo, os comentários nostálgicos, em sua maioria, revelam enfado com a temporalidade atual e filiação aos tempos feitos ver e lembrar pelas imagens. Registros como “Quero voltar no tempo!” e “o hoje precisava ir mais devagar...” são emblemáticos no sentido de uma identificação pelos comentadores de uma suposta aceleração do tempo corrente. Gumbrecht argumenta que o presente se dilata cada vez mais. A tese é refutada por Lübbe, ao sustentar por sua vez o encolhimento deste. Em 1977, o teólogo e historiador Ernst Benz defendeu a tese de que tal sensação de aceleração encontra sua origem na ideia cristã de um tempo avançando inelutavelmente para um “fim”. Embora tenha reconhecido o caráter religioso do fenômeno, Koselleck ressaltou a importância de episódios como a Revolução Francesa e a Revolução Industrial como condicionantes macro-históricos decisivos no processo. O historiador alemão põe em dúvida ser possível evidenciar empiricamente a aceleração. Daí porque fala de uma “experiência de aceleração”, mas não de uma aceleração da história. O filósofo alemão Hermann Lübbe, na esteira do pensamento de Koselleck, aponta o avanço da musealização, estendida a todas as áreas da vida cotidiana, e a preocupação crescente com o patrimônio como formas de compensação ante a nossa acelerada dinâmica civilizacional<sup>95</sup>.

Ora, nostalgia e sensação de aceleração temporal caminham lado a lado nos comentários das páginas. Textos, imagens, vídeos e demais conteúdos postados há poucos minutos se sucedem em um sem-fim de atualizações nas *timelines* das redes sociais digitais. Resta aos conectados buscar “refúgio” nas fotografias em preto e branco das cidades para “deitar olhos cansados” de tanto “presentismo”, ou seja, “um mundo em que o presente se impõe como o único horizonte, um presente onipotente e hipertrofiado” (HARTOG apud PEREIRA; DA MATA, 2012, p.19). No Facebook, a retórica “presentista” é assim contestada no culto ao antigo, abrindo margem para formação de *rugosidades virtuais* nas telas dos sujeitos seguidores, cuja manifestação principal é a nostalgia.

Maffesoli (2002, p.183) cunha neologismo parecido (*presenteísmo*) para descrever essa acentuação do presente na vida pós-moderna, marca, segundo ele, da transfiguração do político. Pode parecer paradoxal mas também é possível explicar as manifestações desse “retorno às raízes”, expressos nos diversos exemplos elencados aqui, à luz do *presenteísmo*, uma vez que o aparente “retrocesso” encarna, na verdade, uma “sinergia” entre o velho e o novo, “uma forma de segurança, de gozo antecipado, que permite viver um presente eterno”.

---

<sup>95</sup> O resumo exposto neste parágrafo foi feito a partir dos apontamentos de Pereira & da Mata (2012, p.9-30) no texto *Transformações da experiência do tempo e pluralização do presente*. As referências à obra de Hermann Lübbe também estão em Huyssen (2000).

O hoje, para os sujeitos nostálgicos, “já não expira essa paz”, “já não é POSSÍVEL”... Não são raros, nesse sentido, “desabafos”, escritos por sujeitos de diversas idades, tais como: “Cada dia me convenço mais de que nasci na época errada...”<sup>96</sup>. A saudade dessas ruínas também evidencia a articulação entre as três estases do tempo<sup>97</sup>, pois, ao serem representadas em imagens, fazem lembrar que “elas ainda parecem encerrar uma promessa que desapareceu da nossa era: a promessa de um futuro alternativo” (HUYSSSEN, 2014, p.93). Em caminho parecido segue a argumentação de Boym (2007, p.12, tradução livre): “A nostalgia moderna é um luto pela impossibilidade do retorno mítico, pela perda de um 'mundo encantado' com fronteiras e valores claros”. A argumentação de Boym e Huyssen, à luz das *fan pages*, nos leva a questionar em que medida a nostalgia *on-line* contemporânea seria tributária dessa nostalgia moderna, quais as rupturas e as continuidades desse fenômeno social e histórico. Toca novamente Belchior. “Apesar de termos feito/ tudo que fizemos/ Ainda somos os mesmos/ e vivemos como nossos pais”, arremata o poeta. Seriam os comentadores das *fan pages* sujeitos *rugosos*, no sentido geográfico dado por Milton Santos, a flunar por entre vias digitais?

Boym (2007) distingue dois tipos básicos de nostalgia: *restorative* e *reflective*. Embora a autora ressalte que as distinções entre elas não são absolutamente binárias, ela busca identificar as principais tendências e estruturas narrativas das duas tipologias, cujas diferenças buscamos resumir no quadro abaixo.

<b>Nostalgia restaurativa</b>	<b>Nostalgia reflexiva</b>
Toma a si própria muito a sério	Pode ser irônica e bem humorada, inconclusa e fragmentária;
Acentua o <i>nostos</i> (lar);	Prospera no <i>algia</i> (o desejo em si);
Objetiva uma reconstrução trans-histórica do lar perdido;	Atrasa a volta para casa;
Pensa a si mesma como verdade e tradição;	Pensa na ambivalência do desejo e pertencimento humanos;
Protege a verdade absoluta;	Põe em dúvida a verdade absoluta;
Está no cerne dos recentes <i>revivals</i> nacionais e religiosos;	Está preocupada com o tempo histórico e individual, com a irrevocabilidade do passado e a finitude humana;
Sua retórica não é sobre o passado, mas sobre valores, família, natureza, terra natal e verdade universais;	Sua retórica é sobre retirar o tempo do tempo e compreender a fuga presente;
Apresenta um pretexto para “melancolias de meia	Pode apresentar um desafio ético e criativo;

<sup>96</sup> Comentário de interagente da *fan page* “O Rio de Janeiro que não vivi” em um *post* de um bonde. Publicado em maio de 2014 na página. Acesso em novembro de 2014.

<sup>97</sup> A articulação entre passado, presente e futuro ou a constituição mista das três categorias, com um dos elementos dominantes, é chamada nos estudos históricos de *regime de historicidade* (Pereira & Da Mata, 2012, p.20).

noite”;	
Ligada à memória nacional, baseada numa simplificada versão de identidade nacional;	Ligada à memória social, que consiste de quadros coletivos que marcam, mas não definem a memória individual; Adora detalhes, e não símbolos;
Conhece dois principais esquemas: 1) A restauração das origens; 2) Teoria da conspiração: revela o simples conceito pré-moderno entre o bem e o mal;	Não segue um único padrão, mas explora modos de habitar muitos lugares ao mesmo tempo e imaginar diferentes zonas temporais;
Retorna e reconstrói a terra natal com determinação paranoica.	Teme o retorno com a mesma paixão.

Tabela 3: Quadro comparativo entre “nostalgia restaurativa” e “nostalgia reflexiva” (Elaborado pelo autor a partir de Boym, 2007)

Embora não seja possível traçar uma linha divisória exata entre os dois tipos de nostalgia esmiuçados por Boym, os comentários aqui postos em destaque, amostras do tom mais recorrente nas páginas, se aproximam da nostalgia do tipo *restaurativa*, pouco questionadora e mais sonhadora de um retorno às origens. “Tempo bom”, período de “sossego e menos violência”, “anos dourados”, todas essas narrativas encerram a ideia primeva do paraíso perdido em algum lugar distante, da “Idade do Ouro” (*Âge d’or*), “o mais antigo e o mais universalmente difundido de todos os mitos” (BOIA, 1998, p.138, tradução livre), identificáveis, por exemplo, no jardim grego das Hespérides e no Éden cristão. A atualização simbólica dessa era, ainda segundo Boia, desempenha um papel essencial nas sociedades tradicionais. Tal quadro se distingue nas *fan pages*, na medida em que os comentários aludem, mais do que ao passado, a valores – “família, natureza, terra natal e verdade universais”, como cita Boym.

Esses discursos pedem a volta de uma era mágica situada na infância e na juventude, já que a sucessão dos ciclos da história humana oferece a mítica promessa de um retorno (*le mythe de l’éternel retour*). É nesse campo do imaginário que se situam comentários do tipo: “Muita maldade terem nos tirado a capital” (página do Rio) e “A Fortaleza Bela<sup>98</sup> e chuvosa dos anos 1980!” (página de Fortaleza). Há nas entrelinhas, portanto, a indicação de prováveis restaurações de um estado anterior, seja o *status* de capital do País (cultura), seja a condição climática (natureza). De modo análogo, a ideia expressa na propalada decadência dos dias atuais, da violência das ruas e dos “mal-vestidos” (metonímias para a previsão do “fim dos tempos”) segue a linha temporal sugerida na Bíblia, iniciada com o “Gênesis” e findada com o esperado “Apocalipse”.

<sup>98</sup> A expressão “Fortaleza Bela” faz referência ao *slogan* da gestão que governou a capital entre 2005 e 2012. Vê-se como a expressão evocava, acima de tudo, uma cidade utópica, já que no cotidiano da mobilidade e dos serviços urbanos brasileiros o aspecto menos aparente é a beleza. O *slogan* foi usado tanto por defensores quanto por críticos da gestão.

Passa despercebido nos comentários, porém, é que foi justamente a modernidade, retratada nas fotografias das páginas, a instauradora dessa “dessacralização do mundo”, a partir do momento em que seus efeitos puseram em suspeita os afetos, as paixões e impuseram ideais de vida urbana ordenada e uniforme<sup>99</sup>. Esse “caos” mundano, porém, é atribuído pelos seguidores aos dias correntes, tempo em que se aproxima o fim da era de sofrimento, a volta do dias gloriosos. Outra leitura possível das narrativas nostálgicas no ambiente *on-line* é situá-las como contraponto ao cansativo chamamento ao novo e à novidade nas telas digitais. “Pela Idade do Ouro, o imaginário conduz sua grande batalha contra o mundo tecnológico em marcha” (BOIA, 1998, p.143).

Há, obviamente, comentários críticos a essa leitura de mundo. Embora menos recorrentes, eles rechaçam a lamúria, põem em xeque a nostalgia, ao mesmo tempo em que mantêm apreço pelas imagens antigas das comunidades. Usando as palavras de Boym, eles “atrasam a volta para casa”, tal como os artistas migrantes citados. Marcando a ocorrência de uma nostalgia *reflexiva*, alguns desses comentários assumem assim o tom irônico, temerosos que são da volta de um tempo ruim. Nesse sentido, um comentarista carioca cita categoricamente sobre uma fotografia mostrando aglomeração de pessoas no Centro, no começo do século XX: “[...] uma época que o Rio fedia... [...] HJ ESTA MUITO MELHOR...”<sup>100</sup>. Na página fortalezense, conforme comentados no capítulo 1, uma seguidora ri do aspecto da bilheteria de um cinema antigo: “Ainda bem q eu sou da época do via sul [shopping atual de Fortaleza]... 3d kkkkkkkkkkk”. Em um registro jornalístico de 1952, do jornal *Última Hora*, mostrando a superlotação dos trens da Central do Brasil, enquanto alguns saúdam a “linda e saudosista foto!” ou citam como as pessoas mais simples “eram muito mais elegantes e bonitas que as atuais”, a maioria dos comentários alerta para a realidade da lotação, já vivenciada à época.

*Interagente 1* Atualmente não uso trem como transporte, mas lembro que na minha infância eles andavam com dezenas de pessoas literalmente penduradas na porta. Sem contar com a demora. Cresci com trauma de trem.

*Interagente 2* Não mudou nada. Os anos passam, e o desrespeito continua!

*Interagente 3* Sempre LOTADO, nada mudou!!!

*Interagente 4* nesta época os trens anda vão [andavam] lotados !!!rsrsrs

(Comentários dos interagentes da *fan page* “O Rio de Janeiro que não vivi. 02/09/14.

<sup>99</sup> Para uma visão mais aprofundada sobre esse “ordenamento imposto” em terras cariocas, sob o ponto de vista do letramento e da oralidade, ver “Geografia Letrada e a Belle Époque Carioca”, capítulo 3 da tese de doutorado de Ferrão Neto (2010). Ver também Gomes (2008, p.112-125) para as leituras feitas por Olavo Bilac, Lima Barreto e João do Rio das reformas empreendidas por Pereira Passos nos primeiros anos do século XX.

<sup>100</sup> Para mais detalhes acerca do comentário, ver capítulo 4.

Acesso em dezembro de 2014).

Em uma publicação da página de Fortaleza, a editora pergunta na legenda de um *post*: “Quem lembra do Sonho Azul?”, em referência ao trem que ia da Capital ao interior. Muitos citam itinerários de viagens, um “tempo bom”, período glorioso do fascínio exercido pelos trens... Um comentário, porém, se destaca pelo conteúdo irônico típico da cearensidade: Andei muito nesse trem. É o novo !!!”<sup>101</sup>. Em sentido análogo, o imbróglio quanto à derrubada da praça Portugal, construída na década de 1940, para a construção de um cruzamento, gerou reações como a criação da “Fortaleza Desmemorida” em março de 2014 no Facebook. A página, seguida por mais de 18 mil seguidores, se descreve assim: “Crônicas da capital molecarina [aglutinação de “moleque” com “alencarina”] sem memória. Ironicamente baseada em fatos surreais”. Com *posts* irônicos, a página satiriza o pouco valor dado à memória na Capital. “Poderia honrar o nome e vir abaixo junto com a chuva”, lê-se sobre uma imagem em que aparece ao fundo o teatro São José, há anos à espera de um restauro. O conhecimento popular credita ao padroeiro do Ceará a ocorrência das chuvas.

Voltando a Huyssen (2014, p.94), é obviamente difícil separar a nostalgia meramente lamentadora daquela reivindicadora da construção de “futuros alternativos”. De toda forma, talvez seja próprio apostar que os comentários nostálgicos se configuram em “uma rebelião contra a moderna ideia de tempo, o tempo da história e do progresso” (BOYM, 2007, p.8, tradução livre). Embora o tempo da modernidade seja o da aceleração, os sujeitos contemporâneos veem no passado um ritmo social mais lento, no qual projetam o anseio arquetípico do paraíso perdido. As súplicas de retornos refletem vidas e vistas cansadas dessa intensificação nervosa, para retomarmos Simmel, da cidade atual, ainda tão tributária dos valores modernos, pois “não há modernidade pura. Nem pós-modernidade absoluta. Há uma ponte: o “pós”. O moderno está no pós-moderno por hipérbole” (SILVA, 2012, p.66).

Maffesoli (2002, p.172) sustenta que a pós-modernidade imprime “uma nova maneira de viver o tempo social”, com fortes raízes antropológicas, logo podendo “ter o contágio social que já conhecemos”. Essa nova forma de viver o tempo social pode ser visto na *timeline* do Facebook sob a manifestação do acúmulo estafante de novidades, que se sucedem sem trégua, demandando cada vez mais atenção dos “nervos” dos conectatos. Assim, na pós-modernidade, segundo Maffesoli (2012, p.179), em um “nicho tranquilizador de um ambiente

<sup>101</sup> A expressão é muito comum no Ceará. Para brincar em relação a algo muito antigo, o cearense grita, em tomo jocoso de desprezo: “é o noooovo!”. Da mesma forma, para dizer que alguém é ou fez algo de grande relevância, dizemos: “é o fraaaaco!”. Diante de uma coisa que não funciona, pode-se ouvir: “é o boooom!”. E por aí segue o jogo de dizer o contrário do que se diz.

rítmico”, “vamos poder assistir à eclosão de uma multiplicidade de temporalidades próprias”.

O filósofo Hermann Lübbe sustenta, segundo Pereira & Da Mata (2012, p.18), que “a aceleração civilizacional não pode deixar de ocorrer sem suscitar a sua antítese: processos de desaceleração<sup>102</sup> (*Verlangsamungsvorgänge*) e todo tipo de zona de exclusão como o são o clássico, a tradição, o rito, o trauma”. Nas comunidades virtuais sobre memórias de cidade, os sujeitos comentadores se veem portanto em contato com essas temporalidades múltiplas e imbricadas, em que se encontram e confrontam as três *estases* do tempo. Ao visualizar, curtir e comentar imagens antigas, embarcam assim em uma zona de exclusão grupal situada em outra mais abrangente: a nostalgia.

---

<sup>102</sup> No ciberespaço, por exemplo, ao movimento de *fear of missing out* (*FoMo*) contrapõe-se o *joy of missing out* (*JoMo*), expressa pela boa sensação emanada do estar *off-line*, de “perder” todas as atualizações da *timeline*. Para mais detalhes sobre o *JoMo*, ver: CURRIE, Blair. The joy of missing out: a lifestyle change or part of a larger trend. **Campaign: Asia-Pacif**, Hong Kong, 11 mar. 2013.

## 4 A CIDADE SENSÍVEL EM IMAGINÁRIOS SOBRE MEMÓRIA

### 4.1 As imagens e o sensível

A cidade nos grita à atenção por imagens acionadas pela capacidade humana do sensorio, de sentir o ambiente em redor. No trânsito por vias concretas ou em passeios pelas “calçadas virtuais” das *fan pages*, a cidade se faz humanamente reconhecível porque distinguimos cheiros, gostos e texturas, ouvimos os alertas sonoros, colecionamos paisagens visuais e nos permitimos sonhar por sentidos imateriais, na direção de um passado acolhedor e de um futuro de promessas. Todas essas sensações compõem nos sujeitos mapas mentais de significados, ou “mapas sentimentais” (MONS, 2013, p.207), a bem dizer, criadores de cidades singulares em cada uma das cognições. O sujeito rememorador carrega consigo o cheiro do jardim de infância, a sensação de tocar areia e mar, as músicas dos primeiros carnavais, pois é justamente pelos sentidos que atribuímos memória a um lugar. A cidade, a memória e as imagens encontram assim pontos de interseção nas sensibilidades e nos afetos cotidianos, experimentados no vivido e na midiaticização, ou seja, na “articulação das instituições com as mídias” (SODRÉ, 2006, p.16).

Essas imagens criadas por nós não remetem apenas ao visual. Os cegos também sonham. Os estudos em neurologia apontam para a capacidade humana de formar imagens auditivas, olfativas, gustativas e táteis – além da imagem proprioceptiva<sup>103</sup>, ou seja, aquela que temos do nosso próprio corpo. De modo parecido, distinguem os sujeitos que recompõem Fortaleza e Rio de Janeiro pelas imagens, nas páginas em estudo. Os comentários dão a ler memórias individuais e coletivas acionadas por meio das fotografias digitais que compõem a *bios* virtual, essa “nova era existencial em que estamos todos sensorialmente imersos” (SODRÉ, 2006, p.16). “[...] Embora nem sempre remeta ao visível, [a imagem] toma alguns traços emprestados do visual e, de qualquer modo, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém que a produz ou reconhece” (JOLY, 1996, p.13).

Entendendo a cidade como *locus* privilegiado da experiência com a memória, os

---

<sup>103</sup> Kastrop (2013, p.433) usa o termo “somatossensitivas” para se referir tanto a imagens relativas ao tato, à temperatura e à dor, quanto às imagens “proprioceptivas”, ou seja, aquelas que temos dos sistemas muscular, visceral e vestibular, em resumo, do nosso próprio corpo. Em nosso estudo, interessa-nos as imagens táteis sobre o ambiente memorial e não as “proprioceptivas”.

comentários das *fan pages* foram até aqui postos em debate a partir das variáveis do espaço (cap.1 e 2) e do tempo (cap.3). Ora, as temporalidades e as espacialidades são atizadas necessariamente pelos sentidos. A proposta deste capítulo é, portanto, investigar os imaginários de memória nas duas cidades por meio da variável do sensível. “A cidade sensível é aquela responsável pela atribuição de sentidos e significados ao espaço e ao tempo que se realizam *na e por causa da cidade*. É por esse processo mental de abordagem que o espaço se transforma em lugar, ou seja, portador de um significado e de uma memória” (PESAVENTO, 2007, p. 14-15, grifos da autora).

Seguindo Pesavento, à luz do objeto em estudo, o pressuposto é de que há uma experiência sensível dos sujeitos comentadores em contato com a cidade memorial concreta e virtual. Dessa forma, a proposta teórica é alcançar uma compreensão das sensibilidades direcionadas às cidades, expressas em discursos, partindo da dimensão mais material das emoções: aquelas apreensíveis pelo sensorio<sup>104</sup>. Por sensibilidade entende-se, na esteira de Valverde (2010, p.61), “a capacidade de apreensão do que há no mundo sensível, mas este não se restringe ao mundo natural e inclui tudo o que nos cerca: natureza, objetos técnicos, formas simbólicas”. Do sensorio ao sensível, busca-se assim uma análise dos comentários sob o prisma dos cinco sentidos humanos, na direção de um mapa rascunhado, fragmentário e afetivo de imaginários sobre a memória de Fortaleza e do Rio. Segue-se a senda aberta por Bachelard (1974, p.372), para quem “a fenomenologia do devaneio pode desmontar o complexo da memória e da imaginação. O devaneio poético, criador de símbolos, dá à nossa intimidade uma atividade polissimbólica. E as lembranças se depuram”. Ora, ao colocar o imaginário como tema-chave, não se pode excluir da observação as emanações brotadas de sonhos e devaneios. Propõe-se incluir então um sexto sentido na análise: o sentido chamado aqui de “intangível” ou “da imaginação”. A análise prossegue na linha interpretativa traçada desde o começo do trabalho, entendendo a compreensão, no sentido de Dilthey, seguindo Ricoeur (2001, p.132, tradução livre), como esse “trajeto em direção ao interior de um psiquismo alheio”. Tal trabalho se dá a partir desses “signos sensíveis” – os comentários – “manifestações [desse psiquismo] fixadas de uma maneira durável”. Ressalve-se que tal “durabilidade” está sempre posta à prova pela natureza da escrita e do arquivamento *on-line*, sempre rondado pelo medo do apagamento, conforme discutido no capítulo 2.

A proposta de por o sensorio em destaque não é exatamente inovadora, antes busca

---

<sup>104</sup> “Na terminologia aristotélica, o órgão de um sentido [...]: aquilo que hoje é chamado de receptor” (ABBAGNANO, 2007, p.873).

seguir uma linha arquetípica<sup>105</sup> do imaginário pensado por Bachelard a partir dos quatro elementos naturais (ar, fogo, água e terra) como “harmônios da imaginação” (apud BOIA, 1998, p.29). Ora, seriam, por analogia, os sentidos humanos “gatilhos do imaginário” na cidade? Que cenas, sons, cheiros, gostos, texturas e sonhos as fotografias antigas fazem evocar nos comentários? Tal divisão não pode ser estanque ao menos por duas razões: as imagens acionam constantemente comentários sinestésicos<sup>106</sup> e uma mesma fotografia pode remeter a mais de um dos sentidos. Muito mais do que tentar “encaixar” os comentários em gavetas, a análise diz respeito a pôr em destaque classificações emotivas, na esteira da proposta teórica de Sodré (2006, p.17). Colocar o sensório e o sensível como parâmetros significa também questionar politicamente os “cânones limitativos da razão instrumental”, aproximando a discussão do cruzamento entre memória, imagens e imaginário, além de privilegiar a abordagem da comunica o sob o ponto de vista do modelo ritual ou orquestral, ou seja, a no o de comunica o mais atrelada às suas dimensões culturais, simbólicas do que um mero modelo de transmissão de mensagem. Tal modelo, que Reis (2010, p.247) designa de “ritualista”, assenta-se numa concep o p s-racionalista e p s-cognitivista dos fen menos da comunica o de massa.

Pós-racionalista porque não olha para os media exclusivamente como agentes ao serviço de uma progressiva racionaliza o da vida social e de seculariza o das práticas quotidianas. Isso se traduz, por exemplo, na rejei o da ideia de que há uma clara demarca o entre a esfera religiosa-ritual e secular. Esse p s-racionalismo procura até certo ponto contrariar o diagnóstico sombrio e habermasiano da mercantiliza o, destrui o e risco de extin o da esfera pública e do debate racional [...] (REIS, 2010, p.247)

A perspectiva do sensorialismo também está em conformidade com a perspectiva teórica da sociologia das formas e do cotidiano, conforme pudemos discutir anteriormente na obra de autores como George Simmel<sup>107</sup>. Deslocar a observa o para as *sensibilidades* significa, por fim, seguir a trilha da guinada teórica proposta pela História Cultural, campo do

<sup>105</sup> A abordagem da cidade por meio dos sentidos, em especial a visão, a audi o e o tato também está em Mons (2013). Na verdade, a ideia de falar sobre a urbe por meio dos cinco sentidos nos surgiu a partir da lembrança do projeto editorial “Fortaleza. Sentidos da Cidade” publicado entre 13 e 17/04/2009 pelo jornal *O Povo*, de Fortaleza.

<sup>106</sup> Sodré (2006, p.85-86), a partir de Aristóteles, anota que a sinestesia ocorre quando “os diferentes sentidos humanos interagem,   maneira de uma comunidade de estímulos, constituindo uma única manifesta o sensível”.

<sup>107</sup> Atualmente, o paradigma do sensível tem sido objeto de estudo da sociologia “neoformista” ou “vitalista”, como designa Sodré (2006, p.63), ao revalorizar a forma, “confrontada   falência dos ideais racionalistas do Iluminismo”. Michel Maffesoli, um dos expoentes desse campo emergente, propõe o neologismo “formismo”, “para ressaltar que a forma   formadora. Que só existe um fundo em referência a uma exterioridade. [...] E   também, finalmente, o que   posto novamente na moda pelo ressurgimento dos rituais em nossa sociedade” (MAFFESOLI, 2007, p.188).

conhecimento de importante influência neste trabalho. Segundo Pesavento (2012, p.56), a preocupação com as sensibilidades trouxe para o domínio da História a questão do indivíduo, da subjetividade e das histórias de vida. Fica claro até agora como os comentários nas *fan pages* transitam por tais searas, ao reproduzir imagens íntimas e singulares da cidade múltipla e movente. Em resumo, a classificação da análise aqui perseguida pode ser melhor exposta no quadro seguinte.

<b>Sentidos/“Órgãos”</b>	<b>Exemplos nas <i>fan pages</i></b>
Visão/Olho	Tudo o que chama a atenção pelo olhar, as formas de olhar (n)o passado e (n)a contemporaneidade
Audição/Ouvido	Sons das ruas; a diversão e a música
Tato/Pele	Os contatos urbanos; A aproximação com o “outro”; A cidade que se sente e se “roça”;
Olfato e Paladar/ Boca e Nariz	Os cheiros e os gostos evocados pelas imagens antigas
Imaginação e Intangível/ O sonho	Tudo o que as fotografias deixam como incógnita e remetem ao sonho, à utopia, ao futuro Quem são os personagens nas fotos? Como seria hoje? E o futuro?

Tabela 4: Classificação da análise do quarto capítulo.

## 4.2 As imagens e as redes

Trata-se de pensar a experiência midiática como uma forma de aproximação humana com os campos do sensível, do imaginário e do sagrado. Wittgenstein postula que “aprender apóia-se naturalmente em crer” (apud SODRÉ, 2006, p.43). Daí porque, como cita Sodré, a despeito da retórica de verdade das imagens televisivas, algumas pessoas se recusam a acreditar na chegada do homem à lua. Ou seja, não necessariamente se acredita naquilo que os *media* mostram como verdadeiro. “Se aceitarmos como vital a experiência da realidade criada pelos dispositivos técnicos e mercadológicos da comunicação, segue-se que os seus efeitos de convencimento têm uma especificidade, não necessariamente afinada com a razoabilidade tradicional” (SODRÉ, 2006, p.43). Em sentido próximo, ampliando a discussão, Maffesoli (2002, p.138) defende que, na ascensão da pós-modernidade, as “representações” de todo gênero não são mais tão racionais, passando a integrar “toda uma série de parâmetros

espirituais que funcionam mais sobre a fascinação e a contaminação do que sobre a convicção”.

As observações de Sodré e Maffesoli fazem pensar, por exemplo, os relatos de deslocamentos espaços-temporais proporcionados pelas *fan pages* em estudo e os efeitos de cunho perceptivo no contato com as imagens que colocam em xeque esse suposto estatuto racional dos *media*. Em uma matéria jornalística sobre o papa Francisco, no portal *O Povo Online*, uma pessoa chega a comentar: “SUA BENCAO, PAPA. COMO O SR ESTÁ?”. Nesse sentido, é certamente a imaginação que é chamada à roda no jogo das interpretações particulares, expressas nos comentários das redes sociais *on-line*. Indo mais além na abordagem, talvez tais redes estejam permeadas por mecanismos e práticas de conexão com o sensível e com o sagrado. No sentido lato da palavra, por exemplo, observem-se as correntes (“contaminações”) de orações disseminadas via Whatsapp, terminadas com ameaças do tipo: “Um ex-presidente argentino recebeu esta mensagem e chamou-a de 'lixo eletrônico'. Oito dias depois seu filho faleceu”. Ou mesmo no Facebook, com fotografias de impacto a pedir a recuperação de supostos enfermos e os *posts* em que somos instigados a fazer uma oração, escrever “amém”<sup>108</sup> e “compartilhar caso ame Jesus.” “Quem não ama só curte”, geralmente ameaça a mensagem.

É naturalmente impossível definir em um mesmo enunciado algo que oscila entre um desenho rupestre e uma fotografia postada no site de rede social Instagram, passando pelos produtos elaborados por nossa mente. As imagens compõem, portanto, nosso mundo cognitivo<sup>109</sup> e social. Alberto Caeiro, no poema *Guardador de rebanhos – IX*, vai além, ao imbricar pensar e sentir. “Sou um guardador de rebanhos./ O rebanho é os meus pensamentos/ E os meus pensamentos são todos sensações”. Na mente e no mundo, somos inseminadores de imagens, retroalimentadas e retroalimentadoras pelos/dos imaginários. As redes sociais *on-line*, lugares também da experiência, não só confirmam essa regra como a levam às últimas consequências. Ferramentas como Flickr, Tinder e Instagram são exemplos da soberania das imagens como suporte de comunicação frente a outras materialidades nesses espaços. Nas *timelines*, as imagens, em seu sentido essencialmente visual, venceram. Elas dão cada vez mais lugar aos escritos longos – qualquer coisa mais extensa que três parágrafos. Não poderia

<sup>108</sup> O site e *fan page* de humor “Sensacionalista”, que publica textos em formato de notícias como se fossem verdadeiras, brincou com a prática da escrita de “amém” nos comentários. “Facebook vai exigir formação em teologia de quem quiser comentar 'Amém’”, era a manchete da suposta matéria.

<sup>109</sup> De acordo com Sodré (2006, p.39), a neuropsicologia contemporânea trabalha com a suposição de que a imagem, como reinterpretação analógica de uma realidade acionada por sensações e emoções, é o principal conteúdo do pensamento, em forma consciente ou inconsciente.

ser diferente: a materialidade mais compartilhada nas *fan pages* sobre memória de cidades é a fotografia, evidenciando a facilidade de manipulação dessa tecnologia nascida no século XIX.

Pensando o Facebook de modo mais amplo, retratos banais do cotidiano, fotos de animais, crianças e comidas, além de bricolagens unindo ilustrações e legendas curtas na mesma imagem (os *memes*<sup>110</sup> da *web*) formam boa parte dos conteúdos mais vistos pelos conectados nos dias correntes. Dessa forma, não é difícil notar, como Maffesoli (1995, p.89), “a profusão, o papel e a pregnância da imagem na vida social”.

Ao mesmo tempo em que reconhece tal importância, Maffesoli alerta, baseado em Gilbert Durand, para uma desconfiança da tradição judaico-cristã frente à imagem. Tal fenômeno não se restringiu ao mundo religioso, segundo ele, alcançando a classe intelectual e os formadores de opinião. “De fato, existe uma estreita ligação entre a não-aceitação da aparência, o temor à imagem, sob suas diversas formas, e o horror dos sentidos, o medo da beleza ou ainda o ódio à matéria” (MAFFESOLI, 1995, p.89). Nesse sentido, assentou-se toda uma tradição de crítica à imagem, da perda da “aura” por meio da reprodutibilidade técnica (Benjamin) à formação da sociedade do espetáculo (Debord), vista como espécie de decadência intelectual perpetuada por uma excessiva disseminação.

#### 4.3 A cidade encena

Muito mais do que a pedra dos lugares, as imagens da *fan pages* fazem ver a carne dos habitantes de outras épocas ou a própria personificação dos comentadores e dos seus familiares em antigos retratos. No acúmulo de rostos e corpos desconhecidos, os habitantes antigos da cidade formam, eles próprios, a paisagem nas fotografias, uma vez que “a cidade grande é uma experiência única, vital, de acumulação física, uma aventura de corpos acumulados, uma superposição de seres vivos”. (MONS, 2013, p.123, tradução livre de Rosane Feijão).

No que diz respeito à corporeidade de homens e mulheres em cena, o que mais chama a atenção dos seguidores são os modos pretéritos de se vestir, com especial atenção para uma notada “elegância”, e o corpo esbelto dos fotografados, de uma geração anterior ao *fast food*.

---

<sup>110</sup> “Imagem, vídeo, um pedaço de texto, etc, humorístico que é copiado (frequentemente com pequenas variações) e rapidamente propagado por usuários de internet” (Dicionário *Oxford*. Versão *On-line*. Tradução livre).

“Nesta época as pessoas eram elegantes ate no bonde lotado, [a]gora só vemos pessoas mal educadas, homens sem camisa, mulher[e]s semi nuas...”, escreve um comentador em um *post* sobre um bonde na avenida Presidente Vargas. Um dos *posts* com maior volume de comentário sobre o tema em ORJQNV é a seguinte foto publicitária, retratando a espera de ônibus na Central do Brasil. A imagem foi publicada em 6/05/2014.

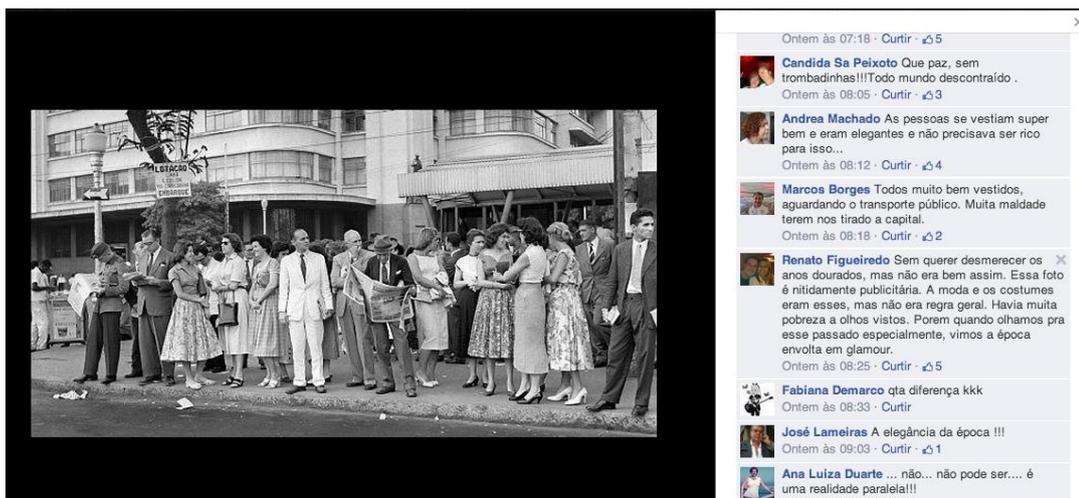


Imagem 13: Foto publicitária mostra cidadãos aguardando um lotação em frente ao prédio da Central do Brasil na década de 1950.

Autoria: Acervo O Globo

Reprodução de “ORJQNV” (06/05/2014)

Um debate se instaura a despeito das uníssonas exclamações ressaltando quão “chics” as pessoas eram em relação à “imundice” [sic], e ao vestuário típico (“bermuda, chinelo, shortinho”) dos usuários atuais do transporte coletivo, das “piriguetes prontas para um programa de última hora” e dos “maltrapilhos, cracudos”, “assaltantes” e da “gente feia” que hoje circulam pela Central do Brasil. Seria a imagem fidedigna em relação ao cotidiano do passado?

*Interagente 1* Mesmo os mais humildes conseguiam se vestir com dignidade...

*Interagente 2* A classe das mulheres!!! Epoca em que espera a condução na CB era tranquilo. Esse Rio que nao vivi me faz morrer de saudade.

*Interagente 3* Onde estão os negros e mulatos?

*Interagente 4* Igual os dias de hoje !

*Interagente 5* Que paz, sem trombadinhas!!! Todo mundo descontraído .

*Interagente 6* As pessoas se vestiam super bem e eram elegantes e não precisava ser rico para isso...

*Interagente 7* Sem querer desmerecer os anos dourados, mas não era bem assim. Essa foto é nitidamente publicitária. A moda e os costumes eram esses, mas não era regra geral. Havia muita pobreza a olhos vistos. Porem quando olhamos pra esse passado especialmente, vimos a época envolta em glamour.

*Interagente 8* Que elegância? Olhem o chão. A sujeira já imperava. Brasileiros...muito elegantes, mas porcos desde sempre!

*Interagente 9* Na verdade quase a mesma coisa de hoje em dia, sujeira nas ruas, filas

nos ponto de ônibus, o que muda são as roupas....

*Interagente 10* Como as pessoas eram elegantes! e num ponto de ônibus! e enquanto esperam...alguns leem jornal! (sem celulares, nem tablets) e as mulheres se comunicando... época boa!

*Interagente 11* O chão continua sujo, nesse aspecto não mudou nada !

*Interagente 12* Enfim,só mudaram os trajés,a espera é a mesma,quase sempre cansativa!!

*O Rio de Janeiro Que Não Vivi* Foto nitidamente publicitária... gente, não acredito que li isso. Vou fazer um brevíssimo relato sobre meu círculo parental: meus avós sempre moraram em Marechal Hermes [*bairro do subúrbio carioca*]. E, naquela época, a rua não era asfaltada, tinha valão, a casa era de madeira. Uma pobreza de dar dó. Pois bem... minha mãe me conta que quando meus avós iam ao cinema ambos se vestiam impecavelmente. [*Comentário curtido 8 vezes*]

*O Rio de Janeiro Que Não Vivi* E mais: se vestiam impecavelmente para irem ao Centro. [*Comentário curtido 9 vezes*]

*Interagente 13* o chão já era sujo! não tem mulatos e negros! Quanta diferença, hoje mesmo na Av. Rio Branco um pedinte veio ao meu encontro no ponto de ônibus me pedir dinheiro, disse: não tenho, outro dia mandei foi: vai trabalhar. [...]

*Interagente 14* [*Cita amigo*] veja essa foto! Naquela época, fazia tanto calor como agora, mais ninguém descurava da boa apresentação. [...]

*Interagente 15* O transporte já era ruim. Muita gente esperando.

*Interagente 16* [*cita seguidor anterior*] a fila significava disciplina!!!! Não é como agora como se todos fossem uns curibocas....

*Interagente 17* Iam esperar muito, [*cita outra pessoa*] Lotação era o mesmo ônibus de hj e não levava passageiro em pé kkkkk

*Interagente 18* Só mudou a vestimenta..o sufoco é o mesmo até hoje!!

*Interagente 19* quanta roupa para os 40o do Rio.

(Comentários de interagentes da *fan page* “O Rio de Janeiro Que Não Vivi”. Acesso em dezembro de 2014<sup>111</sup>)

O debate incitado pela imagem evidencia disputas por sentidos “verdadeiros” sobre o cotidiano passado, especialmente no que diz respeito aos modos de vestir-se da década de 1950 carioca. A informação de que se trata de uma foto publicitária, introduzida pelo administrador da página no meio do debate, passa ao largo dos imaginários evocados pela maioria dos comentadores. De modo contrário, uma seguidora identifica pessoas “descontraídas” à espera da condução e outra repara na ausência de celulares e *tablets* e na conversa entre mulheres, a partir do qual é possível inferir a identificação, por parte dela, de uma sociabilidade atual desagregadora, ruída pelos aparatos tecnológicos. “Onde estão os negros e mulatos?”, questiona um dos comentadores, em referência à etnia majoritária no transporte urbano do Rio, dando início à dúvida quanto à vestimenta “elegante” de todos, independente do poder aquisitivo, em bondes e ônibus e ao ir à “cidade” (forma como muitos dos cariocas ainda hoje se referem ao Centro).

Enquanto uma comentadora interpreta o cuidado na vestimenta como indício de que as pessoas pareciam “menos pobres”, um outro alerta para a “pobreza a olhos vistos” da época e chama a atenção para o olhar enviesado de *glamour* das vistas contemporâneas ao observar o

<sup>111</sup> Os comentários foram transcritos na ordem em que aparecem na página, mas devido ao grande volume deles no *post*, reunimos apenas os principais dentre os temas discutidos. O procedimento, aliás, é adotado em outras postagens analisadas neste trabalho.

passado. O administrador da página intervém no debate, demonstrando contrariedade a algum comentário (“gente, não acredito que li isso”) e introduzindo uma “memória exata” a partir de um testemunho familiar: seus avós, embora pobres “de dar dó”, quando iam ao cinema e à cidade, “se vestiam impecavelmente”. O comentário não necessariamente interrompe a discussão, mas objetiva, em meio à mixórdia de pontos de vista, restaurar a memória verdadeira por meio da “autoridade” de que se reveste o testemunho e também o perfil da página – não à toa as duas intervenções seguidas somaram 17 curtidas. Conforme descrito no capítulo 2, a partir da obra de Ricoeur, o testemunho invoca os atos enunciativos do “eu estava lá” e do “acreditem em mim”. “[...] 'garantir' que tal coisa ocorreu, certificá-lo, equivale a uma 'promessa a respeito do passado’” (VON WRIGHT apud RICOEUR, 2007, p.174). Todavia, há sempre a possibilidade de contestação. Ao *estar lá e acreditem em mim* acrescenta-se outro, em tom de desafio: “ 'se não acreditam em mim, perguntem a outra pessoa’” (RICOEUR, 2007, p.173). No caso das *fan pages*, o recado sorrateiro deixado é: pergunte a quem viveu e encontrará a verdade.

Inicia-se a partir daí uma guinada de temas: observam-se mais a sujeira nas ruas da cidade e a má qualidade do transporte como “heranças” da época. A sujeira e o espanto do peso das roupas em meio ao calor<sup>112</sup> do Rio são pontos pacíficos, mas a qualidade do transporte continua rendendo discordâncias. Se para um seguidor os ônibus já era ruins e era preciso esperar muito pela condução, como sugere a imagem; para outra, a fila era sinal de “disciplina”. Os textos, em repetidos exercícios de comparação entre as cidades do presente e do passado, dão a ler conservadorismos e até imaginários gentrificadores – “não tem mulatos e negros! Quanta diferença, hoje mesmo na Av. Rio Branco...” – sobre os usuários do transporte público de ontem e de hoje. Nós e os “mulatos e negros”; nós e “os mal educados que jogam papel no chão”; nós e os “pobres”, “a arraia-miúda” ou o “canelau”, como se diz o cearense. “É, Fortaleza já foi nobre! Hoje não é apenas pobre, mas também abandonada, maltratada pelos seus habitantes gentalha”, anota uma seguidora da página alencarina.

Nesse sentido, uma imagem da antiga Favela do Pasmado, na zona sul carioca (área rica da cidade), publicada em 26/05/2014 em “O Rio de Janeiro Que Não Vivi”, cria um grande debate sobre as contradições sociais na ocupação do espaço urbano.

*Interagente 1* Poderiam ter feito a mesma remoção dos habitantes da Rocinha e Vidigal antes que povoassem...

<sup>112</sup> A dúvida quanto ao uso de tanta roupa no calor da cidade também é uma questão recorrente nos comentários de “Fortaleza Nobre”. “Detalhe, todo mundo coberto dos pés à cabeça de mangas compridas. coragem! imaginem o cheiro por baixo dessas roupas kkk”, comenta um seguidor em uma foto de 1906.

*Interagente 2* E que tal dar condições dignas para essas pessoas ao invés de jogá-las no outro lado da cidade fazendo uma "limpeza social" na Zona Sul, [cita 1]?

*Interagente 3* Legal os comentários sobre retirarem as pessoas das favelas...tirar o pobre da vista né...coisa mais ridícula!!

*Interagente 4* Engraçado, todo mundo quer morar na zona sul, de frente pra praia... As pessoas tem q morar onde podem pagar, não onde lhes é mais conveniente. Também queria morar na Delfim Moreira, Quinta Avenida, Avenue Foch, mas fazer oq?

*Interagente 5* Impressionante como o discurso higienista, egoísta e arbitrário do passado ainda têm ecos no presente.

(Comentários de interagentes da *fan page* "O Rio de Janeiro Que Não Vivi". Acesso em maio de 2014)

É a alteridade<sup>113</sup>, ou seja, a conexão estabelecida entre nossa subjetividade e a dos outros, o imaginário primordial evocado na discussão, mostrando como a cidade, lugar dos encontros, da multidão que se roça em abraços sinceros ou contatos forçados, também instaura divisões de sociabilidade, ocultadas por um olhar *glamourizado* do passado a partir de uma fotografia de teor publicitário, no caso do *post* anterior. Na postagem sobre o Pasmado, é a discussão da cidade cingida entre ricos e pobres que vem à tona, atualizando o "discurso higienista, egoísta e arbitrário do passado", como resume um seguidor. Essa força de "empurrar" os *outros* para bem longe tomou impulso com a constituição da cidade capitalista e tem na reforma do prefeito Pereira Passos seu mais conhecido exemplo em terras cariocas. Essa instituição de barreiras entre os distintos grupos que circulam no ambiente urbano não é exatamente algo novo, como mostramos a partir do exemplo dos guetos venezianos, citado no capítulo 2 a partir de Sennet (2008), e vai desembocar na constituição dos atuais "enclaves fortificados"<sup>114</sup> (CALDEIRA, 2000, p.257-300).

Além desse contato, ou medo dele, o debate remete constantemente à visão como sentido essencial para corroborar as opiniões. "Que elegância? Olhem o chão". O transporte não funcionava: vejam as filas. As pessoas pareciam mais dignas porque se vestiam melhor, etc. Entrevê-se também uma alegada "degeneração" dos *outros*, leiam-se "pobres", negros e mulatos, feita a partir do julgamento de suas roupas atuais. O imaginário opera assim simplificando e amplificando (BOIA, 1998, p.113, tradução livre) a visão que se tem do *outro*,

<sup>113</sup> A alteridade é uma das oito estruturas arquetípicas elencadas por Boia (1998, p.29-35) aplicadas à evolução histórica. São elas: 1) consciência de uma realidade transcendente; 2) o duplo, a morte e o além (ou seja, o corpo material do ser humano é duplicado por algo imanente e imaterial); 3) alteridade; 4) a unidade (o homem aspira a viver em um universo homogêneo e inteligível); 5) a atualização das origens (em todas as comunidades, as origens são altamente valorizadas); 6) o deciframento do futuro (métodos e práticas para o conhecimento e controle do que virá); 7) a evasão [fuga]; 8) a luta (e complementariedade) dos contrários.

<sup>114</sup> "Eles oferecem uma nova maneira de estabelecer fronteiras entre grupos sociais, criando novas hierarquias entre eles e, portanto, organizando explicitamente as diferenças como desigualdade. O uso de meios literais de separação é complementado por uma elaboração simbólica que transforma enclausuramento, isolamento, restrição e vigilância em símbolos de status. Essa elaboração é evidente nos anúncios imobiliários" (Caldeira, 2000, p.259).

“alcançando, ao limite, à caricatura e ao símbolo”.

Em uma cidade em que os termômetros passam facilmente dos 40 graus no verão, o abandono do rigor de paletós e saias nos passeios (para a alegria de muitos, não podemos deixar de imaginar) significa para alguns comentadores, todavia, mais uma metonímia da própria derrocada da experiência urbana na *cidade* ideal relatada em várias outras postagens.

#### 4.4 A cidade se toca

Muitos são os encontros que experimentamos ao habitar a cidade. A sorte de esbarrar com alguém está lançada a cada virar de esquina e o *outro* pode ser um parente distante, um desconhecido com quem puxamos assunto na volta para casa ou uma alma chorosa em busca de um ombro em uma roda de samba. Há momentos em que tocar o desconhecido desencadeia desconforto, pedidos de desculpas, como nos transportes, nos elevadores e escadas rolantes, nos estádios, cinemas e teatros – muito embora também nesses espaços o contato pode vir a ser deliberado, às vezes causando celeumas como o caso dos “encoxadores” dos transportes públicos. Essa aglomeração compulsória, por assim dizer, no transitar pela cidade, está próximo do que Mons (2013, p.125, grifo do autor) designa por uma “*intimidade indiferente*” ou contingente.

Experimentar a cidade passa, portanto, pela experiência do contato com o outro, momento carregado de “*erotismo* ou de *socialidade*” (BARTHES apud GOMES, 2008, p.169). É bem verdade que, na contemporaneidade, argumenta Sennet (2008, p.19), essa massa de corpos está “mais preocupada em consumir do que com qualquer outro propósito mais complexo, político ou comunitário”.

Mas é nos momentos de lazer, especialmente na proximidade permitida socialmente pela dança, que o diabo cria a exceção da regra, dando espaço para roçados dos mais variados matizes. Tal quadro surge em “Fortaleza Nobre” na foto em que aparecem soldados norte-americanos dançando com cearenses, apelidadas de “coca-colas”, durante a Segunda Guerra Mundial. O lugar do encontro é o Estoril (antiga Vila Morena), conhecido prédio na Praia de Iracema transformado em cassino pelos ianques e hoje patrimônio tombado, restaurado e transformado em restaurante pelo município.



Imagem 14: Soldados norte-americanos dançam no Estoril com as “coca-colas” cearenses, durante a Segunda Guerra.

Arquivo Will Nogueira  
Reprodução de “Fortaleza Nobre” (01/05/2013)

A Segunda Guerra Mundial permeia o imaginário fortalezense, e a passagem dos norte-americanos em solo alencarino reúne algumas histórias divertidas, expressas nos “causos” dando conta de supostas origens de algumas palavras e do próprio nome do bairro Pici, onde eles mantiveram uma base aérea. Tais narrativas são aludidas pelos comentadores. Dois deles tratam logo de desmenti-las.

*Interagente 1* Alguém certamente falará da falácia etimológica do anúncio “for all” e da origem da palavra “forró”. Isso é etimologia popular. A palavra “forró” é redução de “forrobodó”, palavra existente desde o período colonial, muito antes da instalação de qualqu...

*Interagente 2* [...] O povo cearense tem uma mania besta de inventar coisas, já ouvi um “sabidão” dizer que Pici era “posto de comando abreviado, se assim fosse seria “CP” command post. Pici<sup>115</sup> e Ipanema era dois sítios que ali existiam naq...

*Interagente 3* Lí em algum lugar, não lembro, que a palavra “fuleira” sugiu em decorrência dessas festas na qual somente as mulheres locais tinham acesso. Eram “FOR LADIES”, nascendo daí a relação entre a expressão e as mulheres que a frequentavam. Se isso for verdade, essas são as primeiras e verdadeiras “fuleiras”. Que os historiadores se pronunciem.

*Fortaleza Nobre* O nosso fuleiro vem de fuleragem.

(Comentários dos interagentes da *fan page* “Fortaleza Nobre”. Acesso em dezembro de 2014.)

Como os próprios comentários explicam, o termo forró e o nome do bairro Pici são bem anteriores à chegada dos ianques às areias de Iracema. Em relação ao termo “fuleiras”, a lenda do *for all* parece ter se expandido, resultado no citado *for ladies*. Na verdade, “fuleiro”

<sup>115</sup> “Pici, 1929-1930”, anota Rachel de Queiroz ao fim de *O Quinze*, indicando que o sítio já levava tal nome antes da chegada dos norte-americanos. Além de lugar de escrita de seu primeiro romance, foi lá onde a escritora promoveu reuniões políticas, em sua fase comunista. Na crônica “Pici”, de 1975, a cearense narra suas memórias sobre o sítio (ver GULLAR et al, 2013).

(ou *fulêro*, como se fala) e seu derivado “fuleiragem” (pronuncia-se *fulerage*), termos correntes na linguagem popular cearense, nada têm a ver com o inglês. Foleiro é quem faz, vende ou toca fole. A palavra veio com os portugueses ainda no século XVI. A questão é como o vocábulo passou a designar pessoa “reles, imprestável, sem qualidade, medíocre, [...] quem age irresponsavelmente e que não parece confiável”<sup>116</sup>. Acrescente-se que “fuleragem”, no Ceará, também é sinônimo de “gaiatices”. “Deixe de *fuleragem!*” é uma expressão equivalente à carioca “Tu tá de sacanagem!”.

Outra origem etimológica, porém, passou à história da cidade como verdadeira: o significado da palavra de uso local *espilicute*<sup>117</sup>. “As 'espilicutes'. Que legal ver essa foto!”, alude um dos comentadores. “Essa expressão surgiu daí mesmo, segundo dizem, da frase 'she is pretty and cult' (elas são lindas e cultas) que os americanos diziam para as garotas coca-colas. O cearenses escutavam isso, e óbvio, não entendiam e aí adaptaram rrsrsrs”, explica outro. Falcão, cantor, compositor, apresentador de tevê e o mais “joiado” dos cearenses, apresenta uma versão mais plausível da frase supostamente dita pelos ianques: “she's pretty cute” (informação verbal)<sup>118</sup>. O elogio pode ser traduzido como: “ela é lindinha”. Em realidade, o que importa pôr em relevo aqui não é se as histórias em torno das *fuleiras* e das *espilicutes* são verdadeiras ou falsas. O mais rico é que a origem da palavra *espilicute*, por exemplo, tem sido narrada como registro linguístico dessa fase da história da cidade, indício de como tal período mexeu com o cotidiano da cidade à época, deixando marcas em seu imaginário<sup>119</sup>. Como lembra Boia (1998, p.42): a lenda de fundação de Roma não corresponde à realidade, “mas disso não resulta que a lenda apresenta um significado menor que a fundação real”. Controvérsias à parte, portanto, o tema principal da discussão do *post* é quão *espilicutes* eram as tais “coca-colas”.

<sup>116</sup> Segundo o jornalista e escritor Flávio Paiva, etimólogos apontam as raízes de “fuleiro” no espanhol *fullero*, com a qual definem alguém que “engana”. *Fulla*, em castelhano, traduz-se por “falsidade, mentira”. Paiva aponta, porém, outra hipótese etimológica, relacionada ao povo “fula”, negros mestiços e majoritariamente muçulmanos, transportados para a Bahia como escravos.

<sup>117</sup> “Espevitado, petulante, afetados no modo ou no falar” (Cabral, 1982, p.363). “Saído, espevitado, afetado nos modos e no falar” (GIRÃO, 2000, p.197). “Pessoa que anda toda produzida e se utiliza de trejeitos no caminhar, nos gestos e na maneira de falar. Faceira; esperta; matreira, sabida. *Pra frentex*” (Saraiva, 2002, p.131). O vocábulo também está em Seraine (1991, p.153) com definição próxima às demais. Curiosamente nenhum dos quatro dicionários de termos “populares” registra a origem do termo. O adjetivo é de uso local e ainda é usado atualmente, em tom jocoso, no bom estilo cearense. É geralmente atribuído ao gênero feminino.

<sup>118</sup> FALCÃO, M. Entrevista concedida ao programa Fantástico. Rio de Janeiro, 22 set. 2013.

<sup>119</sup> Para uma visão mais detalhada sobre o período da segunda guerra em Fortaleza, ver Silva Filho (2002)

*Interagente 1* Isso é prá muita gente ver o que é dançar e não esses rala bunda que mostram essas meninas de hoje.

*Interagente 2* O forró tava animado

*Interagente 3* Eu li [*cita outra seguidora*], mas não concordo muito com esse texto do Marciano Lopes não. Acho que havia muita “galinhagem” no comportamento dessas nossas patrícias de então. E realmente é bastante intrigante que a identidade dessas mulheres permaneçam até hoje sob sigilo.

*Interagente 4* E o nome dessas mulheres, ninguém têm?

*Interagente 5* [*Cita 4*], tem aqui: [link]

*Interagente 6* [*Cita outro seguidor*], ja tinha visto? muito show!! a historia passando diante de nossos olhos...

*Interagente 7* foto histórica!!

*Interagente 8.* Já contei tanto essa história. Nunca tinha visto uma foto assim.

*Interagente 9* Linda foto! Fortaleza doce amena e de uma juventude romântica!!!

*Interagente 10* Gostaria de um dia conhecer uma das "coca-colas" da época

*Interagente 5* Olha que coisa, tem uma mostrando a anágua, cruze!

*Interagente 11* Até que não era muito agarradinhos não!

*Fortaleza Nobre* Na frente do fotógrafo, não, depois, qm sabe?

*Interagente 12* Maldade pura, estes gringos não eram de nada! esta moça que está mostrando a anágua de tafetá, eu acho que conheço...

*Interagente 13* Conheci uma [*Cita 10*], mas ela já nos deixou...

(Comentários dos interagentes da *fan page* “Fortaleza Nobre”. Acesso em dezembro de 2014.)

De início, note-se o valor “histórico”, no sentido de acontecimento lembrado com o passar dos tempos, atribuído à passagem dos norte-americanos por Fortaleza durante a segunda grande guerra: “foto histórica!!”, exclama uma seguidora. “A historia passando diante de nossos olhos...”, observa outra. Esse reconhecimento “histórico” dado ao “flagrante” é interessante porque se trata de uma cena cotidiana, de lazer, tema em princípio fora do que normalmente se atribui como um grande tema “histórico”<sup>120</sup>. Em seguida, um comentário evidencia comparações entre os modos de divertir-se do passado e do presente. Um certo distanciamento entre soldados norte-americanos e as moças, aparente na foto, faz um seguidor enxergar diferenças entre o suposto forró retratado e o “rala bunda” de hoje. “Até que não era muito agarradinhos não!”, emenda outro, em mais um sinal de que para muitos seguidores o passado parece encerrar o tempo da civilidade e dos “bons costumes” nos diversos campos da sociabilidade. Em mais um exercício de metonímia, a pose das “coca-colas”, para outra seguidora, faz ver uma “Fortaleza doce amena e de uma juventude romântica!!!”. Mas tal leitura não é exatamente unânime. Um comentador, ao discordar do texto de Marciano Lopes, no livro *Royal Briar*<sup>121</sup>, sugere que havia muita “galinhagem” no comportamento daquelas

<sup>120</sup> Também retrata uma cena banal, curiosamente, uma das fotografias mais reproduzidas no mundo: o beijo entre um marinheiro e uma enfermeira, na Times Square, após a divulgação do fim da Segunda Guerra Mundial. A imagem foi publicada na *Life* e é considerada uma “foto histórica”. Mais detalhes em <https://www.facebook.com/HistoricasImagens/photos/a.281467585259152.65668.281464138592830/479326498806592/>

<sup>121</sup> Um trecho do livro é reproduzido no blog Fortaleza Nobre. <http://www.fortalezanobre.com.br/2012/11/o-cordao-das-coca-colas.html>. O link foi postado por uma seguidora da página em meio aos comentários. O

mulheres, uma vez que a identidade delas permaneceu em sigilo. Nesse sentido, quando um seguidor manifesta a disposição de conhecer uma “coca-cola”, uma seguidora chega a dizer que conheceu uma delas, mas se limita a registrar, em sinal de silenciamentos, de uma memória impedida: “mas ela já nos deixou...”. “Ela falava q era uma das Coca-Colas?!?!?!”, assusta-se a administradora da página em seguida. A escritora Ana Miranda, em sua coluna no jornal *O Povo*, descreve tais mulheres como

[...] moças de família, mas de espírito arrojado, irreverentes, que tiveram a ousadia de namorar os soldados norte-americanos [...] Tidas como imorais, desafiavam os costumes de uma cidade ainda ingênua e conservadora, enfrentando a própria família e ignorando as maledicências que lançavam contra elas. Algumas eram de famílias tradicionais, e a maioria, de classe abastada ou média. Tinham educação escolar, vestiam-se com apuro, possuíam recursos e eram destinadas a um bom casamento. (MIRANDA, 2012)

Os comentários permitem ler, portanto, pluralidades de sentido e embates de memória em torno do imaginário histórico das “coca-colas” fortalezenses. O debate inicia-se com relatos de tranquilidade e recato feitos ver pela imagem. Tal visão romântica é em seguida posta à prova por meio do confronto de narrativas, publicadas em livro, sobre a época e por uma aventada sem-vergonhice das moças, não aparente nas fotos. No contraste, instaura-se um silêncio posterior sobre a identidade delas, revelando como o moralismo da época perdurou por décadas e imprimiu reflexos nos dias atuais. O vácuo nos comentários é a manifestação em menor escala de um vazio memorial desse momento da história recente da cidade. À parte os textos de Ana Miranda e Marciano Lopes, não foram registradas as narrativas do período dando voz a essas mulheres. Elas se consideravam “ousadas”, de “mentalidade evoluída”, como descrevem os autores? Seus testemunhos correm o risco de ficar no esquecimento, como tantas outras histórias de Fortaleza<sup>122</sup>.

Seja nas “anúguas de tafetá”, seja nas areias e banhos de mar, seja nas memórias de brisas e do calor, nossos corpos roçam a cidade, e esses contatos criam “mapas de significado” táteis mais duradouros do que o racional pode supor. A imagem pode fazer sentir de novo esse aconchego, experimentado em momentos de festa ou no banal do cotidiano. “Era gostoso deitar-se sob o pano do velame de uma jangada, areia fofa, macia esfriava o pano, eu

---

trecho reproduzido de Marciano Lopes tem um teor claramente anti-moralista e sai em defesa das “coca-colas”, descrevendo-as como um “punhado de mulheres de mentalidade evoluída”.

<sup>122</sup> Embora não cite as “coca-colas”, o imaginário da segunda guerra em Fortaleza povoa o conto *Tangerine-Girl*, de Rachel de Queiroz, que deu origem a um documentário homônimo. “Coca-colas” também foi o nome dado a um bloco de carnaval em Fortaleza na década de 1950, em referência a essas mulheres.

já fiz isso”<sup>123</sup>, lembra um seguidor diante de uma fotografia de Chico Albuquerque<sup>124</sup> mostrando crianças deitadas em uma jangada colocada sobre a areia da praia.

#### 4.5 A cidade tem cheiros e gostos

Uma cidade também se refaz nos rastros deixados por cheiros e gostos. É possível tanto ao memorialista escritor quanto ao rememorador ordinário caminhar pelas lembranças olfativas do jardim de infância, dos almoços dominicais, dos dias de chuva. Os gostos lembrados geralmente têm o sabor dos convescotes íntimos ou dos encontros com os amigos, em ruas, praças e restaurantes. Ficam igualmente cristalizados os cheiros do mar e da chaminé das fábricas. Os aromas aparecem assim nas *fan pages*: ora recriam mundos mágicos, ora são um tipo especial de signo da crueza dos grandes centros urbanos. “Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la/ E comer um fruto é saber-lhe o sentido” (CAEIRO, 2011, p.113).

Em uma imagem de Augusto Malta do começo do século XX em que a maioria dos comentários atenta para o alinhamento nos modos de vestir, gravatas e chapéus, um comentador traz à tona um aspecto que a imagem não permite experimentar. Baseado no relato de sua avó, morta em 1991, com 101 anos, ele arremata: com o calor de 40 graus, o Rio e as pessoas *fediam*. “[...] uma época que o Rio fedia.... [...] ela me dizia que no verão as pessoas jogavam dejetos pelas janelas e ainda tinham os cavalos e bois que sujavam a cidade... fora o suor que as roupas pesadas causava e o mal [sic] hálito. Precário o sistemas de DENTISTAS. HJ ESTA MUITO MELHOR...”, compara. O comentário contesta o tom nostálgico dos demais com o testemunho fático de uma cidade percebida pelo sensorio do olfato. É como se o seguidor dissesse: o (mau) cheiro não mente, é a prova cabal de que a cidade não tinha exatamente as cores pintadas pela limitação sensorial da fotografia. Vê-se como, portanto, tal tecnologia de representação ao mesmo tempo limita e dispara impressões sensoriais.

A memória de cheiros é geralmente associada aos lugares, como é evocada em um *post* de 29/10/2012 em “ORJQNV” mostrando a fachada em Botafogo da Sears Roebuck,

<sup>123</sup> Essa imagem poética nos lembrou, novamente Alberto Caiero: “Por isso quando num dia de calor/ Me sinto triste de gozá-lo tanto./ E me deito ao comprido na erva,/ E fecho os olhos quentes,/ Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,/ Sei a verdade e sou feliz”.

<sup>124</sup> Chico Albuquerque (1917-2000) fotografou as filmagens de *It's all true*, de Orson Wells, em 1942, em Fortaleza. Suas imagens registraram o cotidiano dos jangadeiros de Fortaleza.

famosa loja de departamento. “O cheiro, ao entrar na Sears, Botafogo, era inconfundível e sempre o mesmo. Lembro da bola suspensa no ar pela saída de um aspirador de pó”. Entretanto, as recordações olfato-gustativas mais recorrentes, nas duas páginas, dizem respeito primordialmente a comidas e bebidas degustadas em bares, lanchonetes, restaurantes, ou mesmo na rua, como o citado em um *post*, “Angu do Gomes” da Praça XV, no Rio. Especialmente na capital fluminense, guardam-se memórias gustativas das tradicionais confeitarias. Além da famosa Colombo, apareceram na página do Rio a Casa Cavé, a Manon, conhecida pelo doce “Madrilenho”, e a Confeitaria Kurt, aberta em 1940 no Leblon e ainda hoje em funcionamento. Na postagem sobre a Kurt, o editor lança para os seguidores, no título da postagem, a sugestão de como o paladar também é criador de memória: “A história do Rio de Janeiro pode ser vista, sentida e degustada, literalmente”. A postagem, o logotipo da Kurt, aciona a lembrança de quem viveu para sentir<sup>125</sup> cheiros e gostos de lá. “morei em cima do Kurt na General urquiza. e todo santo dia aquele cheiro de pão de ló assado ...e a fabulosa torta de côco divina, a melhor q ja comi ! e os biscoitos de amendoa..putzzzz”.

Outro destaque culinário dessa memória gustativa carioca é o frapê de coco do Bar Simpatia, cujas “mesas e cadeiras de palha ocuparam a calçada da Avenida Rio Branco até meados dos anos 1980”, informa a página do Rio. Entre exclamações e “hummmm”, o frapê é qualificado como “insuperável”, “único”, “inesquecível!”. “[...] Uma delicia, ainda lembro do gosto. O Rio era muito bacana”, demarca uma seguidora. “Frapê de côco e de tamarindo eram os carros chefes do Simpatia, era o oasis tomar um frapê geladinho no calor do Rio de Janeiro. Parada obrigatória”, informa outra.

A sociabilidade criada no encontro para beber também é aludida por seguidores de ambas as páginas. A cachaça, em Fortaleza: “Em 72, tinha aí o bar 'Escorrega', onde eu, Dimas, Zé Branco, Moço, dentre outros, bebemos muita cachaça”, comenta um seguidor em uma foto de um cartão postal dos anos 1970 da Praia do Meireles. E o *chopp*, no Rio: “Em 78, tínhamos uma turma, que fazia cursinho na cidade [forma como muitos cariocas se referem ao Centro], aí a gente marcava no Simpatia, pra tomar umas bramas, qtas vezes, os garçons, jogavam agua nos nossos pe´[pés], ja madruga[da], pra fechar. Tempo bom”, recorda. O mesmo Bar vai ser mencionado meses depois em um *post* de 27/07/2014 de um prato criado no Rio: o filé à Oswaldo Aranha.<sup>126</sup>

<sup>125</sup> “As sensações externas e internas produzidas no corpo e das quais o indivíduo tem consciência, refere-se o verbo grego *aishthanomai*, traduzido pelos latinos como *sentire*” (SODRÉ, 2006, p.45)

<sup>126</sup> A própria postagem explica a origem do prato. “Na década de 1930 o diplomata Oswaldo Aranha costumava almoçar no restaurante Cosmopolita, na Lapa. O apelido do estabelecimento era 'Senadinho', pois muitos

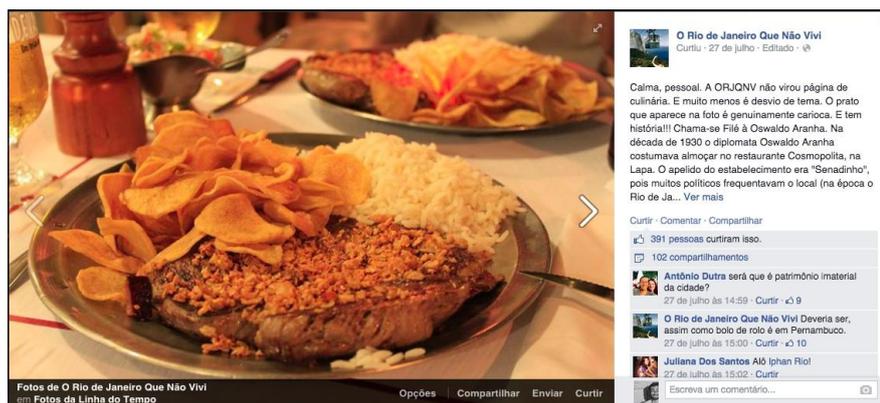


Imagem 15: Prato carioca filé à Oswaldo Aranha

Autoria não-identificada

Reprodução de “O Rio de Janeiro Que Não Vivi” (27/07/14)

*Interagente 1* Será que é patrimônio imaterial da cidade?

*O Rio de Janeiro Que Não Vivi* Deveria ser, assim como bolo de rolo é em Pernambuco.

*Interagente 2* Alô Iphan Rio! [Marca página do órgão]

*Interagente 3* Indiscutivelmente MARAVILHOSO!! Quando faço aqui em casa digo logo 'almoço à carioca'

*Interagente 4* conheci em outros restaurantes com meu pai, q me contou a estória. Adoro. O garçom misturava o molho de alho com a farofa e o arroz.

*Interagente 5* Ai meu amigo lembro quando íamos almoçar um desses num restaurante na cinelândia. Preço justo e prato farto.

*Interagente 6* Almocei por diversas vezes com amigos do trabalho, no Bar Simpatia. E pedíamos o prato para dois, já que o bife era enorme, o bar já não existe, bons tempos...

*Interagente 7* É uma delícia, sempre almoçava este prato com meu tio qdo ia almoçar com ele, pelo menos de 15 em 15 dias.

*Interagente 8* O alho bem frito cobrindo a carne não tem igual.

*Interagente 9* E de dar mesmo água na boca.

*Interagente 10* E um dos meus pratos favoritos ... especialmente o do Lamas!!!!!!!!!!

*Interagente 11* Além de delicioso, é cultura.....

*Interagente 12* Desse file eu tenho saudade.

*Interagente 13* A única coisa que pra mim chegou sempre diferente é que o verdadeiro Oswaldo Aranha, o prato, teria que vir com o arroz e a farofa misturados, e não separados como a gigantesca maioria dos restaurantes serve, como se fosse questão de delicadeza, ou educação. Mas com isto parece que acabam por deturpar a versão original, que, aliás, tem tudo a ver: misturar o arroz ao alho e à farofinha. Eu misturo!

*Interagente 14* Quem come o original, do Cosmopolita, nunca mais quer comer algum genérico. E o restaurante é bem simples... eu adoro lá. Experimentem (Comentários dos interagentes da *fan page* “O Rio de Janeiro Que Não Vivi”. Acesso em dezembro de 2014)

A imagem de um prato de comida contrasta com a pedra e o cal de ruas, praças e paisagens, elementos mais comuns de serem vistos nas *fan pages*. É a visão, portanto, o

---

políticos frequentavam o local (na época o Rio de Janeiro era capital do Brasil). E o diplomata criou esse prato, que consiste em um filé *mignon* alto ou um contra filé, temperado com alho frito, acompanhado de batatas portuguesas, arroz branco e farofa de ovos. Então, os restaurantes do Rio de Janeiro foram incorporando o prato nos seus cardápios e é um clássico da culinária carioca” (O Rio de Janeiro Que Não Vivi, 27/07/14. Acesso em dezembro de 2014).

sentido mais acionado por essas materialidades. Atento a isso, o editor da página do Rio antecipa no título do *post*. “Calma, pessoal. A ORJQNV não virou página de culinária. E muito menos é desvio de tema. O prato que aparece na foto é genuinamente carioca. E tem história!!!”. O chamado é assim deslocado para a percepção olfato-gustativa por meio da qual também é possível identificar, de modo menos previsível, as categorias de “patrimônio” e “histórico”. Os dois primeiros seguidores entendem bem a “deixa” e distinguem no filé tal *status*. No mesmo sentido, um terceiro completa: “Além de delicioso, é cultura...”. Entretanto, a partir da sugestão da legenda, o tom principal dos comentários retoma a questão da *autenticidade* da receita, tida como elemento *genuíno* da culinária local. Já comentamos no capítulo 3 como as categorias da modernidade e da autenticidade se encontram. Ora, de variados jeitos, o que cada comentador faz é descrever um modo de preparo, um lugar e uma ocasião singulares para carimbar na experiência própria o título de *verdadeira, genuína, única* do saboreio de um Osvaldo Aranha. Ao não misturar o arroz ao alho e à farofa, os outros *deturpam* a versão original. Quem nunca comeu no Cosmopolita só sabe o que é comer o *genérico*.

Gostos e cheiros compõem e ataçam, portanto, a memória individual do passado de delícias materiais e simbólicas. Tais experiências representam para os sujeitos contemporâneos rememoradores momentos irreproduzíveis, uma vez que o tempo presente parece ser o do inautêntico e do simulacro, em várias esferas da vida. Ou como poeticamente comenta Bachelard (1974, p.364): “Só eu, nas minhas lembranças de outro século, posso abrir o armário que guarda ainda, só para mim, o cheiro único, o cheiro das uvas que secam sobre a sebe”. Note-se ainda o sentido de “sagrado” atribuído a reuniões em torno da mesa, seja com “amigos de trabalho”, seja com um tio, de “15 em 15 dias”, seja com o pai que contou a “estória”. Esse último exemplo instaura uma separação, hoje em desuso, entre a “história”, dita aquela dos grandes fatos e vultos, uma “estória”, contada a partir do cotidiano. Sennett (2008, p.144), retomando São Paulo, lembra que os primeiros cristãos evocavam a Última Ceia ao se sentar ao redor de uma mesa. Ou seja, “o próprio ato de comer sinalizava as relações sociais”. Dividir a comida e as lembranças, lá e cá, são atos de comunhão que compõem o rito, conduzem ao sagrado.

Não necessariamente a foto de uma comida faz acionar o paladar. Os passeios e os momentos de lazer estão muito ligados à memória gustativa nas duas páginas. Uma foto do movimento do Centro de Fortaleza, por exemplo, faz lembrar merendas experimentadas em um tempo em que aquele bairro era o principal destino para uma volta com as crianças. “Deu saudade das matinês no São Luiz, da banana split do Romcy, do hot-dog das americanas...”,

registra um seguidor em “Fortaleza Nobre”.

Uma foto do cardápio do “Bob’s”, em 1971, no Rio de Janeiro (publicada duas vezes, uma delas em 22/11/13), ficou entre as mais comentadas no que diz respeito à memória gustativa carioca. Em mais um exemplo de transporte espaço-temporal proporcionado pela página, uma comentadora se sente diante do balcão da lanchonete. “Sai um sundae de mashmallow, morango e castanha, uma salada de ovo e um ovomaltine. Que delícia que era”, pede ela. Tais deslocamentos – especialmente o esgarçamento poético expresso nesse último comentário – amplificam essa ordem do estético nas páginas, pois, como ensina Valverde (2010, p.59), a experiência estética “se caracteriza pela *imersão* do espectador numa região do mundo sensível”. O “transe” proporcionado pela fotografia *faz ver*, cheirar e provar o ambiente pretérito da comida, em líricos registros de *reterritorialização*. Nesse sentido, parece-nos tratar-se, em maior ou menor medida, também de uma encenação ou contraposição ao mundo racionalizado.

O conhecimento sensível opera como uma forma de apreensão do mundo que brota não do racional ou das elocubrações mentais elaboradas, mas dos sentidos, que vêm do íntimo de cada indivíduo. Às sensibilidades compete essa espécie de assalto ao mundo cognitivo, pois lidam com as sensações, com o emocional, com a subjetividade (PESAVENTO, 2012, p.56).

Esse “despertar” proporcionado pelo sensível certamente não amanhece em todas as almas comentadoras das *fan pages*. Nem tudo são flores. É bem verdade que o deslumbre e o deleite, descrito muitas vezes em breves manifestações de “lindo!” “maravilhoso!”, são tão recorrentes quanto a disposição em identificar o local, a data e a circunstância precisas da foto ou mesmo em mostrar-se o “conhecedor” da história. Tais manifestações expõem a racionalização do mundo também identificável na sociabilidade presente nas páginas, ao mesmo tempo em que corroboram a tese de que “esforço de memória é, em grande parte, esforço de datação: quando? há quanto tempo? quanto durou?” (RICOEUR, 2007, p.58).

Entretanto, as imagens poéticas dormentes acordam no descuido do medo e da inibição, no inusitado de um pensamento, no inesperado de uma imagem à primeira vista resumida à pedra e à cal, pois, como postula Bachelard (1974, p.343), “a imagem, em sua simplicidade, não precisa de um saber. Ela é a dádiva de uma consciência ingênua”. Daí porque, em Fortaleza, as imagens mentais gustativas estão dispersas entre as centenas de *posts*. Foi preciso garimpar algumas delas. Elas podem se revelar em imagens do cotidiano dos jangadeiros, em um registro aéreo da praça do Ferreira ou em uma foto do começo do século XX do Café do Comércio, conforme reproduzimos respectivamente abaixo.

*Interagente 1* Neste ano eu ja ia a praia pegar minha corda de bicuara pra fazer a janta ai que peixinho gostoso

*Interagente 2* Será que nesse tempo já existia o Leão do Sul [*tradicional lanchonete da Capital. Funciona até hoje*], pois minha avó conta que quando saia da escola ou ia para o centro já comia aquele delicioso pastel com caldo de cana kkk... e pela foto acho que ele tá ali?!

*Interagente 3* Leite puro de vaca, tapioca, aluá e bolo “pé duro” e tinha a garapeira “pega pinto” (avó 86 anos)

(Comentários de interagentes da *fan page* “Fortaleza Nobre”. Acesso em janeiro de 2015, grifos nossos).

O terceiro comentário aponta também para a circulação *para fora* do ciberespaço das imagens digitais, em inimagináveis usos múltiplos, amplificando as audiências e a fomentação de imaginários sobre memória das duas cidades. Supõe-se, nesse caso, que o seguidor tenha mostrado o registro para sua avó, de 86 anos, que teria “ditado” o comentário deixado por ele. Ricoeur (2007, p.141) elenca três sujeitos de atribuição das lembranças. Além dos comumente citados “eu” e “os coletivos”, ele aponta um terceiro, de natureza distinta. “Os próximos, essas pessoas que contam para nós e para as quais contamos, estão situados numa faixa de variação das distâncias na relação entre o si e os outros”. É nesse sentido, conforme mostramos em tantos outros tópicos de discussão, que adentra o campo das *fan pages* a dimensão de uma memória relatada por outros, geralmente parentes ou amigos. A avó asseverando como as “pessoas fediam” e esta, listando o cardápio do quiosque do começo do século XX são o testemunho oral, a autoridade de uma memória viva, que “vence” a morte e o corpo, perpetuando-se – não se sabe até quando – nos comentários, lugar de uma “escrita falada” ou “oralizada” (RECUERO, 2012, p.45). O suporte digital subverte, nesse caso, as materialidades da comunicação oral e escrita, herdadas da longa duração histórica.

#### 4.6 A cidade assobia velhas cantigas

O sensível aflora na pele, na boca, no nariz, nas vistas, mas também no ouvido, em lembranças de sonoridades partilhadas nos fluxos simbólicos, nos caminhos singulares trilhados pela cidade por cada um de nós. “Lembro-me perfeitamente da época que a Av. Rio Branco ainda era de mão dupla de direção! hehe...”, rememora um seguidor diante da imagem do ir e vir de carros na avenida citada, que meses depois da postagem, ironicamente, voltou a ser de mão dupla. Essas memórias emanam em registros quase sempre pintados em

cores íntimas, como a testemunhar a veracidade do momento fugaz captado pelas lentes fotográficas.

*Interagente 1* Curti demais esse jipe Candango, tinha um motor se não me engano pela DKW (nós chamávamos de decávê) com um *barulho único*. Meu primo tinha um e era meu sonho ter um desse. Hoje acho que não encontra nem sucata.

*Interagente 2* Novenas, quermesses, leilões, primeiras sextas-feiras, festivais na Cidade da Criança. Roberto Carlos em início de Carreira. Em torno dessa Igreja estão as melhores lembranças de minha infância e adolescência. Da igreja anterior *só me lembro do estrondo ao cair e das escadarias muito altas*.

(Comentários de interagentes da *fan page* “Fortaleza Nobre”. Acesso em janeiro de 2015, grifos nossos)

Bachelard (1974, p.362-363) ensina que o exercício de colecionar seus testemunhos poéticos deveria caber a todos os humanos. “Cada pessoa então deveria falar de suas estradas, de seus entroncamentos, de seus bancos. Cada pessoa deveria preparar o cadastro de seus campos perdidos. [...] Cobrimos assim o universo de nossos desenhos vividos. Esses desenhos não precisam ser exatos”. É mais ou menos isso o que sem perceber fazem os sujeitos ao comentar nas páginas. Eles rascunham mapas sentimentais de seus percursos e experiências na cidade, em imagens ora nítidas, ora embaçadas, como é próprio do trabalho de reconstituição da memória.

“Eu ainda assisti filme nele, só não lembro qual!”, comenta uma seguidora sobre a imagem do Cine Nazaré, aberto em 1945 no bairro Otávio Bonfim, região oeste de Fortaleza. Dessa forma, vê-se a memória não-exata, nem sempre nítida, esquecimento portanto, caminhando lado a lado na circunstância que a imagem faz lembrar. Isso porque a memória, alerta Mons (2013, p.209), varia “à força de numerosas formas de esquecimento. Existe o esquecimento parcial, total, fragmentário, geral, particular, íntimo, coletivo, efêmero, durável...”.

A visita ao cinema, seja no centro, seja nos bairros residenciais, é uma das memórias audiovisuais mais presentes nas duas páginas, embora seja menos comum a publicação de imagens que aludem à audição. “Alguém tem foto do antigo cinema de Messejana? Ficava ao lado da Padaria Nogueira. Lembro-me do prédio que foi demolido há alguns anos”, comenta outro seguidor, no mesmo *post*. De modo análogo aos comentários sobre o filé Oswaldo Aranha, memórias audiovisuais do lazer e da comida, também se cruzam em “Fortaleza Nobre”: “Matinê de domingo e depois lanche no TOPS”, comenta uma seguidora sobre a imagem da bilheteria do Cine Diogo, em 1950.

Uma das postagens mais comentadas sobre cinemas em Fortaleza, de 08/05/13, é a

imagem da fachada do Cine São Luiz, no dia de sua inauguração, em 26 de março de 1958<sup>127</sup>.



Imagem 16: Fachada do Cine São Luiz em sua inauguração em 1958

Autoria não identificada

Reprodução de “Fortaleza Nobre” (08/05/2013)

*Interagente 1* Eu estava lá. Legal contar a historia. Vi o filme com meu irmão. Tinha que ser de paletó.

*Interagente 2* nossa que linda foto. nossa nessa epoca ai as pessoas podiam sair a pé de suas casas para ir ao cine são luiz sem se preocupar com assaltos ou coisas parecidas dizem amigos meus mais antigos que as pessoas so tinha medo de cachorro na rua. alguem me confirma isso. se verdade, creio que o melhor já passou. infelizmente.

*Fortaleza Nobre* Pura verdade, Anselmo Oliveira!

*Interagente 3* Fui muitos filmes lá e como não podia perder os filmes de Elvis Presley, a minha paixão. Naquele tempo, os trajes era a rigor, homens e mulheres se vestiam muito bem, até parecia um evento de formatura. saudades.....

*Fortaleza Nobre* Direto do túnel do tempo! rs

*Interagente 4* Veja aí pai [cita nome], lembrei do senhor quando me disse que assistiu a estréia do filme "O Exorcista" aí! uahuhauha

*Fortaleza Nobre* Minha mãe tbm assistiu o Exorcista aí e até hoje, ela lembra como foi complicado voltar pra casa com medo. rrsrsrs

*Interagente 4* KKKKK, ele disse que na estréia tava todo mundo saindo no meio do filme, morrendo de medo, kkkkk deve ter sido épico

*Fortaleza Nobre* E foi mesmo, [cita interagente 4]!!! rrsrsrs

*Interagente 5* Um tio meu costumava assistir filmes nesse cinema no final dos anos 1950. Deixava a bicicleta junto ao meio fio e quando terminava a sessão pegava a bicicleta e ia para casa. Se fosse hoje, nem a placa que anunciava o filme estaria no lugar..

*Fortaleza Nobre* kkkkkkkkkkkkkkk não mesmo!

*Interagente 6* meu primeiro filme foi os sautinbancos trapalhões...

*Interagente 7* Que saudades!!!! dos filmes apos as aulas de sabado ..

*Interagente 8* como frequentei esse lugar...assisti lindos filmes.

*Interagente 9* Quem nao lembra.

*Interagente 10* eta!! a turma de hoje nem sabe o que perdeu de bom (no escurinho do cinema)!!!!kkkkkkk

(Comentários de interagentes da *fan page* “Fortaleza Nobre”. Acesso em janeiro de 2015)

<sup>127</sup> O cinema, fechado por alguns anos, foi restaurado pelo Governo do Estado e deve ser transformado em centro cultural. Na ocasião de sua reinauguração, em dezembro de 2014, foi exibido o mesmo filme da estreia: *Anastácia*. No dia 20/07/2014 também é postado um vídeo, material raramente publicado, registrando a inauguração. Uma seguidora anota: “Conheci meu esposo, que já faleceu, nesta noite... Eu tinha 15 anos. Voltei no tempo, vendo este vídeo...”

Nessa discussão, vê-se como os fãs retomam muitas das questões discutidas anteriormente, encontrando na fala da editora da página a confirmação para seus afetos nostálgicos. O *glamour* das luzes da estreia – a luz como meio de comunicação, portanto – remete à obrigatoriedade do uso de paletós, à tranquilidade no ato de circular pela cidade noturna daqueles tempos, à “paixão” pelo som e pela performance de Elvis Presley. As lembranças dos títulos dos filmes – d’*O Exorcista* aos filmes d’*Os Trapalhões* – apontam para o São Luiz, localizado na praça do Ferreira, como marco para o imaginário citadino de várias gerações que circularam e circulam pelo Centro. Daí porque “Quem nao lembra”, pergunta uma comentadora, a confirmar esse signo remanescente, rugoso, no tecido da cidade. É um chamamento à lembrança grupal e total: é impossível não lembra-se do São Luiz, como muitos esqueceram os cinemas de bairro, os cines Majestic e o Moderno.

Sempre lembrada nas páginas é a memória relacionada ao consumo em lojas que marcaram o cotidiano de outras épocas. Em Fortaleza, a extinta rede de varejo *Romcy*, “a maior rede de lojas de departamento que o Ceará teve”, segundo postagem no blog “Fortaleza Nobre”, sempre rende muitos comentários. Em uma postagem de 28/11/2013 mostrando a fachada de uma das lojas em 1982 e 2012, elementos auditivos das propagandas da rede se mesclam à memória gustativa experimentada no local, expressão também da babel do comércio varejista.

*Interagente 1* Romcy anuncia: está no ar o barato do dia! Panela de Pressão Irote [Ironte] 3,5L , por apenas CR\$ 35.000 É só amanhã!

*Fortaleza Nobre* É o novoooooooo

*Interagente 2* Eu lembro muito bem dessa propaganda, minha Mãe corria e largava o que quer que fosse para ver essa propaganda, eu achava engraçado e ficou marcado na memória pra sempre! rsss

*Interagente 3* Atenção, atenção! A oferta do barato do dia Romcy, amanhã é esta: assadeira marinex, eu disse, assadeira marinex...

*Interagente 4* O Romcy!!!! ÉÉÉ Saudade! Comi um mixto uma vez foi inesquecivelll foi o pão com queijo e presunto mais gostoso que eu comi na minha vida!

(Comentários de interagentes da *fan page* “Fortaleza Nobre”. Acesso em fevereiro de 2015).

A memória auditiva também aparece, nas duas páginas, em raras postagens sobre o rádio e as transmissões de tevê. Em “Fortaleza Nobre”, em 22/03/13 publicou-se a imagem do cartão do programa “Fim de Semana na Taba”, da rádio Iracema, cuja primeira audição data de 1954. “Esse semanário era apresentado todos os domingos das 20 às 23h, com auditório lotado e os homens em traje de passeio completo. Era cognominado 'Programa Milionário do Rádio Cearense', ou 'Programa da Elite'. Distribuía prêmios de valor em suas muitas promoções e concursos”, informa a legenda da fotografia, escrito por Assis de Lima, nomeado

como pesquisador da história do rádio e da ferrovia cearenses.



Imagem 17: Cartão do Programa “Fim de Semana” na Taba  
 Autoria: Acervo de Assis de Lima  
 Reprodução de “Fortaleza Nobre” (22/03/2013)

A imagem da cantora faz lembrar: “Onde anda Ivanilde Rodrigues?”, questiona um seguidor. “Vendo a Ivanilde senti saudades do Olavo Barros meu pai, ela gravou músicas dele”, cita outro. José Lisboa também é aludido pelo que aparentemente eram seus bordões: “Zé Lisboa: 'Acabou o milho, acabou a pipoca!’”, atribui um. “Acabou o milho, acabou a pipoca... relógio que atrasa não adianta...”, acrescenta outro. “Tão bom conhecer a história de nossa terra. Parabéns Fortaleza Nobre”, acalenta uma seguidora agradecida.

No Rio, a “era de ouro” do rádio é rememorada em uma foto de Carlos Moskovic, do acervo do Instituto Moreira Salles, publicada em 26/06/2014.



Imagem 18: Linda Batista (1919-1988), Grande Otelo (1915-1993) e Herivelto Martins (1912-1992) no Cassino da Urca na década de 1940.  
 Autoria da foto: Carlos Moskovic.  
 Acervo: Instituto Moreira Salles.  
 Reprodução de “ORJQNV” (26/06/2014)

Segundo a página carioca, aparecem na foto Linda Batista (1919-1988), Grande Otelo (1915-1993) e Herivelto Martins (1912-1992), no interior do Cassino da Urca, na década de 1940. “Três lendários ícones da Era de Ouro do Radio Nacional”, resume um seguidor. O tema principal de debate é de quem seria o pianista, não identificado. Os comentadores se dividem entre Mario Lago, Waldir Calmon e Ary Barroso, este o mais cotado. Alguns dos seguidores registram no *post* memórias bem particulares do período.

*Interagente 1* Martavilha! Nos anos 50 frequentei os estúdios da TV Tupi do Rio, e tive a oportunidade de conhecer diversos artistas, como a Leny Eversong, o Sílvio Caldas, era uma correria, mas quando entrava no ar, saia tudo bem!

*Interagente 2* Quase fui sobrinha de Linda Batista meu tio namorou com ela e quase se casaram.

*Interagente 3* Sílvio Caldas vinha pra Magé pescar no porto de Piedade e virou até nome de rua na cidade.

(Comentários de interagentes da *fan page* “O Rio de Janeiro Que Não Vivi”. Acesso em dezembro de 2014)

Como ocorre na página de Fortaleza, mais uma vez a dimensão primeva da história, que nasceu nas formas do relato, do testemunho, emerge dos comentários. Os verbos em primeira pessoa, o “Eu estava lá” e “a turma de hoje nem sabe o que perdeu de bom” (*ver postagem sobre Cine São Luiz, acima*) aludem a esse imaginário. Cite-se ainda a menção por duas vezes de Sílvio Caldas, que não aparece na foto, mas também é identificado como “ícone” da era dourada. Outro aspecto interessante é a presença de um temporalidade futura não-realizada em relação ao passado da foto: “Quase fui sobrinha...”.

Como demonstrado no caso das lembranças dos bordões de rádio, as imagens trazem de volta sons antigos. “Poderiam estar cantando 'A pátria está me chamando' de Grande Otelo ou 'Aquarela do Brasil' de Ary Barroso. Ou ainda 'Bom Dia' de Erivelton Martins. Todas compostas na década de 1940”, arrisca um seguidor de “O Rio de Janeiro Que Não Vivi”. “...E uma coisa puxa outra... então... canta nosso irmãozinho Fagner...”, “cantarola” um seguidor fortalezense, colando o link da música *Mucuripe* em um *post* mostrando a chegada de um jangadeiro na praia do Mucuripe em 1957. “Parece que eu ouvi os batuques (sr) [*provável indicativo de riso: “rs”*] bela foto!”, comenta uma seguidora em “Fortaleza Nobre” sobre a imagem abaixo.



Imagem 19: Intervenção da administradora em fotografia do carnaval de rua de Fortaleza da década de 1950.

Arquivo Nirez

Reprodução de “Fortaleza Nobre” (18/11/2013)

A foto é do Bloco “Enverga mas não quebra”, que desfilou durante os anos 1950. A imagem foi publicada na página dia 18/11/2013 e traz no estandarte do bloco uma intervenção digital da editora em que ela agradece a marca dos mais de 25 mil seguidores da *fan page* naquela data.

*Interagente 1* Eu ia ver o curso desde a Rua D[S]enador Pompeu, nem sei que ano era mas eu lembro de tudo acho que tinha uns 4 anos, queria dançar no Bloco dos Maracatus. Essa foto é no Passeio Público?

*Interagente 2* não existia asfalto

*Interagente 3* Leila Nobre, minha amiga. Essa me fez lembrar os carnavais de rua nos anos 60. Como já te disse passei minha primeira infância na Av. Dom Manoel. Ali havia, todo ano, o carnaval de rua que chamávamos de curso. Tens alguma foto destas festas na Dom Manoel??

*Interagente 3* Ah meu tempo de infancia (do túnel do tempo) quando eu, meus irmãos e papai, íamos ver o curso na Av. Duque de Caxias. O melhor era o Bloco dos sujeitos.

*Interagente 4* sinto saudades dos verdadeiros carnavais, era só alegria, folia a animação.

(Comentários de interagentes da *fan page* “Fortaleza Nobre”. Acesso em janeiro de 2015).

As imagens dos carnavais, fluxos simbólicos carregados de significados, embora mais escassas, são os testemunhos audiovisuais mais líricos das *fan pages*, pois retomam o sentido mágico da rotina quebrada pela folia de momo, em seu colorido de músicas, confetes e serpentinas. “A vida nas horas que cansa/ Sempre é bom/ Quando aparece um carnaval”, canta Fagner em *Um ano a mais*. Esse rompimento com a repetição dos dias comuns instaura assim em uma seguidora uma memória límpida, “total”, encarnada em uma criança de quatro anos: “eu lembro de tudo”, “queria dançar no Bloco dos Maracatus”<sup>128</sup>. Esse “lembrar-se de tudo”

<sup>128</sup> O maracatu é uma dos mais belos momentos do carnaval de rua do Ceará. Sua musicalidade é única. Uma das suas mais conhecidas cadências ficou famosa nacionalmente no fim da década de 1970 por meio da música *Pavão Misterioso*, de Ednardo, tema de abertura da novela global *Saramandaia*. Em um *post* com a

cruza infância e carnavais, dois períodos marcantes na trajetória de muitos, auxiliando a formação de imagem idílicas. “É no plano de devaneio e não no plano dos fatos que a infância permanece viva em nós e poeticamente útil. Por essa infância permanente, mantemos a poesia do passado.” (BACHELARD, 1974, p.365).

Em Fortaleza, tais lembranças remetem a antigas práticas carnavalescas, como o corso, desfile feito em automóveis, e o local anterior dos festejos de rua: o Centro da cidade no tempo em que “não existia asfalto”. Ficam nesse bairro os logradouros ruas Senador Pompeu, Dom Manuel e Passeio Público, citados. “Os desfiles tinham a sua concentração muitas vezes no Passeio Público, percorriam algumas ruas do centro até chegarem nas arquibancadas montadas na Avenida Duque de Caxias” (PORTO, 2012, p.1). Além do maracatu, o famoso “bloco dos sujos”, em que se reuniam foliões não pertencentes a nenhuma agremiação específica, é citado como marca do carnaval fortalezense de outros tempos. A reunião desses foliões aparece na música *Bloco do Susto*, de Ednardo<sup>129</sup>.

Como observado em outros temas de debate, o carnaval vivido pelos sujeitos rememoradores instaura uma separação entre a experiência autêntica do passado *versus* a experiência “deturpada”, simulacro, no presente. Daí porque lê-se: “Sinto saudades dos *verdadeiros carnavais*, era só alegria, folia a animação”. O comentário se situa no mesmo campo discursivo daquele relativo aos cinemas. “A turma de hoje nem sabe o que perdeu de bom”. Ou seja, o que *eu vivi*, ninguém mais poderá *viver*: a experiência irreproduzível sob ação da inexorabilidade do tempo.

Em relação ao carnaval, o sentimento de perda de *aura* encontra agravante no deslocamento, na década de 1990, do desfile de blocos, cordões, escolas de samba e maracatus – da avenida Duque de Caxias para a avenida Domingos Olímpio, então uma rua estreita. Sobre a polêmica, posicionou-se em 1982 o sambista Luiz Assunção: “O Carnaval é Duque de Caxias, se mudar o Carnaval daquele trecho acabou” (PORTO, 2012, p.1). A fala do compositor de *Adeus, Praia de Iracema* corrobora o sentido de que os lugares possuem um “gênio” que os anima, onde vivifica a sociabilidade. A temida mudança do local do desfile viria a contribuir para esse processo de “engessamento” da folia, limitada pelo espaço organizado, ordenado e imposto de uma direção única, arremedo de Sapucaí montada e

---

imagem de uma rainha do maracatu, uma seguidora espanta-se: “Nossa ja tinha em 58!”. Ao que é informada por outro seguidor: “Existe maracatu na nossa cidade desde o século XIX!! Dica de leitura sobre a história do maracatu: livro *Singular e Plural*, de Pingo de Fortaleza”.

<sup>129</sup> Chove, chuva/ alegria do céu/ Lava o bloco dos sujos/ Que a boca do povo/ Cantará de novo/ Um frevo bem legal/ Canta, canta, faz um escarcéu/ Mata a tristeza de susto/ Te saca da Silva/ Inventa a saída/ Inventa, inventa, Juvenal. (CAUIM. LP de Ednardo. Rio de Janeiro, RCA, 1978)

desmontada a cada ano.

O carnaval de rua em Fortaleza pode até ter perdido muito do seu público ao longo dos anos. Em 1977, por exemplo, as marcas desse esvaziamento são denunciadas na música *Maresia*. “A calma da cidade é geral/ É geral, é geral [...] Oh meu amor que fazes aí parada/ Se tu tens toda a calçada/ E o mundo pra correr, pra correr?” (O AZUL E O ENCARNADO. LP de Ednardo. Rio de Janeiro, RCA, 1977). Entretanto, a bem da verdade, o público, especialmente os mais pobres, nunca deixou de comparecer, mesmo na Domingos Olímpio. Hoje a folia tem ganhado novo gás nos blocos que animam o pré-Carnaval, esticam a animação e desfilam em ruas e praças do Centro, da Praia de Iracema e do Benfica também nos dias de momo, desafiando a “calma geral” deixada por quem debanda no período. Apona-se assim, em um retorno lento e eterno, um canto novo de “um frevo bem legal” e a volta dos “verdadeiros carnavais” dos quais tantos sentem saudade.

#### 4.7 A cidade devaneia

O campo dos comentários no ciberespaço é um lugar prenhe de possibilidades. Escudados por um perfil público, mas também aberto ao *fake*, ao falso, os sujeitos assumem distintas *personas* para tecer suas opiniões, suas narrativas, ao sabor das ocasiões. Para muitos interagentes, a ideia de que há textos *que não devem* ser formulados – como discursos de ódio, incitação à violência, misoginia, racismo, por exemplo – não é exatamente clara. O perfil pessoal, para muitos, é um espaço privado em que a única lei regente é o humor próprio. Manifestações públicas de ódio podem assustar outros conectados não tão acostumados ao jogo do “vale-tudo”. Ler a lista de comentários de uma notícia sobre pena de morte, por exemplo, é tarefa reservada a quem tem estômago<sup>130</sup>. E os mesmos sujeitos esbravejando nesse tópico podem estar em outro lugar a gritar contra o aborto. As polaridades dos afetos travam batalhas diárias no ambiente *on-line*, reproduzindo, alimentando e amplificando as dinâmicas do imaginário na vida *off-line*.

No polo oposto, o comentário também é o lugar dos “laços dialógicos” da “interação social mútua” (RECUERO, 2009, p.40), emanadores de “bons afetos”: orações, votos de

<sup>130</sup> Alguns encaram com humor algumas dessas manifestações. Ficou conhecido um vídeo em que compositor Chico Buarque relata seu primeiro contato com os comentários da *web*. Ele conta, entre sonoras gargalhadas, a surpresa em tomar conhecimento de pessoas que o chamavam, entre outras coisas, de “velho gagá”.

felicidade e recuperação, regozijo, exaltação, amores. São esses bons afetos que nos interessam nesse tópico, especialmente aqueles nos quais a fotografia permite sonhar, “viajar”, nos quais a memória faz ver cenários futuros ou passados possíveis, o idílico, o sonho, ou melhor, o devaneio. Diferencia-se.

[...] Quando se trata de um devaneio poético, de um devaneio que frui não só de si próprio, mas que prepara para outras almas deleites poéticos, sabe-se que não se está mais diante das sonolências. O espírito pode chegar a um estado de calma, mas no devaneio poético a alma está de guarda, sem tensão, descansada e ativa (BACHELARD, 1974, p.344-345)

Nesse jogo de sensibilidades, a cidade pode ser abraçada como uma criança ou como uma querida avó. “Como cresceu nossa Fortaleza!!!”, comenta uma seguidora diante de uma imagem aérea da Praça Portugal ainda deserta em 1969. “Amo ver essas fotos lindas dessa cidade que me acolheu e que me faz emocionar! Amo você senhora Fortaleza”, emenda um seguidor também em uma foto aérea, da avenida Leste-Oeste nos anos 1970. No mesmo campo da consciência descrito na fenomenologia de Bachelard sobre textos de literatos se situam os registros cotidianos nas comunidades em estudo<sup>131</sup>. O estilo obviamente é outro, mais leve, fragmentário, pessoal, sem preocupações literárias. “Fui muito feliz nesse hotel com o grande amor da minha vida... [cita nome da pessoa]”, comenta uma seguidora diante da imagem de um hotel de Fortaleza. Quando o racional descansa, o devaneio aflora, fazendo reviver momentos com o “grande amor”, talvez hoje distante. A imagem poética vivida ali faz emergir a ânsia da escrita, forma de imortalização da experiência como um rabisco de iniciais numa árvore. No momento de publicação do *post*, que pode ser apagado, já pouco importa se os outros vão rir da frase singela, da declaração boba a um amor talvez impossível. O devaneio chama o sensível para conversar, abrindo fendas no mundo racional. No mesmo sentido, uma seguidora da página carioca confessa, diante da imagem do Tabuleiro da Baiana, ponto de parada conhecido dos bondes no Rio de Janeiro, a delícia de um delito: “Andei muito de bonde, e que meus filhos não me escutem, já fiquei escondida esperando o bonde sair... e corri para subir nele. Senti um friozinho na barriga [...]”. O *post* é de 12/05/2013. O devaneio talvez a faça esquecer que as paredes do Facebook têm ouvidos, e em uma publicação pública o mais provável é que os filhos dela leiam a confissão “envergonhada”.

Nas *fan pages*, há paixões íntimas, mas também grupais, como vimos descrevendo,

<sup>131</sup> Talvez o “devaneio” no ciberespaço rendesse um outro trabalho, maior. Demonstração dessa riqueza são os exemplos recolhidos pela *fan page* de humor “Ajuda Luciano”, que reúne postagens hilárias dos fãs de Luciano Huck na página do apresentador. Os seguidores se sentem “à vontade” para escrever sobre si invariavelmente em tom bastante confessional.

uma vez que “os grupos sociais são constituídos do mesmo material dos sonhos que os habitam” (MAFFESOLI, 2007, p.193). Nesse sentido, outro seguidor também se declara apaixonado em uma imagem não exatamente bonita da bilheteria do Cine Diogo em 1950. “Fortaleza é meu berço e minha terra prometida, minha Shangri-Lá<sup>132</sup>”. O sentido da proteção que a imagem primeva<sup>133</sup> do “berço” contém religa o sujeito à sua terra de nascimento, fazendo visualizar nela um “Jardim do Éden asiático”. Note-se que em tal comentário a “terra prometida” se situa no presente, e não no passado, como na maioria dos comentários. Faz-se manifestar, dessa forma, uma nostalgia reflexiva, no sentido de Boym (2007). Para Bachelard (1974, p.374), é preciso ir em busca não só das situações vividas, mas também “descobrir as situações sonhadas”. “Devemos reabrir o campo das imagens primitivas que foram talvez os centros de fixação das lembranças deixadas na memória”. A sensibilidade descrita por tal sujeito encontra assim na imagem infantil do berço a manifestação do sentido arquetípico de proteção emanada pela cidade, já que “o homem aspira a viver em um universo homogêneo e inteligível” (BOIA, 1998, p.33, tradução livre).

Mais do que declarações de amor, a memória da cidade também “vive de *crer* nos possíveis”, como ensina Certeau (1999, p.163, grifo do autor), despertando devaneios e ganas de transformações espaço-temporais. “Esse elevado foi mais uma violência contra o carioca... destroem nossas referencias para nos tornarmos um povo sem memória... quem dera se junto com o fim do elevado viesse a reconstrução do Mercado Municipal... mas é apenas um sonho”, suspira um seguidor da página carioca em um foto da construção do “Elevado da Perimetral”, na Praça XV, no Centro, em 1958. Em uma imagem do Méier, citada no capítulo 2, um seguidor comenta que, ao ver as fotografias antigas, deseja de volta a qualidade do ar, de rios e praias. “SONHO COM UMA BAIÁ DA GUANABARA, LIMPA POIS NASCI NO ESTADO DA GB...”, destaca ele em maiúsculas.

Nas páginas, essa “ânsia que dói” (*algia*) é geralmente um afã de passado, acerca da qual a racionalidade do mundo gargalha. Mas para eles, todavia, o sonho se presentifica, ganha contornos bem reais. Muitos declaram querer viajar no tempo, viver em outra cidade, pois se identificam “nascidos na época errada”. “Eu só queria ter um desejo, de poder voltar no tempo e ver meus avós passeando nessa Fortaleza Antiga! :(”, confessa uma seguidora inconformada, conforme registramos no capítulo 1. Para ela, o devaneio do gênio da lâmpada,

<sup>132</sup> Shangri-la, na obra *Horizonte Perdido* do inglês James Hilton, é o lugar paradisíaco localizado nas montanhas do Himalaia, sede de panoramas maravilhosos e onde o tempo parece deter-se em ambiente de felicidade e saúde, com a convivência harmoniosa entre pessoas das mais diversas procedências.

<sup>133</sup> Bachelard (1974) elenca outros “centros de condensação de intimidade em que se acumula o devaneio”: a casa, os armários, o cofre, o ninho, a concha...

a oferecer três desejos, toma corpo na avidez de um desejo único: viajar no tempo para ver os trajetos de seus avós em uma Fortaleza que ela não viveu. Note-se como esse anseio de *ver/viver* a cidade nostálgica supera, nos discursos, o próprio desejo de *encontrar* os avós. Outra seguidora, desta vez da página carioca, declara a materialização desse sonho de caminhadas pretéritas: “[...] às vezes sonho ainda que estou passeando nesse Largo da Carioca romântico, que existiu até meados dos anos 60...”, em um *post* de um bonde apresentado no capítulo 3. Na página do Rio, uma seguidora declara em uma postagem sobre o bairro do Méier (*ver imagem 4*) desejos de estar em diferentes trajes e tempo: “Adoraria ter vivido nessa época, usando as roupas da Constância [*personagem vivida por Patrícia Pilar*] da novela Lado a Lado [*telenovela global, ambientada no Rio em 1910*]!!!”. Isso porque “a experiência estética reconstrói o tempo fora do cronológico, é o debulhamento de um segundo em infinitos instantes, nos quais os territórios diluem suas fronteiras em amplas e profundas possibilidades de trocas simbólicas” (DUARTE, 2010, p.99). Como mostrado, nas páginas há alternativas de construções imaginárias de um outro mundo sensível, em que cabem transportes espaço-temporais. Uma outra fã, esta da página de Fortaleza, detalha, diante de uma imagem da praça do Ferreira, um sonho, no sentido lato, a se reproduzir noite após noite: “Seguinte, sempre tenho sonhos que moro na praça do Ferreira onde está esse prédio marro[m]. E quando vou lá algo me puxa pra esse lado, uma coisa muito forte. E sempre me vejo com uma roupa”.

A seguinte fotografia, na avenida Rodrigues Alves do começo do século XX, enseja um debate sobre as perspectivas de transformação da paisagem na região portuária da cidade do Rio de Janeiro no começo deste século. A postagem é de 10/05/2014.



Imagem 20: Fotografia mostra avenida “Rodrigues Alves” no começo do século XX  
 Autoria não identificada.

Origem da foto: Grupo “Rio Antigo”

Reprodução de “ORJQNV” (10/05/2014)

*Interagente 1* Show!!! Eu amo ver essas fotos antigas.

*Interagente 2* voltaremos a ver nossa cidade sem a perimetral, deixando a vista a beleza de toda a orla, centro da cidade etc. Horrível minhocão de concreto que tirava a luz, abafava a poluição sonora e do ar, escondendo a beleza arquitetônica da cidade em suas diversas épocas. Viva a Cidade Maravilhosa!

*Interagente 3 [Cita 2].* Perfeito.

*Interagente 4* Em breve teremos de volta para a Cidade Maravilhosa e Olímpica de São Sebastião do Rio de Janeiro a AVENIDA Rodrigues Alves.

*Interagente 5* Essa é uma fotomontagem do futuro, mostrando o VLT na Rodrigues Alves.

*Interagente 6* Só faltou o DeLorean [*carro que ficou famoso por aparecer no filme de ficção científica “De volta para o Futuro”*]

*Interagente 7* Caramba!! Quem diria que estes ares voltarão?

*Interagente 8* Caramba! Chocada! Nunca, sequer conseguiria imaginar q aquele lugar um dia foi bonito assim.

*Interagente 9* Naquela época chamava-se: Praia Formosa!

*Interagente 10* E o cara andando no meio da rua sem medo de ser atropelado, nem assaltado, ou levar uma bala perdida. Tempo bom não volta mais.

*Interagente 11* Lindo hoje um caus

*Interagente 12* Vai voltar a ser parecido com a foto, por incrível que pareça...

(Comentários de interagentes da *fan page* “O Rio de Janeiro Que Não Vivi”. Acesso em maio de 2014)

No mesmo sentido da fotografia de Fortaleza cujo foco era a uniformidade das fachadas, citada no capítulo 3, a imagem acima mostra como “as ruas abertas à livre circulação de pessoas e veículos representam uma das imagens mais vivas das cidades modernas” (CALDEIRA, 2000, p.302). Os comentários entrelaçam as três *estases* do tempo nos imaginários negociados entre os seguidores. Se para as interagentes 10, 17 e 18 a imagem remete ao passado da cidade, para os outros o futuro é o possível que a memória faz ver. Os seguidores 11 e 13 se ufanam dos novos tempos que trarão de volta a “Cidade Maravilhosa”, agregando o epíteto da novidade olímpica ao nome primitivo da fundação: a pompa e os ecos de glórias que o título de *mui leal e heroica* traz de volta. Gomes (2008, p.112-113) aponta como, hoje, a imagem do mito da cidade vem sendo esgarçada com a crise da metrópole. “Permanece, porém, entre desencanto e esperança, a tentativa de resgate dessa perdida Cidade Maravilhosa, sob o signo da nostalgia”. Outro fã identifica nos Veículos Leves sobre Trilhos (VLTs), a serem instalados no local após a derrubada do Elevado, a nova “versão” dos bondinhos. Embora carregado de certa ironia, não é possível afirmar, o comentário evidencia como as paisagens antigas permitem identificar continuidades e discontinuidades espaciais no que diz respeito às técnicas e às tecnologias. Para corroborar tudo isso, só mesmo uma viagem no tempo em um carro “DeLorean”, emenda outro. A cidade do presente ainda está no cerne dos comentários de 17, 19 e 20. A primeira se diz “chocada” por nunca ter imaginado quão bonito era o lugar: as mazelas da vivência contemporânea a ocultar a beleza da urbe. O andar de um solitário por uma via em que a profundidade de campo da fotografia aponta para o

infinito faz a segunda pensar nos medos da experiência urbana contemporânea e na impossibilidade de retorno daquela forma de habitar. Para a última, antes era lindo. Hoje, só o caos: metonímia do fim da experiência na rua. Caldeira (2000, p.301) explica como as marcas do medo da violência urbana na contemporaneidade instauram essa ruptura entre a cidade do passado e do presente. “A ideia de sair para um passeio a pé, de passar naturalmente por estranhos, o ato de passear em meio a uma multidão de pessoas anônimas, que simboliza a experiência moderna da cidade, estão todos comprometidos numa cidade de muros”.

Como citado um pouco mais acima, as obras no porto também despertam do sono o afã na recuperação material do Mercado Municipal<sup>134</sup>, de cuja grande estrutura só restou uma torre. O discurso do desejo de mudanças na paisagem urbana aparece geralmente associado à ideia de derrota, conforme foi mostrado em vários dos comentários transcritos aqui desde as primeiras páginas. Nas brechas das resistências a esse imaginário, todavia, o futuro dá a ler lugares do devir. Ao impregnar-se no tecido social, o devaneio do regresso a um “passado utópico” se amalgama àquele futuro em uma só mancha. E não moucos a essas vozes imaginárias imemoriais, os profissionais da comunicação se apropriam delas como estratégia de divulgação das intervenções do projeto “Porto Maravilha”<sup>135</sup>. Vende-se o desvelamento de paisagens desconhecidas pelos cariocas como um dos maiores benefícios do fim do Elevado da Perimetral, *rugosidade* cuja memória a cidade quis ver esquecida nos escombros da implosão<sup>136</sup>. O ápice dessa “utopia” é a promessa de criação, em 2016, de um grande bulevar na região em frente à igreja da Candelária, cuja entrada ganharia vista para a Baía de Guanabara. O projeto prevê que o caminho até o mar seja feito através de uma esplanada em granito e cercada de verde. Ao lado, ficará o “foyer cultural”, praça que integrará a área do Centro Cultural Banco do Brasil, da Casa França-Brasil e do Centro Cultural dos Correios<sup>137</sup>.

<sup>134</sup> A demolição do antigo mercado, nos primeiros anos do século XX seguiu a onda de modernização do Rio e foi lamentada à época por João do Rio no texto “O velho mercado” (GOMES, 2008, p.123). Em Fortaleza, o desmonte do Mercado Público (Mercado de Ferro/Mercado da Carne), inaugurado em 1896, data de 1938. Seus dois pavilhões foram desmontados e hoje estão em dois bairros distintos: Aldeota e Aerolândia.

<sup>135</sup> De acordo com o site do projeto, trata-se de uma “operação urbana consorciada” na região portuária da cidade. “Sua finalidade é promover a reestruturação local, por meio da ampliação, articulação e requalificação dos espaços públicos da região, visando à melhoria da qualidade de vida de seus atuais e futuros moradores e à sustentabilidade ambiental e socioeconômica da área”. Acesso em junho de 2013. Disponível em <http://portomaravilha.com.br/web/sup/OperUrbanaApresent.aspx>

<sup>136</sup> O documentário “Elevado 3.5”, sobre a história de vida dos moradores do entorno do Elevado Costa e Silva, o “Minhocão”, em São Paulo, mostra como até mesmo “lugares de passagem” como estes desencadeiam relações de afeto entre os sujeitos. Para mais detalhes ver: Elevado 3.5 (Brasil, 2007, 72min.) Direção: João Sodré, Maíra Bühler e Paulo Pastorelo. Site oficial: [www.elevadotrespontocinco.com.br](http://www.elevadotrespontocinco.com.br)

<sup>137</sup> As informações estão em: PONTES, Fernanda & CANDIDA, Simone. Carioca ganha novos cenários com a derrubada da Perimetral. **O Globo Online**. Rio de Janeiro. 10 nov. 2014. Interessante notar como o título

Esse “deciframento do futuro” possibilitado pelas imagens das *fan pages* corresponde a outra das oito estruturas arquetípicas listadas por Boia (1998, p.34) em seu estudo do imaginário histórico. Métodos e práticas para o conhecimento e controle do que virá (ocultismo, astrologia, futurologia) refletem uma imemorial “busca obcecada e jamais saciada”. Nada mais demasiadamente humano, portanto. Tal “jogo de adivinhação” também se dá nas páginas estudados quanto ao local exato das fotos, à precisão da data do registro, descoberta por um detalhe espacial – um prédio, uma placa, um antigo baobá –, enfim, toda sorte de descobertas que os seguidores fazem juntos, no encontro de trajetórias de vida na tela digital. Porém, talvez as imagens que mais despertem perguntas sejam as fotografias focalizando pessoas. Seja nas imagens dos arquivos vasculhados por Bruno Macedo e Leila Nobre, seja nos arquivos pessoais enviados pelos próprios seguidores, abundantes em “Fortaleza Nobre” por meio da campanha “Revirando Baú de Memórias”, a dúvida mais ouvida é: “quem são essas pessoas?”.

“Será que estão unidos até hoje?”, questiona-se uma seguidora diante da imagem bucólica de um casal (aparece de costas) no Largo do Machado, do Rio de Janeiro. Há portanto nas páginas um poder de *punctum* (BARTHES, 2012) das fotografias focalizando pessoas que conduz a escritos de devaneio como esse. Sobre o tema, comenta Colombo (1991, p.49): “[...] Se a presença do objeto representado num instante qualquer já passado é certa, já sua existência atual só pode ser objeto de conjecturas, e talvez exatamente nisso resida a força tão pungentemente evocadora da fotografia”. Em outras palavras, o devaneio diz sobre a relação estabelecida pela seguidora entre aquela sensibilidade registrada pela lente e a permanência memorial da representação. Teria tido aquele amor a mesma força da fotografia, que venceu o tempo e resistiu até os dias correntes? Nesse sentido, Halbwachs (2006, p.87) mostra como, ao folhear “revistas de época”, por exemplo, a memória ativa o sensorio. “[...] Parece-nos ver ainda os velhos pais que tinham os gestos, as expressões, as atitudes e os costumes que as gravuras reproduzem, temos a impressão de escutar suas vozes e reencontrar as mesmas expressões que eles usavam”.

As imagens do cotidiano passado também fazem os próprios seguidores encontrarem parentes ou a si mesmos em meio à multidão focada em algumas fotografias. Em uma cena de crianças se banhando em uma pequena piscina formada na praia de Iracema, uma seguidora de “Fortaleza Nobre” localiza-se: “Quem sabe se eu não estava na foto!!!! Era muito bom, principalmen[t]e para quem morava ai pertinho como eu. Chegávamos do colégio, fazíamos

---

entra no “oba-oba” das novidades, ao utilizar um verbo no presente e não no futuro.

as tarefas correndo para irmos para a piscininha”, descreve ela, remetendo às imbricações testemunhais entre a sua fala e o registro fotográfico. Em uma imagem do começo do século XX no Centro em Fortaleza mostrando a movimentação de pedestres, duas seguidoras, aparentemente conhecidas, conversam: “Quem é esse de chapéu? kkkkkk papai? Kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk [indicativo de riso]” Ao que a outra responde: “É um amigo de papai., aliás era! Kkkkkkk”. Uma seguidora da página carioca exulta ao encontrar um parente: “Muito legal encontrar uma foto com meu bisavô Feliciano Ferreira de Moraes! ADOREI!”. Como já discutimos no capítulo 3, essa dimensão “fantasmagórica” da fotografia, de despertar mortos, volta à baila com frequência nas *fan pages* seja no encontro com conhecidos, seja na observação dos anônimos.

Em outro registro em que se supõe estarem todos os fotografados mortos, mostrando o derrubado “Cajueiro Botador” da praça do Ferreira, um seguidor projeta um futuro impossível de ser imaginado pelos moços retratados na foto, em jogo criativo com as *estases* do tempo e as tecnologias de representação. “Qual desses aí poderia imaginar que essa foto ia estar rolando 107 anos depois num troço chamado facebook???”

Mas ainda há vivos fotografados nas imagens que circulam nas páginas. E talvez um deles não tenha gostado de aparecer na *timeline*. Nesse sentido, uma fotografia da década de 1950, publicada em “Fortaleza Nobre” em 07/07/2014, mostrando duas meninas se divertindo no parquinho do Náutico, chegou a criar uma “saia justa” três meses depois da publicação. “Quem serao estas menininhas?”, pergunta-se um seguidor. “Estas menininhas sou eu [...] e minha irmã, [cita nome]. E esta foto faz parte do nosso acervo de família e não do acervo de [...]”<sup>138</sup>

Celeumas quanto à propriedade do arquivo à parte, os álbuns de famílias na página de Fortaleza instauram esse aconchego da memória familiar, dos “próximos” de que fala Ricoeur (2007) em registros simples do cotidiano, como o lazer em parques e à beira-mar. Isso porque, como argumenta Colombo (1991, p.50), os álbuns são essa “primeira, elementar exteriorização da própria lembrança, uma objetivação das próprias funções memoriais que leva ao caminho do arquivo e da sua lógica armazenadora”.

---

<sup>138</sup> Cita o nome do amigo da administradora da página, a quem a legenda atribui a origem da foto.

#### 4.8 Cidades *sensíveis* e a sacralização da memória

Embora sejam as primeiras fontes da lembrança familiar, os álbuns fotográficos não são obviamente os primeiros registros em que se sacraliza a memória. Indo bem mais longe, o mito fundador do criacionismo monoteísta, e da imagem no Ocidente, é o enunciado segundo o qual “Deus criou o homem à sua imagem e semelhança”. A separação entre a perfeição (Deus) e a imperfeição (o mundo), a partir do pecado original, viria a mudar essa proximidade. “O mundo *fenomenal*, isto é, o mundo das imagens, jamais foi considerado, a não ser separado de Deus” (MAFFESOLI, 1995, 90, grifo do autor). Joly (1996, p.17) segue em argumentação oposta, ao sustentar que as imagens nos constituem como sujeitos, uma vez que “[...] nós mesmos somos imagens, seres que se parecem com o Belo, o Bem e o Sagrado”.

A questão da imagem retornaria constantemente ao debate religioso cristão, opondo iconófilos e iconoclastas. O imaginário e o sagrado estiveram entre os temas da atenção dos fundadores da Sociologia (LEGROS et al., 2007). Marx escreve que “o religioso reside na mais alta expressão do mundo imaginário” (apud LEGROS et al., 2007, p.32). Durkheim postula que a experiência do sagrado não implica necessariamente a presença do divino. Ele identifica na intensificação da vida em grupo a possível fonte da fé religiosa junto à eficácia simbólica e às marcas do sagrado (LEGROS et al., 2007, p.56). Exemplo da atualidade da questão é o chamamento do papa Francisco para o retorno das preocupações do catolicismo às paróquias, à convivência comunitária. Isso não é diferente do que se verifica nas comunidades virtuais, onde a negociação dos imaginários condutores ao sagrado é feita necessariamente em grupo. Todos podem ler os comentários dos outros seguidores da página e, dessa forma, tecem suas opiniões na “*relação com*” (DUARTE, 2010, p.94) os comentários anteriores, negando, corroborando ou indo além do que já foi postado.

As interseções entre o sagrado, expresso em objetos da materialidade, e o mundo simbólico estão presentes nas discussões levantadas por outros autores das ciências sociais. Expondo a necessidade da espacialidade para a existência de uma memória coletiva, Halbwachs (2006, p.157) lembra que os objetos “não falam, mas nós os compreendemos, porque têm um sentido que familiarmente deciframos”. De modo análogo, escreve Marcel Mauss que os objetos – os prédios, as ruas, as praças, portanto – têm *maná*. Utilizando da metáfora bíblica do alimento milagroso mandado por Deus ao povo hebreu em forma de chuva, a noção de maná exprime “o valor dos bens e das pessoas, o valor mágico, o valor religioso e o valor social” (LEGROS et al., 2007, p.83). Em argumentação semelhante,

Simmel anota: pode-se designar de “religiosa” uma infinidade de relações sentimentais dos objetos terrestres, homens ou coisas. Dessa forma, os fatos sociais e as expressões religiosas apresentam proximidade, e há exigência de consenso quanto mais existem relações de reciprocidade. Segundo Simmel, as formações humanas mais antigas – como as corporações e confrarias – se organizaram sob a proteção de uma divindade específica ou de um gênio, a fim de congregar os sujeitos por trás de uma tutela espiritual (LEGROS et al., 2007, p.73).

Costumes e instituições também são, portanto, sagrados, assim como tempos, lugares e experiências, conforme descrevemos à luz do objeto analisado. “[...] O sagrado é apreendido como algo que 'salta para fora' das rotinas normais do dia a dia, como algo de extraordinário e potencialmente perigoso, embora seus perigos possam ser domesticados e sua força aproveitada para as necessidades cotidianas” (BERGER, 1985, p.39). Ora, a potência do sagrado em relação à memória das cidades nas *fan pages* emana, na verdade, da própria banalidade do cotidiano, no ato rotineiro de curtir imagens e comentar. É nesse sentido que compreendemos a sociabilidade nas *fan pages* a partir de um modelo ritual ou orquestral da comunicação, em que se embaçam as fronteiras entre sagrado e profano, pois o sagrado e o rito se identificam nos atos mais simples, na “teatralidade cotidiana” (MAFFESOLI, 2007, p.192). Tal modelo ritual da sociabilidade nas páginas não diz respeito a termos “contratuais”.

[...] A experiência da comunicação surge, assim, como inscrição do sujeito no âmbito operante de uma compreensão partilhada, que não se reduz à mera reiteração de um discurso consensual, mas envolve igualmente uma dimensão axiológica que enraíza o sentido e suas formas num senso comunitário de valor, que traduz uma disposição afetiva comum, anterior a regras, normas e leis (VALVERDE, 2010, p.64)

O aparente “consenso” em torno da memória nas páginas em estudo se instaura assim a partir dessa exacerbação de um senso comunitário. Os comentários falam de um deleite no ato de navegar por imagens antigas, de partilhar conhecimentos, de identificar em tantos outros esse amor por ruas, bairros e pela cidade. O Facebook é o lugar do culto a esse “deus memorial”. Maffesoli identifica na “pluralidade de pequenos deuses” (moda, maneiras de ser, estilos de vida, ocasiões de consumo) da contemporaneidade um “emblema que favorece a agregação” (MAFFESOLI, 1995, p.112). Ele argumenta que a “religação” exercida por atividades como essas é feita “em torno de imagens que partilhamos com os outros” (MAFFESOLI, 1995, p.107). Pensamos aqui a experiência comum nas redes sociais *on-line* como lugar de manifestação desses “pequenos deuses”.

A memória coletiva é construída em cima de alicerces mitificadores. Basta pensar, por

exemplo, nas narrativas sobre heróis e episódios formadores dos ideais de uma nação, evocadores de um sentido coeso de identidade. As narrativas expostas aqui são de natureza mais íntima, cotidiana, local, mas não por isso menos tributárias aos valores do sagrado. No presente, a experiência estética dos sujeitos do devaneio com as imagens antigas faz lembrar experiências vividas, relatadas e sonhadas em um jogo no qual a cidade, o sensorio e a fotografia desempenham importantes papéis, ao servirem de palco e gatilho para a encenação grupal. A estética, na contemporaneidade, não se restringe à “alta cultura”, contaminando “o conjunto da vida cotidiana e se transforma numa parte não negligenciável do imaginário contemporâneo” (MAFFESOLI, 2002, p.229). Chega-se assim do sensível ao estético, entendendo por estética “o facto de sentir emoções, sentimentos, paixões comuns, nos mais diversos domínios da vida social” (MAFFESOLI, 2002, p.229). As imagens, assim como as experiências antigas, são recebidas como objetos eivados de maná, potencializando assim a sacralização já presente nas memórias individual e coletiva e possibilitando o grito dessa “silenciosa *comunicabilidade dos sentimentos*” e o “*compartilhamento do mundo sensível*, os dois aspectos que caracterizam a dimensão estética da comunicação” (VALVERDE, 2010, p.68, grifos do autor).

*Interagente 1.* Adoro ver suas fotos! Obrigada por nos dar este prazer de poder ver o passado da nossa cidade maravilhosa.

*Interagente 2.* Uma das relíquias do Rio. Que Deus o guarde dos mercenários. [comentário sobre foto da déc. de 1950 do Edifício Francisco Serrador, no Centro]

*Interagente 3.* inda tem gente que diz, o progresso é bom

*Interagente 4.* linda por que muda tanto??

(Comentários de interagentes das *fan pages* “ORJQNV” e “Fortaleza Nobre”. Acesso em janeiro de 2014)

No “roçado do coração” dos rememoradores – a metáfora vem dos versos de Ednardo – há um tempo de plantar saudade e outro de colher lembrança. Dessa forma, revisitar o passado pode ativar o segmento doído da nostalgia, *-algia*, mas o inverso também é possível. Daí porque passear por entre fotos é uma atividade prazerosa, de fruição. “Sua dedicação à memória da cidade é digna de todos os elogios. Agradeço muito a vc pelos meus momentos de deleite ao acessar suas postagens. Deus te abençoe”, dirige-se um seguidor de “Fortaleza Nobre” à administradora da página. O elogio e a gratidão pelas postagens, ressalte-se, são dois outros afetos bastante presentes nas duas *fan pages*.

Todas essas sensibilidades de que vimos falando emergem em descaminhos entre o trânsito na cidade móvel da contemporaneidade e a imobilidade da cidade idealizada no Facebook, voltada para o passado. Sacralizada, a memória se torna “reliquia” a gritar por

proteção dos “mercenários”: poder público, setor imobiliário, etc. A própria ferramenta de rede social se configura em um desses “objetos-totens em torno dos quais se agregam as novas tribos” (MAFFESOLI, 2007, p.215). As imagens do cotidiano do passado contrastam com o presente caótico da mobilidade, o que conduz à negação dos imaginários de “progresso” e à alocação da memória em *status* cristalizado, passível de contemplação. Afinal, como ensina Bachelard (1974, p.359): “reconfortamo-nos revivendo lembranças de proteção”.

À luz desses afetos circulantes por meio dos compartilhamentos de imagens e imaginários nas redes digitais, a crítica à sociedade da disseminação de imagens se mostra obsoleta. Como é possível notar nas comunidades em estudo, as fotografias, objetos do culto, potencializam a partilha de afetos, criam comunidade, despertam atos políticos de conservação do patrimônio histórico-arquitetônico das cidades. “É nesse sentido que a desconfiança diante das imagens, que foi um importante trunfo para elaborar a racionalidade da modernidade, é totalmente inadequada para apreender a hiper-racionalidade da pós-modernidade” (MAFFESOLI, 1995, p.96). Quantos encontros de experiências sensíveis, quantos momentos revividos, quanto conhecimento partilhado em comunidades com essas? Tais apropriações nas redes sociais *on-line* apontam para usos inventivos, personalizados e inesperados – insurgentes, por que não dizer – dos sujeitos em relação aos produtos da mídia.

Assim, não é exagero argumentar que as imagens “criam” comunidade, são “vetores de contemplação e comunhão com os outros”, favorecem “um elã vital, uma estética (*aisthesis*) emocional em todos os seus afetos” (MAFFESOLI, 1995, p.91-92). O autor entende a estética contemporânea como “vivência emocional comum”, [que] “parece ser de facto a forma alternativa ou a realização terminada da transfiguração do político” (MAFFESOLI, 2002, p.26). A estética das comunidades virtuais sobre cidades reside justamente nos afetos emergentes desse contato com a cidade sensível que a fotografia memorialística faz reviver pelo ritual, vivido na virtualidade da tela, de “passear” entre imagens. A fotografia, em sua função “fantasmagórica”, chama à conversa o imaginário, traz de volta o mito, que favorece esse “estar-junto, o sentir comum”. “A imagem, que lhe serve de suporte, religa as pessoas entre si e religa o tempo imemorial, ainda que acentuando a vivência, em sua atualidade e cotidianeidade” (MAFFESOLI, 1995, p.113).

Se na História os documentos se sobrepõem aos monumentos como fontes de pesquisa (LE GOFF, 1993, p.529); nas *fan pages*, o triunfo é o da memória, em sua monumentalidade conducente ao sagrado. O alerta para os historiadores é de que todo documento é também um monumento, uma vez que “resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias” (LE GOFF, 1993,

p.538). As fotografias antigas nas *fan pages*, todavia, desempenham funções que escapam a esse cuidado. Indo além na argumentação de Le Goff, as imagens parecem oscilar entre seu *status* de documentos para monumentos, mas no sentido inverso ao que deve ser levado em conta no trabalho historiográfico. Para os seguidores das páginas, as imagens adquirem aspecto monumental, como algo que evoca o passado, perpetua a recordação (LE GOFF, 1993, p.526), mas incorporadas de outra característica: a pequena abertura para contestação das narrativas contidas no monumento. São, portanto, espécies de “imagens-monumentos”. Falamos em “monumento” como esse signo de uma história pouco passível de questionamento. Ressalve-se que não se está aqui negando a existência de contrapontos ou a possibilidade de outros tipos de negociação com os imaginários jorrados das fotografias. Os debates expostos ao longo da dissertação mostram bem isso. Trata-se, antes disso, da identificação da nostalgia como o imaginário sensível mais recorrente nos comentários das duas comunidades virtuais.

Nesse sentido, as imagens exercem papel essencial na sacralização que se faz da memória. As fotografias antigas potencializam a partilha de afetos, fomentam atos políticos de conservação do patrimônio histórico-arquitetônico das cidades. Como vetores de comunhão das efêmeras devoções do cotidiano (como curtir, compartilhar e comentar no Facebook), elas criam comunidade, fomentam sociabilidade. O ambiente de coesão em torno do tema também favorece unicidade sobre o *status* sagrado atribuído à memória. Carregadas de maná, as fotografias se expressam como símbolos de uma religiosidade rápida e fragmentária nas telas digitais, mas não por isso menos forte. Transformam-se, por fim, também em “imagens-sagradas”. Essas emoções se dão pelo viver urbano dividido entre os sujeitos amantes da memória, afeto carregado de *eros*, “e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitar em proximidade propicia” (PESAVENTO, 2007, p.14).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar de sacralização da memória e fotografias condutoras ao rito e evocadoras dos aspectos monumentais nas páginas de fãs não é dizer algo de novidade, na verdade. Parece indicar, à primeira vista, fim de travessia, quando, de modo contrário, se está diante do ponto de partida de uma jornada anunciada, nova, longa e mais árdua. As funções desempenhadas pelas imagens na criação de comunidade no ambiente digital seria assunto para uma abordagem mais detalhada, que foge dos objetivos e da amplitude deste trabalho. Mergulhar no “maná” desses objetos-totens de ritos cotidianos demandaria um outro texto, em outros termos, em outras perspectivas.

Em lugar de analisar diretamente as fotografias, o interesse maior da dissertação se voltou para os comentários deixados *sobre* (acerca de e *em cima de*) as imagens. Na relação entre memória e espaço, procurou-se mostrar como a prática de passear por entre registros visuais antigos agencia processos de *desterritorialização* seguidos de novos processos de *re-territorialização*. Se assim como McLuhan (2007, p.76-81) considerarmos as cidades e as tecnologias como extensões dos nossos corpos, o contato sensível com as imagens digitais e os territórios evocados constitui experiência estética com a paisagem comparável àquela experimentada em um passeio de fim de tarde. E de onde vem essa “força estranha” que torna “um caminho sob o sol” a “coisa mais certa de todas as coisas”, para brincarmos com versos de Veloso? Maffesoli (1995, p.116) ensina que os lugares têm um “gênio”, o *genius loci*. “Esse gênio lhes é dado por construções imaginárias, sejam elas contos e lendas, memórias escritas ou orais, descrições romanescas ou poéticas. E tudo isso que faz com que o estático espacial se anime e anime, *stricto sensu*, dá-se-lhe vida e ele vivifica”. Daí a força do imaginário na constituição de discursos sobre a cidade sensível. Daí se explica também porque nas *fan pages* a *memória dos lugares* triunfa sobre os *lugares de memória* institucionalizados, como pode ser observado por meio das postagens mais comentadas.

É fácil ver como a força da memória brota do cotidiano, dos lugares de forte valor simbólico e das narrativas de afeto íntimo. Nas *fan pages* em estudo há portanto o triunfo da memória coletiva sobre a memória histórica, principalmente ao acompanharmos o pensamento de Halbwachs (2006, p.99). “Se, por memória histórica, entendemos a sequência de eventos cuja lembrança a história conserva, não será ela, não serão seus contextos que representam o essencial disso que chamamos de memória coletiva”. Na página do Rio, ressalve-se a força da memória histórica presente nos *posts* sobre o Morro do Castelo. Há

nesse lugar, porém, fortes elementos do imaginário a explicar a pregnância desse território apagado, embora ainda vívido na alma carioca. A ideia arquetípica do arrasamento, do fim de algo tão sólido como um morro, e as lendas em torno de tesouros escondidos tornam o Castelo esse lugar tão rico em narrativas sobre a cidade.

Lefebvre (1999, p.29) dá outra pista para entendermos por que monumentos e demais lugares da memória imposta, como a Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, em Fortaleza, por exemplo, não têm a mesma força dos signos do vivido nos relatos das *fan pages*. “Com efeito, o esplendor monumental é formal. E se o monumento sempre esteve repleto de símbolos, ele os oferece à consciência social e à contemplação (passiva) no momento em que esses símbolos, já em desuso, perdem seu sentido”. Embora apareçam com frequência nas páginas, as imagens da memória histórica, mais nacional do que local, não são exatamente os elementos sobre os quais mais se comenta. É bem verdade que a degradação dos monumentos provoca geralmente mobilizações e queixas em ambas as páginas. Tanto em Fortaleza quanto no Rio, os cidadãos se arvoram contra uma cidade que dá as costas ao seu passado, que descuida da preservação de seu patrimônio. No entanto, não são esses os relatos que mais fortemente despertam a memória do sono nas páginas. “Nossa memória não se apoia na história aprendida, mas na história vivida” (HALBWACHS, 2006, p.78-79). É assim porque nos comentários, em grupo, a memória revive a experiência experimentada, a experiência relatada pelos próximos e a experiência imaginada, fortemente desenhada com as tintas da imaginação.

Nos devaneios sobre a memória, nota-se como esta se mescla à imaginação. Talvez seja na verdade difícil separar os aspectos imaginativo do não-imaginativo no ato de recordar. O trabalho de evocação da memória nunca é exato, pois quem lembra pinta suas lembranças com cores, sons e texturas próprias. Mas é exatamente o devaneio o elemento que esgarça essa atividade às últimas consequências. Nos textos dos sujeitos, imaginar teletransportes, passeios e trajes antigos, confessar pequenos ilícitos e momentos íntimos é dar destaque ao sensível, é rir da racionalização do mundo. Colocar sob os holofotes o sensível nas comunidades virtuais, neste texto, objetivou dar conta do problema maior de pesquisa: o que dá a ler essa sociabilidade sobre o antigo, sobre a cidade, na *web*. Anote-se, porém, que há nas duas páginas um forte esforço de datação, localização dos objetos representados e identificação dos personagens e dos fatos fotografados. Por meio do trabalho etnográfico, é fácil notar como há diárias batalhas entre o racional e o sensível nos campos dos comentários no ciberespaço, em diversos espaços de sociabilidade.

Neste trabalho, foram buscados os significados de rastros, escritos e marcas-afecções,

em forma de breves testemunhos íntimos. Nos encontros entre o sensível, a cidade e o imaginário, a memória é sacralizada na exaltação de tempos e espaços “perdidos” perante um aventado fim da experiência na rua. Em um cotidiano contemporâneo condutor ao sentido da desordem, do esfacelamento dos serviços públicos essenciais, para muitos sujeitos comentadores é difícil enxergar os signos da cidade “bela” (Fortaleza) e “maravilhosa” (Rio de Janeiro) na urbe do presente. Ora, ao se instaurar o medo do contato com a rua e com o outro, é no passado onde esses sujeitos rememoradores vão encontrar o horizonte “além”, “algum lugar bonito para viver em paz”, como cantaram Roberto e Erasmo, a transcendente Pasárgada, como escreveu Manuel Bandeira.

O caminho percorrido foi, dessa forma, em direção a uma “hermenêutica de migalhas”, de rastros e restos deixados nas imagens públicas das comunidades virtuais. Nesses lugares da escrita rápida e fragmentada, sem papel nem tinta, os sujeitos se expõem cotidianamente aos medos de apagamento da memória, como técnica de ordenamento da vida, e temores de esquecimento, da memória como tema de sociabilidade nas comunidades. Nos grupos estudados, os sujeitos remetem constantemente a uma experiência vivida adormecida à primeira vista, mas trazida de volta pela fotografia, representação que ressuscita fantasmas.

Na troca de informações e relatos atua, portanto, uma “imaginação afetiva”, que, nos termos de Ricoeur (2007, p.137), “nos transporta para perto da experiência viva de outrem”, embora não se iguale “a um 're-viver' efetivo”. É nesse sentido, pois, em que se situam as falas acerca de experiências passadas ditas irrecuperáveis por quem não viveu: debates também sobre o autêntico (passado) e o genérico (presente). A própria denominação da página carioca instaura a princípio uma separação entre o Rio de Janeiro *que vivo* e o *que não vivi*. Os sujeitos rememoradores *que viveram* se põem em uma espécie de “patamar superior” ante aqueles que só conhecem das épocas passadas pelas fotografias. Pode-se divisar aí, mais do que pura soberba de velhos, uma valorização do vivido frente ao sentimento de deterioração das experiências atuais. “O imaginário surge da relação entre memória, aprendizado, história pessoal e inserção no mundo dos outros” (SILVA, 2012, p.57). Não que se esteja diante de um fenômeno exatamente novo. Os cronistas estão sempre a contar como em sua meninice e juventude tudo era mais doce e colorido. Distingue-se nas páginas, porém, um contraste entre sujeitos que reclamam do novo ao mesmo tempo em que se conectam ao mundo por meio das redes telemáticas para dar voz às suas queixas.

“Você não viveu os anos 70 e 80 para saber como funcionava na pele a sociedade. Não tinha internet”, comenta um seguidor de Fortaleza, citado no capítulo 1. “Sem celulares, nem tablets”, anota uma seguidora empolgada com os anos dourados carioca, conforme

reproduzido no capítulo 4. “Naquele tempo... Naquele tempo...”, repetem-se os comentadores. “Hoje já não é mais possível”, entristece outra. Ou seja, há um ressentimento com a racionalização e o desencantamento do mundo potencializados pela *web*, mesmo espaço utilizado por esses sujeitos para compartilhar essas experiências.

Ora, a tela dos comentários constitui, assim, ela própria *rugosidade* espaço-temporal. Não apenas as construções e paisagens antigas evocadas pelas fotografias, mas os textos registrados pelos comentadores – inscrições nas próprias imagens, por consequência – são também, esgarçando a terminologia de Santos (2008), “acúmulos desiguais de tempos”. Os relatos e os imaginários evocados por eles entram na composição do mesmo modo da paisagem da cidade.

Os discursos remetem a temporalidades múltiplas, jogam com as três estases do tempo. Nessa experiência, os sujeitos conectados se revelam encharcados dos valores modernos da tradição e da autenticidade, transfigurados em forma de hipérbole na contemporaneidade. Nas *fan pages*, a modernidade é um “tempo que não passa”. Brota daí a “estrutura de sentimento” (WILLIAMS, 1979) de uma nostalgia primordialmente restaurativa (BOYM, 2007), uma ânsia pueril de retorno a um lar transcendente. Outro caminho distinguível para a continuidade da pesquisa seria enveredar pelos significados desses “processos de desaceleração”, de que fala o filósofo Hermann Lubbe, especificamente no que diz respeito aos *media*. De que modo as comunidades virtuais sobre memória e as mais variadas expressões de consumo da nostalgia configurar-se-iam em zonas de “resistência temporal” frente a uma sensação de superaceleração na contemporaneidade? É outra questão que a dimensão deste trabalho não pôde dar conta.

Nas fotografias, representação visual, mas também olfato-gustativa, tátil e auditiva, é possível perceber como o sensório é ponte para se alcançar o sensível e instituir uma experiência estética, um abalo cognitivo, no contato com as imagens. Esse “choque” faz renascer lembranças marcantes, rastros (no sentido de afecções na alma) da cidade da infância e da juventude: o lazer, os passeios, as danças, os sons, os gostos e os cheiros. Os textos que resultam dessas texturas dão a ler percepções as mais criativas, uma vez que o ato perceptivo é “um agenciamento corporal, uma *performance*, um comportamento que, mais do que representar o mundo, exprime o movimento pelo qual o habitamos” (VALVERDE, 2010, p.69). Expor as percepções íntimas em forma de testemunhos significa, assim, falar dos percursos dos corpos desses sujeitos pela cidade, o que também renderia um outro trabalho.

A memória nas *fan pages* é evocada, aproximando-se mais, para usarmos termos aristotélicos, da *anamnesis*, busca por sua ativação, do que *mneme*, simples faculdade de

conservar o passado. Ela é trazida de volta a um estado atual de lembrança, na forma de velhas histórias contadas à luz do fogo: um *reminiscing* tribal, portanto. Posto na roda entre várias pessoas, o passado é revivido a partir da premissa de que um ajuda o outro a rememorar fatos, datas, locais. É um saber que se dá e constrói, portanto, na experiência em *relação com* (DUARTE, 2010). A memória dá a ler sobre o passado no presente, mas é também do campo do futuro, vive de *crer nos possíveis*, como assinala Certeau (1999, p.163).

A cidade, como lugar da mobilidade, aciona o imaginário e joga um papel central nas relações descritas acima. A sociabilidade criada em torno da memória coletiva de Fortaleza e Rio de Janeiro mostra o poder do local frente aos processos de globalização. Nessa relação carregada de *eros*, na vontade de um abraço que os braços não abarcam, é no “próximo” onde se dá o amor aos lugares, o apego à pedra, pilar onde amarramos nossos sonhos, nossas crenças em futuros possíveis. O urbano, esse domínio onde se agitam os nervos, instaura uma violência em nossa cognição a partir do sensorio, em nossas travessias diárias por vias e logradouros da “cidade-rede”, da “cidade-mundo”. Nas páginas em estudo, tato, olfato, paladar, audição, visão e imaginação se mesclam em escritas sensíveis sobre o lugar habitado. Isso porque “todos os sentidos despertam e se harmonizam no devaneio poético” (BACHELARD, 2009, p.6).

## REFERÊNCIAS

- 20 BAIROS de Fortaleza concentraram 48,25% dos homicídios, em 2012. **G1 CE**. Fortaleza. 11 nov. 2013. Disponível em: < <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2013/11/20-bairros-de-fortaleza-concentraram-4825-dos-homicidios-em-2012.html>>. Acesso em janeiro de 2015.
- 20 SUPER SUCESSOS. CD de Belchior. Recife, Polydisc, 2009.
- 20 SUPER SUCESSOS. CD de Moraes Moreira e os Novos Baianos. Faixa 8: “Besta é Tu”. Recife, Polydisc, 2009.
- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALENCAR, José de. **Iracema**. São Paulo: Babel, 2012.
- ALMEIDA, Rodrigo Cavalcante de. **A modernidade e as favelas**: a produção do espaço urbano de Fortaleza a partir da seca de 1932. 2013. 138 f. Dissertação. (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.
- ALUCINAÇÃO. LP de Belchior. Rio de Janeiro, Polygram, 1976.
- AMARAL, Adriana; FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel. **Métodos de pesquisa para a internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- ANTIGO Museu do índio será reformado por concessionário do complexo do Maracanã. **O Globo Online**. Rio de Janeiro, 28 jan. 2013. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/rio/antigo-museu-do-indio-sera-reformado-por-concessionario-do-complexo-do-maracana-7419901#ixzz2tjMBWWc7>> . Acesso em fevereiro de 2014.
- ARAUJO, Bruno; ARAGÃO, Leonardo; JAWORSKI, Roberta; ALMEIDA, Karina. É o fim do orkut. **Portal G1**. 29, set. De 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/fim-do-orkut/index.html>>. Acesso em dezembro de 2014.
- AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da modernidade**. São Paulo, Maceió: Unesp, EdFal, 2010.
- ASSIS, Machado de. **Novas Seletas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. **Dicionário analógico da língua portuguesa**: ideias afins/thesaurus. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Os Pensadores, v. XXXVIII.)
- \_\_\_\_\_. **A Poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BADIE, Bertrand. **La fin des territories**. Paris: Fayard, 1995.

BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de. **Rio de Janeiro em prosa e verso**. Vol.5. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

BARBOSA, Marialva. **Percursos do olhar**: comunicação, narrativa e memória. Niterói: EdUFF, 2007.

\_\_\_\_\_. Meios de comunicação e usos do passado: temporalidade, rastros e vestígios e interfaces entre Comunicação e História. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; HERSCHMANN, Micael (org). **Comunicação e História**: interfaces e novas abordagens. Rio de Janeiro: Mauad X, Globo Universidade, 2008.

BARROS, Larice Ferreira. **A construção da memória na fan page Fortaleza Nobre no Facebook**. 2012. 64f. Monografia (Graduação em Ciência Sociais) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

\_\_\_\_\_. Semiologia e urbanismo. In: \_\_\_\_\_. **A aventura semiológica**. Lisboa: Edições 70, 1987.

BERGER, P. L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

BERGSON, Henri. **O pensamento e o movente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (org). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

BERRO. LP de Ednardo. Rio de Janeiro, RCA, 1976.

BEZERRA DE MENEZES, Antônio. **Descrição da cidade de Fortaleza**. Fortaleza: UFC, 1992 [1895].

BIANCO, Claudia Teixeira; BRANDÃO, Marina; FERRÃO NETO, José Cardoso. Nos trilhos do MetrôRio: mídia, narrativa e paisagem comunicacional na cidade subterrânea. **Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)**. v.3, n.1, jan-jun/2014

BILAC, Olavo. **Registro**: crônicas da *Belle Époque* carioca. Campinas: Unicamp, 2011.

BRITO, Ronaldo Correia de. **Galileia**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

BOIA, Lucian. **Pour une histoire de l'imaginaire**. Paris: Les Belles Lettres, 1998.

BOYM, Svetlana. Nostalgia and Its Discontents. **The Hedgehog Review**. Institute for Advanced Studies in Culture. University of Virginia. 2007, vol.9, n.2, The uses of the past, p.7-18. Disponível em: <[http://www.iasc-culture.org/eNews/2007\\_10/9.2CBoym.pdf](http://www.iasc-culture.org/eNews/2007_10/9.2CBoym.pdf)>. Acesso em novembro de 2014.

BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. **Remediation**: understanding new media. MIT

Press, 2000.

CABRAL, Tomé. **Novo Dicionário de Termos e Expressões Populares**. Fortaleza: UFC, 1982.

CAEIRO, Alberto (heterônimo de Fernando Pessoa). O guardador de rebanhos – IX. In: FERRAZ, Eucanaã (org.). **A lua no cinema e outros poemas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**: Editora 34, 2000.

CAMINHA, Adolfo. **A Normalista**. Fortaleza: ABC, 1999.

CAMPANELA, Bruno. **Perspectivas do cotidiano: um estudo sobre os fãs do Big Brother Brasil**. 2010. 207f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Escola de Comunicação (ECO), 2010.

CARNAVAL CHEGOU. LP de Vários Artistas. Rio de Janeiro, Phillips. Faixa “Um Ano a Mais”, de Fagner.

CASEY, Edward S. **Remembering: a Phenomenological Study**. Indiana: Indiana University Press, 1987.

CAUIM. LP de Ednardo. Rio de Janeiro, RCA, 1978.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1999.

CENTRAL do Brasil. Direção: Walter Salles Júnior. Produção: Martire de Clermont-Tonnerre e Arthur Cohn. Le Studio Canal; Riofilme; MACT Productions, 1998. (106 min), son., color., 35 mm.

CHARTIER, Roger. Escrita e memória: o *librillo* de Cardênio. In.: **Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII**. São Paulo: Edusp, 2007.

\_\_\_\_\_. Escutar os mortos com os olhos. **Estudos Avançados**. Revista do Instituto de Estudos Avançados da USP. São Paulo: n 69, p.7-30, 2010.

CHAVES, Gylmar et al. (org). **Ah! Fortaleza**. Fortaleza: Terra da Luz, 2006.

CLAUDINHO&BUCHECHA. CD de dupla homônima. Rio de Janeiro, Universal Music, 1996.

CIPOLLA, C.M. **Clocks and culture**. Londres: Collins, 1967.

COLARES, Ciro. **Fortalezamada: roteiro para os amantes de uma cidade**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1985.

COLOMBO, Fausto. **Os arquivos imperfeitos**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

CONGO, Marina. Um terço dos brasileiros tem Facebook: País se torna o 2º em número de usuários. **Blog Radar Tecnológico**, São Paulo, 23 jan. de 2013. Disponível em <<http://blogs.estadao.com.br/radar-tecnologico/2013/01/23/um-terco-dos-brasileiros-tem-facebook-pais-se-torna-o-2o-em-numero-de-usuarios/>>. Acesso em abril de 2014.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço e simbolismo. In.: DE CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org). **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CORTÁZAR, Julio. **História de cronópios e de famas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

CUNHA, Paulo; PRYSTHON, Angela. Prefácio. In: \_\_\_\_\_. (org). **Ecos urbanos: a cidade e suas articulações midiáticas**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

CURRIE, Blair. The joy of missing out: a lifestyle change or part of a larger trend. **Campaign: Asia-Pacif**, Hong Kong, 11 mar. 2013. Disponível em <<http://www.campaignasia.com/BlogEntry/336012,The+joy+of+missing+out+A+lifestyle+change+or+part+of+a+larger+trend+.aspx>>. Acesso em novembro de 2014.

CROSBY, A. W. **The measure of reality**. Cambridge University Press, 1997.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1996. v. 3.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1997. v. 4.

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **Netvizz: software livre**. Desenvolvido pelo Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic). Vitória (ES), 2014. Disponível em: <<http://www.labic.net>>. Acesso em maio de 2014.

DI FELICE, Massimo. **Paisagens pós-urbanas: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar**. São Paulo: Annablume, 2009.

DILTHEY, Wilhem. Origine et développement de l'herméneutique. In: \_\_\_\_\_. **Le Monde de l'Esprit**, 1, 1900.

DUARTE, Eduardo. Por uma epistemologia da Comunicação. In: VASSALLO DE LOPES, Maria Immacolata (org). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_, Eduardo. As vertigens estéticas de um campo em configuração. In: LEAL, Bruno Souza et al (org). **Entre o sensível e o comunicacional**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ELEVADO 3.5. Direção: João Sodré, Maíra Bühler e Paulo Pastorelo. Primo Filmes, 2007. Site oficial: [www.elevadotrespontocinco.com.br](http://www.elevadotrespontocinco.com.br)

ELIAS, Nobert. Observações sobre a fofoca. In: \_\_\_\_\_. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FACEBOOK fecha 2013 com 67,96% da audiência no Brasil em redes sociais. **Portal G1**. São Paulo, 20 jan. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/01/facebook-fecha-2013-com-6796-da-audiencia-no-brasil-em-redes-sociais.html>>. Acesso em abril de 2014.

FACEBOOK vai exigir formação em teologia de quem quiser comentar “Amém”. **Sensacionalista**. (sem local e sem data). Disponível em: <<http://sensacionalista.uol.com.br/2014/11/18/facebook-vai-exigir-formacao-em-teologia-de-quem-quiser-comentar-amem/>>. Acesso em dezembro de 2014.

FALCÃO, M. **Entrevista concedida ao programa Fantástico**. Rio de Janeiro, 22 set. 2013. Disponível em <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/09/filme-nacional-usa-tantas-expressoos-regionais-que-precisa-receber-legenda.html>>. Acesso em dezembro de 2014.

FARGE, Arlette. **Le bracelet de parchemin: l'écrit sur soi au XVIIIe. siècle**. Paris: Bayard, 2003.

FELINTO, Erick. Em Busca do Tempo Perdido: O Sequestro da História na Cibercultura e os Desafios da Teoria da Mídia. **Matrizes** (USP. Impresso), v. 2, p. 43-55, 2011.

FERRÃO NETO, José Cardoso. **Mídia, oralidade e letramento no Brasil: vestígios de um mundo dado a ler**. 2010. 304f. Tese. (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010

FORTALEZA: Sentidos da Cidade (Caderno Especial). **O Povo**. Fortaleza: 13-17 abr. 2009.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In.: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 2008.

GIRÃO, Raimundo. **Fortaleza e a crônica histórica**. Fortaleza: UFC, 2000.

\_\_\_\_\_. **Geografia Estética de Fortaleza**. Fortaleza: BNB, 1979.

\_\_\_\_\_. **A Cidade do Pajeú**. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1982.

\_\_\_\_\_. **Vocabulário popular cearense**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

GONDAR, Jo; DODEBEI, Vera (org.). **O que é memória social**. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2005.

GOSTOSO VENENO. LP de Alcione. Faixa “Rio Antigo (Como Nos Velhos Tempos)”. Faixa 2, Lado B. Composição de Nonato Buzar e Chico Anysio. Rio de Janeiro, Philips, 1979.

- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.
- HAESBAERT, Rogério. Concepções de território para entender a desterritorialização. In.: SANTOS, M. et al. **Território, Territórios**. Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2002a
- \_\_\_\_\_. **Territórios alternativos**. Niterói, São Paulo: Ed. UFF e Contexto, 2002b.
- \_\_\_\_\_. **O mito da desterritorialização**: “do fim dos territórios à multiterritorialidade”. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- HAESBAERT, Rogério; BRUCE, G. A Desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. **GEOgraphia**, Niterói: v. 7, 2002.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2016.
- HARTOG, François. Présentisme plein ou par défaut? In: \_\_\_\_\_. **Régime d'historicité**. Présentisme et expériences du temps. Paris: Seuil, 2012
- HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- \_\_\_\_\_. Resistências à memória: uso e abusos do esquecimento público. In.: BRAGANÇA, Aníbal e MOREIRA, Sônia Virginia (org). **Comunicação, Acontecimento e Memória**. São Paulo: Intercom, 2005.
- \_\_\_\_\_. A nostalgia das ruínas. In.: **Culturas do passado-presente**: modernidade, artes visuais, políticas de memória. Rio de Janeiro: Contraponto, Museu de Arte do Rio, 2014.
- JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papyrus, 1996.
- KASTRUP, Virginia. “Será que cegos sonham?” O caso das imagens táteis distais. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 18, n. 3, p. 431-440, jul./set. 2013.
- KESSEL, Carlos. **Tesouros do Morro do Castelo**: mistério e história nos subterrâneos do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil**. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1942.
- LAMENTO DO SAMBA. CD de Paulo César Pinheiro. Rio de Janeiro: Quelé, 2003
- LANGER, J. A Nova História Cultural: origens, conceitos e críticas. **HISTÓRIA E-HISTÓRIA** (UNICAMP), 02/02/2012. Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=186>>. Acesso em março de 2014.
- LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- \_\_\_\_\_. **La Production de l'Espace**. Paris: Anthropos, 1986.

- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.
- LEGROS, P. et al. **Sociologia do imaginário**. Porto Alegre, Sulina, 2007.
- LEITÃO, Juarez. **A Praça do Ferreira**: República do Ceará Moloque. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2002.
- LEMENHE, Maria Auxiliadora. **As Razões de uma Cidade**: conflito de hegemonias. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991.
- LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.
- LESSA, Carlos. **Rio de todos os Brasis**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 1993.
- LOPES, Marciano. **Royal Briar: a Fortaleza dos anos 1940**. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2011.
- LOPES, Marciano. O cordão das coca-colas. **Blog Fortaleza Nobre**. Fortaleza, 26 nov. 2012. Um trecho do livro é reproduzido no blog Fortaleza Nobre. Disponível em: <http://www.fortalezanobre.com.br/2012/11/o-cordao-das-coca-colas.html>. Acesso em fevereiro de 2015.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. **Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro**. Brasília: Senado Federal, 2005.
- MAIA, Geimison. Moradores rebatem fama de bairro do cornos. **O Povo Online**. Fortaleza, 22 de out. 2012. Disponível em <<http://www.opovo.com.br/app/colunas/opovonosbairros/2012/10/22/noticiasopovonosbairros,2940593/moradores-rebatem-fama-de-bairro-dos-cornos.shtml>> Acesso em fevereiro de 2015.
- MAIA, João. Os agentes comunicacionais da Mangueira: fluxos e movimentos culturais. In.: **Comunicação para a cidadania**. COGO, Denise e MAIA, João (org). Rio de Janeiro: Eduerj, 2006.
- MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Oficinas, 1995.
- \_\_\_\_\_. **A transfiguração do político**: a tribalização do mundo pós-moderno. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.
- \_\_\_\_\_. **O ritmo da vida**: variações sobre o imaginário pós-moderno. Rio de Janeiro: Record, 2007.

- MARX, Karl; ENGELS Friedrich. **L'ideologie allemande**. Paris: Éd. Sociales, 1972 [1846].
- MELLO, João Baptista Ferreira de. O triunfo do lugar sobre o espaço. In.: MARANDOLA JR, Eduardo et al. **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- MENDES, Thiago; LIMAVERDE, Lucíola. Águas de cura de um riacho secreto. **O Estado**. Fortaleza, 27 abr. 2009. Disponível em <<http://coletivobiodiversidade.blogspot.com.br/2011/05/aguas-de-cura-de-um-riacho-secreto.html>> Acesso em janeiro de 2015.
- MEU CORPO MINHA EMBALAGEM TUDO GASTO NA VIAGEM. LP de Ednardo, Têti e Rodger Rogério. Rio de Janeiro, Continental, 1973.
- MENEZES, Raimundo de. **Coisas que o tempo levou**: crônicas históricas da Fortaleza antiga. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000.
- McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Culturix, 2007.
- MIRANDA, Ana. As nossas mulheres coca-colas. **O Povo Online**. Fortaleza, 06 out. 2012. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/colunas/anamiranda/2012/10/06/noticiasanamiranda,2931712/as-nossas-mulheres-coca-colas.shtml>>. Acesso em dezembro de 2014.
- MONS, Alain. **Les lieux du sensible**: villes, hommes, images. Paris: CNRS Éditions, 2013.
- NA IMAGEM ABAIXO, um beijo histórico.... **Fan Page Imagens Históricas**. (sem local) 13 abr. 2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/HistoricasImagens/photos/a.281467585259152.65668.281464138592830/479326498806592/>>. Acesso em fevereiro de 2015.
- NAME, Leo. O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura. **GeoTextos**, vol. 6, n. 2, dez. 2010, p.163-186.
- NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- NETTO, Raimundo. **Centro**: o “coração” malamado. Fortaleza: Secultfor, 2014.
- NOBRE, Marcos. A volta da polarização? **Piauí**. São Paulo, novembro de 2013, edição 86, p.28-31.
- NOGUEIRA, João. **Fortaleza velha**: crônicas. 2. ed. Fortaleza: Ed. UFC/PMF, 1981, p. 30.
- NONATO, Jose Antonio; SANTOS, Nubia Melhem (org.). **Era uma vez o Morro do Castelo**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP**, São Paulo, 1993.

O AZUL E O ENCARNADO. LP de Ednardo. Rio de Janeiro, RCA, 1977.

O INCRÍVEL AMOR do genial Mário de Andrade... **Fan Page Belém Antiga**. Belém, 14. jun. 2014. Disponível em <http://migre.me/mNQAt>. Acesso em novembro de 2014.

O ROMANCE DO PAVÃO MYSTERIOSO. LP de Ednardo. Rio de Janeiro, RCA, 1974.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **Cultura e patrimônio**. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. Campinas: Papyrus, 1998.

PAIVA, Flávio. Sobre fuleiro e fuleiragem. **O Povo Online**. Fortaleza, 25 jun. 2014. Disponível em:

<<http://www.opovo.com.br/app/colunas/flaviopaiva/2014/06/25/noticiasflaviopaiva,3272066/sobre-fuleiro-e-fuleiragem.shtml>>. Acesso em dezembro de 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

\_\_\_\_\_. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Rev. Bras. Hist.** [online]. 2007, v. 27, n. 53, p. 11-23 . Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882007000100002>>.

PEREIRA, M. H. de Faria e DA MATA, Sérgio. Transformações da experiência do tempo e pluralização do presente. In: VARELLA, Flávia Florentino (org.)... [et al]. **Tempo presente & usos do passado**. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque: reforma urbana e controle social 1860-1930**. 4. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010.

PONTES, Fernanda; CANDIDA, Simone. Carioca ganha novos cenários com a derrubada da Perimetral. **O Globo Online**. Rio de Janeiro. 10 nov. 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/carioca-ganha-novos-cenarios-com-derrubada-da-perimetral-12452388#ixzz31NIAg9qq>>. Acesso em maio de 2014.

PORTO, Tiago Cavalcante. O carnaval no centro da cidade: mudanças e permanências no local da festa em Fortaleza. In: VI Simpósio Nacional de História Cultural – Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar. 2012, Teresina. **Anais...** Teresina: UFPI, 2012, p.1-9. Disponível em: <<http://http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Tiago%20Cavalcante%20Porto.pdf>>. Acesso em: dez.2014.

PRIMO, Alex. Interações mediadas e remediadas: controvérsias entre as utopias da cibercultura e a grande indústria midiática. In: PRIMO, Alex (org). **Interações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

\_\_\_\_\_. Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador. **404NotFound (UFBA)**, n. 45, 2005. Disponível em:<[http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/enfoques\\_desfoques.pdf](http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/enfoques_desfoques.pdf)>. Acesso em janeiro de 2015.

QUEIROZ, Rachel de. In: GULLAR, Ferreira et al. **O melhor da crônica brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

RABELLO, Rafaella Prata. **A Juiz de Fora que habita na memória: uma cartografia sentimental da cidade**. 2015. 124f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: Braziliense, 1985.

REBELO, Marques. **A estrela sobe**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

\_\_\_\_\_. **A conversação em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

REIS, Filipe. Rastreamento o uso da categoria de ritual nos estudos de comunicação. **Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares (UERJ)**, v. 12, n. 2, p. 239-263, dez. 2010.

REMOÇÃO. Direção: Anderson Quack e Luiz Antonio Pilar. 2013. (1h25 min)

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação**. Lisboa: Edições 70, 1976.

\_\_\_\_\_. **Del texto a la Acción**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001.

\_\_\_\_\_. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

ROCHA, Camilo. Brasil vira ‘potência’ das redes sociais em 2013. **Link. Estadão**. São Paulo. 24 dez. 2013. Disponível em <<http://blogs.estadao.com.br/link/em-2013-brasil-vira-potencia-das-redes-sociais/>> Acesso em janeiro de 2014.

SÁ, Simone Pereira de; POLIVANOV, Beatriz Brandão. Presentificação, vínculo e delegação nos sites de redes sociais. **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, ano 9, vol.9, n.26, p.13-36, nov.2012.

SÁ, Xico. Virei “homem de predinho antigo”. E agora?. **Xico Sá. Blog Folha**. 28 nov. 2013. Disponível em <http://xicosa.blogfolha.uol.com.br/2012/03/28/virei-homem-de-predinho-antigo-e-agora>. Acesso em novembro de 2014.

\_\_\_\_\_. Tipinhos de homem de alta periculosidade. **Xico Sá. Blog Folha**. 4 jun. 2011. Disponível em: <[http://xicosa.folha.blog.uol.com.br/arch2011-05-29\\_2011-06-04.html](http://xicosa.folha.blog.uol.com.br/arch2011-05-29_2011-06-04.html)>. Acesso em novembro de 2014.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Edusp, 2008.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2012.

\_\_\_\_\_. O tempo nas cidades. **Cienc. Cult.** [online]. 2002, vol.54, n.2, pp. 21-22 . Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-)

67252002000200020&lng=en&nrm=iso>. ISSN 2317-6660.

SANTOS, Francisco Coelho dos; CYPRIANO, Cristina Peterson. Redes sociais, redes de sociabilidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 29, n. 85, p.63-78, junho/2014.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**. Rio de Janeiro, UFRJ, 2012.

SARAIVA, Andréa. **Orélio Cearense**. Fortaleza: Premius, 2002.

SAUER, Carl O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

SERAINÉ, Florival. **Dicionário de termos populares: registrados no Ceará**. Fortaleza: Stylus, 1991.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SHEETS, Connor Adams. What Do #FF, #TBT, #GFF, FOH, RLRT And Other Twitter & Instagram Hashtags & Terms Mean? **International Business Times**. Nova Iorque, 16 jan. 2013. Disponível em: <<http://www.ibtimes.com/what-do-ff-tbt-gff-foh-rlrt-other-twitter-instagram-hashtags-terms-mean-1021098>>. Acesso em novembro de 2014.

SILVA, Juremir Machado da. **O que pesquisar quer dizer: como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

\_\_\_\_\_. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo e. **Paisagens do consumo: Fortaleza no tempo da Segunda Grande Guerra**. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

\_\_\_\_\_. **A cidade e o patrimônio histórico**. (Cadernos Paulo Freire, I) Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2003.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2005.

SIMMEL, George. A metrópole e a vida mental. In: \_\_\_\_\_. **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SOARES, Rafael. Prefeitura vai revitalizar cinemas da Zona Norte. **O Globo Online**. Rio de Janeiro, 14, jun. 2012. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/cultura/prefeitura-vai-revitalizar-cinemas-da-zona-norte-5172758#ixzz2tjC6qZbi>>. Acesso em fevereiro de 2014.

SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, Leo R.; SCHWARTZ, Vanessa (org). **O cinema e a invenção da vida moderna**. Trad Thompson, Regina. São Paulo: Cosac & Naif Edições, 2001.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**. Petrópolis: Vozes, 2006.

\_\_\_\_\_. Sobre o coração da cidade. In: PAIVA, Raquel; TUZZO, Simone Antoniaci (org). **Comunidade, mídia e cidade**: possibilidades comunitárias na cidade hoje. Goiânia: FIC / UFG, 2014.

TANGERINE GIRL. Direção: Liloye Boubli. Fortaleza, 1998. (35 min), 35 mm. Disponível em: <<http://vimeo.com/73718681>>. Acesso em dezembro de 2014.

TRENS Estreitamente Vigeados. (Ostře sledovane vlaky). Direção: Jiří Menzel. Tchecoslováquia, 1966 (92 min)

VALVERDE, Monclar. Comunicação e experiência estética. In: LEAL, Bruno Souza et al (org). **Entre o sensível e o comunicacional**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

VÍDEO INAUGURAÇÃO do Cine São Luiz. **Fan Page Fortaleza Nobre**. Fortaleza, 20 set. 2014. Disponível em:  
<<https://www.facebook.com/video.phpv=867423003285793&set=vb.296516713709761&type=3&theater>>. Acesso em dezembro de 2014.

VON WRIGH, Henrik. On Promises. In: \_\_\_\_\_. **Philosophical Papers I**, 1983.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Zahar: Rio de Janeiro: 1979.

## POSTAGENS ANALISADAS

### Cap.1

Chegada de jangadeiro na Praia do Mucuripe em 1957

Autoria não identificada

09/08/2013

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/pb.296516713709761.-2207520000.1421008535./701368883224540/?type=1&theater>

A Bilheteria do Cine Diogo em 1950.

Arquivo Nirez

01/11/2013

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/a.323751614319604.94110.296516713709761/715581158469979/?type=1&source=46&refid=17>

Praia do Pirambu em postal datado de 02 de julho de 1974

25/04/2014

<http://www.fortalezanobre.com.br/2012/07/marcha-do-pirambu.html>

Estamos na rua Major Facundo, esquina da Guilherme Rocha. Década de 40

Acervo de Carlos Juaçaba

14/04/2013

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/a.323751614319604.94110.296516713709761/613038845390878/>

Praia do Flamengo em 09.11.1958.

Acervo O Globo.

04/5/2014

<https://www.facebook.com/ORioDeJaneiroQueNaoVivi/photos/a.345698465527161.77037.345683318862009/611085398988465/>

Belíssimo Cartão postal dos anos 70.

Praia do Meireles.

28/04/2014

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/a.323751614319604.94110.296516713709761/818498764844884/?type=1&theater>

O Casarão construído na década de 40 pela família Jucá foi inspirado na casa do filme E o Vento Levou. [...]

07/03/2012

Comentário “As pessoas parecem desterritorializadas”

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/pb.296516713709761.2207520000.1421082795./389875704373861/?type=1&theater>

Postal Iracema

23/10/2013

Comentário “Este era o meu território”

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/a.323751614319604.94110.2965167>

[13709761/710526525642109/?type=1&theater](https://www.facebook.com/ORioDeJaneiroQueNaoVivi/photos/a.345698465527161.77037.345683318862009/751307048299632/)

## Cap.2

Centro, 31.08.1920 - A vida como era no Morro do Castelo.

Augusto Malta.

30/12/2014

<https://www.facebook.com/ORioDeJaneiroQueNaoVivi/photos/a.345698465527161.77037.345683318862009/751307048299632/>

Igreja de São Sebastião

Foto: Augusto Malta.

15/01/2013

<https://www.facebook.com/ORioDeJaneiroQueNaoVivi/photos/a.404029876360686.1073741829.345683318862009/377981308965543/>

Isso era praia ou paraíso?

O Mucuripe de 1952

Foto: Chico Albuquerque

14/10/2013

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/pb.296516713709761.-2207520000.1421008535./704656786229083/?type=1&theater>

A Barra do Ceará é considerada o berço de Fortaleza, pois sobre este terreno foi erguida a primeira edificação da cidade: o Forte de Santiago. É o bairro mais antigo da capital.

Foto: Montagem sobre gravura sem autoria definida

25/07/2013

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/pb.296516713709761.-2207520000.1421355015./662866513741444/?type=3&theater>

Parque público na foz do riacho Maceió (Mucuripe) tem quase 50% da obra concluída. [...]

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/a.323751614319604.94110.296516713709761/661898467171582/>

Vista aérea da década de 20/30 vendo-se o Teatro São José, a Torre do Cristo Redentor, a casa que deu lugar ao prédio da Biblioteca Pública e ao fundo, a Praia Formosa.

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/a.323751614319604.94110.296516713709761/737763619585066/>

Avenida Leste-Oeste nos anos 70. Vemos a praia Formosa, onde depois seria construído o Marina Park

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/a.323751614319604.94110.296516713709761/607048545989908/>

Gosto muito de fotos antigas noturnas. Esta é a Praia de Copacabana na segunda ou terceira décadas do século XX. Belo cartão postal.

18/11/2012

<https://www.facebook.com/ORioDeJaneiroQueNaoVivi/photos/a.404012369695770.1073741827.345683318862009/354289341334740/>

Imagem 4: Jardim do Méier

Autoria: Augusto Malta

19/01/2013

<https://www.facebook.com/ORioDeJaneiroQueNaoVivi/photos/a.404020843028256.1073741828.345683318862009/379888432108164/?type=3&theater>

Vista aérea do Conjunto Prefeito José Walter, em 1972

Sem autoria definida

Reprodução de “Fortaleza Nobre” (21/02/2012)

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/pb.296516713709761.-2207520000.1425321181./379242965437135/?type=3&theater>

### Cap.3

Imagem 6: Visão aérea da praça Clóvis Beviláqua, que já foi Praça da Bandeira e Visconde de Pelotas, em 1936.

Autoria não identificada

Reprodução de “Fortaleza Nobre” (27/11/2013)

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/a.323751614319604.94110.296516713709761/732409530120475/?type=1&theater>

Prédio da Central do Brasil em 1963 [...]

Foto: Agência O Agência O Globo.

10/12/2012

<https://www.facebook.com/ORioDeJaneiroQueNaoVivi/photos/a.404029876360686.1073741829.345683318862009/362778670485807/?type=3&theater>

Bonde no Largo da Carioca, Centro, década de 1950.

Agência O Globo

<https://www.facebook.com/ORioDeJaneiroQueNaoVivi/photos/pb.345683318862009.-2207520000.1403666737./639004092863262/?type=1>

Praça do Ferreira na década de 40. [...] Vemos o prédio do Cine São Luiz em construção.

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/a.323751614319604.94110.296516713709761/637162696311826/?type=1>

Postal simplesmente maravilhoso da nossa orla. Provavelmente, década de 80.

Acervo Carlos Juaçaba

14/04/2013

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/a.323751614319604.94110.296516713709761/613040375390725/>

Estamos na rua Major Facundo, esquina da Guilherme Rocha. Década de 40

Acervo Carlos Juaçaba

14/04/2013

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/a.323751614319604.94110.296516713709761/613038845390878/?type=1>

Postal lindo da Volta da Jurema. Anos 70

Acervo Carlos Juaçaba

14 de abril de 2013

Comentário: “Comentário: Saudade que tenho ,vc machuca com essas fotos antigas,só lembranças”

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/a.323751614319604.94110.296516713709761/613087112052718/>

Parte 07 - Aspecto de populares no início do século XX.

27/11/2014

Comentário “O Rio de Janeiro fedia”

<https://www.facebook.com/ORioDeJaneiroQueNaoVivi/photos/pb.345683318862009.-2207520000.1419558315./731432813620389/?type=3&theater>

#### Cap.4

Cidadãos da antiga capital do país aguardam um lotação em frente ao prédio da Central do Brasil na década de 1950.

Autoria: Acervo O Globo

<https://www.facebook.com/ORioDeJaneiroQueNaoVivi/photos/pb.345683318862009.-2207520000.1414449555./612031635560508/?type=1&theater>

Favela do Pasmado

<https://www.facebook.com/ORioDeJaneiroQueNaoVivi/photos/pb.345683318862009.-2207520000.1414449555./623762101054128/?type=1&theater>

Imagem 14: Soldados norte-americanos dançam no Estoril com as “coca-colas” cearenses, durante a Segunda Guerra.

Arquivo Will Nogueira

Reprodução de “Fortaleza Nobre” (01/05/2013)

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/a.323751614319604.94110.296516713709761/620244954670267/>

Imagem 15: Prato carioca filé à Oswaldo Aranha

Autoria não-identificada

Reprodução de “O Rio de Janeiro Que Não Vivi” (27/07/14)

<https://www.facebook.com/ORioDeJaneiroQueNaoVivi/photos/a.345698465527161.77037.345683318862009/657980780965593/?type=1&theater>

O então majestoso edifício do Iracema Piazza Hotel em seus anos dourados. Foto do fim da década de 60

Comentário *barulho único* do jipe Candango

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/pb.296516713709761.-2207520000.1421082795./331845570176875/?type=1&theater>

Imagem 16: Fachada do Cine São Luiz em sua inauguração em 1958

Autoria não identificada

Reprodução de “Fortaleza Nobre” (08/05/2013)

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/a.323751614319604.94110.296516713709761/715718908456204/?type=1&theater>

Em 1945, foi aberto no Otávio Bonfim, em prédio na Rua Padre Graça nº 65, o Cine Nazaré, pertencente ao marchante do Mercado São Sebastião, José Marcelino, que tinha paixão por cinema.

Arquivo Nirez

04/05/2014

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/pb.296516713709761.-2207520000.1421266879./821784184516342/?type=1&theater>

Imagem 17: Cartão do Programa “Fim de Semana” na Taba

Autoria: Acervo de Assis de Lima

Reprodução de “Fortaleza Nobre” (22/03/2013)

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/pb.296516713709761.-2207520000.1421356052./602907846403978/?type=3&theater>

Imagem 18: Linda Batista (1919-1988), Grande Otelo (1915-1993) e Herivelto Martins (1912-1992) no Cassino da Urca na década de 1940.

Autoria da foto: Carlos Moskovic.

Acervo: Instituto Moreira Salles.

Reprodução de “ORJQNV” (26/06/2014)

<https://www.facebook.com/ORioDeJaneiroQueNaoVivi/photos/a.345698465527161.77037.345683318862009/641275942636077/?type=1&theater>

Imagem 19: Intervenção da administradora em fotografia do carnaval de rua de Fortaleza da década de 1950.

Autoria não definida

Reprodução de “Fortaleza Nobre” (18/11/2013)

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/a.323751614319604.94110.296516713709761/726875230673905/?type=1&theater>

Série: Antigos Carnavais de Fortaleza

Desfile na Praça do Ferreira do Maracatu Az de Ouro em 1958. Arquivo Nirez

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/pb.296516713709761.-2207520000.1421351708./854418654586228/?type=3&theater>

Imagem 20: Fotografia mostra avenida “Rodrigues Alves” no começo do século XX

Autoria não identificada.

Origem da foto: Grupo “Rio Antigo”

Reprodução de “ORJQNV” (10/05/2014)

<https://www.facebook.com/ORioDeJaneiroQueNaoVivi/photos/pb.345683318862009.-2207520000.1414449555./614496275314044/?type=1&theater>

A piscininha que se formou após as pedras de proteção da praia, próximo ao Estoril. Foto da década de 1960

Arquivo Nirez

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/pb.296516713709761.-2207520000.1421008814./594144810613615/?type=1&theater>

Chegada de Jangadeiros

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/pb.296516713709761.-2207520000.1421008535./701368883224540/?type=1&theater>

Praça do Ferreira e a Rua Floriano Peixoto - Arquivo Jane Bandeira

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/pb.296516713709761.-2207520000.1421082795./399844946710270/?type=1&theater>

Café do Comércio - Praça do Ferreira

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/a.323751614319604.94110.296516713709761/807159982645429/>

Foto de 1906 - Esses bondes eram puxados por burros

Comentário sobre o calor em Fortaleza

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/a.323751614319604.94110.296516713709761/407423765952388/?type=1>

Bar Simpatia

<https://www.facebook.com/ORioDeJaneiroQueNaoVivi/photos/pb.345683318862009.-2207520000.1414449555./613827622047576/?type=1&theater>

Confeitaria Kurt

<https://www.facebook.com/ORioDeJaneiroQueNaoVivi/photos/pb.345683318862009.-2207520000.1419561824./577762988987373/?type=3&theater>

Cardápio do Bob's do Largo do Machado em 1971.

<https://www.facebook.com/ORioDeJaneiroQueNaoVivi/photos/pb.345683318862009.-2207520000.1419562216./530663280364011/?type=3&theater>

Fachada da Sears Roebuck na época de sua inauguração em 1949. Para quem viveu dizem que a Sears era uma excelente loja de departamentos.

Foto: Kurt Klagsbrunn, do Acervo de Victor Hugo Klagsbrunn.

29/10/2012

<https://www.facebook.com/ORioDeJaneiroQueNaoVivi/photos/a.404012369695770.1073741827.345683318862009/346506102113064/>

Comentário “quem é esse de chapéu?”

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/pb.296516713709761.-2207520000.1425244569./336177363077029/?type=3&theater>

Comentário sobre “sonhos na praça do Ferreira”

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/pb.296516713709761.-2207520000.1421082795./396369107057854/?type=1&theater>

Tabuleiro da Baiana

<https://www.facebook.com/ORioDeJaneiroQueNaoVivi/photos/a.345698465527161.77037.345683318862009/435821409848199/?type=1&theater>

A Praça Portugal ainda deserta (1969)

Arquivo Nirez

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/pb.296516713709761.-2207520000.1421082795./389875704373861/?type=1&theater>

Comentário “Grande amor da minha vida”

Anos 80

Postal com um ônibus da Empresa Redenção em frente ao antigo Othon Palace.

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/pb.296516713709761.-2207520000.1421082795./356528044375294/?type=1&theater>

Cajueiro Botador - 1905

Comentário “Qual desses aí poderia imaginar que essa foto ia estar rolando 107 anos depois num troço chamado facebook???”

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/pb.296516713709761.-2207520000.1421082795./396432347051530/?type=1&theater>

Série Clubes de Fortaleza - Náutico Atlético Cearense.

Crianças se divertindo no parquinho do Náutico. Foto dos anos 50.

<https://www.facebook.com/Fortalezanobreoficial/photos/a.323751614319604.94110.296516713709761/859798624048231/>

Casal caminhando no Largo do Machado

<https://www.facebook.com/ORioDeJaneiroQueNaoVivi/photos/pb.345683318862009.-2207520000.1419562216./531486530281686/?type=1&theater>